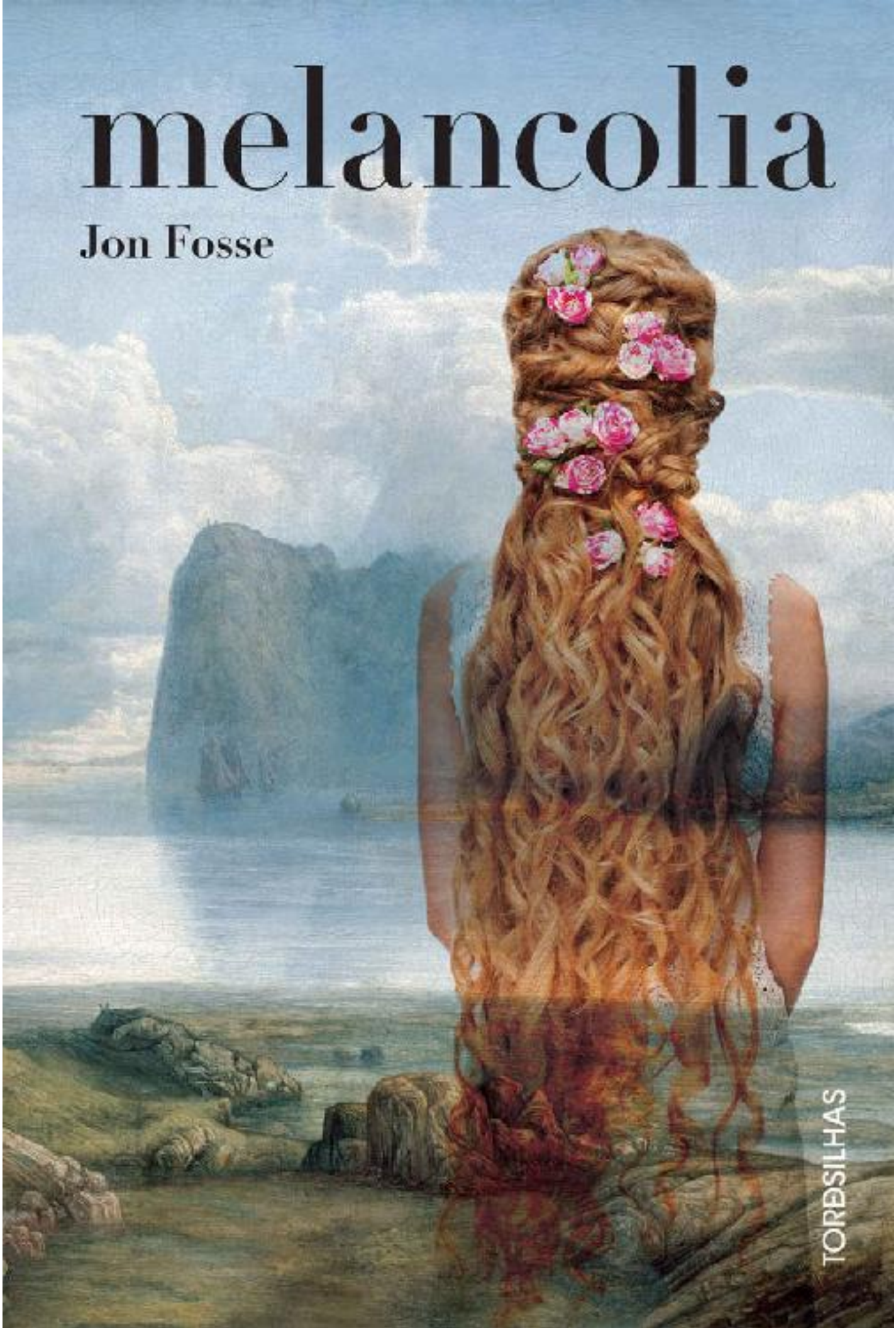
melancolia

Jon Fosse



TORDSILHAS

Lars Hertervig é um jovem norueguês *quaker* de origem pobre. Graças à ajuda de um mecenas, ele consegue estudar pintura em Düsseldorf, na Alemanha, mas padece com terríveis inseguranças, obsessões sexuais e delírios incapacitantes.

Em uma prosa hipnótica, magnética, o poeta, dramaturgo e romancista norueguês Jon Fosse descreve em *Melancolia* um dia de crise de Hertervig e a sua repercussão anos mais tarde na vida do próprio pintor e na de sua irmã mais velha, a quem primeiro revelou o segredo de seu talento.

Retrato extraordinário da mente perturbada de um artista, o livro revela uma consciência assustadoramente frágil, mas capaz de apreender com grande sensibilidade a beleza e a luz que há no mundo.

TORDSILHAS

Sobre a obra

Em *Melancolia*, Jon Fosse ficcionaliza a vida do pintor de paisagens Lars Hertervig, que nasceu em Hattarvågen, na costa oeste da Noruega, em 1830, em uma família de agricultores quaker paupérrima.

A despeito da pobreza, porém, Hertervig teve uma chance quando a família se mudou para a cidade e ele se tornou aprendiz de pintor. Graças ao ofício, ele descobriu uma paixão e começou a pintar tudo o que lhe caía nas mãos. Seu talento chamou a atenção de alguns comerciantes locais, que trataram de mandá-lo estudar arte na capital e depois em Düsseldorf, na Alemanha. Foi ali, em Düsseldorf, que Lars Hertervig teve um colapso mental – e é nesse ponto que ele surge em *Melancolia*.

Hertervig está prestes a encontrar seu professor, Hans Gude, que irá finalmente avaliar sua pintura. O leitor o descobre na cama, atormentado pelo medo e pela dúvida. O que o professor iria lhe dizer? Que era um mau pintor? Que era um bom pintor? À dúvida quanto ao próprio talento junta-se o enigma do amor de Helene, filha adolescente da viúva em cuja casa Hertervig aluga um quarto. Ela o ama. Ou será que não? Quem sabe Helene fugirá com ele. Mas talvez ela ame o tio. Ainda deitado na cama, Hertervig pensa. Ou delira. Três anos depois, ele está internado no manicômio de Gaustad. Mantém a fixação por Helene e o pensamento delirante, e está proibido de pintar. A obsessão sexual – esboçada no início da história no que ele imaginava ser a relação entre tio e sobrinha – intensifica-se.

Na segunda parte do livro, Jon Fosse oferece uma perspectiva diferente da saga de Lars Hertervig pelos olhos de sua irmã mais velha. Estamos agora em

um dia de 1902, poucos meses depois da morte do artista. Oline é uma senhora já no final da vida. Cheia de dores e com dificuldade de controlar o próprio corpo, ela recorda a infância, o pai dominador e o irmão “diferente”.

Com um fluxo de consciência ininterrupto, melancólico e pungente, que ganha vida pela linguagem repetitiva e hipnótica, Fosse explora com grande habilidade as regiões sombrias em que o talento e a loucura se encontram.

Sobre o autor

Jon Fosse nasceu em 1959, em Haugesund, Noruega. Poeta, romancista e dramaturgo premiado, muitas vezes chamado de “o novo Ibsen”, escreveu mais de duas dezenas de peças e de romances. Sua obra já foi traduzida em mais de 40 países. Em 2011 Fosse ganhou do rei da Noruega o direito de viver permanentemente na Grotten,
residência localizada no complexo do palácio real, em Oslo. Essa honraria é concedida a quem faz contribuições expressivas à arte e à cultura do país.

Jon Fosse

Melancolia

Tradução de
Marcelo Rondinelli

TORÐSILHAS

Sumário

Capa
4ª Capa
Sobre a obra
Sobre o autor
Folha de Rosto
Dedicatória
Melancolia I
Melancolia II
Créditos

À memória de Tor Ulven

Melancolia I

Düsseldorf, tarde de final de outono, 1853: eu estou deitado na cama, em meu terno de veludo roxo, meu fino fino terno, e não quero encontrar Hans Gude. Não quero ouvir Hans Gude dizer que ele não gosta de meu quadro. Quero simplesmente ficar na cama. Hoje não poderei suportar Hans Gude. Porque e se Hans Gude não gostar de meu quadro e o achar constrangedoramente ruim, achar que eu não sei mesmo pintar, e se Hans Gude com seus dedos finos coçar a barba e com seus olhos apertados me encarar e disser que eu não sei pintar, que meu lugar não é na Academia de Belas-Artes de Düsseldorf e, aliás, não é em nenhuma outra, caso lhe perguntem, e se Hans Gude disser que eu nunca poderei me tornar um pintor artístico? Não posso permitir que Hans Gude me diga isso. Tenho que simplesmente ficar na cama, porque hoje Hans Gude chegará ao ateliê, ao sótão onde estaremos perfilados e pintando, então ele virá de quadro em quadro e dirá o que acha de cada um, então olhará também para o meu quadro e dirá algo sobre ele. Não quero encontrar Hans Gude. Porque eu sei pintar. E Gude sabe pintar. E Tidemand sabe pintar. Eu sei pintar. Ninguém sabe pintar como eu, somente Gude. E, além dele, Tidemand. E hoje Hans Gude observará meu quadro, mas eu não estarei lá, então fico deitado em minha cama e observo o lugar, pela janela, só quero simplesmente ficar na cama, em meu terno roxo, no fino fino terno, só quero ficar aqui deitado e escutar os ruídos da rua. Não quero ir ao ateliê. Quero simplesmente ficar na cama. Não quero encontrar Hans Gude. Eu fico na cama, as pernas cruzadas, fico deitado vestido na cama, em meu terno de veludo roxo. Olho para o nada. Hoje não irei ao ateliê. E em outro cômodo aqui no apartamento está minha querida Helene, talvez em seu quarto, talvez na sala. Minha querida Helene também está neste apartamento. Arrastei minhas malas pelo corredor e a sra. Winckelmann me mostrou o quarto e disse que eu iria morar aqui. E ela perguntou se eu gostava do quarto e eu balancei a cabeça afirmativamente, pois era de fato muito, muito bonito, eu provavelmente não havia tido antes um quarto tão bonito. E, então, lá estava Helene. Lá estava

Helene em seu vestido branco. Com seus cabelos claros, ondulados, embora presos no alto, lá estava com sua boquinha acima do queixo fino. Lá estava Helene com seus olhos grandes. Lá estava Helene, e com seus grandes olhos irradiava luz sobre mim. Minha querida Helene. Estou deitado na cama em meu quarto e em algum lugar deste apartamento Helene anda de um lado para outro com seus belos olhos radiantes. Estou deitado na cama, e fico escutando, será que consigo ouvir seus passos? Ou será que Helene não está no apartamento? E seu tio, seu maldito tio, Helene. Você está me ouvindo, Helene? O maldito sr. Winckelmann. Eu estava simplesmente deitado em minha cama, em meu terno de veludo roxo, e aí bateram à minha porta, eu estava deitado na cama em meu terno roxo e simplesmente não me levantei e então a porta se abriu e, em pé à porta, estava sr. Winckelmann, sua barba preta, os olhos pretos, a barriga gorda apertada sobre o colete. E o sr. Winckelmann simplesmente olhou para mim e não disse palavra. Escorreguei da cama e me pus em pé, saí. Fui em direção ao sr. Winckelmann, estendi-lhe a mão, mas ele não a apertou. Fiquei ali em pé e com a mão esticada em direção ao sr. Winckelmann, mas ele não a apertou. Olhei para o chão. E então o sr. Winckelmann disse que era irmão da sra. Winckelmann, sr. Winckelmann. E me encarou com seus olhos pretos. E então simplesmente virou-se e se foi e fechou a porta atrás de si. Seu tio, Helene. Estou deitado na cama em meu terno de veludo roxo e fico escutando, conseguirei ouvi-la? ouvir seus passos, Helene? sua respiração? será que consigo ouvir sua respiração? Estou deitado em meu quarto, na cama, completamente vestido, as pernas cruzadas, e fico escutando, conseguirei ouvir seus passos, Helene? você está aqui no apartamento? E sobre o criado-mudo repousa meu cachimbo. Onde está você, Helene? Pego o cachimbo do criado-mudo. Encho o cachimbo. Hoje Hans Gude observará o quadro que estou pintando, mas não me arriscarei a ouvir o que vai dizer sobre ele, prefiro ficar deitado na cama e escutar você, Helene. Não quero sair. Porque agora sou um pintor. Agora sou o pintor Lars Hertervig, estudante em Düsseldorf, discípulo do famoso Hans Gude. Aluguei um quarto na Jägerhofstraße, na casa dos Winckelmann. Não sou um mau sujeito. Sou o rapaz de Stavanger, sim, um rapaz de Stavanger em Düsseldorf! onde esse está se formando pintor. E tenho roupas finas agora, um terno de veludo roxo, eu o comprei, agora sou um pintor, eu, sim eu, o rapaz, o menino de rua, o filho de quakers, filho de gente pobre, pintor assistente, eu, agora eles me mandaram para a Alemanha,

para a Academia de Belas-Artes de Düsseldorf, foi Hans Gabriel Buchholdt Sundt em pessoa quem me mandou para a Alemanha, para a Academia de Belas-Artes de Düsseldorf, para que eu, Lars Hertervig, me tornasse um pintor de verdade, um pintor de paisagens. Agora sou estudante de pintura e o próprio Hans Gude é meu professor. E eu realmente sei pintar. Além disso, talvez não saiba fazer muitas coisas, mas pintar, isso eu sei. Sei pintar, mas de resto quase nenhum dos outros estudantes sabe. E Gude sabe pintar. E hoje Hans Gude observará meu quadro e dirá se lhe agrada ou não agrada, o que está bom e o que está ruim em meu quadro, é o que ele dirá. E ao meu redor no ateliê vão estar os outros pintores, que não sabem pintar, e eles vão se olhar, sussurrar e balançar a cabeça uns para os outros, concordando. Eles também vão ouvir o que Hans Gude disser. Primeiro, Hans Gude apenas vai estar ali e murmurar e dizer hm e hmmm e então vai olhar para mim com seus olhos espremidos e dizer que eu não sei pintar e devo voltar para o lugar de onde vim e que não há nenhuma razão por que eu devesse continuar estudando, pois eu simplesmente não sei pintar, isso é o que dirá Hans Gude, provavelmente. Não poderei mesmo me tornar um pintor de paisagens. Hans Gude. Hoje Hans Gude observará meu quadro. Mas não me arriscarei a ouvir o que Hans Gude dirá, porque se Hans Gude, que realmente sabe pintar, disser que não sei pintar, então eu realmente não sei pintar. Então vou ter que voltar para casa e ser pintor assistente e nada além disso. E eu, que quero tanto pintar os mais belos quadros, e ninguém sabe pintar como eu. Porque eu sei pintar. Mas os outros estudantes não sabem. Eles só ficam ali postados, dão risinhos zombando e balançam a cabeça uns para os outros concordando, e eles riem. Esses não sabem pintar. Estou deitado e dou tragadas em meu cachimbo. E agora música de piano. Ouço música de piano. Ouço música de piano vinda da sala no grande apartamento em que aluguei um quarto, estou deitado na cama, em meu terno de veludo roxo, no fino fino terno de veludo, estou aqui deitado, o cachimbo na boca, Lars Hertervig, o pintor, está aqui deitado na cama, não um homem qualquer, e do modo como aqui estou deitado ouço música de piano. Clara e bela música, oscilando compassadamente. Estou deitado na cama e ouço minha querida Helene ao piano. Porque deve ser minha querida Helene quem está ali tocando piano. A mais bela música de piano. Não sou um homem qualquer e agora Helene está tocando piano. E é para mim que minha querida Helene está tocando. Pois Helene Winckelmann e o pintor de Hattarvåg são namorados. Isso eles

disseram um ao outro, sim, disseram um ao outro que são namorados, somos namorados, disseram eles. E ela, Helene Winckelmann, mostrou a ele os cabelos. Helene Winckelmann, com seus radiantes olhos azuis, com seus longos cabelos claros, que lhe caem ondulantes pelos ombros quando estão soltos, e não presos como de costume, mas ele! mas Lars de Hattarvåg! ele viu os cabelos dela soltos! Viu como os olhos dela brilhavam. Viu seus cabelos, como caíram livres sobre os ombros dela. Pois foi para ele que Helene Winckelmann soltou seus cabelos, foi a ele que mostrou os cabelos caindo livremente. Helene Winckelmann estava no quarto dele e soltou para ele os cabelos. Helene Winckelmann estava lá, de costas para ele, diante da janela, então levou as mãos aos cabelos e os soltou. E os cabelos caíram-lhe em ondas pelos ombros. E ele, Lars de Hattarvåg, ele, Lars da enseada diante da qual as ilhas se espremem, e essas ilhas têm formato de chapéus – Hattarvåg, a enseada dos chapéus –, por isso é que ele se chama Hattarvåg, ou Hertervig, ele, o Lars da enseada diante da qual as ilhas parecem chapéus, de uma pequena ilha bem distante lá para cima no norte do mundo, no país da Noruega, ele, de uma pequena ilha chamada Borgøya, ele, Lars Hertervig, estava sentado em sua cadeira naquele quarto que alugara como estudante da Academia de Belas-Artes de Düsseldorf e viu Helene Winckelmann à janela com os cabelos descendo fartamente costas abaixo. E então Helene Winckelmann virou-se lentamente em direção a ele. E então ali estava Helene Winckelmann e olhava para ele, os cabelos caíam livres da risca central por sobre seu pequeno rosto arredondado com os radiantes olhos azuis, com a pequena boca de lábios estreitos, o queixo fino. Os cabelos claros formando ondas. E um sorriso nos lábios. E então os seus olhos, que miraram para cima, fitando-o. E desses olhos partiu a luz mais forte que ele já vira. A luz dos olhos dela. Ele nunca vira antes uma luz como aquela. E então ele, Lars de Hattarvåg, levantou-se. E Lars de Hattarvåg ficou ali parado, em seu terno roxo, feito de veludo, ele, Lars de Hattarvåg, com braços pendendo retos, e olhando para os cabelos e os olhos e a boca ali diante de si, ficou apenas ali parado, e então foi como se a luz que vinha dos olhos dela o envolvesse como calor! não, não como calor, como luz! sim, a luz dos olhos dela envolvia-o como luz! e nessa luz ele se tornava um outro diferente do que fora, não era mais Lars de Hattarvåg, ele se tornava um outro, todo o seu desassossego, todo o seu medo, tudo de que sentia falta e que criava nele um desassossego, tudo pelo que ansiava era como que preenchido por aquela luz vinda dos

olhos de Helene Winckelmann e ele ficou sereno, estava sendo preenchido, e ele ficou ali parado, os braços pendendo retos, e então, sem que o quisesse, sem refletir, sem mais, ele simplesmente caminhou até Helene Winckelmann e dissipou-se como por inteiro à sua luz, àquela luz ao redor dela, e sua sensação foi de tamanha serenidade, tão inconcebivelmente sereno ele se sentia, e colocou os braços ao redor dela e apertou-a contra si. Ele, Lars de Hattarvåg, tem os braços ao redor de Helene Winckelmann e está tão sereno, tão preenchido por algo que não conhece. Lars Hertervig está junto a Helene Winckelmann. E não é mais ele mesmo, é aquele junto a ela. Está dentro de algo que não conhece. Ele está junto a ela. Mantém-na abraçada e então ela também o abraça. E ele aninha o rosto abaixo, em seus cabelos, em seus ombros. Está dentro de algo que não conhece, o pintor de paisagens Lars Hertervig, ele não sabe o que é isso, mas então de repente reconhece-o e sabe-o, então de repente sabe que está dentro de algo que seus quadros ambicionam, algo que existe em seus quadros, quando ele pinta o melhor que pode, é ali que ele está agora, sabe disso, pois já esteve próximo disso dentro do qual agora está, mas jamais esteve antes tão dentro, do modo como agora ele, o pintor Lars Hertervig, se encontra e respira nos cabelos de Helene Winckelmann. Fica parado em sua luz, em algo que o preenche. Mais tarde, deitado na cama, ele não consegue se recordar por quanto tempo esteve daquele modo, parado com os braços em torno dela, em torno de sua querida querida Helene, mas certamente terá sido por muito tempo, talvez quase uma hora tenha estado ali, e agora está deitado na cama, em seu terno de veludo roxo e ouve uma belíssima música de piano. E quem toca é minha querida Helene. E eu, Lars de Hattarvåg, vi o modo como Helene soltou seus belos cabelos, vi-a diante da janela do meu quarto e vi como os cabelos claros deslizaram ondulando por sobre os ombros dela. E eu vi a luz que vinha de seus olhos. Fiquei parado dentro de sua luz. Levantei-me da cadeira e me postei diante dela, estive dentro de sua luz e fiquei sereno, foi por um longo tempo que estive dentro de sua luz, ali parado, com os braços em torno dela, o rosto aninhado em seus ombros, fiquei parado e respirei em seus cabelos, até que Helene sussurrasse que agora tinha que ir embora, pois logo sua mãe retornaria, por tanto tempo estive ali e respirei em seus cabelos, e eu estou deitado na cama, em meu terno de veludo roxo, e ouço música de piano vinda da sala, onde minha querida Helene está sentada ao piano e o toca. E vi os seus cabelos, minha querida Helene. Eu a vi diante da janela, o modo como

soltou seus cabelos. E levantei-me da cadeira, fui até você e a abracei. Eu fiquei ali e respirei em seus cabelos. E sussurrei-lhe no ouvido agora somos namorados, não? E você sussurrou-me no ouvido sim, sim, agora somos namorados. E ficamos ali parados. E então ouvimos uma porta se abrir e tornar a se fechar. E nos soltamos. E estávamos ali dentro da luz, que se recolheu e sumiu. Seus cabelos ficaram diferentes. E então ouvimos passos no corredor. E você disse que era sua mãe que agora chegava em casa e você tinha de ir embora, depressa, mas primeiro precisava arrumar os cabelos, disse você e sorriu para mim. Porque, se você não estava na sala, sua mãe vinha até aqui, até este quarto, e batia à porta. Você disse que tinha que ir embora imediatamente. E eu vi como você foi até a porta, saindo para o corredor, e fechou a porta atrás de si e disse em voz alta oi mãe, aqui, estou aqui, mãe, já está em casa?, foi assim que você disse. Fui para a cama e me deitei. Fiquei deitado na cama e olhando para a janela diante da qual você estivera havia pouco. Eu a vi à minha frente, ali em pé diante da janela. Ali com seus cabelos. E então bateram à porta. Eu nem sequer saí da cama e seu tio já estava dentro do quarto. Sr. Winckelmann. A barba preta, os olhos pretos. Escorreguei da cama. Ele disse o próprio nome, sr. Winckelmann. Eu lhe estendi a mão, mas ele não a apertou, apenas virou-se, fechou a porta e se foi. Estou deitado na cama, em meu terno de veludo roxo e ouço a mais bela música de piano. Ouço-a tocar na sala. Sou o jovem pintor norueguês Lars Hertervig, um dos maiores talentos da jovem pintura norueguesa, isso é que sou! pois tenho um grande talento. Eu realmente sei pintar. E não me arriscarei a ouvir o que Gude dirá sobre o quadro que estou pintando. Pois afinal eu sei pintar, não? Devo saber, não? Talvez até melhor do que Gude, e então Gude dirá, por isso, que não sei pintar? Gude me dirá que eu não sei pintar e por essa razão devo voltar para Stavanger, que não tenho nada a fazer na Academia de Belas-Artes, nem nessa aqui, nem em nenhuma outra, isso é o que ele dirá, por isso, dirá ele, é preferível que eu pinte portas a quadros. Hoje Gude observará meu quadro e dirá o que acha dele, mas não quero ouvi-lo. Pois meu quadro certamente não agradará a Gude. Sei disso. Eu não quero saber o que Gude acha de meu quadro. Fico deitado na cama e não quero saber o que Gude acha de meu quadro, pois estou tão bem neste momento, ouvindo minha querida querida Helene tocar piano e você toca tão bonito. A mais bela música de piano. Da sala vem até meu quarto a mais bela música de piano. Dou tragadas no cachimbo. E ouço como você para de tocar, as

últimas notas se dissipam como fumaça no ar e na luz. Ouço uma porta se abrir e ouço passos no corredor. Será você, talvez, vindo até mim? Será você, talvez, vindo até mim, querendo me mostrar seus cabelos? Talvez queira soltar seus cabelos e ficar diante da janela com os cabelos soltos à minha frente, tão inconcebivelmente bela? Ou seu tio virá de novo? Virá seu tio para me enxotar? Ficará novamente ali na porta, com sua barba preta e seus olhos pretos, ficará seu tio novamente ali parado me olhando de cima? Baterá seu tio logo à porta e me encarará sem dizer uma única palavra e então dirá seu tio que ele é o sr. Winckelmann, somente isso e nada mais? E dirá ele então que terei que ir embora e que não poderei mais ficar morando aqui e que preciso sair? Ouço passos no corredor, e eles são tranquilos e leves. E eu sei que esses são os seus passos, Helene, que ouço aproximando-se no corredor. Agora seus passos vêm pelo corredor. Eu me sento na beira da cama. Fico sentado e olho para a porta. Ouço os seus passos e eles se detêm diante da porta. E então eu ouço bater. Ouço-a bater, pois deve ser você. Não pode ser ninguém mais agora batendo à porta. E eu preciso dizer entre, que você entre à vontade.

Entre!, digo eu.

E olho para a porta, vejo como ela se abre, lentamente a porta se abre. E eu sei que agora você vai logo entrar. Agora você vem. E eu vejo o seu rosto, seu pequeno rosto, aí está você, afinal, e olha para dentro em minha direção e sorri para mim! e então você abre ainda mais a porta e seus cabelos tão claros ao redor do rosto. Seus grandes olhos radiantes. E alguma coisa acontece com seu rosto, com seus olhos. Vejo como você escancara a porta, aí você fica em pé à porta, em seu vestido branco. E então de repente olha para o chão. Olha para baixo, depois novamente para cima, para mim na beira da cama. Eu olho para você, sorrio. Você não olha para mim, olha para o vazio e alguma coisa acontece com seu rosto, com seus olhos.

Pois entre, digo eu.

E eu vejo você balançar a cabeça concordando. E então fecha a porta atrás de si. E eu a vejo tão bela parada diante da porta. E você olha para baixo. E eu a observo cruzar o quarto, até a cadeira. E algo acontece em seu rosto, em seus olhos. Algo acontece com você. Você se senta na cadeira. E o que acontece em seu rosto? Em seus olhos?

Você me ouviu tocar?, pergunta você.

Sim, digo eu.

E agora você está simplesmente aí sentada e olhando para o chão.

E você tocou tão bonito, digo eu.

Beethoven, diz você.

Era Beethoven então, digo eu.

E olho para você, tão bonita sentada na cadeira e olhando para baixo. E eu certamente não devo confessar que nunca ouvi música de piano antes de vir para este apartamento, afinal em Borgøya não havia piano, assim como também não havia em Stavanger, até onde eu sei, aliás havia, Hans Gabriel Buchholdt Sundt devia ter um e Kielland obviamente também tinha um piano, ou um pianoforte, como o chamam, creio eu; talvez houvesse pianos também em outras casas, mas eu mesmo nunca havia ouvido música de piano antes de ouvi-la tocar, embora eu talvez não deva lhe contar isso, do modo como estou aqui sentado na beira da cama e olhando para o chão, e agora o que eu mais desejo é vê-la se levantar e então ficar aí em pé com as costas tão curvilíneas, em seu vestido branco, com o peito suavemente arqueado, você vai estar aí parada e então soltará seus cabelos. E os cabelos lhe escorrerão pelos ombros abaixo. Você ficará aí em pé, o olhar inclinado para baixo, e então eu me levantarei e irei até você e então colocarei meus braços em torno de você, me apertarei junto a você, assim quero ficar aí somente e me apertar junto a você e respirar em seus cabelos. Só quero ficar aí em pé. Ficar aí e apertá-la junto a mim. E então você coloca seus braços em torno de mim e então ficamos aí em pé. Ficaremos pura e simplesmente aí em pé. Calados, em pé, próximos um do outro, bem próximos um do outro.

Preciso lhe dizer uma coisa, diz você.

E nós olhamos um para o outro e então olhamos ambos para o chão e agora você simplesmente precisa me dizer o que é.

Meu tio, diz você. Meu tio disse que você vai ter que sair desta casa.

Você também está dizendo que eu vou ter que sair desta casa? E por que devo sair? Você não quer que eu continue morando aqui? Por que você não quer que eu continue morando aqui?

Seu tio?, pergunto e olho para você.

Ele disse que você vai ter que sair desta casa, diz você.

Não estou morando aqui há muito tempo. Na verdade, acabei de me mudar para cá. E agora devo sair de novo. E eu paguei, eu tenho dinheiro, o aluguel está pago.

Mas eu paguei o aluguel, digo eu.

Não é isso, diz você. Meu tio disse à minha mãe que você vai ter que sair, e minha mãe disse que isso pode ser bom. Eu não sei por quê, mas é isso. Pensei que a melhor coisa a fazer era lhe contar.

E eu vou ter que sair. E Helene, ela continuará morando aqui. E eu provavelmente nunca mais poderei ver Helene de novo. Porque vou ter que sair desta casa. Seu tio disse que vou ter que sair, Helene, sua mãe disse que está de acordo, por isso simplesmente terei que sair. E onde devo morar agora? Devo dormir no ateliê? Posso até mesmo dormir fora, se necessário, mas não terei permissão de voltar a ver Helene. Não poderei mais ver Helene.

Ainda poderei vê-la, então, Helene?, pergunto eu.

E isso eu não deveria ter feito. Pois Helene provavelmente não poderá me encontrar, provavelmente é jovem demais para me encontrar. Afinal tem apenas quinze anos, talvez dezesseis, não sei quantos anos ela tem. Não sei de nada. Mas quero tanto voltar a ver Helene. E eu me levanto, vou até Helene, que está sentada na cadeira. Coloco-me diante dela. Pois Helene afinal não quer me encontrar mais, talvez seja ela quem queira que eu saia desta casa, talvez esteja apenas dizendo que é o tio que quer isso, o sr. Winckelmann, mas será talvez que é Helene quem quer que eu saia? Eu fico em pé, olhando para Helene, sentada e olhando para o chão. Será talvez ela quem quer que eu saia? Tenho que perguntar a Helene se ela quer que eu saia.

Você quer que eu saia desta casa?, pergunto eu.

E Helene responde que não com a cabeça. Talvez esteja apenas dizendo que não quer que eu saia, será? Ela certamente não consegue dizer coisa diferente, mas disse que somos namorados e agora quer que eu saia. Olho para ela.

Você não quer que eu saia?

E Helene responde que não com a cabeça. Ou será que Helene talvez não queira que eu saia? Talvez seja o tio quem queira isso? Mas ele não me disse isso, a mãe dela também não disse que terei que sair, somente Helene disse isso. Helene disse que seu tio quer que eu saia desta casa. E Helene quer que eu saia e nunca mais possa voltar a vê-la.

Por que seu tio quer que eu saia?

Olho para você, minha querida Helene. Estou diante de você, olho para você, que está sentada na cadeira e não responde, apenas fica aí sentada na cadeira e olha para o chão.

Foi ontem à noite que seu tio disse isso?, pergunto eu.

E você fica aí sentada e olhando para baixo e balança a cabeça levemente, concordando.

Fiz algo de errado?, pergunto.

E você fica aí sentada e olhando para baixo.

Mas somos namorados?, pergunto eu. Ou não? Somos namorados, não? E você vai querer me encontrar, mesmo eu não morando mais aqui? Posso vir até você, podemos nos encontrar na rua, em qualquer lugar.

Ponho a mão em seu ombro. E você só fica aí sentada, olhando para baixo. E eu fico em pé diante de minha querida Helene e mantenho minha mão sobre seu ombro. E vejo como o seu peito sobe e desce. Vejo seus seios sob o vestido branco. E agora você quer que eu saia desta casa, que não possa encontrá-la mais. Mas, ora, você é minha garota. Quero ver seus seios. Você não pode simplesmente falar assim, dizer que eu devo sair desta casa. Deixo minha mão deslizar de seu ombro até seu seio. Fico parado e coloco minha mão sobre seu seio arredondado. Sinto como seu seio sobe e desce. E eu não posso tocar seu seio assim. Uma de minhas mãos repousa sobre seu seio. Você levanta a mão e coloca-a sobre o dorso da minha, tira minha mão fora de seu seio.

Com certeza, por isso, diz você.

Fico parado à sua frente, com minha mão suspensa, você segura firme minha mão.

Você quer que eu saia desta casa, digo eu.

E vejo-a responder que não com a cabeça, e você solta minha mão.

Helene!, digo eu.

E eu sei que é a primeira vez que a chamo pelo nome, muitas vezes eu o disse a mim mesmo e nunca a ninguém mais. E agora digo o seu nome e por isso eu tenho que simplesmente dizer o seu nome várias vezes.

Helene, Helene, digo eu.

Sim, Lars, diz você.

E você me olha nos olhos. E então sorri para mim. Eu sorrio para você.

Você e eu, digo.

E ergo minha mão e acaricio sua face levemente com meus dedos.

Você e eu, digo.

E você olha para cima, para mim. Ri para mim.

Você e eu, digo eu.

Você e eu, diz você.

E então sorrimos um para o outro, pego sua mão e seguro-a suavemente na minha.

Somos namorados, digo eu. Você e eu somos namorados.

Você e eu, diz você.

E nos olhamos nos olhos, sorrimos um para o outro. E eu coloco o braço ao redor de seus ombros, conduzo-a ao meu lado através do quarto. Nós nos sentamos na beira da cama.

Você precisa vir me encontrar, digo eu.

Sim, diz você.

E por que seu tio quer que eu saia desta casa?, pergunto.

E você não responde. Então é você mesma quem quer que eu saia, e não seu tio? Mas você não quer mesmo que eu saia.

Por que terei que sair?, pergunto eu.

Não sei, diz você.

Sabe, sim, digo eu.

Isso você não pode dizer!, diz você.

Olho para baixo. Eu disse que você sabe por que seu tio quer que eu saia e você diz que não posso dizer que você sabe isso, diz irritada que eu não posso dizer uma coisa dessas. E então não posso mesmo, se assim você diz. Tenho que simplesmente estar aqui, ficar aqui sentado, preciso ficar aqui sentado e ouvir que você se irrita se eu lhe perguntar por que devo sair, tenho que sair desta casa porque seu tio quer que eu saia, mas é você, é você, Helene, quem quer que eu saia e você simplesmente diz que é seu tio quem quer, sendo que na verdade é você mesma quem quer isso. Por que você quer que eu saia desta casa? Por quê? Posso lhe perguntar por que você quer que eu saia? Já percebo que você quer que eu saia, mas por que, afinal, quer isso? Por quê?

Por que você quer que eu saia?, pergunto eu.

Foi meu tio quem disse isso, diz você.

Mas você também quer?

Não sou eu quem decide.

No entanto, digo eu e aperto-a mais firme em torno dos ombros.

Não decido, diz você.

Por que você quer que eu saia?

Meu tio, diz você.

Deixo minha mão deslizar do seu ombro até seu seio.

Não, diz você.

Introduzo dois dedos através dos botões de seu vestido. Aperto seu mamilo.

Por que eu devo sair desta casa?, digo eu.

Pare com isso, diz você.

Diga, digo eu.

O tio, diz você.

E eu ouço como você respira mais depressa.

O tio, o tio, digo eu. Você também é namorada dele? Ele toca seu seio?

Não, não diga bobagem, solte, diz você.

E eu retiro a mão. Levanto-me. Estou aqui e olho para você, seus olhos radiantes brilham, suas faces estão ruborizadas.

Eu só queria lhe dizer, diz você.

E você se levanta. Vejo-a em pé à minha frente. Abraço-a, aperto-a junto a mim. Ponho minha mão no seu traseiro, aperto seu traseiro com minha mão. Pressiono-a junto a mim.

Seu tio, digo eu.

Não diga bobagem, diz você.

Pressiono-a com força para junto de mim.

Me solta!

Encosto meus lábios em seu rosto, pressiono meus lábios úmidos contra seu rosto.

Pare com essa bobagem, diz você.

E eu a solto.

Tenho que ir, diz você.

E eu olho para você, ouço-a dizer que tem que ir. E agora você vai até seu tio. Pois lhe pediu que dissesse que eu terei que sair desta casa. Você está apenas brincando comigo. Eu sei disso, sei que você pediu a seu tio que me dissesse que eu terei que sair. E por que você quer isso, que eu saia? Por que quer me ver longe daqui? Por quê? O que eu fiz para você? Estou aqui em pé e olho para você. Por que quer que eu saia? Prefere estar com seu tio, é isso que você quer? Prefere acariciar a barriga gorda de seu tio? Olhar seu tio em seus olhos pretos? Por que quer que eu saia? E por que você diz que toca piano para mim? Quer acariciar a barba preta de seu tio? É isso que você quer? Você quer que seu tio toque seu seio, quer? É isso que você quer? E então eu não posso ficar no apartamento, isso não dá, não, se você quer ficar sozinha no apartamento com seu tio. E agora você tem que ir. Claro que eu terei que sair desta casa. Terei que ir embora. Não quero estar aqui se você

não quer que eu esteja aqui. Sumirei daqui. Não quero me tornar um peso para você, não. Irei embora.

Por que você pediu a seu tio que me dissesse que terei que sair desta casa?, pergunto eu.

Foi meu tio quem disse isso, não eu, diz você.

E me encara com os olhos grandes bem abertos.

Não, digo eu.

E eu olho para você e vejo como seu vestido branco se torna algo branco, seu vestido se torna algo branco que se move, e então o branco se move em minha direção, aproxima-se branco de mim e então há algo preto em meio a todo o branco e vejo um tecido preto e branco diante de mim e o tecido se move em minha direção e então de repente afasta-se de mim. E então ele se divide. E os tecidos se movem em minha direção e então se afastam de mim. Os tecidos são pretos e brancos. Os tecidos se movem e se movem vindo em minha direção.

Não, não, digo eu.

Os tecidos brancos e pretos se movem até mim, depois se afastam de mim, vêm até mim, afastam-se de mim.

Não, deixem-me em paz, digo eu.

O que está acontecendo?, pergunta você.

E em meio aos tecidos pretos e brancos ouço-a perguntar o que está acontecendo, e sua voz se move com os tecidos pretos e brancos até mim e afastam-se de mim, vêm até mim e afastam-se de mim. O que está acontecendo, afinal?

Está vendo isso?, pergunto eu.

O quê?

Os tecidos?

Não, nada.

E os tecidos se movem para o alto, em direção ao meu rosto, à minha boca, os tecidos tocam meus lábios.

Agora eu tenho que ir, diz você.

E os tecidos tentam pressionar e invadir minha boca. Ponho a mão na boca e quero tirar os tecidos, preciso tirar os tecidos de minha boca! os tecidos não podem me sufocar! eu tenho que tirar os tecidos de minha boca, imediatamente! e só levo a mão à boca, puxo forte, mas os tecidos recuam, fico tateando, mas eles somem, escorregam de minha mão, escorregam

escapando a todo momento, fogem quando tento agarrá-los, somem. Os tecidos me dominam.

O que há com você, Lars?

Os tecidos somem para longe. Apenas os tecidos. Para longe. Tecidos brancos somem para longe, tento pegá-los, e então quase consigo agarrá-los, mas exatamente no instante em que vou agarrá-los eles somem e então não há mais tecidos aí.

Pare com essas coisas, Lars!

É tentar, e os tecidos somem. Eu tenho que conseguir pegar os tecidos, eles estão vindo até minha boca, os tecidos são pretos e brancos e se aproximam de minha boca e agora eu tenho que agarrar os tecidos pretos e brancos, estendo a mão em busca dos tecidos.

O que você está fazendo aí? Pare com isso! Estou ficando com medo! Você não pode fazer isso!, diz você.

E os tecidos. Mas os tecidos a todo momento somem, somem. Eu encaro os tecidos pretos. E vejo que estão ficando mais tranquilos.

Você não está vendo?, pergunto eu.

Vendo o quê?, pergunta você.

Os tecidos pretos e brancos, digo eu.

Não estou vendo nada, diz você.

E eu vejo como os tecidos estão ficando mais tranquilos, então os tecidos se dissolvem e os tecidos perdem a nitidez e realmente somem.

Você não viu nada, digo eu.

E eu vejo que você, com a cabeça, responde que não.

E agora eu tenho que ir, diz você.

Você não pode ficar aqui mais um pouco?, pergunto eu.

Não, tenho que ir.

Tem alguma coisa para fazer?

Novamente com a cabeça, você responde que não.

Quer encontrar seu tio?

Eu só queria contar a você o que ele e minha mãe disseram, diz você.

E agora você e seu tio querem estar a sós no apartamento, querem fazer tudo o que for possível um com o outro, só você e seu tio. E eu devo desaparecer desta casa. Devo sair.

Se você quer que eu saia desta casa, então que seja, digo eu.

Eu não quero isso.

Não.

É meu tio quem quer, e minha mãe disse que está de acordo, diz você.

Balanço a cabeça concordando. E vejo os tecidos pretos e brancos, eles agora se destacam diante da janela, bem dentro do quarto, e isso é algo que chega a ser quase hilário, é para rir, realmente são hilários esses tecidos pretos e brancos.

Veja, os tecidos!, digo eu.

E eu vejo que você balança a cabeça em desaprovação.

Agora tenho que ir, eu só queria dizer que eles querem que você saia desta casa, diz você.

Balanço a cabeça afirmativamente. Vejo os tecidos pretos e brancos destacando-se diante da janela e então olho para você, parada em pé no quarto e os tecidos pretos e brancos quase a alcançam, os tecidos pretos e brancos quase resvalam seu vestido preto e branco.

Você não está vendo esses tecidos pretos e brancos?, pergunto eu. Estão quase tocando em você.

E você, com a cabeça, responde que não.

Olhe para a janela, eles vêm da janela, pois olhe!

E você olha para a janela e eu vejo o modo como os tecidos pretos e brancos se movem em sua direção, quase indo tocar em você, e então os tecidos se afastam de você.

Você não está vendo!

Os tecidos pouco a pouco vão recuando até a janela, lentamente, pouco a pouco os tecidos vão se recolhendo em direção à janela.

Pois olhe! Agora eles estão recuando!

Os tecidos recuam, e isso é mesmo hilário, é para rir, e é hilário que você não consiga ver esses tecidos! Olho para você. Você apenas me encara o tempo todo, com os olhos radiantes, que agora estão quase pretos.

Tenho que ir, diz você.

Vejo que os tecidos recuam, agora estão sumindo na janela, e os tecidos se vão. E eu deveria ter ido ao encontro de Hans Gude, dele, que realmente sabe pintar, hoje ele queria observar o quadro que estou pintando, mas e se Gude não aprovar o meu quadro? e se achar que eu não sei pintar? que meu lugar não é na Academia de Belas-Artes de Düsseldorf? e se achar que eu não deveria estudar mais na Alemanha ou que não há absolutamente nenhuma razão para eu me tornar pintor? Sento-me na beira da cama. Vejo meu

cachimbo no cinzeiro sobre o criado-mudo. Ainda tenho meu cachimbo, mesmo que todo o resto esteja perdido, ainda tenho meu cachimbo. E tenho tabaco. Posso continuar deitado na cama e fumar cachimbo. Fico sentado na beira da cama e olho para você, em pé no meio do quarto, você está olhando para mim e disse várias vezes que tinha que ir, que não podia mais estar em meu quarto, comigo, e que você não podia permanecer aqui porque seu tio estava para chegar. Seu tio. Você não quer mais que eu more no mesmo apartamento que você, não quer isso porque você e seu tio querem ter o apartamento só para vocês. Eu sei disso. Terei que ir embora. Você diz que eu terei que ir embora. Não posso mais morar aqui. Você disse que seu tio disse que terei que sair daqui. Terei que ir embora. Você pediu a seu tio que me enxotasse. Eu sei disso. Você quer que eu saia daqui, para poder estar sozinha com seu tio aqui no apartamento. E eu sairei. E ouço alguém abrir a porta do apartamento. Olho para você, você olha para mim e eu a ouço sussurrar é meu tio chegando, agora, e balanço a cabeça concordando. E vejo-a atravessar o quarto, indo em direção à porta. Você se posiciona diante da porta e eu sussurro é seu tio? e você balança a cabeça concordando e murmura não, não pode ser, ele já chegando, e eu olho para o nada, para o chão. Ouço como uma porta é fechada, ouço passos pesados se aproximando e os passos são tão pesados que deve ser mesmo seu tio, eu ouço os passos se aproximando, passos do sr. Winckelmann, passos pesados, os passos pretos e pesados do sr. Winckelmann se aproximam. Sr. Winckelmann. Agora o sr. Winckelmann virá para me enxotar do quarto mobiliado que aluguei na Jägerhofstraße. Você pediu a seu tio que viesse aqui e me enxotasse, bem o sei.

Minha querida Helene, digo eu. Minha querida querida Helene.

E ouço como isso soa falso, e vejo-a à porta e você olha para mim e então ouço seu tio chamar Helene! Helene!, e você olha para mim.

Agora ele está me chamando, diz você. Tenho que ir.

E eu balanço a cabeça concordando. Vejo-a abrir a porta e ir para o corredor. Estou sentado na beira da cama e olho para o criado-mudo, ali repousa meu cachimbo no cinzeiro. Deito-me na cama e estico as pernas e ouço seu tio dizer, ah, você está aí, você esteve de novo lá dentro com ele?, e ouço-a responder algo, mas não consigo ouvir o que você diz.

Não, assim não dá, agora ele vai ter que sair, assim não dá mesmo, não, diz seu tio.

Sim, sim, diz você.

Ele vai ter que sair, diz seu tio.

Sim, diz você.

Hoje mesmo, diz seu tio.

E eu não consigo ouvir se você diz algo, ouço apenas os seus passos pelo corredor e então seu tio diz que na certa eu também passo o dia no quarto e pelo visto não faço nada, fico só deitado na cama, diz ele, e então a ouço dizer que eu pinto quadros.

Não, ele fica deitado na cama, diz seu tio.

E eu ouço passos pelo corredor, seus passos leves, Helene, os passos pesados de seu tio, e ouço seu tio dizer que terei que ir embora hoje mesmo, afinal fico o tempo todo dentro do apartamento, tenho que ir embora, é o que diz ele, e ouço você dizer algo, mas o que você diz eu não entendo.

E você fica no quarto dele, pois basta estar sozinha no apartamento que você vai até ele, ontem esteve lá, hoje esteve lá, diz seu tio.

Só essas duas vezes, diz você.

Com você a gente tem que estar atento, diz seu tio.

E eu ouço os passos de vocês, ouço os seus passos, Helene, ouço os passos de seu tio, ouço os passos de ambos afastando-se no corredor e ouço como uma porta é aberta e ouço seu tio dizer ele vai ter que sair daqui!, e fico deitado na cama e seu tio disse que vou ter que sair. Não poderei mais alugar o quarto. E você quer que eu saia. Você esteve agora mesmo em meu quarto e disse que vou ter que sair. Você prefere estar sozinha no apartamento, prefere estar a sós com seu tio no apartamento, é isso que você quer, quer acariciar sua barriga gorda e preta e olhar em seus olhos pretos. Por isso é que seu tio veio. Ele quer tocar seus seios. Quer estar a sós com você, mas eu estou aqui no apartamento. E você quer estar a sós com seu tio no apartamento. Quer que eu saia. Quer que seu tio venha tocar seus seios sem que ninguém o saiba. Você quer fazer coisas com seu tio. Eu sei disso. Ouço-a gritar não, não! E você grita. Ouço seus gritos vindos da sala. Ouço-a gritar chorando não, não! Ouço seu tio dizer algo, mas o que estará dizendo ele? O que diz seu tio? E você grita chorando, que ele deve soltá-la, solta! solta!, você está gritando isso? E eu não posso ficar somente aqui deitado na cama enquanto você grita e acontece algo na sala? Tenho que fazer alguma coisa. Estou simplesmente deitado na cama. E terei ouvido você gritar? Ou apenas acredito que você esteja gritando? Não terei ouvido nada? Ou você gritou

chorando? E seu tio disse que terei que sair desta casa. Mas eu não quero sair. E você não gritou? Aquilo não era nada? E eu não posso simplesmente ficar deitado assim na cama. Tenho que fazer algo. Tenho que me levantar, tenho que ir ao ateliê, porque hoje Hans Gude, ninguém menos que Hans Gude em pessoa, deve circular por lá e observar os quadros dos estudantes noruegueses na Academia de Belas-Artes de Düsseldorf e meu quadro também e ele dirá o que acha do quadro que estou pintando. E eu estou simplesmente deitado aqui na cama, em meu terno de veludo roxo. Olho para baixo, para meu terno de veludo roxo. Cruzo as pernas. Não posso ficar assim deitado, afinal eu a ouvi gritar chorando, não ouvi? Ou você não gritou? Vejo meu cachimbo no cinzeiro sobre o criado-mudo e pego meu cachimbo, pouso sobre a barriga a mão que segura o cachimbo. Olho pela janela e ali, diante da janela, esteve você, minha querida Helene, e soltou seus cabelos e então os seus cabelos caíram soltos, seus cabelos escorreram por sobre os seus ombros, ali esteve você, em seu vestido branco, ali diante da janela esteve você em seu vestido branco enquanto seus cabelos escorriam tão leves por seus ombros abaixo. E eu me levantei da cama. Fui até você. Coloquei meus braços ao seu redor. Aninhei meu rosto em seus ombros, em seus cabelos. Fiquei ali, o rosto aninhado em seus cabelos e respirei em seus cabelos. Não sei por quanto tempo fiquei assim, mas foi por muito, muito tempo, eu fiquei ali e respirava em seus cabelos. Apertei-a junto a mim. E você me apertou junto a si. Ali ficamos nós, diante da janela. Olho para a janela e na colina por trás da janela vejo os choupos, uma fileira de choupos, ali estão eles, os choupos, sobre a crista da colina, vistos da cama os choupos parecem flutuar livres pelo ar. E você ficou ali diante da janela. E atrás de você estavam os choupos. E eu vejo alguns cavaleiros vindo sobre a crista da colina, diante dos choupos. Vejo apenas a cabeça dos cavalos e a parte superior do corpo dos cavaleiros. E não compreendo isso. Os choupos, os cavaleiros. E os seus cabelos. E os seus cabelos como os choupos. E nós como os cavaleiros. E dentro de nós estão as nuvens azuis. E eu estou simplesmente deitado na cama, em meu terno de veludo roxo, e olho para os choupos e os cavaleiros. E ouço a sua voz, Helene, mas não consigo ouvir o que você diz. Você não está gritando, está? Porque sua voz está calma, não? Devo ir até aí para ajudá-la? Ou você não quer me ver? Só quer que eu vá embora? E então eu ouço seu tio dizer que terei que sair daqui, hoje, ainda hoje. E você diz algo, mas não consigo entender o quê. E você não grita, apenas fala baixo. E você disse que eu terei

que sair. Não vou poder continuar morando aqui. Foi o que disse seu tio, que eu tenho que sair e não posso continuar morando aqui. Tenho que sair. E você quer que eu saia. E agora seu tio veio até o apartamento, no meio do dia. E eu não deveria mesmo estar agora em meu quarto, agora eu teria que estar no ateliê, estar ali entre os outros pintores, como um deles, entre os outros pintores, que não sabem pintar, eu devia estar lá e então Gude haveria de chegar e dizer que o quadro em que estou trabalhando parece bom, até o momento parece muito bom, haveria de dizer ele, realmente muito promissor, você realmente tem talento, é o que ele haveria de dizer, nenhum outro senão Hans Gude haveria de dizer isso sobre meu quadro, o quadro de Lars de Hattarvåg, filho de alguém que nem sequer um quaker pôde permanecer, filho de um peão diarista, isso haveria de dizer ele sobre o quadro de Lars Hertervig, sobre o meu quadro, que esse é realmente promissor. Sou Lars Hertervig. Viajei até a Alemanha, até a Academia de Belas-Artes de Düsseldorf, para me formar um pintor de paisagens. Sou o pintor de paisagens Lars Hertervig. Estou deitado na cama, em meu terno de veludo roxo. Seguro meu cachimbo sobre a barriga. Eu deveria estar no ateliê, pois hoje Hans Gude deve observar o quadro que estou pintando. Mas Hans Gude provavelmente não vai gostar de meu quadro. Provavelmente vai achar que eu não sei pintar, que o meu lugar não é na Academia de Belas-Artes, que eu deveria, isto sim, estar em Stavanger pintando casas e paredes. Pois não devo saber pintar. E não poderei continuar morando aqui. Helene não quer que eu continue morando aqui. Terei que sair desta casa. Hoje Helene esteve comigo e disse que eu terei que sair. E terei ouvido você chorar? Você gritou chorando não! não!? E seu tio esteve com você na sala. E eu estou aqui deitado, vestido na cama, em meu terno de veludo roxo. E eu não posso simplesmente ficar deitado, porque você não pode simplesmente estar na sala com seu tio. Afinal, você estava até chorando. Eu a ouvi gritar chorando. Seu tio certamente tocou seu seio, terá chegado até debaixo de seu vestido? Eu sei disso. Sei que seu tio tocou em você, e você gritou chorando. Tenho que fazer algo. E ouço passos pesados vindo pelo corredor. Seu tio vem pelo corredor. E logo seu tio vai bater à minha porta e dizer que eu não posso mais morar aqui e que terei que sair, ainda hoje terei que sair, dirá ele, imediatamente terei que fazer minhas malas, dirá seu tio e então ficará parado na porta, ficará me encarando com seus olhos pretos, os olhos pretos acima da barriga grande, acima da barba preta. Logo seu tio estará à porta e dirá que eu devo

sair desta casa. Devo imediatamente fazer as minhas malas e sumir. Não poderei ficar morando aqui. Isso é o que dirá seu tio. Devo sumir daqui. E eu ouço seu tio percorrendo o corredor, passos pesados, agora mesmo seu tio estava na sala, sozinho com você, e fez coisas com você, bem o sei, ele tocou em você, ele fez coisas com você e você gritou chorando, e agora vem seu tio pelo corredor e logo estará batendo à minha porta, ou será que simplesmente a abrirá? ou talvez vá embora? talvez seu tio apenas vá até a porta do apartamento, abra a porta do apartamento e saia, será isso? Talvez seu tio nem entre mesmo em meu quarto e não diga que terei que sair desta casa e não poderei mais continuar morando aqui? Ouço passos pesados vindo pelo corredor e ouço os passos pararem do lado de fora, à porta de meu quarto. Ouço baterem à porta. Seu tio bate forte várias vezes à minha porta e eu fico deitado na cama, em meu terno de veludo roxo, o cachimbo sobre a barriga, e seu tio bate forte à minha porta, pois agora dirá que eu tenho que sair desta casa! hoje mesmo você vai ter que sumir daqui!, dirá ele, pois assim não dá para continuar!, dirá ele, e eu ouço as várias batidas à porta e fico deitado na cama, em meu terno de veludo roxo, mas não atendo, pois sei que é seu tio batendo à minha porta, e ele só quer que eu saia desta casa e desapareça, quer me negar a permissão de continuar morando aqui, é exatamente isso que ele quer, bem o sei, por isso não quero atender, dizer entre, não atenderei, e se seu tio abrir minha porta sem que eu tenha dito entre, ficarei simplesmente deitado na cama olhando para ele, que não pode deixar minha querida Helene em paz, ele, que faz coisas com minha querida Helene, com ela, que me mostrou seus cabelos, que me disse que é minha namorada! minha querida Helene! minha querida querida Helene! Helene! Batem de novo à porta. E eu fico simplesmente deitado na cama e não atendo. Olho para a porta. Vejo como a maçaneta é empurrada para baixo. Olho para a soleira da porta. Vejo a porta se abrir. Vejo a porta vindo em minha direção. Vejo tecidos pretos na porta. Vejo a porta se abrir ainda mais, vejo a barriga preta de seu tio. Vejo como sua barriga se aperta no colete. Olho mais abaixo, para a calça preta dele. Olho mais acima, para a barba preta. Vejo seus olhos pretos. Vejo seu tio parado à porta. Seu tio me encara de cima. Vejo-o balançar a cabeça.

Deitado na cama, senhor Hertervig, diz ele.

Seu tio diz que estou deitado na cama, e o que devo eu dizer? dizer que não estou deitado na cama, talvez? Olho para seu tio, o sr. Winckelmann.

Sim, sr. Winckelmann, digo eu e me sento na beira da cama.

Não estuda?, pergunta ele.

Claro que sim, mas hoje não. Não posso estudar todo dia, meus olhos não aguentam.

Ah, então tem a ver com isso, diz ele.

Sim, é isso.

E, quando não está estudando, fica aqui deitado na cama e fumando cachimbo?

Respondo que sim com a cabeça.

Vejam só, diz ele.

Deseja algo específico, sr. Winckelmann?

Sim, algo bem específico, diz ele. E Helene? Já falou com Helene hoje?

O sr. Winckelmann pergunta se eu falei com Helene hoje, é o que ele faz, e o que devo responder? posso dizer que falei com você? nesse caso, ele com certeza vai bater em você, não é verdade? mas ele sabe, sim, que eu falei com você, afinal ele a viu saindo de meu quarto, portanto sabe que você falou comigo, que esteve em meu quarto, isso ele já sabe, claro. Pois seu tio a viu saindo de meu quarto. Tenho que dizer algo, pois seu tio está aí olhando para mim e eu não digo nada.

Então, falou ou não falou, sr. Hertervig?, pergunta ele.

Por que está perguntando isso, sr. Winckelmann?

Acha a pergunta estranha, por acaso? Uma garota de quinze, dezesseis anos? Uma garota tão nova, sozinha no apartamento com um homem como você? Isto é uma pergunta estranha?

Balanço a cabeça fazendo que não. E o sr. Winckelmann fala de uma maneira tão esquisita, tão estranhamente formal.

Então: responda, sr. Winckelmann.

Ouvi Helene gritar chorando agora há pouco, digo eu.

Ah, foi isso, então, sr. Hertervig. E o que isso quer dizer, se me permite perguntar? O sr. Hertervig não gosta quando Helene grita chorando? O sr. Hertervig não gosta de seus gritos? Mas poderia o sr. Hertervig responder à minha pergunta, se conversou com Helene hoje?

Claro, sim, digo eu.

Claro, sim, vejam só. E o sr. Hertervig pensa que eu, que após a morte tão repentina do pai de Helene assumi a responsabilidade por ela, por sua mãe, por toda a família, que eu sem oferecer resistência vou deixar acontecer de um jovem, enfim, o senhor sabe bem o que quero dizer.

Mas é que eu e Helene somos namorados!

E o sr. Winckelmann olha para mim surpreso, porque agora devo ter dito algo bastante insano e então o sr. Winckelmann entra em meu quarto e fecha a porta atrás de si. E eu vejo o sr. Winckelmann ir até a janela e ali está o sr. Winckelmann de costas para mim, no mesmo lugar onde pouco antes hoje esteve Helene, e então o sr. Winckelmann se vira e vai até a porta e se vira de novo e vai de novo até a janela. O sr. Winckelmann está novamente ali e olha para fora da janela. Eu estou sentado na beira da cama, em meu terno de veludo roxo, e então ouço o sr. Winckelmann dizer que realmente a coisa é pior do que ele imaginava, e vejo o sr. Winckelmann parado junto à janela e me encarando e balançando a cabeça.

Não, não, diz o sr. Winckelmann.

Estou sentado na beira da cama e olho para o sr. Winckelmann. E agora disse que Helene e eu somos namorados, e talvez não devesse ter dito isso, mas Helene e eu somos mesmo namorados, então devo poder dizer isso, nós somos namorados, preciso mesmo dizer ao sr. Winckelmann que nós somos namorados?

E o que fez com sua namorada?, pergunta o sr. Winckelmann.

E o sr. Winckelmann atravessa o quarto e se posta diante de mim e me encara. Olho para o sr. Winckelmann, depois olho para o chão.

O que fez com ela?, pergunta o sr. Winckelmann.

Olho para os sapatos pretos do sr. Winckelmann.

Responda-me, o que fez? Não tem resposta? O que isso quer dizer? Que o senhor e Helene são namorados?

E o sr. Winckelmann põe a mão em meu ombro, agarra meu ombro e então o sr. Winckelmann me sacode pelo ombro, e eu olho para cima e em seus olhos negros acima de mim, seus olhos se fixam negros abaixo, em meu rosto.

Responda!

Olho para baixo.

Responda! Responda!

E ouço o sr. Winckelmann gritar que devo responder, e talvez eu devesse mesmo dizer algo, pois o sr. Winckelmann está afinal por cima de mim, com sua mão sobre meu ombro, e quase esbraveja que eu devo responder, portanto tenho que responder mesmo e dizer algo.

Nada, digo eu.

E apesar disso o senhor e a senhorita Helene se amam? Que significa isso?

Nada, digo eu.

Nada, nada, diz o sr. Winckelmann.

E ouço a voz do sr. Winckelmann tremer e então ele agarra meu ombro com mais força e não dói, embora o sr. Winckelmann tenha agarrado meu ombro com muita força.

Nada, nada, diz o sr. Winckelmann.

E o sr. Winckelmann agarra meu ombro. Olho para o chão.

Nada, diz o sr. Winckelmann.

E o sr. Winckelmann fica parado e mantém meu ombro agarrado. Olho fixamente para o chão e a mão do sr. Winckelmann treme. O sr. Winckelmann fica parado e me agarra firme pelo ombro com sua mão trêmula. Olho para o chão e vejo os reluzentes sapatos pretos do sr. Winckelmann. E então o sr. Winckelmann começa a me sacudir para um lado e para outro e eu não tenho medo! absolutamente nenhum medo! o sr. Winckelmann pode me sacudir quanto quiser que eu não fico com medo algum! Sou sacudido pelo sr. Winckelmann para um lado e para outro, e estou tão tranquilo como talvez nunca tenha estado. Encaro o sr. Winckelmann. E o sr. Winckelmann para de me sacudir. O sr. Winckelmann fica parado e me olha de cima.

O que você fez com ela? Responda!, diz o sr. Winckelmann.

E eu olho para cima, nos olhos pretos do sr. Winckelmann. E o sr. Winckelmann pega a outra mão e coloca-a sobre meu outro ombro e eu estou tão tranquilo, não consigo mesmo me lembrar de ter estado alguma vez tão tranquilo assim, e olho para uma de suas mãos, vejo sua mão preta e gorda firmemente agarrada em meu ombro, pois o sr. Winckelmann aí está e me agarrou pelos ombros e eu não consigo mesmo me lembrar de ter estado alguma vez tão tranquilo assim. Olho para o sr. Winckelmann. Talvez eu devesse ter medo, mas agora estou completamente tranquilo. Não sinto absolutamente medo nenhum. Olho nos olhos pretos do sr. Winckelmann. Olho de novo para baixo. E você, minha querida Helene, pois claro que eu a amo, minha querida Helene! O que está acontecendo aqui, minha querida Helene? E o sr. Winckelmann agarra fortemente os meus ombros. Olho para cima, nos olhos pretos do sr. Winckelmann. Vejo sua barba preta, sua boca aberta. Estou tranquilo, tão tranquilo quanto nunca devo ter estado antes.

Não estou com medo, digo eu.

E então o sr. Winckelmann me sacode novamente, para um lado e para outro.

Sim, Helene e eu somos namorados, digo eu.

E o sr. Winckelmann solta os meus ombros.

Você vai ter que cair fora daqui, diz ele.

Fora?

Sim, é óbvio.

Sair desta casa?

Sim, sim.

Mas eu.

Não me venha com réplicas. Você deve sair. Sim, agora. Imediatamente.

E ouço o sr. Winckelmann dizer que terei que cair fora imediatamente. E ele não deve estar querendo dizer que devo sair desta casa? Pois acabei de entrar! E Helene e eu somos namorados! E não foi com o sr. Winckelmann que tratei do aluguel. Não posso ficar simplesmente aqui sentado e ouvindo o modo como o sr. Winckelmann diz que devo sair. Ele simplesmente não pode dizer uma coisa dessas! Afinal, não foi com o sr. Winckelmann que eu tratei do aluguel do quarto.

Fora.

Vejo o sr. Winckelmann ir até a janela e então ele se vira e olha para mim. E não posso dizer nada, não posso simplesmente ficar aqui sentado, não seria o caso de eu encher meu cachimbo? Ou devo apenas ficar aqui sentado e ouvir o sr. Winckelmann dizer que terei que sair, que não poderei ficar morando aqui, que não posso mais alugar este quarto?

Você vai ter que sair, hoje mesmo.

O sr. Winckelmann olha para mim.

Está ouvindo o que estou dizendo? Estou falando sério: você vai ter que sair desta casa. Hoje mesmo vai ter que ir embora.

Estou sentado na beira da cama e ouço o sr. Winckelmann dizer que terei que sair desta casa, e então terei mesmo que sair, mas eu não sei para onde devo me mudar, mesmo assim devo então sair.

Está certo, digo eu.

Certo, diz o sr. Winckelmann.

Sim, então eu sairei, digo eu.

E vejo o sr. Winckelmann atravessar o quarto em direção à porta e ao mesmo tempo dizendo bem, bem, eu vejo o sr. Winckelmann parar à porta e

ele se vira e olha para mim.

Até as oito horas da noite de hoje deve estar fora daqui, sr. Hertervig, diz ele.

E eu vejo o sr. Winckelmann abrir a porta e ele novamente se vira e olha para mim.

Sim, a propósito, diz ele, o senhor receberá de volta o que pagou a mais de aluguel. O que é certo é certo.

E o sr. Winckelmann retira uma carteira preta do bolso interno de seu paletó e abre essa carteira. Vejo-o conferir as notas no maço de dinheiro e tirar uma delas.

Aqui, diz ele.

E o sr. Winckelmann deposita uma nota de dinheiro ao lado de minha caixa de tabaco sobre o criado-mudo.

É um pouco a mais, mas deve estar certo assim, diz ele. Portanto, até as oito horas da noite de hoje esteja fora daqui.

Balanço a cabeça concordando. E vejo o sr. Winckelmann sair pela porta, vejo a porta se fechar. E eu disse ao sr. Winckelmann que saio, que saio até hoje à noite, foi o que eu disse e o sr. Winckelmann me devolveu o aluguel que eu havia pago. Ouço passos no corredor. E claro que não consigo sair desta casa, não é? Onde devo morar, então? E como haverei de encontrar então minha querida Helene? Porque Helene quase nunca sai de casa. E eu vejo uma nota de dinheiro sobre o criado-mudo e pego essa nota e enfio-a no bolso do paletó. Deito-me novamente na cama. E ouço uma porta se abrir e tornar a se fechar. Fico deitado na cama. E agora o sr. Winckelmann esteve em meu quarto e me chamou de senhor Hertervig, andou de um lado para outro no quarto e disse que devo estar fora daqui antes das oito horas da noite de hoje. Devo sair desta casa. E não tenho para onde ir. E Helene, minha querida querida Helene, ela não vai poder sair de casa comigo, claro, terá que permanecer aqui neste apartamento. Minha querida Helene mora, afinal, neste apartamento. Mas não posso sair, pois não tenho para onde ir. E também não há nenhum motivo para que eu deva sair, se não fiz nada de errado? só estive aqui em meu quarto, neste quarto que aluguei. Mas o sr. Winckelmann disse que agora devo sair. E eu ouvi Helene gritar chorando, ela não estava gritando não, não!? E por que Helene estava gritando? Porque o sr. Winckelmann fez coisas com ela? Já sei que foi por isso que Helene gritou, porque o sr. Winckelmann fez coisas com ela. Mas Helene quer que o sr.

Winckelmann faça coisas com ela? Não é exatamente por isso que eu devo sair desta casa? Sair para que o sr. Winckelmann possa estar a sós com Helene aqui no apartamento? E eu não posso ficar pura e simplesmente deitado na cama. Tenho que ir ao ateliê, pois Hans Gude espera por mim lá. Hoje Hans Gude, ninguém menos que Hans Gude em pessoa, observará o quadro que estou pintando. Não posso simplesmente deixar de ir. Mas estou tão tranquilo. Não entendo mesmo por que estou tão tranquilo. Afinal, tenho que fazer algo. Não posso ficar assim deitado. Tenho que fazer algo. Pois não tenho mais onde morar. E Helene? como haverei de encontrá-la agora? Tenho que combinar algo com Helene, mas não posso simplesmente ir até ela, não é? perguntar a ela se não podemos nos encontrar? isso certamente eu não posso, não se pode fazer algo assim, pelo menos eu não posso, não agora, que seu tio está na sala, com ela, não agora, que o tio está sentado ao lado dela no sofá e com as mãos sobre seus seios, não! isso não! nem pensar uma coisa dessas! Numa coisa dessas não devo nem pensar. E Gude, que neste momento na certa está diante do quadro que estou pintando, ali parado e esperando e na certa vai perguntar a alguém se me viram hoje e se sabem se eu de fato vou, talvez pergunte também se acham que estou sabendo que ele verá meu quadro hoje. E Gude na certa já viu meu quadro e na certa já constatou que eu não tenho nenhum talento, que não pinto suficientemente bem, isso Hans Gude na certa já constatou, e agora na certa Hans Gude está ali e vários dos outros estudantes, pintores que não sabem pintar, estão ao redor dele e Hans Gude diz a eles que não acha meu quadro particularmente bom, que eu regredi, isso é o que diz Hans Gude aos outros estudantes. E eu não posso, afinal, deixar Hans Gude em pessoa simplesmente ali parado, posso? Tenho que ir ao ateliê e ouvir o que Hans Gude vai dizer sobre meu quadro. Tenho que fazer algo. Tenho que achar um lugar para morar. Tenho que fazer algo. E ouço Helene gritar chorando, não, não, grita ela. Não posso ficar deitado na cama. Tenho que fazer algo. Tenho que ir embora. Preciso fazer as minhas malas. Mas eu tenho a chave da porta do apartamento. Continuo morando aqui. Posso simplesmente sair e depois voltar, quando o tio tiver saído. Torno a me sentar na beira da cama. Minha querida Helene. Terei que me afastar de você. Não tenho alternativa. E você quer que eu vá embora, afinal prefere estar com seu tio. Não quer que eu fique morando aqui. Quer me ver longe. Mas você veio até meu quarto. E, quando veio, eu sabia que era você batendo à porta. E sabia que você não estava vindo para

me dizer algo de bom, ou para me mostrar seus cabelos. Estava vindo até meu quarto porque algo não estava bem. Eu podia sentir isso. Olhei para a porta. Disse entre. E eu a vi parada à porta. Vi-a entrar no quarto. Havia bem pouco, você viera até meu quarto, primeiro batera à porta, depois entrara. E eu vi como você se sentou na cadeira. Eu estava sentado na beira da cama, exatamente como agora, mas não conseguia olhar para você, como? Devia ir até você? O que havia com você, afinal? Devia eu perguntar o que havia com você? Se você queria conversar comigo sobre algo? Mas eu não podia muito bem dizer algo a você. E olhei para você e você olhou para mim. Olhei para baixo. E talvez eu devesse lhe perguntar se havia acontecido algo, mas não pude bem fazer isso. E então perguntei se havia alguma coisa errada. Mas você ficou apenas ali sentada e olhando para o nada. Perguntei se você queria me dizer algo. E então a vi responder que sim com a cabeça. E você apenas ficou ali sentada e olhando para o nada. Ficou apenas ali sentada. E agora tenho que ir embora, não posso continuar sentado, porque seu tio, o sr. Winckelmann, esteve aqui e disse que não poderei mais morar aqui, que terei que sair e achar outro lugar para morar. E você não pode sair desta casa comigo. E você veio até meu quarto, bateu à porta, veio até meu quarto para me dizer que eu terei que sair desta casa. Você também quer que eu saia. E ficou sentada na cadeira e sem dizer nada. E eu não pude bem lhe perguntar o que é que havia, pois você mesma podia ter dito isso, se quisesse. E eu disse que era só você me dizer. E você balançou a cabeça concordando. E então disse que seu tio. E então não falou mais. Seu tio, disse você novamente. Seu tio. E então não disse mais nada. Você disse que bem sabia que seu pai estava morto e que seu tio, disse você. E não posso mais ficar aqui sentado, agora tenho que ir, ainda tenho a chave do apartamento, essa eu não posso ceder, por isso tenho que ir, antes que o sr. Winckelmann se lembre de que ainda estou com a chave. Tenho que me levantar. Tenho que ir. E não quero encontrar Hans Gude. Não quero saber o que ele acha de meu quadro. Tenho que ir a outro lugar. Deve haver, afinal, algum lugar para onde eu possa ir. Todas as pessoas devem poder ir a algum lugar. Tenho que sair daqui. Porque lá fora certamente não faz tanto frio durante o dia. Tenho que caminhar pelas ruas. Posso ir ao Malkasten[1]. Talvez eu também possa entrar no Malkasten, pois agora tenho dinheiro, não? Sim, eu posso. Posso ir ao Malkasten, lá também estão sempre os outros pintores, mas eu nunca estive no Malkasten antes. Eles sempre falam sobre o Malkasten, os outros pintores, que não

sabem pintar, nos encontramos no Malkasten ou ontem à noite no Malkasten, dizem eles. E eu nunca sequer estive no Malkasten. Mas o Malkasten deve viver tão cheio de gente, cheio de pintores que não sabem pintar. Mas com certeza todos só vão ao Malkasten à noite. E certamente não há muita gente no Malkasten agora e eu afinal tenho dinheiro, tenho no bolso de meu paletó uma nota de dinheiro. Posso sair, posso ir ao Malkasten. Pois nunca estive no Malkasten antes. É para lá que eu tenho que ir, ao Malkasten. E então certamente vou poder ficar sentado por algumas horas no Malkasten, esperar algumas horas por lá, e aí eu volto para cá e posso encontrá-la, Helene, pois então seu tio deve estar fora, não? E então nós nos encontraremos. Não é verdade que você quer me ver? E aí também vai mostrar novamente os seus cabelos para mim? E eu me levanto e vou ao corredor. Fecho a minha porta. E agora só tenho que andar depressa pelo corredor, depressa e em silêncio, para que o sr. Winckelmann não me ouça e não se dê conta de que precisa tomar de mim a chave do apartamento. Preciso me apressar. Sigo pelo corredor, em direção à porta do apartamento. E, se eu agora ouvir o sr. Winckelmann vindo, terei que simplesmente correr, pois certamente consigo correr mais depressa que o sr. Winckelmann, que o obeso sr. Winckelmann. Porque o sr. Winckelmann é alto e gordo, enquanto eu sou baixo e magro. O sr. Winckelmann é alto e gordo. Certamente consigo escapar dele correndo. Pois o sr. Winckelmann é alto e gordo. Mas não deveria eu talvez deixá-la só? pois, agora que o sr. Winckelmann está a sós com você, pode fazer o que quiser com você, todas as coisas possíveis, e eu sei exatamente que ele então fará mesmo todas as coisas possíveis com você. Eu sei o que o sr. Winckelmann fará. O sr. Winckelmann vai tocar seus seios. O sr. Winckelmann vai fazer coisas com você. E eu não posso fazer nada. Tenho que matar o sr. Winckelmann. Abro a porta do apartamento. Saio. Fecho a porta do apartamento. E estou ouvindo passos no corredor? É o sr. Winckelmann vindo? O alto e gordo sr. Winckelmann. Desço um pouco da escada. Por estar mesmo ouvindo passos no corredor? Passos em direção à porta do apartamento? Estou mesmo ouvindo passos? São os seus passos, Helene, é você quem vem? Ou é o sr. Winckelmann e quer vir agora tomar a chave? Fico parado na escada, inclino-me contra a parede e vejo a porta do apartamento se abrir e vejo o sr. Winckelmann à porta e ouço-o chamar Hertervig e sigo descendo a escada.

Hertervig!, chama ele mais uma vez.

O sr. Winckelmann vem chamando por mim e eu vou descendo a escada.

Quando o senhor virá buscar as suas coisas?, grita o sr. Winckelmann.

E ouço o sr. Winckelmann gritar e ele está me perguntando quando virei buscar as minhas coisas, mas isso eu não quero lhe dizer e simplesmente continuo descendo a escada e o sr. Winckelmann nem mesmo pergunta pela chave, apenas quando virei buscar as minhas coisas, isso é o que pergunta o sr. Winckelmann. Mas não virei buscar as minhas coisas. Não vou sair desta casa. Vou simplesmente continuar morando no quarto que aluguei. Não vou me virar, não vou olhar em seus olhos pretos, sua barba preta, sua enorme boca aberta. Vou descendo a escada. Ouço o sr. Winckelmann fechar a porta. Vou descendo a escada. E você, minha querida Helene, veio até meu quarto e bateu à porta. E eu sabia que você não tinha nada de bom para me dizer. Eu sabia. E você se sentou na cadeira. Porque hoje você não iria parar tão bonita diante da janela e me mostrar os seus cabelos. Isso eu sabia. Fiquei sentado na cama olhando para você. E eu sabia que você vinha até mim porque queria me contar algo de seu tio, do sr. Winckelmann, daquele nos tecidos pretos, daquele com a barba preta, com os olhos pretos. O que você queria me contar de seu tio? Perguntei se havia acontecido algo com seu tio. E você ficou apenas sentada na cadeira e olhando para o nada. Vou descendo a escada. Abro a porta do prédio e saio. E agora o sr. Winckelmann não pode estar à janela e se inclinar para fora, ele não pode chamar por mim. Agora ninguém pode estar à janela. E não posso encontrar ninguém que eu conheça. Agora não posso encontrar Hans Gude, pois ele, afinal, hoje iria ver o quadro que estou pintando e dizer o que acha bom, o que acha ruim no quadro. Não posso encontrar Hans Gude. Tenho que ir ao Malkasten. Nunca estive no Malkasten antes e hoje vou lá. Tenho que ficar algumas horas no Malkasten, depois tenho que voltar à Jägerhofstraße, para a minha querida Helene. E então seu tio não pode estar mais aqui. Não é verdade que seu tio não estará mais aqui? E sua mãe também não. Estaremos somente você e eu. Vou para a rua. Caminho pela rua. E o que acontece com seu tio? Preciso lhe perguntar, Helene, o que acontece com seu tio. Afinal, ele está constantemente no apartamento, vem à tarde, à noite, quase sempre quando sua mãe não está, o sr. Winckelmann vem. Por que o sr. Winckelmann vem com tanta frequência ao apartamento? E o sr. Winckelmann bateu à minha porta, entrou em meu quarto, disse que eu, sr. Hertervig, tinha que sair desta casa, porque não podia mais morar no quarto alugado, eu tinha que sair, ainda hoje, até as oito da

noite devia estar fora, disse o sr. Winckelmann. E então o sr. Winckelmann se foi. Mas eu não quero sair. Quero morar próximo de você, de você minha querida Helene. Não é verdade que você quer que eu more com você? Eu bem sei que você quer isso. Porque, afinal, você Helene e eu somos namorados, não? Vou caminhando pela rua. Ah, você, Helene, minha querida Helene. Hoje você veio até meu quarto, sentou-se na cadeira, não disse nada. E eu sabia que você queria contar algo sobre seu tio. Mas o que queria me contar sobre seu tio? Isso eu tenho que perguntar, tenho que perguntar o que acontece com seu tio, por que você quer conversar comigo sobre seu tio? Você ficou ali sentada na cadeira e olhando para o nada. E eu lhe disse que você podia dizer tranquila o que se passava. E então você disse que achava que seu tio queria que eu saísse. Olhei para você. Devo sair desta casa? E para onde devo ir? Devo sair desta casa? E como devo então encontrar minha querida Helene? E por que devo sair? O sr. Winckelmann quer tê-la para si? Olhei para você, você estava ali sentada na cadeira e olhava para o chão. E eu perguntei por que devo sair? E você disse que sua mãe e seu tio haviam conversado sobre isso ontem, e seu tio dissera que eu tinha que sair, disse você, e você disse que sua mãe concordara. E eu vou caminhando pela rua, estou indo ao Malkasten. Hoje tenho dinheiro e irei ao Malkasten. Pela primeira vez, aliás, irei ao Malkasten. Todos os outros pintores vão lá, até mesmo quando são pintores que não sabem pintar, mas eu nunca estive no Malkasten antes. Agora estou indo ao Malkasten. Tenho dinheiro e agora vou ao Malkasten. E seu tio, o gordo sr. Winckelmann, disse que eu devo sair. Terei que sair desta casa. E estou indo ao Malkasten. Tenho que encontrar outro lugar para morar. E não poderei nunca mais reencontrá-la, nunca mais poderei revê-la, minha querida Helene. Mas não é verdade que você quer me encontrar, Helene? Não é verdade que somos namorados? Afinal, dissemos um ao outro que somos namorados. E você me mostrou os seus cabelos. E veio até meu quarto, sentou-se na cadeira. E olhou para o chão. E eu vi em você que seu tio quer tê-la só para si e que não me queria mais no apartamento. E não pude lhe perguntar por que seu tio queria tê-la só para si. Você esteve nua com seu tio? Vocês fizeram coisas um com o outro? Coisas que nós nunca fizemos, que eu nem em pensamento poderia fazer com você? Vocês, seu tio e você, fizeram coisas juntos? Ou foi seu tio, esse homem enorme e obeso, que fez coisas com você? E eu pensei que seu tio a tocava com aquelas suas mãos gordas e peludas. E pensei que você, minha querida

querida Helene, gostava dessas coisas que seu tio fazia com você. Ou seu tio fazia coisas com você contra a sua vontade? Que você apenas deixava acontecerem? Porque não tinha alternativa, já que seu tio era tão grande e ameaçador? Olhei para baixo, para minhas mãos, e elas tremiam, sacudiam-se para cima e para baixo. Suas mãos também tremiam, não é verdade? Talvez você também quisesse que eu fosse embora? Para poder fazer tudo com seu tio sem que eu estivesse por perto? Para poder estar a sós com seu tio? Era isso que você queria? Que ele a tocasse no meio das pernas com sua mão gorda? E eu olho para o nada. Vou caminhando pela rua, em direção ao Malkasten. Hoje eu deveria ouvir o que Hans Gude acha de meu quadro, mas em vez disso estou indo ao Malkasten. Vou pela primeira vez, aliás, eu, Lars Hertervig, um dos maiores talentos da arte jovem norueguesa, pois isso é o que sou! bem o sei! e pela primeira vez, aliás, estou indo ao Malkasten. E minha querida Helene espera por mim. E logo voltarei para casa, para você, minha querida Helene. E você não me deseja nenhum mal, pois somos namorados. Mas por que seu tio quer que eu saia? Por que não posso mais alugar o quarto? Isso eu tenho que perguntar a você, mas não deveria precisar perguntar, porque você deveria me contar por si mesma. Pois somos namorados, não? Então você tem que me contar por que eu devo sair do apartamento. Você tem que me contar se acha que eu tenho que sair, sim? Por que acha que eu tenho que sair? Por que quer apenas estar com seu tio? Ora, ele tem a mesma idade de seu falecido pai! E ele vai quase todo dia ao apartamento de vocês, algumas vezes quando sua mãe está, mas na maioria das vezes quando você está sozinha em casa. Por que você prefere estar com seu tio a estar comigo? Vou caminhando pela rua e vejo-a sentada na cadeira e olhando para o chão. Por que você quer que eu saia? Responda-me, Helene. Por que vem até mim e diz que seu tio disse que devo sair do quarto que alugo de sua mãe, a sra. Winckelmann? Por quê? Você deve saber me dizer por que eu tenho que sair. Olho para você. Vejo-a sentada na cadeira, você olha para o chão. E você prefere seu tio a mim. Não é isso? É tão adorável com você, esse seu tio? Você olha para cima, para mim. Olha para mim com olhos bem abertos. Por que está envolvida com seu tio? E gosta, afinal, de estar envolvida com ele. E você apenas olha para mim. E eu pergunto por que quer que eu saia? Olho para minhas mãos, elas estão tremendo. Minhas mãos sacodem para cima e para baixo. E você diz que seu tio disse que vou ter que sair, ele disse isso à sua mãe, e ela concordou. Olho para você e você se

levanta. Vejo-a em pé diante da cadeira, então você atravessa o quarto. E eu lhe pergunto por que quer que eu saia? Por que prefere estar com seu tio? O que eu fiz de errado? E eu lhe pergunto: ele faz coisas com você frequentemente? Por que diabos quer que eu saia desta casa? Por que diabos faz tais coisas com seu tio? Já faz isso há muito tempo? Faz isso desde menina? O que diabos você faz? E vejo-a parada, em pé, diante de mim. Estou sentado e olho fixamente para minhas mãos, elas estão tremendo. Olho fixamente para minhas mãos. Você gosta quando ele a toca? Pede isso a ele? Ainda que ele pudesse ser seu pai? Olho fixamente para minhas mãos, elas estão tremendo. Olho para cima, para você. Seus olhos estão pretos. Vou caminhando pela rua e vejo seus olhos. Vou caminhando pela rua e tenho que a encontrar. Tenho que ir até você. Tenho que estar com você. Estou indo ao Malkasten. Ficarei algumas horas no Malkasten, até que seu tio tenha ido embora estarei lá e então voltarei até você. Tenho que estar com você. Vejo-a aí em pé, com seus olhos pretos, então você abre a porta e vai para o corredor. Vou caminhando pela rua e tenho que a encontrar. Você não pode desaparecer da minha vida. Não posso perdê-la. Vou caminhando pela rua. Logo estarei no Malkasten. Pela primeira vez hoje vou também eu ao Malkasten. E se eu simplesmente não encontrar ninguém agora, ficará tudo bem. Mas não posso encontrar nenhum dos pintores que não sabem pintar. Quero que o Malkasten esteja vazio, que não haja uma única pessoa por lá, é a primeira vez que vou ao Malkasten e quero que não haja ninguém por lá quando eu entrar pela porta. Ninguém deve estar sentado no Malkasten e me ver entrar. Hoje estou indo ao Malkasten, pela primeira vez. Mas e se ele nem estiver aberto? Nunca estive no Malkasten antes e agora estou indo lá. Vou caminhando pela rua. Dobrarei a próxima esquina e já poderei ver a porta do Malkasten. Estou indo ao Malkasten. Ficarei sentado por algumas horas no Malkasten e então irei até você, até você, minha, minha! querida Helene. Dobro a esquina. E agora não posso encontrar nenhum dos pintores que não sabem pintar, agora ninguém pode me ver. Dobro a esquina e vejo a placa em que se lê Malkasten. E posso ver que há luz dentro do Malkasten. Então também posso entrar. Pois eu tenho dinheiro. E nunca estive no Malkasten antes, aonde vão sempre todos os outros pintores, que não sabem pintar, ontem à noite no Malkasten, dizem eles, nos vemos no Malkasten, mas eu nunca estive no Malkasten antes. E não posso ver ninguém. Estou indo ao Malkasten. E dentro do Malkasten há luz acesa. Agora eu também vou entrar

no Malkasten, afinal hoje tenho dinheiro. Chego à porta. Agora, finalmente também eu vou entrar, Lars Hertervig, Lars Hattarvåg da enseada onde as ilhas parecem chapéus, finalmente também ele vai entrar no Malkasten, aí aonde vão todos os outros pintores, que não sabem pintar. Pela primeira vez, Lars Hertervig vai entrar no Malkasten. Abro a porta. Vejo a luz chegando até mim, muita luz. E fumaça. Agora eu me viro, agora vou realmente entrar, também posso passar pela porta do Malkasten, porque não tenho para onde ir, então também posso, afinal, entrar no Malkasten. Abri a porta e vou entrar. E agora só tenho que entrar por inteiro no Malkasten e então ficarei um tempo no Malkasten, tenho que ficar algumas horas sentado no Malkasten e então voltar até você, pois então seu tio certamente já terá ido embora. E então eu tenho que voltar à Jägerhofstraße. E agora eu provavelmente terei que olhar para cima e ao meu redor no salão. E agora nem um único dos pintores que não sabem pintar pode estar no Malkasten. Estou diretamente do lado de dentro da porta. Estou dentro do Malkasten. E vejo Alfred, um dos pintores que não sabem pintar, um desses que sempre falam sobre o Malkasten, sentado a uma mesa redonda, e ele folheia um jornal. Eu não podia ter encontrado Alfred. E Alfred não pode me ver. Mas agora estou no Malkasten e agora Alfred está no Malkasten. Vejo Alfred ali sentado e folheando um jornal, e ele não levanta os olhos. E agora eu logo estarei de novo com você, minha querida Helene. Não é verdade que irei até você? E não é verdade que você está esperando por mim? Olho o lugar, por cima da cabeça de Alfred, e vejo que está vazio, não fosse Alfred, eu poderia estar sentado sozinho no Malkasten. Estou hoje pela primeira vez no Malkasten, eu tenho dinheiro e gostaria de estar só. Pois ainda é de manhã, por isso é que não há ninguém ainda no Malkasten. E agora Alfred está ali sentado. E eu não quero me sentar com ele. Quero ficar sentado sozinho. Não quero conversar com Alfred. Quero estar só. Porque Alfred não sabe pintar, ele é um daqueles pintores que não sabem pintar. E eu não quero falar com ele. Posso me sentar sozinho a uma mesa, porque eu tenho dinheiro, no bolso de meu paletó tenho uma nota de dinheiro, pois o sr. Winckelmann me deu uma nota de dinheiro e ele disse que isso era o que eu havia pago a mais no aluguel. Agora estou no Malkasten e posso pedir algo. Posso pagar. Tenho que passar por Alfred. Tenho que me sentar sozinho a uma mesa. Quero ficar sentado sozinho. Não é verdade, Helene, que ficarei sentado sozinho? Atravesso o salão e passo pela mesa redonda onde está Alfred e ele não levanta os olhos de seu jornal.

Continuo andando pelo salão. E Alfred não pode me ver agora, nem pode em hipótese alguma falar comigo. Continuo andando pelo salão. E logo estarei de novo com você, minha querida Helene. Continuo andando pelo salão. E Alfred não me notou. Agora estou no Malkasten, pela primeira vez. Sou o maior talento da arte jovem norueguesa e agora estou pela primeira vez no Malkasten, ponto de encontro dos artistas de Düsseldorf. E não sou qualquer um. Sou Lars Hertervig. Eu sei pintar. Eu realmente sei pintar. Continuo andando, devo encontrar uma mesa para mim, bem no fundo do Malkasten, onde eu possa ficar sentado sozinho. Eu tenho dinheiro, posso pagar.

Esse aí não é o Hattarvåg?

E claro que Alfred tem que chamar. Alfred chama, chama. Mas eu não responderei. Simplesmente continuarei andando pelo Malkasten. Continuo simplesmente andando pelo salão, pois agora estou no Malkasten e tenho dinheiro. E Alfred não vai me levar a fazer algo que eu não queira.

O Hattarvåg!

Alfred chama de novo, mas eu não lhe responderei. Continuo simplesmente andando pelo salão.

Venha logo e sente-se aqui!

E Alfred chama e diz que eu, o Hattarvåg, tenho que ir lá, sentar-me com ele à mesa redonda. Mas eu não quero ficar sentado com Alfred, pois Alfred não sabe pintar, ele é um pintor que não sabe pintar, e eu não quero ficar sentado com ele. Agora tenho dinheiro e tenho uma amada, minha querida querida Helene, e não quero ficar sentado com Alfred. Continuo andando pelo salão. Agora tenho dinheiro, eu sei pintar e faço o que quero.

Hertervig!

Alfred chama de novo. E ele não para mesmo com esses chamados. E por que, Helene, você está me dizendo que eu devo me virar e dizer algo a Alfred? Por que está me dizendo isso, que devo me sentar com Alfred? Não estou com a mínima vontade de me sentar à mesa redonda, com Alfred. Só quero ter a minha paz. E você diz que eu devo me sentar com Alfred. Não quero me sentar com Alfred. E eu paro, me viro e olho para Alfred.

Venha logo e sente-se aqui, diz Alfred.

E você, Helene, diz que eu devo ir até lá e me sentar com Alfred. Vou até a mesa redonda e me sento com Alfred.

O Hattarvåg tão cedo e já pela rua hoje, diz Alfred. Nada mau. O que lhe disse Gude hoje? Gostou de seu quadro?

Gude?, pergunto eu.

Sim, ele não ia ver seu quadro hoje?

Olho para Alfred, depois olho para a mesa.

Você não esteve no ateliê?, pergunta Alfred.

Não, digo eu.

Não teve coragem?

Claro que tive, mas.

Eu mesmo também não fui, diz Alfred.

E Alfred coloca o jornal à sua frente na mesa. Alfred olha para mim.

Não, digo eu.

Fiquei dormindo, depois vim para cá, diz Alfred.

E Alfred pega seu copo de cerveja e o leva à boca.

Sim, sim, digo eu.

Sim, como você pode ver, diz ele. Já é meu segundo.

E eu vejo Alfred tomar um gole de cerveja, depois recolocar o copo à sua frente na mesa.

Beba, ninguém é de ferro, diz ele.

Sim, é verdade, digo eu.

Então você não teve coragem de ir até o Gude, hein, diz ele.

Enfim, digo eu.

Não, posso entender bem isso, pois eu também não tive. Ou até tive coragem. Mas eu não tinha nada para mostrar a ele. Isso é que é.

E eu apenas balanço a cabeça concordando.

Nos últimos tempos, não tenho pintado muito. Na verdade, praticamente não pintei, diz Alfred.

Não.

Eu não, diz Alfred.

E novamente Alfred ergue o copo de cerveja, toma mais um gole, recoloca o copo na mesa.

Assim não dá, não, diz ele. E você, Hattarvåg? Como anda?

Não tenho do que reclamar.

E Alfred olha para mim e eu fico ali sentado e olhando para a mesa. E provavelmente também vou ter que pedir alguma coisa para beber, mas eu não tenho dinheiro, tenho tão pouco dinheiro e esse pouquinho que tenho eu recebo de outrem, não, eu não posso beber nada, não posso gastar com bebida o pouco dinheiro que tenho, preciso economizar meu dinheiro. Porque todo o

dinheiro eu recebo de outrem. Consigo-o com alguma destreza, enfim. Eu não tenho dinheiro, mas Hans Gabriel Buchholdt Sundt, esse tem dinheiro. É o dinheiro dele que eu tenho, por isso não posso gastá-lo com bebida. E por que você, minha querida Helene, pediu que eu viesse me sentar com Alfred? Afinal, eu preferia estar só. Pois só quero estar com você, mas você está com seu tio. Por que você está sempre com seu tio? Você deveria estar comigo, pois somos namorados, não? Não posso ficar aqui sentado. Logo terei que voltar para casa. Logo terei que voltar para casa, na Jägerhofstraße, pois ali me aguarda minha querida Helene. Ela está lá, sentada a seu piano, e seus dedos tocam a mais bela música de piano. Só vou mesmo dar uma passada rápida pelo Malkasten. Não vou ficar muito tempo aqui sentado. Não vou ficar muito tempo aqui sentado, não. E logo tenho que ir embora de novo. Porque o tio de Helene, o sr. Winckelmann, chegou e não a deixa em paz. Minha querida Helene. É que o tio sempre faz coisas com ela. Seu tio faz coisas com você, Helene? E seu tio disse que eu terei que sair desta casa. Não posso ficar aqui sentado. Não sei por que vim ao Malkasten, pois eu nunca havia estado aqui antes, mas ouvia falar tanto sobre o Malkasten, provavelmente era por isso que eu tanto queria vir aqui. Mas não posso ficar aqui sentado. Tenho que ir. Não posso deixar minha querida Helene sozinha com seu tio. Não sei por que vim ao Malkasten. E Alfred está aí sentado e olhando para mim. Não posso olhar para Alfred. Eu me viro e observo o salão. E vejo os tecidos pretos e brancos. Vejo os tecidos pretos e brancos vindo em minha direção. Novamente os tecidos pretos e brancos vêm em minha direção. Olho para os tecidos pretos e brancos. Olho fixamente para os tecidos pretos e brancos. Vejo os tecidos pretos e brancos e ouço aquele que está ao meu lado perguntar o que é que há? por que você está olhando assim tão fixo?, pergunta ele, e eu vejo os tecidos pretos e brancos se movendo em minha direção. Preciso me levantar. Tenho que ir. E Helene! Você está me ouvindo? Será que não pode me dizer algo? Por que pediu que eu me sentasse à mesa com Alfred? Afinal, eu não queria me sentar aqui. Mas agora logo irei até você. E agora eles estão vindo novamente em minha direção, em seus tecidos pretos e brancos eles vêm em minha direção. Os tecidos se movem bem rente a mim. Eles ficam o tempo todo dando voltas ao meu redor em seus tecidos, nos tecidos pretos e brancos, eles ficam o tempo todo dando voltas ao meu redor, em tecidos que não podem ser tecidos, isso qualquer um pode ver, apesar disso eles ficam continuamente dando voltas ao meu redor

nesses tecidos brancos e pretos, como se fossem pessoas, sendo que qualquer um que saiba ver pode ver que eles não são pessoas, tampouco são animais, pois não sabem falar nem gritar, apenas encarar, eles me encaram o tempo todo e se movem ao meu redor, bem rente a mim, depois tomam distância de mim, mas só um pouco de distância, eles se movem a apenas um braço de distância, depois vêm novamente bem rente a mim. Não adianta nada eu falar com eles. Mas se eles vêm, não tenho alternativa, senão falar com eles.

Sumam daqui, digo eu. Agora parem de me atormentar.

E o outro, sentado aí ao meu lado no Malkasten, que é pintor, mas não sabe pintar, ele está sentado ao meu lado e começa a gargalhar. Ouço exatamente que esse sentado ao meu lado está rindo de mim. Ele não pode rir.

Você não sabe pintar, digo eu.

Mas eu sei pintar. Sou Lars Hertervig e sei pintar. Mas esse sentado ao meu lado não sabe pintar. E, por ele não saber pintar, diz que eu não sei pintar. E então os tecidos voltam a mover-se ao meu redor, bem rente a mim, depois a alguma distância. Os tecidos se agarram firme em torno de mim. E eu vejo a garçonete vir com copos de cerveja, com garrafas cheias de aguardente, ela vai de mesa em mesa, em seu vestido preto e de avental branco ela vai de mesa em mesa e enche de aguardente copos pequenos, coloca os copos sobre as mesas, enche copos grandes com cerveja, copos pequenos com aguardente, e é a garçonete que põe em movimento os tecidos pretos e brancos ao meu redor, pois ela sorriu para mim, ela piscou para mim e é ela quem manda, é ela quem faz com que os tecidos pretos e brancos se agarrem a mim e não me deixem em paz, eles vêm se agarrar em torno de mim, pois os tecidos pretos e brancos se agarram em torno de mim, movem-se em minha direção e depois se afastam de mim.

Sumam daqui, digo eu.

Pois os tecidos não devem se agarrar assim a mim. Os tecidos têm que me deixar em paz.

Agora sumam daqui, digo eu.

Com quem você está falando?, pergunta esse que está sentado ao meu lado.

Mas os tecidos pretos e brancos simplesmente continuam e se agarram em torno de mim. Agora a garçonete está aí parada, com seu vestido preto e o avental branco, e coloca um copo de cerveja diante desse que está sentado ao meu lado à mesa, que se chama Alfred e que bem quer, mas não sabe pintar. Sentou-se há algum tempo ao meu lado à mesa. E ele não sabe pintar. Ele se

chama Alfred e não sabe pintar. Também ele tem tecidos pretos e brancos e ele fala o tempo todo, mas apenas com a garçonete, não comigo, e, se eu disser algo, esse que está sentado ao meu lado vai olhar para mim. Portanto, agora tenho que ir. Não posso mais ficar aqui sentado. Pois esse que está sentado ao meu lado está me olhando assim.

Agora tenho que ir, digo eu.

Sim, faça isso, diz esse que está sentado ao meu lado.

Você é tão maldoso comigo, digo eu. Vocês todos são tão maldosos comigo.

Não somos, não, diz ele.

São, sim, vocês são sórdidos comigo.

E então a garçonete chega à nossa mesa e se posta diante de nós, do outro lado da mesa redonda, ela está vestida de preto e branco e seus tecidos pretos e brancos se movem o tempo todo para perto de mim, depois afastando-se de mim, o tempo todo seus tecidos pretos e brancos se movem para perto de mim, para longe de mim.

Claro que ninguém é sórdido com você, como pode dizer uma coisa dessas, diz a garçonete.

E ela fica aí parada e olha para mim com seus seios. Ela sorri para mim e eu disse que eles são sórdidos comigo, foi o que eu disse à garçonete.

Não mesmo, diz a garçonete.

São, sim, eles são sórdidos comigo, digo eu.

O que eles estão fazendo para você?, pergunta ela.

E a garçonete fica aí parada e sorri para mim com seus seios.

Eles ficam dançando em volta de mim, bem rente, depois longe de mim, é isso que fazem, digo eu.

Nós estamos dançando rente a você?, pergunta ela.

E eu vejo a garçonete aí parada e sorrindo para mim com seus seios e então ela pisca para esse que está sentado ao meu lado, para esse que se chama Alfred e não sabe pintar. A garçonete pisca, torna a piscar, e suas pálpebras se fecham devagar e voltam a se abrir devagar, e as palavras que ela diz se alongam lentamente, suas palavras se alongam e os tecidos pretos e brancos se postam em torno de meu corpo, agarram-se a mim, movem-se para longe de mim, para perto de mim, para longe de mim, mas nunca mais longe que à distância de um braço se movem esses tecidos, e então os tecidos voltam a se aproximar de mim, depois recuam de novo para longe de mim e eu não posso

mais continuar simplesmente sentado aqui em meio a esses tecidos pretos e brancos, é preciso fazer algo, levantar-se, dizer algo, tenho que afugentar os tecidos pretos e brancos, pois eles não podem ficar simplesmente se agarrando em mim, não desse jeito, e agora eles dizem algo, eles sussurram, a garçonete está em pé atrás desse sentado ao meu lado e ela se abaixa em direção a seu ouvido e agora lhe sussurra algo e ele sorri e vira os olhos, como se fosse olhar para algo no teto, esse que está aí sentado e olhando para o teto e então dá um sorrisinho de zombaria e balança a cabeça concordando, e a garçonete recua e se inclina de novo, então é ele que lhe sussurra algo no ouvido e ela balança a cabeça concordando, balança a cabeça o tempo todo concordando, ele recua, olha para ela, eles balançam a cabeça um para o outro concordando, eles ficam aí parados e balançam a cabeça concordando, balançam a cabeça concordando, somente balançam a cabeça concordando e ele presumivelmente é um pintor, mas é um mau pintor, não sabe pintar, só imagina saber pintar, mas todos sabem que ele apenas quer pintar, porque gostaria muito de saber pintar, porque imagina que a garçonete iria gostar de alguém que soubesse pintar, por isso ele gostaria de saber pintar, mas a garçonete só gosta de quem realmente sabe pintar, não de sujeitos como ele, pois ele não sabe pintar, mas eu, eu sei pintar, todos sabem disso, até mesmo Gude sabe, só não esse que se chama Alfred e não sabe pintar, só sabe ficar sentado no Malkasten tomando cerveja e aguardente, pois eu sei pintar e agora também posso tomar cerveja e aguardente, ou posso tomar café, mas esse que se chama Alfred não sabe pintar, só rir, gargalhar e sussurrar no ouvido da garçonete, isso é tudo que ele sabe fazer, e ele não é nada mais que tecidos pretos e brancos que se movem o tempo todo, mas pintar, isso ele não sabe. Chama-se Alfred e é um mau pintor. Mas sussurrar com a garçonete, isso ele sabe. Alfred está aí parado e sussurra com a garçonete. Alfred e a garçonete se abraçam. E agora a garçonete se senta em seu colo. Agora a garçonete está sentada em seu colo, o braço em torno do pescoço dele. E ele colocou o braço em torno das costas dela. E então a garçonete logo deve se levantar e ir para trás do balcão e depois trazer mais um copo de cerveja e depois, quando ela finalmente se levantar do colo de Alfred, vai para dentro, para trás de nós, a uma mesa atrás de nossa mesa, atrás de nós no salão, lá atrás ela vai se sentar então no colo de outro homem e colocar o braço em torno do pescoço dele e acariciá-lo na bochecha suja. Ela o acaricia na bochecha suja. A garçonete encosta o rosto no pescoço dele e então olha para

cima em sua direção, beija-lhe o pescoço e então vem de novo para a frente e sorri para mim, sorri e acena para mim com a cabeça, e então vem até mim, enquanto o tempo todo sorri para mim, vem até mim, diretamente até mim, e agora o vestido preto está tão colado a seu corpo e o avental branco também está bem preso em torno dela, agora seu avental se move só um pouco, na borda, enquanto ela anda, o avental se move só um pouco, na borda, como se ao vento, como se pelo vento, o avental branco se move por causa dos movimentos dela, quando ela anda, tão leve, aí vem ela em minha direção, tão leve, tão sorridente, porque ela vem em minha direção, sorridente. Ela vem sorridente. Em minha direção. Anda rápido, mas seus movimentos são lentos. E esse ao meu lado, que se chama Alfred, fica aí sentado, olhando para a mesa. Ela vem em minha direção. Vem sorridente. E eu olho para esse que está sentado ao meu lado. Fica aí sentado e olha para a mesa, sorri consigo mesmo, de boca fechada, fica com um risinho no rosto. Ele fica sentado, com seu risinho, e a garçonete senta-se em seu colo. A garçonete vem em minha direção, sorri, vem em minha direção, vem sorridente em minha direção e se senta no colo desse sentado ao meu lado e assim eu não consigo pintar, assim não consigo ver, pois a garçonete vem sorridente em minha direção, sorridente, ela vem, a garçonete vem em minha direção e a garçonete está sentada no colo do sujeito ao meu lado e beija-o na bochecha. Porque a garçonete o beija na bochecha. A garçonete está parada diante de mim e deve sumir, ela aí em seus tecidos pretos e brancos.

Mais alguma coisa para beber, Lars?, pergunta a garçonete.

E ela está diante de mim e pergunta se eu quero mais alguma coisa para beber, como se eu já tivesse bebido algo, mas só estive aqui sentado, numa cadeira, por várias horas, talvez, e não bebi nada.

Não quer mais nada para beber, Lars?, pergunta a garçonete.

E a garçonete olha sorrindo para mim. E por que ela está dizendo meu nome? Por que está dizendo Lars? Então ela sabe que eu me chamo Lars? Como pode saber que meu nome é Lars Hattarvåg?

Um copo de cerveja, talvez, Lars?, pergunta ela. Ou talvez uma aguardente, Lars?

A garçonete fica parada em seu avental branco e seu vestido preto, diante de mim, em pé do outro lado da mesa redonda, e pergunta se eu gostaria de beber algo. Mas tenho tão pouco dinheiro. E isso eu não posso dizer a ela, não a ela, que sorri para mim de um modo tão bonito com seus seios. Pois a

garçonete olha para mim de um modo tão bonito.

Talvez um copo de cerveja, digo eu.

Um copo de cerveja, pois não, Lars Hertervig, diz ela.

E eu olho para esse que está sentado ao meu lado, esse aí sentado com ela no colo, ela que agora vai buscar cerveja, ele passou o braço em torno das costas da garçonete e ela passou o seu braço em torno do pescoço dele. A garçonete está sentada em seu colo. E agora a garçonete anda através do salão. Esfrego os olhos, limpo meus olhos. Fecho os olhos, aperto-os. Abro os olhos. E vejo os tecidos pretos e brancos se movendo ao meu redor, e eu sei que é a garçonete quem faz com que os tecidos pretos e brancos se movam, que é ela quem decide sobre os tecidos pretos e brancos e faz com que esses tecidos se movam depressa, depois se movam lentamente, os tecidos pretos e brancos aproximam-se de mim, agarram-se a mim, depois afastam-se de mim, agarram-se, movem-se afastando-se de mim, eles agarram-se, eles esvoaçam ao meu redor, agarram-se, esvoaçam, querem me carregar consigo para o preto e para o branco, e é porque eu sei pintar que eles querem me carregar consigo, enquanto os outros não sabem pintar, por isso não querem me deixar em paz. Eles não sabem pintar.

Você não sabe pintar, digo eu.

Ah, não?, pergunta esse que está sentado ao meu lado.

Não, digo eu.

Mas você sabe, não é?, diz ele.

Eu sei pintar, digo eu, e Tidemand também.

Você não sabe pintar. Mas, como tem amigos que sabem pintar, vendeu um quadro, se é aí que quer chegar.

Dois quadros, digo eu.

Dois quadros, que seja, diz ele.

Eu sei pintar, digo.

Sim, se quer acreditar nisso, diz ele. Você não sabe pintar, mas Gude mesmo assim vendeu um de seus quadros.

Eu sei pintar, digo.

Sim, você é melhor que Tidemand, e aliás melhor até que Gude, hein, por que é que afinal estuda com Gude, diz ele. Você bem poderia ter ficado em Stavanger ou no lugar de onde veio.

Eu sei pintar, digo eu.

Também sabe o caminho de casa, diz ele.

Mas eu sei pintar e os tecidos pretos e brancos, por mim, podem se mover quanto quiserem, pois sou mesmo capaz de vê-los. Sou mesmo capaz de vê-los. Por isso eles não precisam mais ficar se movendo, pois eu os vi e sei pintar, mas assim nunca haverei de pintar, nunca haverei de pintar assim, do modo como os tecidos pretos e brancos se movem, então, que os tecidos se movam à vontade, mas não venham se mover em direção ao meu rosto, isso eles não podem, meu rosto eu quero só para mim mesmo, ninguém deve perturbar meu rosto, por isso tenho que acender meu cachimbo de novo, porque eles não podem ficar se movendo assim, pretos e brancos, diante de mim, em minha direção, bem rente a mim e depois a alguma distância, mas os tecidos nunca se afastam para mais que um braço de distância de mim e agora os tecidos têm que me deixar em paz, pelo menos meu rosto eles têm que deixar em paz, mas meu cachimbo está aí, afinal, na mesa, e a caixa de tabaco está aí ao lado do cachimbo e sobre a caixa de tabaco estão os fósforos e agora eu os transformarei em fumaça, esses tecidos pretos e brancos que vêm se agarrar a mim, assim, simplesmente transformo-os em fumaça, pego o cachimbo e encho-o por completo e então os transformo em fumaça. Estico a mão para pegar o cachimbo, mas esse sentado ao meu lado o apanha para si.

Devolva meu cachimbo, digo eu.

Que cachimbo?, pergunta ele.

Você pegou meu cachimbo, digo eu.

Este é o meu próprio cachimbo, comprado com meu próprio dinheiro, foi ele que eu enfiei agora mesmo no bolso do meu paletó, diz ele.

Não, esse é o meu cachimbo, devolva meu cachimbo, digo eu.

E olho para esse que esteve sentado ao meu lado e que acabou de pegar meu cachimbo, ele balança a cabeça. Mantenho a mão sobre seu ombro, encaro-o.

Esse é o meu cachimbo. Eu o peguei, eu o resgatei bem no momento em que você ia pegá-lo, diz ele.

Por que você mente assim?, pergunto eu.

Você está dizendo que eu peguei seu cachimbo, seu canalha. Por que você é assim?, diz ele.

Por que eu sou assim?

Sim, por que está mentindo assim?

Não estou mentindo.

Claro que está, está dizendo que eu peguei seu cachimbo, mas esse que

peguei é meu próprio cachimbo.

Esse é o meu cachimbo, digo eu.

Seu cachimbo, seu cachimbo, diz ele.

Devolva meu cachimbo.

Você que fume seu próprio cachimbo, isso sim, diz ele.

Tiro a mão de seu ombro e ele pegou meu cachimbo e eu tenho que recuperar meu cachimbo, ele pegou meu cachimbo, tenho que o pegar de volta, enfio a mão em seu bolso e ele agarra meu pulso. Ele segura meu pulso.

Quero meu cachimbo de volta, digo eu.

Agora sossegue, diz ele.

Com minha outra mão, tento soltar a dele, mas com sua outra mão ele segura também a minha outra.

Agora desista de uma vez por todas, diz ele.

Desista você de uma vez por todas, digo eu.

Mas esse é o meu cachimbo, diz ele.

Eu quero fumar, então devolva meu cachimbo, digo eu.

Ficaremos aqui assim parados, diz ele.

Eu vou ficar aqui assim parado até conseguir meu cachimbo de volta.

O meu cachimbo você não vai conseguir nunca, diz ele.

Tento soltar minhas mãos, mas ele segura firme os meus pulsos, mantendo-os bem presos, ele me segura e eu estou em pé ao seu lado e ele mantém meus pulsos presos e eu estou em pé ao seu lado e estamos, afinal, no Malkasten, certamente há muita gente no Malkasten e eu estou em pé a uma mesa redonda, próximo à porta, e há gente ao nosso redor, em quase todas as mesas há gente sentada olhando para mim aqui, por toda parte há olhos que miram ao meu redor e numa enorme velocidade vêm tecidos pretos e brancos em minha direção, agora vêm os tecidos, sim, os tecidos pretos e brancos movem-se ao meu redor, bem rente a mim, depois movem-se abruptamente, muito rápido, para longe de mim, e de todos os olhos que não param de olhar para mim vêm os tecidos pretos e brancos, pois todos estão sentados aí e olhando para mim, me encarando, pois em todas as mesas há gente, nas mesas à frente de nós e atrás de nós há gente sentada e nos encarando aqui e agora eles vêm todos, em tecidos que são pretos e brancos vêm em minha direção e os tecidos se colocam em torno de meu corpo, pois agora eles vêm em nossa direção, os tecidos se movem em minha direção, os tecidos se

movem até mim, os tecidos se movem em minha direção, agora os tecidos vêm em minha direção. Aí estão pessoas sentadas e olham para mim e de seus olhos vêm tecidos pretos e brancos em minha direção e os tecidos se colocam por cima de minha cabeça e não consigo ver mais nada e não consigo mais respirar e estou com minhas mãos no bolso do paletó desse que esteve sentado ao meu lado, que se chama Alfred e não sabe pintar, e eu sinto que meu cachimbo está em seu bolso, mas não consigo ficar aqui e manter minhas mãos em seu bolso, não dá para eu ficar aqui e manter as mãos no bolso de seu paletó, mas ele segura as minhas mãos com firmeza e os tecidos pretos e brancos pendem sobre minha cabeça, os tecidos tapam minha boca, os tecidos estão sobre minha cabeça, os tecidos vêm em minha direção e eu não consigo mais respirar, somente bem depressa, quando os tecidos pretos e brancos se afrouxam um pouco, os tecidos vêm dessa gente sentada a todas as mesas e olhando aqui para mim, vêm de seus olhos, pois de todas as mesas ao meu redor, de todas as pessoas, de seus olhos vêm esses turbilhões, esses turbilhões no ar, que querem me pegar, e eles me pegam e se colocam em torno de mim e querem me pegar, é exatamente isso que acontece, pois afinal estou no Malkasten e em todas as mesas há gente sentada e seus olhos me encaram e seus olhos querem me pegar e eu estou com as mãos no bolso do paletó desse que esteve sentado ao meu lado e toquei em meu cachimbo, pois meu cachimbo está em seu bolso e eu sou forte e tento soltar minhas mãos, mas ele segura meus pulsos com mais força, mas eu sou forte, oh sim, se eu quiser, posso fazer uso da força, mas então talvez meu cachimbo se quebre. Tenho que olhar para ele. Olho para ele.

Você não sabe pintar, digo eu.

Você vai ficar postado aí?, pergunta ele.

Você é um pintor medíocre, você e os outros, digo eu.

Inclusive o Gude?

Balanço a cabeça discordando.

E Tidemand?, pergunta ele.

Você não sabe pintar, digo eu.

Está bem, enfim, então não sei, diz ele.

E ele agarra meus pulsos com firmeza e está doendo, mas eu não direi que está doendo, e agora vou ter meu cachimbo de volta. Sou forte e vou recuperar meu cachimbo.

Quero meu cachimbo, digo eu.

Ora, você ainda não desistiu, diz ele.

Só quando você aprender a pintar, digo eu.

E agora vejo que os tecidos pretos e brancos se foram, já não se agarram mais a meu corpo, eles estão sentados a suas mesas, todos os tecidos estão sentados a suas mesas, mas todos os olhos estão sentados e olham para mim. E a uma das mesas à minha frente, mais longe no salão, está a garçonete e despeja aguardente num copo e ela diz algo e ela sorri. Agora a garçonete não está mais sentada no colo desse que esteve sentado ao meu lado, ele que não sabe pintar, que se chama Alfred e pegou meu cachimbo, pois agora a garçonete está em pé ali e serve aguardente a um outro homem, também pintor, um pintor norueguês, deve ser Bodom, sim, com esse eu também já conversei, e esse sabe pintar, mas não sabe pintar tão bem quanto eu, portanto agora a garçonete serve aguardente a um homem que sabe pintar, e não a um que é pintor sem saber pintar. Mas aí a garçonete se vira. E ela olha para nós. E a garçonete vem em nossa direção. E sorri para mim. E então a garçonete vem até mim e passa seu braço em torno de meus ombros e ela é maior do que eu, ela fica parada e olha para mim de cima e de viés. A garçonete sorri para mim.

O que é agora de novo, hein, Lars?, pergunta a garçonete.

Não posso dizer nada, tenho que ficar assim parado, não posso dizer nada.

Por que você está aí em pé assim, Lars?, pergunta a garçonete.

E eu não posso dizer nada, ela não vai acreditar em mim se eu disser que esse que esteve sentado ao meu lado, se eu disser que Alfred, pois ele se chama Alfred, roubou meu cachimbo, ela vai concordar com ele, que ele não roubou meu cachimbo, ela dirá que eu devo apenas me sentar e deixar o cachimbo de Alfred em paz, isso é o que dirá a garçonete, e então eu vou ter que me sentar, pois afinal ela é garçonete no Malkasten e ela pode chamar o proprietário da casa, pode fazer isso, e ele pode me enxotar, e então vou ter que ir embora, e então Alfred vai ficar aí sentado com meu cachimbo, ele que nem sequer sabe pintar, portanto eu não posso dizer nada. Olho para a garçonete e ela está aí parada e olha de cima para esse que se chama Alfred e não sabe pintar.

O que está acontecendo aqui?, pergunta a garçonete.

Ele está dizendo que eu roubei seu cachimbo, diz Alfred.

Vejo como Alfred desce sua pálpebra e vejo sua pálpebra crescer, ficar grande como uma pele de animal, e pelos longos na sua borda inferior vêm

flutuando em direção a mim e movem-se lentamente para baixo, depois se paralisam e então a pele de animal se move outra vez para cima e por trás dessa pele há um risinho cheio de algo e depois cheio de sangue e sujeira, depois com algo preto, e depois essa pele desaparece de novo e a garçonete está aí parada e também dá uma piscadela com seu olho, ela está aí e dá uma piscadela a esse que esteve sentado ao meu lado.

Agora sente-se de novo, Lars, diz a garçonete. Você não pode ficar em pé assim.

E a garçonete olhou para mim e ela disse que eu devo me sentar, pois não posso ficar em pé assim, e a garçonete olha de cima para mim e ela disse que eu tenho que me sentar, mas eu não posso me sentar, pois esse, que se chama Alfred, está segurando minhas mãos. E então Alfred solta uma de minhas mãos, aquela com que eu havia agarrado a dele, e eu puxo a mão e vejo listras vermelhas e brancas na pele, dos dedos dele, mas a mão que está no bolso de seu paletó, a mão com a qual eu seguro meu cachimbo, essa ele não solta.

Quero meu cachimbo de volta, digo eu.

E olho para Alfred, ele olha para a garçonete e balança a cabeça. Alfred olha para a garçonete e ele dá um risinho.

Ele está dizendo que eu roubei seu cachimbo, diz Alfred.

E Alfred olha para a garçonete, balança a cabeça.

Você não pode dizer uma coisa dessas, Lars, diz ela e olha para mim.

Mas ele está me segurando, digo eu.

E ouço o modo como começa a gargalhar esse que esteve sentado ao meu lado e se chama Alfred, e então também a garçonete começa a gargalhar, e aí Alfred solta minha mão e eu vejo que há listras vermelhas e brancas em minha pele, dos dedos dele, no lugar do pulso onde ele me agarrou. Eu me sento no lugar em que estivera antes, ao lado desse que roubou meu cachimbo. E a garçonete olha para mim, sorri para mim, ela sorri para mim de um jeito tão bonito. Aí está a garçonete e sorri para mim de um jeito tão bonito. Está parada do outro lado da mesa e sorri para mim de um jeito tão bonito. E eu me viro e olho para Alfred.

Você não sabe pintar, digo eu.

Você já disse isso, diz ele.

O que você está dizendo?, pergunta a garçonete.

Ele pegou meu cachimbo, digo eu.

A garçonete olha para mim, depois olha para esse que está sentado ao meu lado e eu também olho para esse que está sentado ao meu lado.

Se você pegou o cachimbo dele, tem que devolver, diz ela.

E esse que está sentado ao meu lado sorri para a garçonete e então balança a cabeça em desaprovação. Ele, que se chama Alfred, fica sentado e sorri para a garçonete. Olho para ele.

Você não sabe pintar, digo.

E ele aparentemente não está nem me ouvindo lhe falar, pois simplesmente sorri para a garçonete.

Devolva meu cachimbo, digo eu.

E olho de novo para a garçonete. Ela está aí em seu vestido preto com avental branco, olha para mim.

Por que você diz que ele não sabe pintar?, pergunta a garçonete.

Porque é verdade, e ele ainda não conseguiu vender um único quadro, digo eu.

Mas talvez ele saiba pintar mesmo assim, diz ela.

Ele conseguiu vender dois quadros, para associações de arte na Noruega, por isso agora anda por aí e pensa que só ele sabe pintar, diz Alfred.

E eu olho para a mesa, porque e se eu talvez não saiba pintar? mas não, claro que sei pintar, pois eu sei sim pintar, claro que sei pintar, pois eu sei ver, afinal vejo tudo e vejo o que os outros não sabem ver, e por isso sei pintar. Eu sei pintar.

Você não sabe pintar, digo eu.

Agora sossegue, diz Alfred.

Você é um mau pintor. Você bem quer ser pintor, mas não sabe pintar.

A propósito, diz a garçonete e olha para mim.

Sim, digo eu.

A propósito, eu queria saber se você tem dinheiro, diz ela. Antes de lhe trazer a cerveja que você pediu, tenho que perguntar isso.

E então o sujeito que roubou meu cachimbo começa a gargalhar. Ele, que não sabe pintar, curva-se sobre a mesa e ri, mas sua gargalhada é como uma gargalhada deve ser, não é maior do que uma gargalhada comum e então ele para de rir e pega em meu paletó.

Você não tem dinheiro?, pergunta ele. Mas precisa ter, afinal prometeu que hoje à noite eu era seu convidado.

E ele recomeça a gargalhar. Olho para a garçonete e balanço a cabeça em

desaprovação.

Estou com pouco dinheiro, digo eu.

Não dá nem para a cerveja?, pergunta a garçonete.

Tiro minha carteira do bolso interno de meu paletó, abro-a e eu vejo que ela está vazia.

Hoje não. Não tenho dinheiro hoje, digo eu. Mas em breve vou receber algum.

De seus benfeitores, diz Alfred.

E eu olho para baixo, ele tinha que dizer que recebo meu dinheiro de benfeitores, e não de meus pais ou parentes, que eu recebo meu dinheiro de benfeitores. Meus pais não têm mesmo dinheiro. Alfred quer dizer que sou oriundo de uma gente que nunca foi nada, portanto também não sou nada, é isso que Alfred quer dizer à garçonete.

Porque seus parentes não devem ser propriamente abastados, diz Alfred.

São apenas quakers, todos os meus parentes, digo eu.

E novamente ele se põe a gargalhar, esse, que se chama Alfred e não sabe pintar, curva-se sobre a mesa e dá gargalhadas.

Apenas tremedores, todos os parentes, quakers, diz Alfred.

Sim, sim, digo eu.

Apenas quakers, diz ele. Qua-a-ke-ers, qua-a-ke-ers, diz ele.

E Alfred curva-se sobre a mesa e dá gargalhadas.

Sim, sim, digo eu.

Então tome sua cerveja e fique quieto, seu quaker, e pare com essa tremedeira interminável.

Eu não sou quaker, digo eu.

Maldição, claro que é, diz ele, você mesmo acaba de dizer. Além disso, você só sabe ficar o tempo todo com essa tremedeira de qua-a-ke-er.

Quakers pelo menos não roubam cachimbos dos outros, digo eu.

Está bem, então você vai ter o seu cachimbo de volta, seu quaker, diz ele.

E Alfred tira o cachimbo de seu bolso e deposita-o à minha frente na mesa. Vejo meu cachimbo curvo, são e salvo ao lado da caixa de tabaco, e sobre a caixa de tabaco está a de palitos de fósforo e eu ouço a garçonete dizer é gentil da sua parte devolver-lhe o cachimbo, e eu olho para cima e vejo a garçonete em pé do outro lado da mesa redonda e ela olha para mim e seus olhos não estão mais raivosos e então ela ali com seus longos dedos finos me acaricia a bochecha, me acaricia as pálpebras. E ouço alguém dizer ei Lars,

alguém diz ei Lars, ei Lars, ouço alguém dizer. E então aí está você. Helene! E você está tão bonita como nunca.

Você está tão bonita hoje, digo eu.

Oh, você está querendo me adular?, pergunta a garçonete.

E vejo a garçonete parada em outro lugar. E ouço a garçonete dizer sim, hoje estou bonita, hoje estou bonita para você, Lars, ouço a garçonete dizer, de outro lugar, e olho para cima e vejo ninguém menos que o mestre pintor Tastad com sua grande barba, vindo pela rua estreita, e eu paro, ele para. E o mestre pintor Tastad diz ei Lars, venha comigo, temos uma porta para pintar. Vou até Tastad e ele põe sua mão larga e de dedos finos sobre meu ombro. É uma porta no céu. Você, Lars, deve pintar uma porta no céu, mas primeiro temos que passar na oficina de pintura, para pegar tinta e pincéis. E você deve pintar a luz, rapaz, a luz interior, a luz que você e eu somos capazes de ver. E então aí está ela parada, em seu vestido branco, tão pálida, com seus dedos finos. E eu digo você está tão bonita hoje. E ela diz você também está bonito, Lars. E então seguimos, Tastad com sua mão larga de dedos finos sobre meu ombro e eu, seguimos subindo a rua estreita, e ao meu lado, do outro lado, vai ela em seus tecidos brancos e finos, caminha então com leveza ao meu lado e acaricia de leve a minha mão com seus dedos finos. E Tastad diz que eu realmente sei pintar, por isso poderei pintar uma porta no céu. E Tastad abre a porta da oficina de pintura e ela fica parada à porta, tão bonita, em seus tecidos brancos, eu me viro para ela, pergunto se não quer entrar, e ela diz que há tantas tintas e pincéis numa oficina de pintura, tantas tintas, pincéis e coisas assim, então ela não pode entrar, senão suja o vestido branco, se ela entrar, e eu balanço a cabeça concordando, passo pela porta e vejo Tastad subir a escada até o segundo andar, onde estão os outros pintores assistentes, mas esses eu não quero ver. Não quero encontrar ninguém.

Não quero encontrar os pintores assistentes, digo eu.

Com quem você está falando?, pergunta esse que está sentado ao meu lado.

E Tastad para na escada. E pergunta se eu não quero encontrar os pintores assistentes. Balanço a cabeça, mostrando que não. E ele diz que então devo ficar esperando embaixo.

Bem, agora você vai ter que parar de falar com pessoas que não estão aqui, diz esse que está sentado ao meu lado.

E Tastad está parado na escada e sorri para mim. E Tastad diz que sou esquisito, embora habilidoso na pintura, ele mesmo pintou muita coisa e viu o

que outros pintavam, mas nunca havia visto alguém tão habilidoso na pintura quanto eu. E ela está em pé atrás de mim e eu me viro e vejo que está tão bonita em seus bonitos tecidos brancos, finos tecidos brancos, não consigo ver seus seios através dos tecidos, mas consigo ver o suave arredondado de seus seios, do modo como ela está em pé atrás de mim. Ela está atrás de mim em seus tecidos brancos e à minha frente na escada está Tastad. E Tastad diz você poderá pintar uma porta no céu, Lars. Eu me viro para a frente em direção a Tastad.

Pintarei uma porta no céu, sim, digo eu.

O que você quer agora, diz esse que está sentado ao meu lado.

Não, digo eu.

Está bem, está bem, diz esse que está sentado ao meu lado.

Você não sabe pintar, digo eu.

E agora os tecidos brancos e pretos aproximam-se de mim, depois esses tecidos tornam a desaparecer, depois os tecidos chegam mais perto, agarram-se, agarram-se a mim. E então os olhos amigáveis de Tastad pressionam-se através dos tecidos pretos e brancos, e os tecidos brancos transformam-se no branco de seus olhos, os pretos transformam-se nas pupilas pretas, e o azul não vem de lugar nenhum, e então o rosto de Tastad está aí atrás dos olhos ou nas rugas que saem dos cantos de seus olhos, aí está Tastad.

Ele insiste em dizer que eu não sei pintar, diz esse que está sentado ao meu lado.

Olho para ele, que se chama Alfred, e vejo-o conversar com a garçonete.

E Tastad diz sim, Lars, você realmente sabe pintar, não sou só eu que sei isso, e sim muitos outros também. E Tastad concorda balançando a cabeça sobre seu casacão preto de vadmål,[2] sob seu quepe preto. E Tastad olha bem diretamente para mim com seus olhos azuis. E eu me acalmo. E Tastad diz que eu devo acompanhá-lo, subir junto até a oficina de pintura. E ela, que está atrás de mim em seus tecidos brancos, essa é Helene, sim, é Helene que está em Stavanger, como ela veio para cá? da Alemanha? minha querida Helene veio para Stavanger, me visitar, e agora está atrás de mim, em Stavanger, na rua Nygata, minha querida Helene do lado de fora da oficina de pintura, minha querida Helene, de Düsseldorf, da Jägerhofstraße, minha querida Helene está atrás de mim em seu vestido branco, este envolve seu corpo de uma tal maneira que eu posso ver o macio arredondado de seus seios, um movimento de seu pescoço, e à minha frente está Tastad, acima na

escada, e ele sorri para mim com seus olhos azuis. Eu sou, aliás, o quaker Lars. E Tastad é, aliás, o quaker Tastad. E Helene, essa é a garota mais bonita da Alemanha. E agora tenho que entrar no quarto onde moro, cama, criado-mudo, tina de banho. Minha cama. Os lençóis brancos.

Você não quer pedir uma cerveja, Lars, diz o sujeito sentado ao meu lado.

Não, digo eu.

Os tecidos pretos e brancos e o vestido justo da sra. Winckelmann, a gola branca e seus cabelos, castanho-escuros, às vezes quase pretos, como os meus, e então sua boca, que se abre para um sorriso, e seu sorriso é um grande buraco, preto e úmido, seu sorriso é um buraco no charco, um pegajoso buraco no charco que segura meu pé e não o solta mais, aqui estou eu, com um dos pés afundado no charco, acima de mim vêm gaivotas voando em disparada e embaixo, no fim do charco, está a enseada com o mar, que está sempre em movimento, as ondas quebram na praia, as pedras, a areia, e rochedos negros, e meu pé está fincado nesse charco gelado, a umidade sobe pela perna da calça e eu puxo meu pé, inclino-me para a frente e puxo firme e a cavidade faz um ruído mascado e então meu pé se solta e eu dou um passo adiante, um passo tão grande quanto posso, mas também meu outro pé está preso no charco e eu só tenho que me descobrir o máximo que posso, e meu pé afunda de novo um pouco, e eu tiro o outro pé do charco e puxo-o para junto de mim e dou um passo para a frente até um tufo de grama, ali cresce um tufo de grama, é preciso sair do charco em direção à beira da mata, até os arbustos de zimbro, é preciso chegar lá, onde há luz, tirar o pé do charco como se de uma boca, de uma boca aberta, sobre o tecido preto do vestido, depois mais uma boca aberta, depois avançar, com cuidado e delicadeza até o lugar onde a luz pousa sobre a água, amarela, branca embaixo, adiante, em direção à luz, para diante, a luz é branca, amarela, depois branca embaixo e então, lá em cima, junto às nuvens, lá em cima, bem lá no alto, junto às nuvens, bem no alto, as azuis, as brancas, entre as nuvens brancas que passam se dissipando e as azuis, lá em cima nas nuvens brancas e azuis, lá em cima, lá, seguir avançando, abrir caminho, seguir avançando, abrir caminho, tirar o pé do lodo, da terra molhada do charco, e então avançar, impelir-me para diante, silenciosamente, tão silenciosamente como uma janela aberta, pintada de branco! e adiante em direção à janela pintada de branco! impelir-me para diante em direção ao mar, às ondas que quebram contra o lodo, impelir-me para diante! o pé fora do lodo, da umidade e do molhado, então adiante, em

direção ao mar, em direção às ondas que quebram contra o lodo, impelir-me para diante, para fora desse mundo! para as cores cambiantes das nuvens, para as velhas lembranças, para longe da boca aberta da sra. Winckelmann, de seus lábios, não são grossos nem finos os lábios da sra. Winckelmann, os lábios se arredondam para formar um buraco que diz ali, naquele corredor, atrás daquela porta, ali o senhor vai morar, ali é seu quarto, ali ficarei eu, ali dentro, por trás daquela porta ali, é isso, ali estão a cama e o criado-mudo e a tina de banho. E, se eu fumar, não poderei fumar na cama. Só isso é que não, posso até morar aqui e fumar, mas não na cama. Não fumar na cama. E, mais precisamente, não fumar no prédio da sra. Winckelmann. No segundo andar. Na Jägerhofstraße, no segundo andar. Lembrar-se sempre disso. Jägerhofstraße. Sra. Winckelmann. Lá. Tenho que voltar para casa, para a Jägerhofstraße. E para Hattarvåg. Não posso mais morar nesta cidade, neste prédio, pois meu pai, ele, meu pai e os outros pintores assistentes. Meu pai. E o prédio na Jägerhofstraße. E agora está tudo em silêncio. E os tecidos brancos e pretos, agora eles se foram, mas meu pai e Tastad, inseparáveis. E o vestido branco e fino dela. Atrás de mim, lá fora, à porta atrás de mim. Parada à porta. E Tastad. E justamente agora, e nada mais. Todas as vozes. Há pessoas chegando. Enquanto estou apenas sentado tão tranquilo no Malkasten, tão em silêncio. Aliás, é a primeira vez que estou no Malkasten. E você, minha querida, pediu que eu me sentasse com Alfred. Estou no Malkasten. E o tempo todo chegam pessoas ao Malkasten. E então meu pai. E então Helene com seus longos dedos finos, e o vestido branco. Já vou. Já estou indo. Agora mesmo vou até você. E uma mão sobre meu ombro e eu ouço alguém perguntar se agora tenho uma garota? e eu olho para cima e olho bem no meio do rosto de Bodom. E ver o rosto dele faz bem. E Bodom dá um risinho, que lhe toma todo o rosto. E seu risinho se move em minha direção, afasta-se de mim, fica parado suspenso no ar. E é assim que Bodom dá seu risinho.

Lars, pelo que estou ouvindo, você agora tem uma garota, diz Bodom.

E é Bodom quem fala. E ela está em pé em seus tecidos brancos, atrás de mim.

E eu vejo Bodom aí, balançando sua vasta cabeleira loura, e ele me olha nos olhos.

Bodom!, digo eu.

Pois é Bodom quem está aí parado, em pé. Portanto, também Bodom veio

ao Malkasten, o bom e velho Bodom veio ao Malkasten.

Sim, Lars!, diz ele.

Você tem uma garota, Bodom, digo eu.

É a sua primeira vez no Malkasten, não?, diz ele.

E eu olho bem direto nos olhos de Bodom e ele dá um risinho, vejo seus olhos darem um risinho e seus olhos de repente se tornam um buraco de charco, preto, molhado, um charco que suga, mastiga, estala no charco, duro, a mão anda rápido, puxa para cima, para baixo, agarra, agarra e eu não consigo soltar o pé e ele pende preso e então ali à frente há luz, uma luz que sobe e vem em minha direção e puxa-me para baixo e tudo o que vejo é Bodom, que está aí em pé e me olha de cima, e ele põe a mão em meu ombro, veludo, veludo roxo! um paletó do mais puro veludo, um paletó de veludo roxo, exatamente como o paletó do, e então saindo do buraco de charco, e Tastad! aí está Tastad! e os tecidos pretos? agora se foram! onde foram parar os tecidos pretos e brancos? sumiram? os tecidos sumiram? agora eles sumiram? ou estarão talvez no bolso de minha calça? tenho que procurar no bolso de minha calça? sim, veludo, roxo! Uma calça de veludo roxo! Isto é uma calça de veludo roxo!

Uma calça de veludo!, digo eu.

O que há com você, Lars?, pergunta Bodom.

E Bodom está aí parado sobre mim e olha para baixo em minha direção, e sua mão está em meu ombro, sua mão está sobre veludo roxo, sobre meu paletó do mais fino veludo roxo. E todas as pessoas, uma grande mesa redonda e apenas Alfred, que não sabe pintar, e além dele eu, estamos sentados a essa mesa redonda, sendo que há lugar para muitos outros, mas eles ainda estão para chegar, disse Alfred, por isso, quando alguém perguntou se podia se sentar junto, Alfred disse que a mesa estava ocupada, pois ainda vão chegar vários, uma turma inteira, disse Alfred, eles estão chegando aos poucos, pintores noruegueses, suecos, e chegará o Larsson, disse Alfred, e além deles damas, disse ele, damas alemãs, várias delas, inclusive uma para mim, elas certamente ainda estão por chegar, disse ele, e as damas estarão todas trajando vestidos brancos ou pretos, bem justos em seus belos corpos, disse Alfred, pois ao meu lado está sentado Alfred, e Bodom, embora seja da Noruega, um pintor da Noruega, está sentado a uma outra mesa, e o Malkasten está cheio de gente, de fumaça e de música, e a todas as outras mesas há gente sentada. E Bodom mantém a mão sobre meu ombro, sobre o

mais belo veludo. O paletó de meu terno, de veludo roxo. E eu estou com aquele de quem sempre ouvi falar, com Sundt, eram Sundt e Kielland e então mais todos nós outros, e então todo esse veludo roxo. Com Sundt. Eu devia pintar um quarto, naquela extensa casa branca com seus dois andares e a ampla sacada na frente e a entrada no lado de trás, um grande vestíbulo, então um corredor, depois uma escada para subir e na escada havia quadros pendurados na parede! eu nunca havia visto tão belos quadros antes! cores como o mais belo céu! luz como a mais bela luz! e os quadros com essa luz, tão grandes, e com tão largas molduras, e a tela se move quando eu a toco, ondula, a tela ondula, é dirigir o dedo cuidadosamente até uma das arestas desse quadro e a tela já começa a ondular com suas cores e sua luz, e eu apenas fico aqui parado e vejo, eu mesmo, que devo subir e pintar um quarto, uma câmara, que primeiramente foi branca, agora deve ser pintada de amarelo, Tastad me mandou para cá, recebi uma tarefa honrosa, foi o que disse Tastad, porque sou habilidoso na pintura e porque os outros estão por aí trabalhando em outros lugares, por isso eu tomei o longo caminho até Sundt, até sua casa, devo pintar de amarelo um quarto e estou parado numa escada e observo um quadro, uma pintura, é Sundt quem diz que isso é uma pintura, e eu a observo, e nunca havia visto coisa tão bonita antes. E esse, que se chama Hans Gabriel Buchholdt Sundt, passa o braço pelos meus ombros e me leva escada acima. E então o veludo roxo. Isso é veludo de Sundt. Um terno sob medida, de veludo de Sundt. E Sundt me acompanhou até o navio, vai até Christiania esse navio, e Sundt me entrega no cais, enquanto minha mãe e Cecilia e Elizabeth ficam paradas a alguma distância e observam, com todos os outros, Sundt me entregando um pacote, e lá vem meu pai correndo em seus pesados trajes de vadmål preto, vem correndo até nós, ele salga arenques num local mais distante do cais e agora vem correndo na pesada jaqueta de seu vadmål preto, vem correndo até nós, e meu pai vê que Sundt, que Hans Gabriel Buchholdt Sundt, está no cais e me entrega um grande pacote, e Hans Gabriel Buchholdt Sundt diz que nesse pacote há coisas finas para se vestir, pois como agora viajarei até Christiania, onde está o rei e está o Parlamento, e devo ir à escola de desenho e pintura, preciso ter algo de bom para vestir, o tecido é fino, o mais belo veludo, e o alfaiate é o melhor de toda a cidade de Stavanger, portanto eu terei uma aparência adequada em Christiania, capital da Noruega, não estarei me trajando pior do que as pessoas de lá, diz Hans Gabriel Buchholdt Sundt e me entrega um pacote grande, e eu faço uma

reverência em meus pesados trajes de vadmål preto, o quepe preto caído à frente dos olhos, e digo obrigado! muito obrigado! devo ao senhor muita gratidão! agradeço-lhe tanto! e vejo meu pai vir correndo, pesadamente martelando o chão com seus tamancos, meu pai para, para totalmente quieto e observa o modo como Hans Gabriel Buchholdt Sundt me entrega o grande pacote, e Hans Gabriel Buchholdt Sundt diz que também há sapatos ali, finos sapatos pretos. Você pode se trocar no navio, diz ele. E Hans Gabriel Buchholdt Sundt diz que agora ele gostaria de se recolher, e eu vejo que muita gente se aglomerou no cais e todos estão parados e observam o modo como Hans Gabriel Buchholdt Sundt me entrega um pacote. Minha mãe e minhas irmãs Cecilia e Elizabeth foram junto comigo ao cais. Quando viram Sundt chegando, recuaram um pouco e agora elas estão à margem da aglomeração de gente, e eu vejo que elas estão ali paradas e olhando para o chão. E então minha mãe olha para mim e vê que Hans Gabriel Buchholdt Sundt está indo para seu coche, que ali está parado e o aguarda, e eu me viro e subo a escada de portaló e sei que não posso me virar, e com um pacote sob o braço, entregue a mim por Hans Gabriel Buchholdt Sundt, subo a escada de portaló e as duas malas com roupas e comida já estão a bordo, com a carga restante, ouço tamancos estalarem, não vou me virar, mas sei que é meu pai que agora vem correndo em direção à escada de portaló, e eu ouço minha mãe chamar Lars! Lars! E então é meu pai que chama Lars! Lars!, mas eu simplesmente subo a escada de portaló e vou para o outro lado do navio, inclino-me sobre a balaustrada, olho para a água, para as ondas junto à proa. E o terno roxo. Do mais belo veludo. Claro que não posso sair em roupa de veludo. Eu não, eu no mais belo veludo, não eu em roupa de veludo, não. Eu não. Sou vadmål. Eu de veludo. Na volta para casa, me trocar e vestir vadmål. Ao sair de casa, me trocar e vestir veludo. O mais belo veludo.

Não, agora temos que fazer logo alguma coisa com esse Hertervig, diz Alfred.

E Alfred me fala diretamente no rosto e fala tão alto, para que eu ouça o que está dizendo, embora esteja falando sobre mim.

Esse aí está o tempo todo sentado e falando com pessoas que não estão aqui, até aí tudo bem, mas que eu molesto garotas, que não as deixo em paz, já é ir longe demais, diz Bodom.

E também Bodom me fala diretamente no rosto e eu olho para Bodom e vejo sua boca aberta sob o largo bigode ruivo e sua boca diz que eu molesto

garotas, mas eu não molesto garota alguma, eu, eu nunca molestei garotas, isso Bodom não pode afirmar.

Posso me sentar com vocês?, pergunta Bodom.

Claro, diz Alfred. Sente-se logo. Para mim, é bom poder conversar com alguém que não fique falando com pessoas que absolutamente não estão aqui, diz Alfred.

E Alfred olha para mim.

Onde você deixou o seu cachecol de quaker hoje, hein?, pergunta Alfred.

E Alfred curva-se sobre mim e olha fixamente para meu pescoço. Olho para a mesa redonda.

O cachecol de quaker não combina com seu belo veludo roxo?, pergunta Bodom.

Você tem que sair com cachecol de quaker, seu qua-a-ke-er, diz Alfred.

E de vadmål, seu peão, diz Bodom.

Por que está andando de veludo roxo? seu quaker, diz Alfred.

Você não vai melhorar usando veludo roxo, diz Bodom.

Não lhe cai bem, diz Alfred. Afinal, você é um quaker, você sabe.

E eu olho para Alfred. E olho para Bodom, ele se sentou do outro lado de Alfred e se curva sobre a mesa e me encara. E então Bodom estica uma das mãos na mesa e pousa-a sobre meu cachimbo. E Bodom não pode pegar meu cachimbo, não Bodom, ele não pode fazer isso.

Nada de besteiras com meu cachimbo, digo eu.

Seu cachimbo, ora essa, diz Bodom.

E Bodom não pode pegar meu cachimbo. Ponho minha mão sobre a de Bodom e olho para ele, mas Bodom olha para baixo, para a mesa diante de si, e eu vejo apenas seu bigode ruivo. E Bodom queria pegar meu cachimbo. E no cais em Stavanger está Hans Gabriel Buchholdt Sundt e ele me entrega um pacote, enquanto minha mãe e Cecilia e Elizabeth se esconderam à margem da multidão no cais e então eu ouço tamancos estalarem e vejo meu pai vir correndo para a escada de portaló e olho para Bodom e ele olha para mim e então Bodom olha para a mesa e tira minha mão e eu ponho minha mão sobre meu cachimbo. Bodom. Esse que está sentado ao lado de Alfred chama-se Bodom e sabe pintar. Mas Bodom não pinta tão bem quanto eu. E eu não posso olhar para Bodom. E eu tenho que ir, não posso ficar assim sentado, pois afinal não tenho dinheiro para cerveja e logo chegarão todos os outros pintores noruegueses e então eles ficarão sentados em torno desta mesa, uma

mesa redonda, e contarão piadas, eles vão rir e gargalhar e então vão querer que eu também conte piadas ou histórias sobre pescadores no fiorde, então vão todos gargalhar antes que eu comece a contar, todos vão gargalhar e depois me perguntar como vão os amores e se eu ainda estou com aquela Helene, e então as gargalhadas vão diminuir e se transformar em tecidos brancos e pretos que ondulam ao meu redor, a um braço de distância, então os tecidos vêm mais perto e se agarram a mim, e então os tecidos se movem outra vez afastando-se um pouco de meu corpo, e depois de novo em direção a meu corpo, como ondas, como ondas na enseada, ao redor das ilhas, ilhas pretas, aí estão as ilhas. É uma manhã de sol radiante e eu vou embora de casa, pelas encostas abaixo. Vejo o fiorde e ele é sereno e azul e à luz forte não consigo ver mais quase nada, mas sigo encosta abaixo. Vejo meu pai no ancoradouro à forte e agradável luz. E dentro de nós todos está a luz. Pois tanto ao nosso redor quanto em nosso interior está a luz. E eu não consigo olhar para essa forte e agradável luz.

Agora pare de ficar aí sentado e sonhando desse jeito, diz Bodom.

E eu sigo descendo até a enseada, olho por sobre o fiorde, vejo o fiorde tranquilo e infinitamente azul à luz. E sobre o ancoradouro está meu pai e ele olha para cima, em minha direção.

Ele é assim mesmo, diz Alfred.

E ao redor de meu pai o fiorde fica branco, do modo como às vezes as nuvens ficam brancas no tranquilo céu azul. E então meu pai exclama que bom que você veio, Lars, pois logo vamos ter que começar a remar. E eu respondo sim e sigo descendo a encosta. Vejo meu pai puxar o barco para a água e embarcar. Sigo por uma trilha descendo a encosta, num trecho íngreme, vou seguindo ao longo dela. E vou à sombra. E lá fora está a luz forte. Também dentro de nós está a luz, dizem eles, e eu também posso senti-la em mim mesmo. Sobre o ancoradouro está meu pai e ele espera por mim. E meu pai grita que agora devo me apressar um pouco. E eu corro ao longo da trilha, descendo a encosta enquanto vejo meu pai em pé, preto, no barco diante da água branca.

Agora todos os outros já devem estar chegando, diz Bodom.

Com certeza, já vão chegar, diz Alfred.

Então, com você não dá para conversar direito, Hertervig, diz Bodom.

Ele se chama Bodom e ele sabe pintar e está falando comigo. E eu até devia dizer algo. E balanço a cabeça discordando.

Você fica só aí sentado, diz Bodom.

Balanço a cabeça concordando.

Ele poderia muito bem estar sentado do mesmo jeito em outro lugar, diz Alfred.

Alfred não deve querer dizer, com isso, que eu não deveria estar no Malkasten, afinal preciso ter o direito de vir ao Malkasten, também eu, não só os outros pintores.

Você deveria estar em outro lugar, diz Alfred.

Preciso perguntar onde posso estar.

Onde, afinal?, pergunto eu.

E então Bodom e Alfred começam a gargalhar. E eu vejo meu pai sobre o ancoradouro, como um vulto preto diante da água branca.

Na Jägerhofstraße, ou com sua querida Helene, como você a chama, diz Alfred.

Ou as coisas já não vão tão bem com vocês?, pergunta Bodom.

É verdade que a mãe o enxotou?, pergunta Alfred.

E a gargalhada deles pressiona-se contra minha boca, quer se impelir por minha boca adentro, a gargalhada deles pressiona-se contra minha boca, e eu precisaria me levantar, mas não consigo me levantar e fico olhando fixo para meu pai e ele continua ali, segurando o barco junto ao ancoradouro.

Ou foi um tio que o enxotou?, pergunta Alfred.

E o sr. Winckelmann está à porta de meu quarto de estudante, ele quase preenche por completo o vão da porta e diz que agora eu devo fazer minhas malas, ele fica aí parado, enquanto faço minhas malas.

Não foi assim que aconteceu?, pergunta Alfred.

Ele está a par, diz Bodom e acena com a cabeça para Alfred.

Estou a par, sim, diz Alfred.

E meu pai está aí e segura o barco junto ao ancoradouro.

Você tem que nos contar isso você mesmo, com suas próprias palavras, mesmo assim, diz Bodom.

E eu vou até a beira da água, até o ancoradouro.

Não é possível que você fique só sonhando o tempo todo, diz Bodom.

E o tempo todo o sr. Winckelmann está parado à porta e meu pai sobre o ancoradouro.

O tio o enxotou?, pergunta Alfred. Foi por você ter se apaixonado desse jeito por Helene? Foi assim? Você não deixava Helene em paz? Ia até ela

durante a noite? E então o tio o enxotou? Foi assim?

E eu vou até o ancoradouro, atravesso o ancoradouro, vejo meu pai parado e segurando o barco junto ao ancoradouro. Vou até meu pai e subo a bordo do barco. Vou para a parte de trás do barco, sento-me na popa.

Você foi enxotado?, pergunta Bodom.

Claro que foi, diz Alfred.

Você tem que nos contar, afinal somos seus amigos, diz Bodom.

Ele provavelmente foi enxotado, diz Alfred.

E onde vai morar agora?, pergunta Bodom.

Numa pensão?, pergunta Alfred.

E eu fico sentado na popa do barco e meu pai afasta o barco e este desliza pelo fiorde e Helene, mas ali à margem, ali à margem está Helene! e agora você não pode sumir, por favor, minha Helene, fique aí por favor e não desapareça e eu a vejo ali parada! em seu vestido branco, no vestido que fica tão belo sobre seus seios, minha Helene, minha bela Helene. Vejo-a aí à margem, minha querida querida Helene.

Agora conta, vai, diz Alfred.

Você vai morar numa pensão?, pergunta Bodom.

E meu pai sentou-se junto aos remos e rema rente a terra, agora encontraremos os outros amigos, disse meu pai e meu pai olha para mim, ele sorri, enquanto a luz do sol se derrama em nossa direção meu pai está aí sentado, com suas roupas pretas, e ele dá remadas firmes e compassadas. Os amigos, sim. Encontraremos os amigos, sim, disse meu pai. E a parte superior do corpo de meu pai inclina-se para a frente, depois para trás, meu pai está sentado no banco do remador e rema. Meu pai dá remadas firmes.

Sim, agora encontraremos os amigos, digo eu.

Você não deveria ficar assim em seu próprio mundo, diz Bodom.

Ah, deixe-o em paz, diz Alfred.

E meu pai diz que é a primeira vez que encontrarei os amigos e, quando chegarmos, simplesmente entraremos na casa dos quakers e então nos sentaremos em duas cadeiras vagas, eles vão estar sentados em círculo, nós nos sentaremos e ficaremos ali em silêncio. Vamos a uma reunião de silêncio, à reunião dos quakers. Quando entrarmos, simplesmente nos sentaremos e ficaremos ali, aos poucos vão chegar outros, muitos outros vão chegar e simplesmente se sentar, ficar todos sentados em silêncio, sem dizer nada, vão chegar muitos, e também eles simplesmente se sentarão, todos sentados ali,

assim mesmo, tranquilos, em silêncio. E meu pai diz que nós ficaremos sentados lado a lado em silêncio. E eu não vou poder dizer nada. Talvez um dos outros venha a dizer algo após algum tempo, talvez não, talvez fique tudo quieto, o tempo todo em que estivermos ali sentados, até que o Syvert se levante, depois de uma hora, aí teremos que nos levantar também e aí eu terei que ficar com as duas mãos para cima, à altura do ombro, e então terei que pegar na mão dos que estiverem ao meu lado e então ficaremos simplesmente ali em pé e então estaremos ali em círculo e então, quando já tivermos passado um tempo em pé assim, terá chegado o fim da reunião de silêncio e então poderemos remar de volta para casa. Muitas vezes meu pai me disse como tudo transcorreria. E meu pai está aí sentado e rema sob a forte luz do sol. Estou sentado na popa e vejo meu pai remar sob a caudalosa luz do sol, depois me viro, olho para as ilhas, e as ilhas estão ali, pretas e verdes à agradável luz, e então, lá longe na enseada, ali na praia, está minha querida Helene tão bela em seu vestido branco, lá está ela na margem e ela olha para cá, atrás do barco em que meu pai rema, rema e eu vou sentado na popa, ela está ali na margem e observa fixamente o barco deslizar em movimentos compassados rente à extensão de terra. Levanto a mão e aceno para Helene. E minha Helene levanta a sua mão e acena para mim.

Algo para beber, Hertervig?

Olho para cima e a garçonete está curvada sobre mim em seu vestido preto.

Balanço a cabeça negativamente.

Deixe-o aí sentado, diz Bodom.

Nada para beber?, pergunta a garçonete.

Ele não tem dinheiro, diz Alfred.

Não, digo eu.

Você tem dinheiro, diz Alfred. Sempre tem dinheiro, procure no bolso de seu paletó.

E eu tenho que procurar no bolso de meu paletó, está bem. Terei, talvez, dinheiro no bolso de meu paletó? E pedir algo para beber seria bom? ainda que eu costumeiramente não beba, não até hoje, em todo caso. Olho para a garçonete e aceno para ela com a cabeça. E eu me levanto, enfio a mão no bolso do paletó e tiro uma nota de dinheiro, estico-a na direção da garçonete e ela sorri para mim.

Então você tem dinheiro mesmo, Lars, diz a garçonete.

Sorrio para ela.

E escondeu o tempo todo, hein, diz Alfred.

Sorrio para a garçonete.

Sim, está agradável o dia hoje, digo eu.

Hoje está agradável, sim, diz Bodom.

Exatamente como nas pedras da margem, digo eu.

Sim, sim!, diz Bodom.

Há um barco parado ali, um pouco além do fiorde, digo eu.

Já está querendo ir pescar de novo?, pergunta Alfred.

Não.

Não?, pergunta Bodom.

Não, não, digo eu.

O que você quer, então, Lars?, pergunta Alfred.

Ir à reunião, digo eu.

Você quer ir à reunião, ah, sim, diz a garçonete. Que tipo de reunião, afinal?

À reunião dos quakers.

À reunião dos quakers?, pergunta ela.

Uma reunião com aqueles que são quakers e tremem, diz Bodom. Uma reunião de tremedores.

Ah, diz a garçonete. Eles tremem?

Não, digo eu.

Mas é assim que se chamam, quakers, tremedores, diz Bodom.

Seus pais também são desses que tremem?, pergunta Alfred.

Balanço a cabeça afirmativamente.

E desses que não dizem quase nada, diz Alfred.

Exatamente como Lars, diz Bodom.

Você é realmente um tipo esquisito, Lars, diz a garçonete.

E eu vejo a garçonete andar pelo salão, vejo suas costas eretas, o vestido preto, o laço branco do avental amarrado às suas costas, ela anda tão ereta e está indo buscar cerveja para mim, para Lars Hertervig, o filho de quakers, o pintor artístico que se tornará um pintor famoso e nada mais e que agora, um filho de gente pobre e de quakers, um filho de livres-pensadores, um outsider exatamente como seu pai, viajou para a Alemanha, ele está com Hans Gude na Alemanha e quer se tornar um pintor artístico. Sou eu esse Lars Hertervig. Ninguém mais. Sou eu. Eu sou Lars Hertervig. E é para mim, para o pintor artístico, para o pintor de paisagens Lars Hertervig que a garçonete está

trazendo agora um copo de cerveja. Tenho dinheiro. Sei pintar. Vendi meus dois quadros, um para a Associação de Arte de Christiania, lá naquela cidade onde afinal também já estive e estudei, em Christiania, estudei desenho e pintura por lá, primeiro estudei em Christiania e depois a Associação de Arte de lá comprou um de meus quadros, por recomendação de meu professor, ninguém menos que Hans Gude, pois Hans Gude em pessoa escreveu à Associação de Arte de Christiania dizendo que lhes recomendava comprar um quadro que eu havia pintado, e foi o que eles fizeram e aí Hans Gude escreveu à Associação de Arte de Bergen perguntando se eles não queriam comprar um de meus quadros, e eles quiseram, pois eu sei pintar. E Tidemand sabe pintar. E Gude. Afinal, eles são os melhores da Noruega. Esses sabem pintar.

Eles realmente sabem pintar, digo eu. Sim, é provável que ninguém saiba pintar tão bem quanto eles.

Como nós, diz Alfred.

Olho para Alfred e balanço a cabeça discordando.

Nós pintamos, em todo caso, diz Bodom.

Todo santo dia, sim, digo eu.

E à noite vimos beber no Malkasten, você e Lars e eu, diz Alfred.

E eu vejo que Alfred se curva sobre a mesa e me encara fixamente e eu olho de lado, olho pelo chão e então! aí vem a garçonete, com as costas eretas e passo firme, ela segura sob os seios balançantes uma bandeja cheia de copos de cerveja rentes uns aos outros e logo vai me entregar um deles, pois eu dei dinheiro à garçonete! minha carteira estava vazia, mas então encontrei dinheiro no bolso de meu paletó, assim a garçonete agora vem logo até mim e coloca um copo de cerveja à minha frente na mesa e então não só Alfred e Bodom têm cerveja no copo, mas eu também. Agora a garçonete vem chegando pelo salão com cerveja para mim. E a garçonete vem deslizando, como um barco desliza sobre o fiorde, meu pai está sentado e dá remadas longas e compassadas, em suas roupas pretas meu pai se inclina para a frente e ao mesmo tempo eleva os remos para fora da água e empurra os braços para a frente e torna a mergulhar os remos na água e se inclina para trás e puxa ao mesmo tempo os braços para junto de si e empurra para trás os cotovelos dobrados, e então novamente para a frente, depois novamente para trás e compassadamente o barco avança, deslizando para trás das costas de meu pai, que pisca para mim sob a aba de seu quepe preto, sobre sua grande barba

castanha, meu pai se inclina para a frente, depois para trás, para a frente, para trás. Meu pai rema rente à extensão de terra.

Sua cerveja, Lars, diz a garçonete.

E o sol emite uma luz sem igual. A luz faz pressão contra os olhos. E meu pai diz a luz interior e a luz exterior, e ele me responde que sim com a cabeça. E meu pai diz que para nós é importante a luz interior. Eu olho para cima, para a garçonete.

Obrigado, digo eu.

Você ainda tem troco para receber, diz ela.

Não, não dê nada a ele, diz um dos que estão sentados ao meu lado.

E meu pai diz que todas as pessoas, eu inclusive, e devo ter isso claro para mim, eu inclusive, todas têm essa parcela de Deus dentro de si.

Pois ele pagou o valor exato, diz o outro sentado ao meu lado.

E meu pai passa a manga de sua jaqueta preta por minha testa e eu vejo o suor brilhar ao terrível calor da luz. Meu pai diz essa parcela de Deus dentro de você. Meu pai olha para mim.

Aqui está seu dinheiro, diz a garçonete.

E meu pai novamente diz isso da parcela de Deus dentro de você, sim. Hoje você vai poder participar pela primeira vez da reunião de silêncio. Pela primeira vez na vida, tenho a permissão de ir junto a uma reunião de silêncio.

Está cheio de gente hoje, todos estão no Malkasten hoje, diz Alfred, este lugar logo vai estar completamente lotado.

Agora esses que estão reservando lugares às mesas vão ter que chegar logo, não dá para tanta gente ter que ficar em pé com tantos lugares vagos, diz a garçonete.

Eles com certeza vão chegar logo, afinal eu prometi que seguraria algum lugar vago para eles, diz Alfred.

Então eles vão ter que chegar logo, diz a garçonete.

Meu pai e eu seguimos ao longo da margem, pisamos suas pedras, e então uma trilha leva por uma encosta acima e meu pai e eu subimos por essa trilha, meu pai à frente, depois eu, sigo alguns metros atrás dele e meu pai para, tira o quepe e enxuga o suor da testa com a manga da jaqueta preta, ele inspira e expira pesadamente e diz está difícil andar com um calor desses e ainda falta um bom trecho até chegarmos lá, vamos precisar subir do mar até a estrada e então seguiremos um trecho da estrada e aí chegaremos à pequena casa de Stakland, é uma pequena casa essa, a casa foi construída pelos quakers de

Skjold, como cooperação mútua entre localidades vizinhas, mas não é uma igreja, pois uma igreja os quakers não querem, não, é uma casa simples, a mais simples possível, uma sala e uma janela e no meio da sala ficam cadeiras em círculo, e quando chegarmos, quando entrarmos na sala, devo apenas me sentar numa cadeira e ficar sentado sem dizer nada, só devo ficar ali sentado e tentar não pensar em nada e todos os pensamentos que me vierem à mente eu devo simplesmente tentar dissolver assim que eles cheguem, de modo que desapareçam, tudo o que me preocupa e tudo o que me alegra eu devo simplesmente dissolver, de modo que só fiquem pequenos restos de tudo e então também esses se transformem em nada ou quase nada, pois assim pode se produzir silêncio dentro de mim, deve surgir um silêncio dentro de mim e nesse silêncio eu devo, em algum lugar bem no fundo de mim mesmo, atingir a calma e então, quando estiver nesse estado de graça, poderei ser preenchido por uma luz fria, não pelo calor, e sim por uma luz fria, tão reluzente, tão pesada e leve ao mesmo tempo, tão impressionante como eu nunca terei visto antes. E meu pai diz que a luz mais forte está dentro da pessoa. E eu pergunto o que acontece que não sinto nenhuma luz. E meu pai diz que uma pessoa nem sempre entra no estado de graça, mas que acontece de o estado de graça estar ali presente, sim, isso acontece!, e meu pai me encara e sorri. E alguém bate em meu ombro.

Sim, o Hertervig, quem diria.

E eu me viro e vejo Ädne parado atrás de mim com a mão em meu ombro.

Ora, se não é o pintor Hertervig, diz Ädne.

E Ädne põe a mão em meu ombro e vejo Ädne aí parado e olhando em torno de si e atrás dele estão muitos outros, todos pintores, noruegueses em sua maioria, mas também suecos, e alguns alemães, já os vi alguma vez, mas não os conheço, agora chegaram muitos pintores ao Malkasten, afinal este é um local de pintores, agora o Malkasten está cheio de pintores e outros artistas, acaba de chegar uma comitiva inteira de pintores e eles se postaram atrás de mim, tantos que quase lotam a casa. E à minha frente há um copo de cerveja. Olho para o copo de cerveja. Levanto e levo o copo de cerveja à boca e bebo.

Agora o quaker está bebendo, diz Alfred.

Ei! O quaker está bebendo!, grita o sujeito em pé atrás de mim.

Estou sentado, o copo de cerveja na mão, e então há muitos rostos ao meu redor, de ambos os lados, por sobre meus ombros, em torno de meus braços,

por toda parte há rostos e os rostos olham para mim e eu estou sentado com o copo de cerveja na mão e levo o copo à boca e bebo, tomo um grande gole, olho para a frente e os rostos são olhos que me encaram, e eles me encaram, me encaram, e eu bebo e então ali estão os tecidos, tecidos pretos e brancos, os rostos aos poucos se contraem, se franzem e então são tecidos pretos e brancos ao meu redor e os tecidos se franzem, tudo o que vejo são os tecidos pretos e brancos que se movem quase até encostar em mim, depois se afastam um pouco de mim, o tempo todo os tecidos pretos e brancos se movem até perto de mim, para longe de mim, o tempo todo os tecidos se movem e se aproximam de meu rosto e agora há algo se movendo tão próximo de meus olhos que só consigo ver preto e então eu vejo os movimentos em um tecido preto e branco, agora não vejo nada, tudo o que resta ainda é preto e eu preciso fazer algo e o que posso fazer, afinal? pois eu preciso mesmo fazer algo e o que posso fazer, afinal? não tenho mesmo que fazer algo? não posso ficar só aqui sentado e sem fazer nada, posso? pois os tecidos querem cobrir meus olhos, os tecidos querem tapar minha boca, tecidos pretos e brancos querem entrar em minha boca e tapá-la, os tecidos vão entrar em minha boca e eu desaparecerei e me tornarei um tecido preto e branco que se move pelo salão e então se vai, desaparecido, eu me tornarei algo que não está mais aqui, isso logo vai acontecer, e agora tenho que colocar o copo de volta à mesa, embora tudo esteja preto e eu ouça todas as vozes e então, em meio a todas essas vozes, está a voz dela, é a voz de Helene e ela fala comigo, mas não consigo ouvir o que ela me diz, mas ela está falando comigo, dizendo algo, pois consigo ouvir a voz de Helene sobre todas as outras vozes, e ela me diz algo, mas o que está me dizendo? E tudo está preto e eu não consigo ver nada, mas ouvir eu consigo e estarei mesmo ouvindo aí a voz de Helene? e Helene está me dizendo algo? sua voz está sumindo? o que há com Helene, você está me dizendo algo? o que Helene quer de mim? e sua voz não pode sumir, Helene! pois você, Helene, quer me dizer algo, não? o que está dizendo, Helene? pois eu não consigo ver nada, mas estou, sim, ouvindo a voz de Helene, ouço sua voz, minha querida Helene, e não posso ficar aqui sentado segurando esse copo de cerveja diante de mim e alguém me toca e agora tenho que voltar a ver, pois alguém está tocando em mim e eu não consigo ver nada, e há alguém tocando em mim, em meu ombro, alguém está tocando em meu ombro, segurando meu ombro, segurando meu ombro, não o solta, pois há alguém aqui parado e me segurando pelo ombro, muitas mãos,

mas eu não consigo ver nada, pois tudo está preto diante de meus olhos e então todas essas vozes e então a voz de Helene, sua voz, em algum lugar entre todas as vozes, e então some a voz de Helene, você, sua voz desaparece, minha querida Helene, sua voz vai embora! não ouço mais sua voz, minha querida Helene, mas sinto que você está me dizendo algo. O que quer me dizer? Helene? Eu lhe pergunto, Helene. Você não está conseguindo me dizer algo? Onde está você? Está me dizendo algo? E agora sua voz está vindo até mim? Não consigo ouvir a sua voz, Helene? Essa é mesmo a sua voz, não é? Não é a sua voz? Lars? Eu digo sim, Helene. E então sua voz está em meu ouvido, uma voz que vem até mim e se deposita ao redor de mim. E Helene pergunta se estou indo, e eu digo que sim, estou indo agora mesmo. E então diz Helene, e agora sua voz está bem clara, que isso é bom, pois que eu vá imediatamente, pois ela está sentindo a minha falta. Digo que isso é bom. E então Helene diz que é bom que eu esteja indo. Que vá agora mesmo, por favor. Digo que estou indo agora mesmo, sim, é isso que vou fazer. E Helene diz que eu não posso ficar aqui sentado, sem ela, e bebendo cerveja. Digo que já estou indo. E Helene diz que então vai esperar por mim, até que eu chegue ela vai me esperar, agora ela vai se sentar e esperar, por isso devo ir depressa, não devo deixá-la esperando, devo ir agora mesmo. Oh, sim, vou agora mesmo ao encontro de minha querida Helene, agora eu me levantarei e irei até minha querida Helene, preciso apenas primeiro recolocar o copo de cerveja na mesa e então me livrar de todas essas mãos e o preto diante de meus olhos tem que ir embora! preciso conseguir ver! pois não estou conseguindo ver nada! mas se eu recolocar o copo de cerveja na mesa conseguirei voltar a ver? então agora conseguirei logo voltar a ver? se eu recolocar o copo de cerveja na mesa e me levantar, conseguirei então logo voltar a ver? pois agora Helene me pediu que vá até ela e então eu devo ir até Helene, pois Helene espera por mim e por isso preciso ir até ela, não? agora eu me levantarei e irei até Helene, pois lá! lá vou poder ver algo branco! um pouco de branco em meio a esse preto! e então ainda mais branco! e então os tecidos brancos e pretos
se afastam de mim e eu vejo todos os outros tecidos brancos e pretos, eles se movem ao redor de mim e agora fico quase contente por ver os tecidos brancos e pretos, pois pelo menos consigo ver os tecidos brancos e pretos. E isso não é um pouco como se eu visse Helene? Vejo os tecidos brancos e pretos. Eu vejo. Vejo que os tecidos se movem, eles se movem para longe de

mim. E agora eu vejo. Eu vejo. Vou me levantar, mas, ora, eu não consigo me levantar! Alguém me pressiona contra a cadeira. Olho para o lado e vejo olhos grandes como rostos, muitos olhos, muitos rostos, olho por cima de meu ombro e ao longo de meu braço há olhos grandes como rostos, eu me viro para o outro lado e também aí vejo olhos grandes como rostos. Olhos, olhos grandes. Olhos grandes como rostos. E ao redor da mesa eles estão muito próximos uns dos outros e olham para mim com olhos grandes, grandes como rostos são esses olhos. Os olhos grandes me encaram. E eu tenho que ir. Ao meu redor, de todos os lados há olhos, e eles me encaram. E eu tenho que ir. Helene espera por mim. E agora eu tenho que ir. Eles me encaram com olhos grandes. E eu tenho que ir. Pois Helene pediu que eu fosse até ela. Ela disse que não devo ficar aqui sentado, bebendo cerveja, devo ir até ela, e ouço alguém dizer que agora eu devo beber, não ficar sentado segurando o copo de cerveja, é o que diz alguém.

Você precisa beber agora, Lars, sim, diz alguém.

Fica só aí sentado em seu mundo particular.

E eu seguro o copo de cerveja e alguém me diz que devo beber e então eu talvez deva fazer isso. Mas eu disse a Helene que iria ao seu encontro, e então tenho mesmo que ir, não posso ficar aqui sentado.

Tem que beber!

Não podemos ficar aqui sentados só olhando para você.

Vamos lá, Lars!

Depressa!

Vamos!

Tenho que ir, digo eu.

Ora, por quê?

Não, tenho que ir, digo eu.

Você tem um encontro?

Lars de Hattarvåg vai se encontrar com uma mulher!

Vai ter que beber primeiro!

Tem que beber para ganhar coragem!

Vamos!

E todas as vozes e todos os olhos que me encaram. Olhos grandes como rostos. E todos dizem que devo beber, e eu estou aqui sentado e seguro o copo de cerveja. Mas agora estou vendo. Sim. Estou vendo os grandes olhos. E Helene, que disse que eu devia ir, que está esperando por mim.

Vamos lá! Lars!

Você vai ter uma noite daquelas, Lars!

Beba para ganhar coragem, rapaz!

Quaker!

Vamos lá!

Qua-a-ke-er! Qua-a-ke-er!

Vamos lá, quaker!

Qua-a-ke-er! Qua-a-ke-er!

Não fique aí sentado desconversando!

Depressa!

E eu levanto e levo o copo à boca, estou aqui sentado e seguro o copo de cerveja, pois agora irei embora, agora vou logo ver minha querida Helene, que mora na Jägerhofstraße, ela e o tio, o quarto de aluguel, não posso mais morar ali, tive que sair, disseram que não posso mais morar lá, e agora eles estão falando o tempo todo comigo, falando, falando, dizendo que eu devo beber, e tenho que ir embora, não posso ficar aqui sentado, tenho que ir embora.

Agora beba de uma vez!

Vamos, Hattarvåg, depressa!

Helene!

E alguém diz o nome dela, e ninguém tem o direito de dizer o nome dela e agora vou ter que beber um pouco, levanto o copo de cerveja e coloco-o junto à boca, sim, e deixo a cerveja escorrer por minha garganta.

Helene! É assim que ela se chama!

Deixo a cerveja escorrer por minha garganta. Respiro um pouco.

Helene! Helene!, dizem eles.

Todos ficam só dizendo Helene, Helene. E eles disseram que eu devo beber, e estou bebendo. Coloco o copo junto à boca. Viro o copo. E a cerveja escorre pela minha garganta.

Helene! Ele tem um encontro com Helene!

E é Alfred quem diz que eu tenho um encontro com Helene.

Sim, ela se chama Helene, diz Alfred.

Você vai ter uma bela noite com Helene, Hattarvåg!

Agora beba!

Vamos!

Beba!

E eu tenho que pôr o copo de cerveja à minha frente sobre a mesa. Olho em torno de mim e vejo-os aí sentados e me encarando e eles se põem a girar o tempo todo ao meu redor em seus tecidos, em tecidos pretos e brancos. E os tecidos se movem em minha direção, depois se afastam de mim. Aproximam-se, afastam-se. E os tecidos pretos e brancos aproximam-se de minha boca, tocam meus lábios. E eu tenho que me levantar. Não posso ficar aqui sentado. Tenho que me levantar. Não posso. Eles não podem. Tenho que recolocar meu copo de cerveja na mesa e os tecidos pretos e brancos giram o tempo todo ao meu redor e eu coloco o copo de cerveja na mesa e solto o copo de cerveja.

Ela está esperando por você?

Na Jägerhofstraße!

Você precisa se apressar!

Os tecidos pretos e brancos se pressionam contra mim, os tecidos tocam meus lábios, os tecidos já estão quase entre meus lábios. Preciso ir. Não posso ficar sentado. Eu me levanto. E ouço gargalhadas e as gargalhadas vêm em minha direção, depois se afastam, aproximam-se, afastam-se. Vou partir. Vou sair andando através dos tecidos pretos e brancos. Preciso ir.

Espere aí, Hattarvåg!

Não vá ainda!

Tenho um recado para você!

Espere!

Helene lhe manda lembranças! Ela quer encontrá-lo!

E eu paro. Olho para o nada.

Tem que esperar. Helene quer encontrá-lo.

E é Bodom quem diz que Helene quer me encontrar. Olho para Bodom.

É verdade. Helene manda lembranças. Ela quer encontrá-lo, diz ele.

E Helene quer me encontrar. Eu sabia que Helene estava esperando por mim, que ela queria me encontrar, ela quer que eu vá e a olhe nos olhos. Helene, minha querida Helene. Você está esperando por mim, minha querida Helene. Você quer me encontrar, minha querida querida Helene. E eu quero encontrá-la. Não deve haver nada que eu queira mais do que a encontrar, minha querida querida Helene. E eu olho para Bodom e ouço-o dizer que a mãe pretende ir hoje à noite ao teatro, portanto ela estará sozinha em casa, diz Bodom, e eu olho nos olhos de Bodom e ele olha para baixo. E agora ninguém mais fala, estão todos calados. E por que estão todos tão calados?

Por que ninguém mais está falando? E eu tenho que ir. Pois Helene espera por mim. Eu sabia, sabia que Helene estava esperando por mim. E agora sua mãe não está em casa. Pois não há ninguém além de Helene no apartamento, e Helene espera por mim. Helene está em casa, no apartamento da Jägerhofstraße, no apartamento em que também eu morei, mas a sra. Winckelmann não quis mais que eu continuasse morando lá, mandou o sr. Winckelmann até mim. E agora tenho que ir até Helene.

Você precisa ir, imediatamente, diz Bodom.

Balanço a cabeça concordando. E todos estão calados, ninguém diz nada, todos estão calados. E eu procuro no bolso de meu paletó, e meu cachimbo está lá, meu tabaco está lá. E vou para a porta. Pela primeira vez estive agora no Malkasten e agora sairei daqui. Estive no Malkasten, mas agora tenho que ir. Não posso mais ficar no Malkasten, pois minha querida Helene espera por mim. Preciso ir ao encontro de minha querida Helene, mas agora estive, sim, no Malkasten. Abro a porta. E alguém começa a rir? Estão rindo? Estou parado e seguro a porta aberta. Fico parado. Estou na porta e fico escutando e por que eles estão rindo assim? Helene, minha querida Helene? Por que eles estão rindo assim? Helene, minha querida Helene? Por que eles estão rindo? Helene, você está aí? Devo ir até você? Sim, eu bem sei que você quer isso. Agora irei até você. E por que eles estão rindo assim? Fico parado e seguro a porta aberta e pela primeira vez estive agora no Malkasten. E agora sairei, deixando a porta fechar-se atrás de mim. Estou parado sob a luz que incide do lado de fora da porta. Estou só. E ouço gargalhadas no interior do Malkasten. Agora também eu estive no Malkasten. E Helene está em casa, no apartamento da Jägerhofstraße, ela está em casa, em seu apartamento e espera por mim. E eu tenho que ir até Helene. Mas alguém riu aí? Quando eu me levantei e ia saindo, alguém riu? Preciso abrir a porta e ouvir direito. Mas, ora, isso é só o burburinho dentro do Malkasten. Tenho que entrar de novo no Malkasten. Tenho que ouvi-los rir. Pois agora Helene está esperando por mim, e então eles podem rir à vontade. Fico parado à luz, do lado de fora, diante da porta. Tenho que abrir a porta e ouvi-los rir, todos esses que não sabem pintar, tenho que ouvir o modo como eles todos, que não sabem pintar, estão rindo. Estive agora mesmo no Malkasten e não posso simplesmente entrar de novo. Nesse caso terei estado duas vezes no Malkasten. Não é verdade, Helene, que você ainda vai esperar um pouco por mim, que eu posso entrar mais uma vez no Malkasten? Abro uma fresta da porta. E ouço

gargalhadas. Com toda a certeza, eles estão gargalhando. Ouço o modo como esses sujeitos que não sabem pintar ficam sentados à mesa e dão gargalhadas e mais gargalhadas. Fico parado e seguro a fresta da porta aberta. E suas gargalhadas me envolvem. Ouço-os gargalhar, gargalhar, estão sentados à mesa redonda e gargalham, gargalham. E eu vou entrar novamente no Malkasten. Não é verdade, Helene? E ouço alguém dizer ele foi embora!, e então eu posso mesmo entrar novamente, não é, Helene? e eu ouço alguém dizer então o Hattarvåg foi mesmo embora!, e eles estão falando de mim, foi Bodom quem falou? Teria sido essa a voz de Bodom?

Ele foi embora! Ele foi embora!, diz outro.

O quaker foi para a Jägerhofstraße!, diz alguém.

Qua-a-ke-er! Qua-a-ke-er!

E então gargalhadas. Eles gargalham. Fico parado e mantenho uma fresta da porta aberta e ouço-os dizer que fui para a Jägerhofstraße e eles gargalham, gargalham e já vou entrar mais uma vez no Malkasten e eu ouço uma voz dizer Helene! Helene!, e eu abro um pouco mais a porta e olho para a mesa redonda e ouço alguém dizer o quaker foi encontrar sua Helene!, e eu ouço várias vozes dizerem Helene! Helene! e fico na porta do Malkasten e olho para a mesa redonda. E ouço-os dizer o seu nome. E agora tenho que fechar a porta, depois ir até você, porque afinal você quer que eu vá ao seu encontro em sua casa, pois está sozinha no apartamento da Jägerhofstraße, está aí no apartamento e espera por mim, afinal você me disse até que iria esperar por mim. Eu a ouvi dizer que estaria em casa esperando por mim, que estaria no apartamento esperando por mim, sentada na cadeira do quarto onde morei e esperando por mim, em seu vestido branco. E então eu irei até você. Tenho que ir. Não posso ficar aqui parado, segurando a porta aberta. Não posso ficar aqui parado, ouvindo-os gargalhar, enquanto você, minha querida Helene, está sentada em casa e espera por mim e eu ouço alguém dizer ele foi embora mesmo, esse Hertervig!, e eles estão sentados ali e falam de mim e agora eu vou até você.

Ele foi embora! Ele foi embora!, diz um outro.

O que dirá a mãe?

Ele está louco!

Está com um parafuso a menos!

O qua-a-ke-er foi embora!

Que vontade de estar à espreita, só assistindo à cena dele batendo à porta!

Vai ser um espetáculo!

E novamente suas gargalhadas. Fico parado, segurando a porta aberta, e vejo-os sentados à mesa redonda e eles gargalham e gargalham. E eu tenho que ir até minha querida Helene. E aí eles que gargalhem à vontade, pois Helene espera por mim, e eu sei pintar, mas eles não sabem pintar. Não sabem pintar. Mas eu sei pintar. Que fiquem gargalhando à vontade. Pois Helene disse mesmo que está esperando por mim, e eu tenho que ir até minha Helene, ela espera por mim no apartamento da Jägerhofstraße. Tenho que ir. Não posso ficar parado na porta. Fico parado, segurando a porta aberta, e olho para a mesa redonda. E ouço as gargalhadas que vêm da mesa redonda para se agarrar em mim. E atrás de mim alguém pigarreia. Eu me viro e vejo Müller e alguns outros parados atrás de mim. Olho para Müller, olho para baixo.

Você quer entrar no Malkasten?, pergunta Müller.

Respondo que sim com a cabeça.

Mas está sem coragem, não é?, pergunta Müller.

Fico parado, olhando para baixo.

É só entrar, diz Müller.

Olhando para baixo, balanço a cabeça discordando.

Tenho que ir, digo eu.

Não quer entrar?

Não.

Venha comigo, Hertervig.

Não.

Talvez Gude venha também, diz Müller.

Tenho que ir, pois não posso encontrar Gude, talvez Gude queira que vejamos juntos o meu quadro, pois hoje Gude ia mesmo dizer se lhe agrada o quadro que estou pintando, portanto agora tenho que ir, pois Helene espera por mim. Helene me disse que quer que eu vá até ela. Ouvi Helene dizer agora você precisa vir ao meu encontro com aqueles olhos castanhos que você tem, com os longos cabelos pretos que você tem, ouvi Helene dizer e estou ouvindo Müller dizer que devo liberar a passagem, vamos, diz Müller, e ouço gargalhadas vindo da mesa redonda e ouço alguém dizer ele foi ao encontro de Helene!, e eu olho para Müller e o vejo parado e com um risinho no rosto e uma voz diz o Hertervig foi embora!, e então ouvem-se sonoras gargalhadas.

Provavelmente estão falando de você, diz Müller.

E eu solto a porta e saio e começo a correr pela rua, pois Müller diz que eles estão sentados no Malkasten e falando de mim, ou ele estava se referindo a outros? eram as pessoas no Malkasten que estavam falando de mim? ou outras pessoas? a quem Müller estava se referindo? E eles estão sentados no Malkasten e falam de mim. E eu preciso correr. E talvez Gude também chegue ao Malkasten, então eu deveria estar lá, então deveria falar com Gude, ele com toda a certeza falaria sobre a primeira vez que eu quis lhe mostrar um quadro, logo que cheguei aqui, eu tinha uma hora marcada com Gude e ficara de lhe mostrar um quadro que havia pintado, mas eu, mas o pintor, o pintor de paisagens Lars Hertervig, não tive então coragem de mostrar um quadro ao grande Hans Gude. E hoje à noite eu poderia, sim, conversar com Hans Gude, no Malkasten. Hans Gude, aliás, sabe pintar. E Tidemand sabe pintar. E eu sei pintar. E Cappelen também sabe pintar. Eu sei pintar. Mas os outros não sabem pintar, são pintores, mas absolutamente não sabem pintar. Eles apenas querem pintar, mas saber mesmo pintar eles não sabem. E agora tenho que ir até você, minha querida Helene. A única coisa que sei é que tenho que ir até você. Você me pediu que fosse e eu irei até você. Até você, minha Helene. E seus cabelos. Esses seus longos cabelos, Helene. E eu a vejo sempre diante de mim. Vejo-a vindo, Helene. E eu tenho que ir até você. Sinto tanta saudade de você. E não entendo por que tenho que sentir tanta saudade de você, do despertar ao adormecer, o tempo todo, a saudade está simplesmente presente, sempre presente, como o céu, como a luz. Você é como céu e luz dentro de mim. Sinto tanta saudade de você, Helene. E agora você me pediu que fosse até você. E vou embora do Malkasten e sigo para a rua onde você mora com sua mãe e seus irmãos menores. Vou até você, ó minha querida Helene. Pois você está dentro de mim. Você está em mim. Vou até você. E você está em mim. Você é eu. Sem você, sou apenas um movimento, uma virada. Uma virada até você. Um movimento até você. Helene. Até você, até você. Helene. Do despertar ao adormecer, sou sempre um movimento até você. Estou virado para você, sou um movimento até você. Vou até você, pois você me pediu isso, e agora estou indo e talvez você não queira me ver, não queira que eu vá, talvez só queira que eu desapareça e nunca mais vá até você, talvez você não queira me ver nunca mais, talvez esses seus olhos grandes, tão azuis, radiantes, não queiram me ver mais, talvez você nunca mais queira ter algo comigo, talvez nunca mais queira me

ver de novo, porque sua mãe disse que você nunca mais poderia me ver de novo, um pintor de paisagens vindo da Noruega, um estudante de pintura artística, um homem esquisito, quase nem um homem ainda. Talvez você não queira me ver nunca mais. Vou caminhando pela rua. Estou indo do Malkasten até o prédio onde você mora, até seu rosto na janela. Seus cabelos, brilhantes, em ondas. Seus olhos, tão azuis, tão radiantes. E seu vestido branco. E sua voz, dizendo meu nome. Do despertar ao adormecer posso ouvir sua voz. Posso ver seus olhos. Dentro de mim está você. Sinto saudade de você. Estou indo até você. Sou minha saudade de você. E você espera por mim, agora estou indo até você. Eu a verei. Ouvirei sua voz. E você vai falar tão serenamente e sua voz vai encher meu peito. Você vai me preencher, assim como a luz preenche o dia. Sou algo de escuro sem você. Sinto saudade de você. Vou caminhando pela rua, mas não consigo ver nada. Sou minha saudade de você. E ouço bem longe, para trás de mim, uma gargalhada. Mas as gargalhadas estão apenas lá, pois tudo o que está em mim é meu movimento até você. Sou meramente uma virada até você. Estou indo. Estou indo até você, sou uma virada até você. Sou minha saudade de você. Sou meramente uma virada até você. Não tenho alternativa, só posso ser um movimento de virada até você, esteja você aí ou não. Tudo o que sou é um movimento até você. Um movimento, uma virada, até você. Não sou nada senão você, senão você, que não está aqui. E justamente nesse ponto em que não existo, nesse ponto que está virado em sua direção, justamente nesse ponto em que talvez não exista nada para além de uma virada, um movimento, justamente aí estou eu com tudo o que pinto e vejo. Sigo por uma rua e sou minha virada desesperada até você. Nada mais existe. Sou um movimento vazio e esse movimento é você, que não é essa que se foi, que se foi de mim, que não está comigo, essa com quem não posso mais estar. Você, que não quer estar comigo. Você, que só quer estar com outros que não eu. Você, que se foi de mim, agora e para sempre. Sem você talvez o movimento vazio que está em tudo o que pinto se torne excessivamente vazio? Talvez nada mais reste? Talvez então eu morra? Talvez então eu não possa mais pintar? Talvez então eu não possa mais pensar? Talvez só me reste então alternar entre o despertar e o adormecer, entre o estar faminto e o estar saciado? Mas tabaco eu ainda terei. E meu cachimbo. Apesar disso ainda fumarei, sentirei o formigar na pele, verei a fumaça subir em anéis e nuvens, espalhando-se no ar repleto de luz. Estar ali, depois desaparecer. Preciso estar

com você. E, quando eu não puder mais estar com você, haverei de ser como a fumaça na luz e no ar. Enfio a mão no bolso do paletó, e aí está meu cachimbo. Aí está a caixa de tabaco. Seguro o cachimbo na mão. E vou caminhando pela rua. Estou indo até você. Agora chegarei logo até você, você me pediu isso, eu ouvi sua voz quando estava ali sentado, no Malkasten, quando estava ali sentado em meio aos outros, que não sabem pintar, quando estava ali sentado, eu ouvi sua voz tão nítida. Você falou tão nitidamente dentro de mim. E disse que eu devia ir até você. Devia ficar com você. Devia ir. E agora vou andando pela rua, agora estou a caminho de você. Vou até você. Chegarei até você. Você me pediu que fosse, eu ouvi sua voz dentro de mim e agora estou chegando até você. Agora estou indo até você. E você está aí, bem longe, em algum lugar. Mas talvez não queira absolutamente que eu vá até você? Talvez sua mãe tenha lhe dito que você não poderá mais me encontrar? Talvez ela tenha dito que, se você me encontrar, não poderá mais morar nessa casa, aí terá de sair? Talvez seu tio a tenha ameaçado dizendo que, se você me encontrar, não fará mais parte da família? Talvez você não queira mais me encontrar? Mas por que então pediu a Bodom que me dissesse que queria que eu fosse encontrá-la? Mas você não quer me encontrar e eu não posso ir até você. Vou caminhando pela rua e não posso ir até você. E seu tio disse que não poderei mais ser visto com você em sua casa. E eu preciso encontrá-la, pois, se não a encontrar, não estarei mais comigo, então não poderei mais pintar e então não poderei mais permanecer em Düsseldorf e então tudo estará acabado. Seu maldito tio. Winckelmann. Vou caminhando pela rua e preciso encontrá-la. Não posso mais morar no mesmo apartamento que você, tive que sumir, conforme disse o sr. Winckelmann. Vou caminhando pela rua. E tudo está inalterado. E eu estava deitado na cama em meu quarto, completamente vestido, de pernas cruzadas estava eu deitado e olhava para o teto do quarto, o cachimbo na boca. Eu estava bem. Estava ali deitado e pensando agora tenho uma boa roupa, um terno de veludo roxo, e agora sou pintor, eu, o filho de gente pobre, o menino de rua, o filho de quakers, o pintor assistente, eu, agora eles haviam me mandado para a Alemanha, para a Academia de Belas-Artes de Düsseldorf, ninguém menos que Hans Gabriel Buchholdt Sundt em pessoa havia me mandado para a Alemanha, para a Academia de Belas-Artes de Düsseldorf, para que eu me tornasse um pintor, um pintor de paisagens. Eu estava deitado na cama e estava bem. Agora eu era estudante e discípulo de Hans Gude em

pessoa. Agora ia me tornar um pintor. E quase nenhum dos outros estudantes sabe pintar. Mas Hans Gude sabe pintar. Eu estava deitado na cama, o cachimbo na boca. E então ouvi música de piano. Ouvi que alguém começara a tocar, da sala do grande apartamento vinha música de piano. Eu estava deitado na cama, em meu terno de veludo roxo, o cachimbo na boca, esse é o pintor Lars Hertervig, não é um homem qualquer deitado na cama, e então, do modo como estou deitado, ouço música de piano, uma clara e bela música de piano, num balanço compassado. Estou deitado na cama e ouço Helene Winckelmann tocar piano. Não sou um homem qualquer, e agora ouço Helene tocando piano. E é para mim que Helene está tocando. Ninguém me disse, mas eu sei que é para mim que Helene está tocando piano. Pois Helene Winckelmann e Lars de Hattarvåg disseram um ao outro que são namorados. E ela, Helene Winckelmann, com seus radiantes olhos azuis, com seus longos cabelos brilhantes que lhe caem em ondas pelos ombros quando estão soltos, e não presos para cima como de costume, mostrou para ele!, Lars de Hattarvåg!, os seus cabelos soltos. Ele viu os cabelos ondularem soltos sobre os ombros dela. E vou caminhando pela rua. E eu a vi soltar seus cabelos, Helene. Pois Helene Winckelmann me mostrou seus cabelos soltos. Helene Winckelmann estava bem no meio de meu quarto e soltou seus cabelos. Ela estava de costas para mim, diante da janela, e elevou a mão até os cabelos e os soltou. E então os cabelos caíram-lhe em ondas pelas costas. E eu, Lars de Hattarvåg, esse Lars de Hattarvåg, esse Lars da enseada onde as ilhas ficam bem próximas umas das outras, ilhas que parecem chapéus, por isso é que ele se chama Hattarvåg, ou Hertervig, ele, Lars da enseada onde as ilhas parecem chapéus, de uma enseada numa pequena ilha distante no norte do mundo, no país da Noruega, ele, de uma pequena ilha chamada Borgøya, ele, Lars Hertervig, pôde ficar sentado em sua cadeira naquele quarto que alugara como estudante da Academia de Belas-Artes de Düsseldorf, aluno de Hans Gude, ele pôde ficar sentado em sua cadeira e ver Helene Winckelmann em pé diante da janela, os cabelos soltos pelas costas abaixo. E então Helene se virou lentamente para ele. E então Helene ficou ali, voltada para ele. Helene Winckelmann ficou ali e olhava para ele, com seus cabelos que caíam em ondas da risca abaixo pelo seu pequeno rosto arredondado, com os radiantes olhos azuis, com a pequena boca de lábios finos, o pequeno queixo abaixo. Os cabelos claros e em ondas. E então um sorriso em sua boca. E então os olhos dela, que se abriram para ele. E de seus olhos vinha a mais intensa luz

que ele já vira. E então ele se levantou, Lars de Hattarvåg. E Lars de Hattarvåg ficou ali em pé, em seu terno roxo, feito de veludo, ele, Lars de Hattarvåg, com seus braços pendendo retos, e ele olhava para os cabelos e os olhos e a boca ali diante de si, apenas ficou ali parado, e então foi como se a luz que vinha dos olhos dela o envolvesse como calor! não, não como calor! mas como uma luz ela o envolvia! e nessa luz ele se tornava um outro, diferente do que fora, não era mais Lars de Hattarvåg, ele se tornava um outro, todo o seu desassossego, todo o seu medo, tudo de que sentia falta e que sempre criava nele desassossego, tudo pelo que ansiava era como que preenchido por aquela luz vinda dos olhos dela, e ele ficou sereno, estava sendo preenchido, e ficou ali em pé, seus braços pendendo junto à parte de cima do corpo, e então, sem que o quisesse, sem refletir, sem mais, ele simplesmente caminhou até ela e dissipou-se como por inteiro à sua luz, àquela luz ao redor dela, e sua sensação foi de tamanha serenidade, tão inconcebivelmente sereno ele se sentia, e colocou os braços em torno dela e apertou-a contra si. Ele está com os braços em torno dela, e está tão sereno, tão preenchido por algo que não conhece. Ele está junto a ela. Não é mais ele mesmo, é aquele junto a ela. Ele está dentro de algo que não conhece. Ele está junto a ela. Mantém-na abraçada e então ela também o abraça. E ele aninha o rosto abaixo, em seus cabelos, em seus ombros, fica ali parado e aninha o rosto em seus cabelos e sabe que agora está dentro de algo onde nunca esteve antes, dentro de algo que não conhece, ele não sabe o que é isso, mas de repente sabe que ele se encontra dentro de algo que seus quadros ambicionam, dentro de algo que está em seus quadros, quando ele pinta o melhor que pode, pois ele já esteve próximo disso em que agora se encontra, mas dentro ele nunca esteve antes, do modo como agora está, aqui ele, o pintor Lars Hertervig, se encontra e respira nos cabelos de Helene Winckelmann. E ele ficou simplesmente parado em sua luz, em algo que o preenchia por completo. E ele não consegue se recordar por quanto tempo esteve daquele modo, parado com os braços em torno dela, mas acredita que ficaram assim por tanto tempo até que ela dissesse que agora tinha que ir, porque a mãe chegaria logo, ficaram tanto tempo ali, até ela dizer que tinha que ir, ficou ele ali parado e agora eu vou caminhando pela rua e agora irei de novo até minha querida querida Helene, pois ela espera por mim, ela pediu que eu fosse até ela, e eu tenho que ir até ela. Vou caminhando pela rua. E agora vou até minha única amada, vou até Helene. Vou até você, ó minha

querida Helene, pois você me pediu que fosse até você. Mas talvez não queira me ver? E não queira mais me encontrar? E você não quer me encontrar porque não pode me encontrar? Mas ficamos ali, dentro do quarto que eu alugava, parados em pé e abraçados. E sussurrei-lhe no ouvido agora somos namorados, não? E você sussurrou-me no ouvido sim, sim, agora somos namorados. E ficamos ali parados. E então ouvimos uma porta se abrir e nos soltamos, nós estávamos ali dentro da luz, que se recolheu e sumiu. E seus cabelos ficaram diferentes. E então ouvimos passos no corredor. E você disse que era sua mãe que agora chegava em casa e você tinha que ir embora, depressa, mas primeiro arrumaria os cabelos, disse você e sorriu para mim. E se você não estava lá dentro, sua mãe vinha até aqui e batia à porta. Você disse que tinha que ir embora imediatamente. E eu vi como você foi até a porta, saiu pelo corredor e disse oi mãe, aqui, estou aqui, mãe, já está em casa?, foi assim que você disse. E voltei para a cadeira. Sentei-me na cadeira. E você e seu tio faziam coisas um com o outro? Seu tio a tocava com as mãos gordas e peludas? E você gosta de tudo o que seu tio faz com você? Ou só deixa acontecer? Ou seu tio faz coisas com você contra a sua vontade? E você só deixa acontecer? Porque não tem alternativa, já que seu tio é grande e ameaçador? Olhei para baixo, para minhas mãos, e elas tremiam. Talvez você também quisesse que eu saísse do apartamento, para poder estar com seu tio sem que eu estivesse por perto? Você queria que ele a tocasse no meio das pernas com sua mão gorda? E eu olho para o nada e não posso pensar uma coisa dessas. Como posso pensar uma coisa dessas de você! Mas por que seu tio quer que eu saia? Por que não posso mais alugar o quarto? Isso eu tenho que perguntar a você, mas não deveria precisar perguntar, porque você deveria me contar por si mesma. Sim, você tem que me contar por que devo sair do apartamento. Você tem que me contar se acha que devo sair. Por que devo sair? Por que acha que eu devo sair? Por que é que você quer estar com seu tio? Ora, ele tem a mesma idade de seu falecido pai! E ele vai quase todo dia ao apartamento de vocês, estando sua mãe em casa ou estando você sozinha. Por que você prefere estar com seu tio a estar comigo? Vou caminhando pela rua e vejo-a sentada na cadeira e olhando para o chão. Vou caminhando pela rua, vou até você. E por que você quer que eu saia? Por que vem até mim e diz que seu tio disse que devo sair do quarto que alugo de sua mãe, da sra. Winckelmann? Você deve saber dizer por que eu devo sair, não? O que você não pode é apenas dizer que eu tenho que sair. Olho para você.

Vejo-a sentada em sua cadeira, você olha para o chão. E eu digo que você, portanto, gosta mais de seu tio do que de mim. É tão adorável com você, esse tio? Você olha para cima, olha para mim com olhos bem abertos. Por que está envolvida com seu tio? E você apenas olha para mim. E por que você quer que eu saia? Eu lhe fiz algo de errado? Ou tenho que sair porque não fiz nada de errado com você? E eu balanço a cabeça inconformado. Olho para as minhas mãos, elas estão tremendo. E você diz que seu tio disse que vou ter que sair, ele disse isso à sua mãe, e ela concordou. Olho para você, vejo-a levantar-se e então você atravessa o quarto. Por que quer que eu saia? Por que prefere estar com seu tio a estar comigo? O que fiz de errado? E eu a vejo parada diante de mim. Vejo minhas mãos tremerem. Você gosta quando seu tio a toca? Pede a seu tio que a toque? Ainda que ele pudesse ser seu pai? Olho para você. E vou caminhando pela rua. Seus olhos são pretos. Vou caminhando pela rua e vejo seus olhos, esses seus olhos pretos me preenchem. Vou caminhando pela rua e preciso encontrar você. E, afinal, você me pediu que fosse ao seu encontro. Vejo-a aí em pé, com seus olhos pretos, então você abre a porta e sai para o corredor. Vou caminhando pela rua e preciso encontrar você. Você não pode desaparecer de minha vida. Não posso perdê-la. Vou caminhando pela rua. Dobro uma esquina, e então aí estou eu, agora vou descer a Jägerhofstraße. Agora sigo pela Jägerhofstraße. E aí, do outro lado da rua, está o apartamento onde você mora, é no segundo andar que você mora com sua mãe, com seus outros irmãos, e aí, no pequeno quarto ao final do corredor, moro eu. Uma cama, uma cadeira. Minhas duas malas com roupas e materiais de pintura. E agora eu a encontrarei, pois você me pediu que viesse, quando estava no Malkasten eu a ouvi dizer que devia ir até você, e agora estou chegando até você e também Bodom disse que eu devia ir até você, ele disse que você estava esperando por mim. Mas então Bodom deve ter falado com você? E Bodom não deveria ter falado com você. Nenhum outro deveria ter falado com você. E por que Bodom falou comigo? Talvez você também seja namorada de Bodom? Você não pode namorar também Bodom! Quando falou com Bodom? Por que falou com Bodom? Você encontrou Bodom? Por que encontrou Bodom? E eu vejo o prédio onde você mora, no apartamento de vocês eu aluguei um quarto. Agora eu a reencontrarei. Atravesso a Jägerhofstraße. Entro no prédio, vou até a escada e agora simplesmente subirei, virarei a chave e abrirei a porta, e então lá estará você, pois me pediu que eu viesse até você, e quer muito conversar comigo.

Foi por isso que me pediu que viesse. E eu só preciso abrir a porta, entrar em meu quarto, e então virá Helene e baterá à minha porta. Vejo a porta, vou até a porta. Paro. Olho para a porta. Enfio a mão no bolso e aí está o cachimbo, os palitos de fósforo estão aí, a caixa de tabaco. Procuro no outro bolso e lá está a carteira e lá está a chave. Tiro a chave. Introduzo a chave na fechadura. E agora logo reencontrarei minha querida Helene. Giro a chave. Abro a porta. Olho para o corredor e vejo minhas duas malas diante da porta de meu quarto, uma das malas empilhada sobre a outra. Mas eu absolutamente não fiz minhas malas. E não vou partir. Não vou a lugar nenhum e agora minhas malas estão empilhadas no corredor, diante da porta de meu quarto. Afinal, eu moro aqui, esse é meu quarto, eu paguei o aluguel do quarto. E minhas malas não podem ficar no corredor, diante da porta de meu quarto. E Helene pediu que eu viesse para casa, mas seu tio disse que terei que partir, ir embora, ele disse que não poderei mais morar aqui, mas eu não quero ir embora. Não fiz nada de errado. Eu paguei, não fiz festas nem barulho, não fiz nada de errado e por isso também não quero sair, quero simplesmente continuar morando aqui, é injusto eu ter que sair, afinal aluguei aqui, moro aqui e aqui também mora Helene, minha querida Helene, e não quero sair. Não tenho nenhum outro lugar para morar. Preciso levar as malas para meu quarto, desfazê-las, preciso tirar minhas poucas coisas de novo. Não posso deixar minha querida Helene. E estou parado no corredor, e provavelmente logo virá o sr. Winckelmann, o gordo e preto sr. Winckelmann, e então ele vai tomar minhas duas malas e levá-las para a escada e vai me empurrar escada abaixo atrás delas, dizendo que agora eu devo sumir. E Helene pediu, sim, que eu viesse. Eu ouvi mesmo sua voz dentro de mim, no Malkasten, então ouvi claramente como Helene me pedia que viesse até ela, em casa. E minhas malas estão no corredor, diante da porta de meu quarto, uma mala empilhada sobre a outra. Foi Helene quem colocou minhas malas no corredor? Preciso pegar as malas e levar para dentro de meu quarto, afinal moro aqui e Helene me pediu que viesse até ela. Não posso ficar aqui pelo corredor, pois é possível que então chegue seu tio e diga que eu devo sumir, que devo pegar minhas malas e sumir. Vou até as malas, elas estão diante da porta de meu quarto. Afasto as malas da porta. Abro a porta e olho para dentro de meu quarto e tudo está como antes, a cama com as roupas de cama, a cadeira, a mesa. Meu quarto, o belo quarto que aluguei. Levanto uma das malas e levo-a para dentro do quarto, coloco-a na cama, vou de novo para o

corredor, levanto a outra mala, levo-a também para dentro do quarto e coloco-a na cama. Vou até a porta e fecho-a. Vou até a cama e abro as duas malas. E agora é hora de desfazê-las, com certeza. E ninguém tem o direito de guardar minhas coisas na mala, não, pois se minhas coisas devem ser postas numa mala, sou eu mesmo quem deve fazê-lo. Eu mesmo devo colocar as minhas coisas na mala. E fico parado, olhando para as malas, elas estão lado a lado sobre a cama. Vejo meu longo sobretudo preto por cima das roupas em uma das malas. Retiro o sobretudo, seguro-o à minha frente. E alguém tirou meu sobretudo do guarda-roupa e o colocou dentro da mala, vou até o guarda-roupa e abro a porta, tiro um cabide e penduro o sobretudo dentro. Vou novamente até a mala e vejo cuecas sujas e limpas esticadas lado a lado dentro dela, alguém colocou cuecas sujas e limpas embaixo do sobretudo. Sendo que ninguém tem o direito de pegar minhas coisas e colocá-las em malas. As coisas são minhas. Só eu tenho o direito de pegar minhas coisas e colocá-las em malas e agora alguém, na certa o sr. Winckelmann, ou talvez a sra. Winckelmann, eles não são marido e mulher, pois o sr. Winckelmann é irmão do falecido esposo da sra. Winckelmann, segundo disse Helene, agora na certa o sr. ou a sra. Winckelmann, que não são senhor e senhora, agora um dos dois ou os dois juntos pegaram as minhas coisas e colocaram-nas nas malas e depois puseram minhas malas para fora, no corredor. E agora eu terei que desfazer as malas novamente, pois afinal moro aqui, este é meu quarto, eu moro aqui. E vou ficar aqui. Vejo materiais de pintura dentro da outra mala, alguns pincéis, enrolados num pedaço de tecido, alguns blocos de esboços. Torno a fechar essa mala. Também fecho a outra. Fico em pé diante da cama e agora Helene deve chegar logo. E por que é que Helene não chega? E terá sido Helene quem juntou minhas coisas, colocou-as em minhas malas e pôs as malas no corredor, diante da porta de meu quarto? Pego uma das malas, levanto-a, coloco-a no chão e pego a outra mala, coloco-a sobre a primeira. E vou até a cama e sento-me na beira, livro-me de meus sapatos sacudindo-os para fora dos pés. Deito-me na cama. E agora esperarei por Helene. Cruzo as mãos sob a nuca, fico deitado, olhando para o teto. Será que Helene não quer vir até mim? Helene não virá até mim? E ouço passos, passos leves, no corredor. Deve ser Helene que eu ouço chegar, não? Ouço passos no corredor. Deve ser Helene que eu ouço chegar, esses são seus passos, não? Fico deitado, as mãos cruzadas sob a nuca, e ouço passos se aproximando. Sim, certamente é Helene? E Helene tinha que vir, afinal, até

mim. Afinal eu a ouvi chamar por mim, me dizer que eu agora devia vir até ela, quando eu estava no Malkasten, ela chamou por mim. E eu tinha que vir até ela. E os passos de Helene vêm bem lentamente até mim, ficam cada vez mais próximos, eu ouço seus passos vindo até mim, passos leves. Agora Helene está vindo até mim. Então talvez eu devesse me sentar na cama? Afinal, não vou conseguir ficar deitado muito bem com o corpo esticado na cama, em meu terno de veludo roxo, enquanto Helene vem até mim? Pois agora Helene está vindo até mim. E eu ouço seus passos pararem diante de minha porta. Pois essa é Helene, esses são seus passos, não? Ou será a sra. Winckelmann vindo aí? Mas os passos estavam tão leves. E então não pode ser a sra. Winckelmann, pois Helene afinal me pediu que viesse até ela, e agora eu vim até ela. E os passos de Helene param do lado de fora, diante da porta. E ouço batidas na porta. Agora ouço Helene Winckelmann, minha querida Helene, bater à minha porta. E tenho que atender, tenho que dizer entre. Tenho que convidar Helene a entrar. E não posso ficar assim deitado, esticado na cama. E ouço bater à porta outra vez. E tenho que dizer entre. Mas imagine se é a sra. Winckelmann? Ou talvez até mesmo o sr. Winckelmann? Não posso dizer entre. Tenho que simplesmente ficar deitado quieto. E vejo que a porta se abre. E vejo Helene. Vejo minha querida Helene parada à porta. E olho em seu rosto, em seus olhos. E então minha querida Helene olha para o chão. E eu vejo que minha querida Helene está tão pálida. Sento-me na beira da cama. Olho para as malas. Ouço Helene entrar no quarto, ela fecha a porta atrás de si. Ouço Helene entrar tão leve no quarto. Olho para Helene, vejo-a ir até a cadeira. Vejo como Helene se senta na cadeira. Olho para as malas. E agora tenho que olhar para Helene. Minha querida Helene. O que é que você tem, minha querida Helene? Você precisa dizer algo, não pode apenas sentar-se, e eu também preciso dizer algo. Não posso ficar apenas aqui sentado, preciso olhar para você, preciso dizer algo. E você também precisa dizer algo. Não podemos apenas ficar aqui sentados.

Lars, diz você.

E ouço minha querida Helene dizer Lars e sua voz é tão baixa que quase não consigo ouvir o modo como você diz meu nome. E olho para você, vejo-a sentada aí e olhando para o chão.

Lars, diz você mais uma vez.

E eu olho para você, mas você apenas fica sentada aí e olha para o chão, fala como que consigo mesma.

Você não vai poder continuar morando aqui, diz você.

E você me encara diretamente nos olhos e sua voz agora está mais alta e eu olho para baixo, para minhas malas.

Meu tio e minha mãe disseram que você não vai poder continuar morando aqui, diz você.

E eu não posso olhar para você, olho para o chão, você diz que seu tio disse que não poderei mais continuar morando aqui, e eu balanço a cabeça concordando.

Foi meu tio que fez suas malas, diz você.

Balanço novamente a cabeça concordando. E então não posso mesmo dizer nada? Tenho que simplesmente ficar aqui sentado e não posso dizer nada. E eu olho para o outro lado, para as malas, e olho para você, balanço a cabeça concordando.

Você não me chamou?, pergunto eu.

E você olha para mim.

Se eu o chamei?, pergunta você.

E você olha para mim com olhos arregalados e sua voz soa amedrontada e eu não posso olhar para você, olho para as malas.

Eu pensei em você, mas não o chamei, diz você.

Mas eu ouvi sua voz, digo eu.

Minha voz?

Sim, no Malkasten, eu estava lá sentado e ouvi sua voz bem nitidamente dentro de mim.

Então eu devo ter chamado você de alguma maneira, diz você.

E eu olho para você, vejo-a aí sentada na cadeira e você olha para o chão. E você está tão bonita, do modo como está aí sentada com seus cabelos brilhantes, suas bochechas delicadas. E você pensou em mim. Você estava esperando por mim.

Você estava esperando por mim, digo eu.

Sim, estava esperando, é verdade, diz você.

Pois então você esperava por mim!, digo eu.

E eu me levanto. Fico diante da cama e olho para você, o modo como está sentada na cadeira, e você olha para cima, para mim, e há medo em seus olhos, posso ver nitidamente que há medo em seus olhos.

Não, diz você.

E por que você está dizendo não, tão de repente? e sua voz também soa

totalmente alterada?

Você está com medo?, pergunto eu.

Um pouco, diz você.

Não tenha medo, digo eu.

E chego um pouco mais próximo de você.

Não, não, diz você.

E sua voz soa tão amedrontada.

Não?, pergunto eu.

Não, não, diz você.

Chego ainda mais próximo de você.

Você não pode, diz você.

E por que é que você está me dizendo que eu não posso? Você olha para mim.

Você vai ter que sair, diz você. Meu tio disse isso, disse que você vai ter que sair desta casa, não vai poder continuar morando aqui.

O que seu tio faz com você?, pergunto eu.

E novamente você olha para o chão. Olho para você. Você está sentada e olha para o chão. E seu tio quer é tê-la só para si, ele com seus malditos olhos pretos, que só sabem ficar o tempo todo encarando-a fixamente, afinal ele só quer tê-la para si, quer tocá-la, não quer deixá-la em paz, nunca vai deixá-la em paz, ele só sabe tocá-la e você o deixa fazer isso, você não diz não, você não, nunca consegue dizer não.

Seu tio, digo eu.

O que há com você, Lars?, pergunta você e me olha nos olhos.

E você me pergunta o que há comigo, mas não há absolutamente nada comigo, apenas estou aqui e não quero nada de especial e talvez precise lhe dizer que não quero nada de específico.

Nada, digo eu.

Mas você não quer sair desta casa?

Por que deveria sair? Você também quer que eu saia? Provavelmente é você quem quer que eu saia, digo eu.

Olho para você e você olha para baixo. E você não está sorrindo um pouco consigo mesma? É porque sairei desta casa que você está tão contente agora? É por isso que está sentada aí e sorrindo? Porque agora vai poder estar com seu tio, porque ele então vai poder tocar seus seios e todas as partes que ele queira, sem que haja mais alguém no apartamento? Pois afinal alguém fez

minhas malas e eu vou ter que sair. Alguém decidiu que eu tenho que sair, e você apenas fica aí sentada e sorrindo. E você não quer dizer por que eu tenho que sair desta casa. E eu não posso ficar aqui em pé, preciso me sentar de novo.

Por que você quer que eu saia?, pergunto eu. Por quê?

Vou até a cama e me sento à beira e olho para minhas malas. E você quer mesmo que eu saia, apenas me pediu que viesse até você para me torturar ainda mais, assim você podia ficar sentada na cadeira e com um risinho no rosto e não dizer palavra sobre isso, sobre o porquê de querer que eu saia. E não posso fazer nada, dizer nada. E não posso olhar para você. Mas preciso ter o direito de lhe perguntar por que você quer que eu saia. Pois é isso que você quer, afinal, é você quem quer que eu saia desta casa.

Por que você quer que eu saia?

Olho para você.

É meu tio quem quer isso, diz você.

Seu tio?

Sim.

É ele quem decide as coisas, então?

E a mãe também, já que o tio está dizendo isso.

E você?

Eu?

Não diz nada?

E eu vejo você fazer que não com a cabeça. E você olha para mim. Olho para minhas malas. E sei que você quer que eu saia. E, quando eu tiver saído, você vai rir de mim. E eu não posso olhar para cima e ver que você está aí sentada e com risinhos, e vejo que seu risinho fica maior, maior, cada vez maior. Não posso vê-la sentada aí e com esse risinho. Levo as mãos à frente dos olhos, pressiono as mãos contra meus olhos e seu risinho não pode mais continuar crescendo, seu risinho não pode ficar tão grande que comece a se mover por si próprio, não pode começar a mover-se em minha direção, para longe de mim, em minha direção, para longe de mim. Mas você se transforma em seu risinho. Tiro as mãos dos olhos e vejo o seu riso parado, grande, no meio do quarto, seu riso preenche o quarto quase por completo.

Não! Não!, digo eu.

O que há com você, Lars?, pergunta você.

E eu tenho que fechar os olhos, não posso ficar aqui sentado e olhando para

seu riso, os lábios que se movem levemente, vindo em minha direção, depois para longe de mim. Olho para seu riso.

Não, não agora!, digo eu. Não agora! Não!

O que há com você, Lars? Diga, afinal.

Não agora, não!

Está acontecendo alguma coisa com você, Lars?

Não, não, digo eu.

E apoio os cotovelos sobre os joelhos, levo as mãos diante dos olhos e me curvo para a frente, cubro meu rosto com as mãos, pressiono as mãos contra os olhos. E tudo fica preto, preto, e fica bem.

Não pode ser assim, digo eu.

E assim não pode ser e eu vejo meu pai vir correndo em direção a mim, por um ancoradouro, martelando o chão com seus tamancos. E você não pode ficar assim, com esse riso, não tão grande, no meio do quarto. E meu pai ergue o braço, bem alto no ar meu pai ergue o braço e tira sua boina, ergue sua boina para o alto, ao vento, e agita-a. Meu pai vem correndo ancoradouro adentro e agita sua boina no ar.

O que há com você, Lars, diz você.

E meu pai vem correndo ancoradouro adentro, ele agita sua boina.

Lars? O que há com você, afinal, Lars?

E meu pai chama Lars! ei, Lars! Você está vindo agora, Lars?

Sim, agora estou indo, digo eu.

Com quem você está falando?, pergunta você.

E meu pai fica parado à beira do ancoradouro e pergunta se não estou bem e se eu não gostaria de voltar para casa.

Sim, eu tenho que voltar para casa, digo eu.

O que há com você?, pergunta você.

E não quer mais me encontrar, você só me chama, me pede que venha até você, para poder ficar aí sentada com seu risinho, rir de mim, e meu pai está à beira do ancoradouro e então ele simplesmente segue andando em frente, meu pai entra na água, meu pai segue em frente através da água e então ondas quebram sobre ele. E o que vai acontecer com meu pai? Vai se afogar? Ele simplesmente entrou na água?

Você não pode se afogar, pai, digo eu. Por que entrou na água?

Lars! Lars!, diz você.

Pai! Pai!

Com quem você está falando?, pergunta você.
Pai! Você precisa subir de novo! Pai!

E eu vejo meu pai em pé sob a água, no fundo do mar, ele com seus tamancos entre algas e pedras, e o pai está simplesmente ali em pé. E então o pai olha para mim e diz que eu devo mesmo ir para casa, não importa se eu não me tornar um pintor, posso simplesmente ir para casa e ser aquele que sempre fui.

Sim, eu vou voltar para casa, digo eu.

E o pai diz que é isso que devo fazer, sim, já que não estou bem aqui embaixo, na Alemanha, devo simplesmente voltar para casa.

Sim, eu tenho que voltar para casa, digo eu.

E o pai está ali em pé sob as águas. E o pai diz que é bom que eu volte para casa, pois sou um pintor habilidoso e posso, enfim, pintar casas e armários e barcos, não preciso pintar exatamente quadros.

Sou capaz de pintar tudo o que for possível, digo eu.

Não fale assim, diz você.

E eu vejo meu pai balançar a cabeça concordando. E meu pai diz sim, disso ele tem certeza. E vejo meu pai tirar o cachimbo do bolso do paletó, ele enche o cachimbo e coloca-o na boca. Meu pai está ali em pé sob as águas e mete o cachimbo na boca. E o acende. Meu pai está ali em pé sob as águas e fuma cachimbo.

Não, agora pare, digo eu. Você não pode ficar aí sob as águas fumando cachimbo.

Lars, o que há com você, afinal?, pergunta você.

E você, que não quer mais me encontrar, que não quer que eu more mais sob o mesmo teto que você, fica aí sentada e me perguntando o que é que há comigo, enquanto meu pai está em pé sob as águas e fumando cachimbo.

Não é nada com você, digo eu.

É que você está falando com alguém, diz você.

E meu pai diz que está falando sério, que eu devo simplesmente ir para casa, ele e minha mãe e meus irmãos me receberão bem.

Eu vou para casa, digo eu.

Com quem você está falando?, pergunta você.

E eu fico sentado aqui e pressiono as mãos contra os olhos e ouço meu pai dizer que não devo ficar assim sentado. E vejo meu pai andar pelo fundo do mar, com seus tamancos que afundam no chão de areia, as pegadas de seus tamancos podem ser vistas no chão. Olho para as costas de meu pai.

Eu vou para casa, digo eu.

Você não pode continuar falando assim, estou ficando com medo, diz você.

E eu pressiono as mãos contra meu rosto e ponho-me a balançar a parte superior de meu corpo, balançar de um lado para outro.

Lars, agora tenho que ir logo, diz você.

Tiro as mãos do rosto, olho para você e vejo meu pai ali em pé junto à janela, com o cachimbo na boca.

Pai, você está aqui?, pergunto eu.

E ouço o pai dizer que só está dando uma passada rápida, logo vai embora de novo. E então ele diz que Elizabeth, minha irmã menor, também está aqui, pergunta se não a estou vendo. E então eu vejo Elizabeth, minha irmã menor, em pé ao lado de meu pai.

Elizabeth, que bom vê-la, mas por que está tão pequena?, digo eu.

E Elizabeth sorri para mim, agarra a perna da calça do pai e esconde o rosto na perna da calça do pai.

Que bom revê-la, Elizabeth, digo eu.

E meu pai diz que a Elizabeth está um pouco acanhada. E eu olho para meu pai e vejo sua calça preta, seu paletó preto, suas roupas pretas vão ficando cada vez maiores.

Não, não agora, digo eu.

E as roupas pretas e brancas, os tecidos pretos e brancos, agora eles não podem vir. Os tecidos não podem vir.

Lars, acalme-se, diz você.

Olho para você, minha querida Helene, vejo minha querida Helene sentada numa cadeira no quarto que aluguei, e ela olha para mim e seus olhos estão grandes e pretos.

Você não pode falar assim, diz você. Não faça isso. Estou ficando com tanto medo. Você não pode.

Não tenha medo, digo eu.

Com quem você estava falando?, pergunta você.

E isso você não pode me perguntar. Não pode me perguntar com quem eu estava falando. Se você me perguntar com quem eu estava falando, terei de matá-la, pois você, minha querida Helene, não quer que eu continue morando aqui e não pode me perguntar com quem eu estava falando, isso você não pode. Você que simplesmente vá embora, que me deixe em paz. Você não me ama mais. Eu a amo, mas você não me ama. Não vou gostar de você. Você não me ama.

Você não quer mais ser minha namorada, digo eu.

Mas com quem você está falando?, pergunta você.

Com ninguém, digo eu.

Elizabeth, você disse.

E você não pode me perguntar com quem eu estava falando, você não tem nada a ver com isso, afinal veio aqui para me dizer que terei que sair desta casa, e então eu não tenho para onde ir, então não poderei mais estudar na Alemanha, pois em algum lugar, enfim, eu preciso morar, e Helene, ela, que é minha querida Helene, ela, que me pediu que viesse ao seu encontro, ela, que me ama, ela, minha querida Helene, também quer que eu saia, para poder estar a sós com seu tio, para que seu tio faça com ela todas as coisas possíveis, é isso que ela quer.

Você quer que eu saia desta casa, não quer nada de bom para mim, digo eu.

Lars, diz você.

Você é como os outros pintores, não quer nada de bom para mim, digo eu.

Nós precisamos conversar, diz você.

E eu a vejo aí sentada, tão delicada, como a mais bela visão que já tive, aí sentada, você é mesmo a mais bela visão que já tive, e então só quer estar junto com seu tio, ao mesmo tempo em que é tão delicada e tão bela.

A mãe já está vindo para casa, diz você.

E você aí sentada, tão delicada e tão bela.

E então você precisa ir embora, diz você. A mãe e o tio estão vindo para casa, então você precisa ir embora, foi o tio quem fez suas malas, você precisa ir.

Balanço a cabeça concordando. Olho para você, aí sentada e tão delicada e bela.

E o que será então? Não vamos mais poder nos encontrar! Lars! Se você sair, nós não vamos mais nos encontrar!, diz você.

Vejo-a levantar-se, você fica parada, as costas eretas.

Você entende, Lars, diz você.

E você vem até mim e coloca-se à minha frente. Põe as duas mãos sobre meus ombros.

O que devemos fazer, Lars?, pergunta você. O que devemos fazer? Como vou poder vê-lo, então? Não temos que combinar algo, não? Temos que fazer algo.

E você olha para mim.

A mãe e o tio já estão voltando, então você precisa ir embora, temos que combinar algo.

Olho para cima, para você.

Não vamos poder nos encontrar mais, diz você.

E eu levo a mão até sua face, acaricio-a na face.

Nunca mais, diz você.

Podemos nos encontrar, sim, podemos, digo eu.

Como, então?, pergunta você.

Encontrando-se, ora, digo eu.

Mas vai ficar difícil, a mãe é tão rígida comigo, e o tio, esse é ainda mais rígido.

Olho-a nos grandes olhos abertos.

Mas, digo eu. Poderemos nos encontrar, não? Isso tem que ser possível, de alguma maneira. Tem que ser, sim.

Vejo-a balançar a cabeça discordando.

Não é possível?, pergunto eu.

E você aperta os lábios e balança a cabeça.

A mãe e o tio estão dizendo que vão tomar conta de mim, diz você.

Seu tio também?

Você responde que sim com a cabeça.

Mas? digo eu.

A mãe e o tio combinaram que, quando ela não puder estar em casa, ele virá para cá. Ele deve igualmente tomar conta de mim, diz você.

Então seu tio deve tomar conta de você, você estará com seu tio e é exatamente isso que você quer, que vocês estejam juntos, assim ele pode tocar em você quanto quiser.

Eles já estão vindo, a mãe e o tio, diz você. E aí você vai ter que sair desta casa, afinal o tio já colocou suas coisas nas malas, ele ficou muito bravo quando viu que você ainda não havia feito as malas e apenas tinha saído, como se fosse voltar.

E eu sei que você prefere estar junto com seu tio a estar comigo.

Apesar de ele ter lhe devolvido o aluguel, você não foi embora, diz você. E ficou bravo. Na verdade, ele queria jogar suas coisas fora, colocá-las na rua. Mas desistiu de fazer isso. Minha mãe disse que ele não devia fazer aquilo.

Você e seu tio. E eu simplesmente não entendo por que você prefere estar com seu tio a estar comigo.

E fui eu que pedi a ela que dissesse a ele para não fazer aquilo, diz você. Fui eu, ouça isso, Lars, ouça, fui eu que pedi isso, eu salvei suas coisas, ouça isso, Lars.

Você e seu tio. Ele tocará em você e você gostará disso, pois eu já sei que você prefere estar com seu tio a estar comigo, por isso quer que eu saia desta casa.

Você tem que acreditar em mim, Lars, tem que acreditar em mim.

E você fala o tempo todo que prefere estar com seu tio a estar comigo, quer que eu saia, para assim poder estar com seu tio sem que eu esteja no apartamento. Eu tenho que sair, para que você possa estar com seu tio. E eu não tenho outro lugar para morar. Não poderei ficar na Alemanha e me tornar um pintor, se não tiver onde morar. Preciso morar em algum lugar, afinal. Não posso morar na rua, nesse caso prefiro viajar de volta para casa. Mas lá não poderei pintar quadros, lá só poderei pintar casas.

Não vou poder continuar morando aqui, digo eu.

Pois não posso ficar neste apartamento, se você quer apenas estar a sós com seu tio.

Se você não quer que eu continue morando aqui, tudo bem, digo eu.

E eu vejo que você balança a cabeça, discordando.

Porque seu tio quer tê-la só para si, digo eu.

Você balança a cabeça, discordando.

Porque você quer estar a sós com seu tio, digo eu.

Não, não, diz você.

Vou ter que sair desta casa, digo eu.

Podemos combinar algo, talvez?, pergunta você.

E você tira as mãos de meus ombros. E atravessa o quarto, vai à janela, coloca-se à frente da janela e aí fica, em seu vestido branco, diante da janela, com seus cabelos, seus cabelos brilhantes estão fortemente presos no alto da nuca e eu vi seus cabelos soltos! Eu a vi com os cabelos soltos e como eles caíam por seus ombros. E atrás de você, do lado de fora da janela, sobre a colina logo ali erguem-se os choupos, tão verdes, numa fileira. Vejo-a, minha querida Helene, aí em pé diante da janela. E você se vira e me olha por cima dos ombros.

O tio já está voltando, diz você. E então não posso ficar no seu quarto, com meu tio voltando.

E você está tão bonita nesse seu vestido branco e olhando para mim.

Você precisa ir, então?, pergunto eu.

E você responde que sim com a cabeça.

Não quer mais estar comigo?

E já sei que você prefere estar com seu tio a estar comigo, o porquê eu ainda me pergunto, e você só fica aí, me olhando. E meu pai? Onde foi parar meu pai? Pois ele estava aqui, sim. E Elizabeth estava aqui, minha irmã menor Elizabeth também estava aqui. Onde foi parar Elizabeth? Onde está o pai? E você diz que precisa ir, você não quer estar comigo, quer apenas que eu vá, afinal o que quer é apenas estar com seu tio.

Lars, diz você.

E eu ouço alguém abrir uma porta.

Lars. Agora eles estão vindo. Preciso ir. Eles estão vindo, diz você.

E eu ouço uma porta se abrir e a ouço sussurrar agora eles estão vindo, e então é possível ouvir passos no corredor e você olha para mim com olhos amedrontados e eu ouço o sr. Winckelmann dizer que as malas sumiram.

Ah, isso é bom, diz sua mãe.

Bom, bom, diz o sr. Winckelmann. Bom que ele esteja fora desta casa, sim.

E eu a vejo olhar em direção à porta com os olhos arregalados e paralisados. Você aí em pé, tão bonita e olhando em direção à porta. E olho para você e então também olho em direção à porta e ouço-a sussurrar que não pode ficar mais aqui, eles não podem encontrá-lo comigo, sussurra você e ouço o sr. Winckelmann dizer que eu tinha mesmo que me mandar, afinal eles não podiam pura e simplesmente ver Helene e eu juntos no apartamento, não depois que as coisas haviam evoluído até tal ponto.

Não, evidente que não, diz sua mãe.

Simplesmente não dava, diz o sr. Winckelmann. A única coisa certa a fazer era colocá-lo para fora.

Você tem toda a razão, claro que ele não podia continuar morando aqui, depois que as coisas evoluíram até tal ponto, diz sua mãe.

Não, evidente que não, diz o sr. Winckelmann.

Um sujeito bastante esquisito, ele, diz sua mãe.

A maior parte do tempo deitado na cama, diz seu tio.

E aí tanto seu tio quanto sua mãe começam a rir.

O que menos devia fazer era estudar e pintar, isto sim, diz seu tio.

Sim, verdade, devia ser assim, diz sua mãe.

Por que, afinal, você o deixou entrar nesta casa?, pergunta seu tio.

Não sei ao certo, diz sua mãe.

Enfim, o que passou passou, diz o sr. Winckelmann.

Passou, e foi o melhor para Helene, diz sua mãe.

E eu sussurro o melhor para Helene, e você balança a cabeça para mim concordando e Helene e eu olhamos um para o outro e você sorri para mim e então sussurra você o melhor para Helene e sorri para mim e você e eu olhamos um para o outro e então ouço a sra. Winckelmann chamar Helene! Helene! e vejo-a indo até a porta e ouço o sr. Winckelmann perguntar se Helene não está em casa.

Helene! Helene!, chama a sra. Winckelmann.

E eu ouço passos pesados e leves no corredor, os passos leves da mãe e os pesados do tio, e Helene se vira e olha para mim.

Agora eles estão vindo, diz você.

Não tenha medo, digo eu.

Eles estão vindo, agora, diz você.

Não se preocupe com isso, digo eu.

E você olha para mim e balança a cabeça, e eu a vejo diante da porta e olhando para a porta.

Não, não, digo eu.

Helene! Helene!, chama o sr. Winckelmann.

E o sr. Winckelmann deve deixar minha querida Helene em paz.

Não, que maldição, digo eu.

E eu olho para a porta, vejo a porta se abrir, primeiramente devagar e Helene recua um pouco e depois a porta se abre rápido e então estala contra a parede. E o sr. Winckelmann está aí e preenche o vão da porta. E o sr. Winckelmann começa a rir. E o sr. Winckelmann vira o rosto para o corredor e grita no corredor ela está aqui, com as malas, grita o sr. Winckelmann, e o sr. Winckelmann fica parado à porta e ri e grita aqui está ela, sim, ela e as malas, grita o sr. Winckelmann novamente, ela e as malas e seu norueguês louco, grita ele, e eu me levanto e atravesso o quarto e me posto ao lado de minha querida Helene. Encaro o sr. Winckelmann, olho diretamente nos olhos pretos do sr. Winckelmann.

Helene e eu somos namorados, digo eu.

O sr. Winckelmann olha para mim.

Somos namorados, digo eu.

Namorados?, pergunta o sr. Winckelmann.

Balanço a cabeça confirmando. E o sr. Winckelmann recomeça a rir. O sr. Winckelmann fica parado à porta, rindo. E o sr. Winckelmann se vira novamente e ele diz para fora do corredor somos namorados, então o sr. Winckelmann ri e eu vejo a sra. Winckelmann chegar e postar-se à porta. E então o sr. Winckelmann abre os braços e ocupa todo o vão da porta. O sr. Winckelmann fica ali bloqueando a passagem da porta. E o sr. Winckelmann me encara diretamente.

Eles são namorados, pois sim, diz o sr. Winckelmann.

E o sr. Winckelmann me encara fixamente.

Sabe quantos anos tem sua namorada?, pergunta ele. Hein? Sabe?

Olho para baixo, para minhas malas.

Ela é apenas uma criança, diz o sr. Winckelmann. E é de boa família. O senhor sabe o que significa ser de boa família?

E eu olho para cima e vejo a sra. Winckelmann sob um dos braços do sr. Winckelmann, ela tem os olhos úmidos e por suas faces escorrem lágrimas. A sra. Winckelmann olha para Helene.

Não, então, Helene, diz a sra. Winckelmann.

E aí a sra. Winckelmann inclina a cabeça para a frente e eu a ouço soluçar e aí a sra. Winckelmann se encosta no sr. Winckelmann e ele passa um braço em torno de seus ombros.

Somos namorados, sim, digo eu.

Ouça isso, minha cara, diz o sr. Winckelmann. Ouça isso.

E o sr. Winckelmann aperta mais firme a sra. Winckelmann pelos ombros.

Ele está dizendo que eles são namorados, diz o sr. Winckelmann.

E a sra. Winckelmann aperta o rosto contra o paletó preto do sr. Winckelmann.

Para fora com esse louco, já basta, fora, diz o sr. Winckelmann.

Sim, sim, diz a sra. Winckelmann.

Ele vai ter que se mandar, diz o sr. Winckelmann. Fora. Fora.

E vejo a sra. Winckelmann erguer a cabeça do paletó preto.

E você, Helene, diz a sra. Winckelmann. O que é que está fazendo? Como pode isso? O que é que está fazendo? Você não pensa mesmo em seu pai, o que ele iria dizer sobre isso? O que iria dizer seu pobre falecido pai sobre isso?

E eu me sento na beira da cama. E vejo Helene, minha querida Helene, em pé bem no meio do quarto, em seu vestido branco e com seus belos cabelos

brilhantes. Minha querida Helene está parada ereta bem no meio do quarto. E o sr. Winckelmann libera o vão da porta e tira o braço dos ombros da sra. Winckelmann e entra no quarto. Vejo seus olhos pretos entrando no quarto. Os olhos pretos, a barba preta. Sua volumosa barriga. O sr. Winckelmann entra preto no quarto e caminha em direção a Helene, ele pega Helene pelo braço, vejo o sr. Winckelmann segurar Helene pelo braço.

Solte-a, digo eu.

O sr. Winckelmann me encara, preto.

E você cale sua boca, diz ele.

E o sr. Winckelmann puxa Helene consigo até a porta e eu não posso ficar aqui sentado quieto e observando o modo como o sr. Winckelmann leva de mim minha querida Helene, o sr. Winckelmann está tirando minha querida Helene de mim para sempre, ele puxa minha querida Helene consigo, puxa-a consigo a fim de levá-la para fora do quarto que aluguei no apartamento da sra. Winckelmann, ele agarra firme o braço de minha querida Helene e puxa-a para longe de mim e, enquanto o sr. Winckelmann puxa para longe de mim minha querida Helene, a sra. Winckelmann fica parada à porta e apenas observa. Minha querida Helene é levada pelo braço para fora do quarto. E isso não pode ser. E eu só posso ficar aqui sentado. E meu pai está em pé ali do outro lado, à janela, e observa o modo como o sr. Winckelmann puxa Helene para fora do quarto. Meu pai encara fixamente o sr. Winckelmann, que puxa minha querida Helene para fora do quarto. Para sempre minha querida Helene é levada do quarto, para longe de mim, para sempre longe de mim. E meu pai diz algo, ele está simplesmente ali com sua boina na mão, parado sobre seus tamancos e observando o modo como o sr. Winckelmann leva para longe de mim minha querida Helene. E Elizabeth, minha querida irmã Elizabeth, por que você está aí, olhando para cima, para o sr. Winckelmann?

Elizabeth, digo eu.

E Elizabeth diz que seu irmão não deve ficar triste, seu irmão.

Não, não estou triste, digo eu.

E Elizabeth diz que é bom ouvir isso.

E agora o senhor pegue suas malas e vá embora, diz o sr. Winckelmann.

E o sr. Winckelmann mantém um dos braços em torno de Helene e o outro em torno da sra. Winckelmann e me encara.

Preciso ir?, pergunto eu.

Sim, sim, diz o sr. Winckelmann. E imediatamente.

E eu vejo Helene e a sra. Winckelmann paradas e concordando com a cabeça, também Helene quer que eu vá, pois afinal ela só quer estar com seu tio, para que eles possam fazer coisas juntos, também Helene quer mesmo que eu saia desta casa, e vejo Elizabeth vindo em minha direção, ela sobe em meu colo. Ponho a mão nas costas de Elizabeth.

Que bom que você veio me visitar, digo eu.

Com quem o senhor está falando?, pergunta o sr. Winckelmann.

E Elizabeth diz que queria tanto me visitar, seu irmão mais velho na Alemanha, ele que conseguiu viajar para tão longe, até a Alemanha, tão longe no sul, conseguiu viajar para tão longe porque é um pintor tão bom.

Elizabeth, claro, digo eu.

Com quem o senhor está falando aí?, pergunta o sr. Winckelmann.

Elizabeth, claro, digo eu.

O senhor levante-se e vá embora, diz o sr. Winckelmann.

Tiro Elizabeth do colo e ponho-a no chão.

Agora vá com o papai, digo eu.

E vejo Helene e a sra. Winckelmann, uma a cada lado do sr. Winckelmann, que mantém os braços em torno delas, e eles me encaram.

Vá com o papai, Elizabeth, digo eu.

E eu observo Elizabeth indo até a janela, ela ergue a mão, pega na mão do pai. Olho para o pai e para Elizabeth, que estão ali, diante da janela.

Agora preciso ir. Preciso cumprimentar a mãe e os outros irmãos, digo eu.

Apresse-se, diz o sr. Winckelmann.

Vejo os olhos pretos do sr. Winckelmann. E vejo Helene, minha querida Helene, parada à porta e encostada ao sr. Winckelmann e então Helene levanta a mão e passa-a em torno do pescoço do sr. Winckelmann e é com ele que ela quer mesmo estar, não comigo. Não posso olhar para minha querida Helene. Desvio o olhar para minhas malas.

Preciso fazer minhas malas, digo eu.

Sim, sim, diz o sr. Winckelmann.

Levanto-me da beira da cama, vou até as malas e deito-as no chão. Abro uma delas. E me viro, e agora o sr. Winckelmann está sozinho à porta e vejo-o balançar a cabeça em desaprovação. E agora provavelmente não conseguirei nunca mais voltar a ver minha querida Helene. Helene se foi. O sr. Winckelmann agora está sozinho à porta e balança a cabeça em

desaprovação. E a cabeça do sr. Winckelmann fica maior, cada vez maior, e então também os seus olhos pretos ficam grandes, e então maiores, e então seus olhos pretos deslizam para fora de sua cabeça e começam a mover-se pelo quarto, soltos, totalmente soltos se movem os seus olhos pelo quarto e seus olhos ficam cada vez maiores, cada vez mais pretos, e então seus olhos movem-se até mim, para longe de mim, seus olhos preenchem todo o quarto e tudo o que consigo vislumbrar agora são Helene e a sra. Winckelmann, entre os olhos pretos dele, os olhos dele que agora preenchem quase todo o quarto, e à porta estão Helene e a sra. Winckelmann, cada uma sob um braço do sr. Winckelmann estão Helene e a sra. Winckelmann, elas estão à porta, paradas à porta, e se deixam apenas vislumbrar, elas não querem ser vistas, deixam-se apenas vislumbrar entre os olhos pretos que preenchem o quarto, e então os olhos começam a se esticar, ficam cada vez mais longos, eles se tornam tecidos pretos e brancos, tecidos soltos, e os tecidos começam a ondular, os tecidos ondulam pelo quarto, vindo em minha direção, afastando-se de mim, os tecidos movem-se até mim, para longe de mim, o tempo todo os tecidos movem-se até mim, para longe de mim, e então os tecidos aproximam-se de minha boca, os olhos pretos do sr. Winckelmann são tecidos pretos e brancos que se movem em direção à minha boca, então os tecidos estão junto a meus lábios e se pressionam contra minha boca. Os tecidos pretos e brancos se pressionam contra minha boca. E isso não pode ser, tenho que simplesmente ir embora. Não posso permitir isso, que os tecidos pretos e brancos me sufoquem. Isso não pode ser. Tenho que simplesmente ir embora. E eu ouço o sr. Winckelmann dizer que devo me apressar um pouco e Helene diz que eu desfiz novamente as malas e eu ouço a fala de Helene vinda de um outro lugar bem distante de mim e o sr. Winckelmann diz desfez, olhem só, diz o sr. Winckelmann, e então ele diz que agora está se esgotando sua paciência, e eu olho para dentro de uma das malas, para minhas cuecas sujas e limpas. E tenho que ir buscar meu sobretudo. E não posso olhar na direção dos olhos do sr. Winckelmann. Não posso olhar na direção dos tecidos pretos e brancos que se movem até mim, depois se afastam de mim. Tenho que simplesmente ir até o guarda-roupa e apanhar meu sobretudo. E eu vejo o sr. Winckelmann preto à porta. E nunca mais conseguirei ver minha querida Helene. Vou até o guarda-roupa, abro-o, tiro meu sobretudo e fico ali parado segurando o sobretudo à minha frente. Carrego o sobretudo à minha frente até a mala. Olho para a janela, os choupos erguem-se tão verdes do lado de fora. Os

choupos subindo em direção ao céu. E o sr. Winckelmann olha para mim, seus olhos pretos me encaram, me encaram, por sobre sua barba preta. Os olhos pretos do sr. Winckelmann. Coloco o sobretudo na mala, em cima das cuecas sujas e limpas. Preparo-me para fechar a mala. Fico de joelhos, fecho a mala e ouço o sr. Winckelmann perguntar se o cabide é meu.

Não, acho que não, diz a sra. Winckelmann.

Pois então, diz o sr. Winckelmann. Pendure o cabide de volta.

E esse não é meu cabide, é um cabide que estava pendurado no guarda-roupa quando cheguei aqui, um dos muitos cabides pendurados no varão de madeira. São cabides da sra. Winckelmann. E tenho que pendurar o cabide de volta. Olho para cima e vejo a grande barriga do sr. Winckelmann, seus olhos pretos, sua barba preta. E agora tenho mesmo que pendurar o cabide de volta. Tenho que abrir a mala de novo. Abro a mala. Tiro o cabide do sobretudo. Levanto-me e fico parado, com o cabide na mão. Olho para o sr. Winckelmann.

Vamos, depressa, diz ele.

Olho para a porta e a sra. Winckelmann e Helene estão ali e se encostam no sr. Winckelmann.

Não temos todo o tempo do mundo, diz o sr. Winckelmann.

Vou até o guarda-roupa e penduro o cabide no varão de madeira, de volta à fileira dos outros cabides. Volto a fechar o guarda-roupa. Vou até as malas. Agacho-me e fecho a mala. Levanto-me e coloco as malas em pé no chão e pego cada uma das malas. E ali estou, uma mala em cada mão. Vejo o sr. Winckelmann parado à porta com os braços em torno de Helene e da sra. Winckelmann. E ouço a sra. Winckelmann dizer que ela e Helene vão à sala e o sr. Winckelmann diz sim, vão para a sala, e eu ouço Helene e a sra. Winckelmann seguirem pelo corredor. E vejo o sr. Winckelmann afastar-se da porta e ouço-o sumir pelo corredor. Passo pela porta. Vejo o sr. Winckelmann ao fundo, parado junto à porta do apartamento. Vou até a porta do apartamento, entre minhas duas malas. Vejo o sr. Winckelmann abrir a porta do apartamento e então o sr. Winckelmann fica ali, segurando a porta aberta e olhando para mim.

Então, diz o sr. Winckelmann.

Vejo o sr. Winckelmann parado e segurando a porta do apartamento aberta. Vou até a porta e passo pelo sr. Winckelmann.

Então, finalmente, diz o sr. Winckelmann.

Saio pelo vestíbulo.

Finalmente, diz o sr. Winckelmann.

Eu me viro e olho para o sr. Winckelmann.

Adeus, diz o sr. Winckelmann. Adeus para sempre.

Ouço a porta do apartamento bater com força atrás de mim. Vou até a escada. Ouço o modo como a porta do apartamento é trancada. Começo a descer a escada. Vou entre minhas duas malas, descendo a escada. E não tenho para onde ir, mas afinal tive que ir embora e minha querida Helene ficou no apartamento, com o sr. Winckelmann, e eu não posso fazer nada quanto a isso, absolutamente nada, afinal tive que ir embora. E não tenho para onde ir. Afinal, tive que ir embora. Não pude ficar, tive que ir. Vou descendo a escada. E agora minha querida Helene está no apartamento com o sr. Winckelmann. E eu não tenho para onde ir. Apenas vim para a Alemanha e só sabia que devia ficar morando na Jägerhofstraße, com a sra. Winckelmann. E agora não posso continuar morando com a sra. Winckelmann. Vou descendo a escada, entre minhas duas malas. E o que será de mim? E onde haverá de morar minha querida Helene? Como conseguirei agora encontrar minha querida Helene? Vou descendo a escada. E não sei absolutamente para onde ir, mas tenho que ir a algum lugar, afinal tenho que morar em algum lugar, onde devo morar? Onde devo dormir hoje à noite? Vou descendo a escada. Afinal, em algum lugar eu devo morar. E não poderei ficar na Alemanha, porque os noruegueses na Alemanha não sabem pintar. Mas Hans Gude sabe pintar. E Tidemand sabe pintar. Eu sei pintar. Não poderei ficar mais na Alemanha, terei que voltar para casa, não poderei mais ficar entre todos os pintores que não sabem pintar. Mas o que dirá então Hans Gabriel Buchholdt Sundt? Hans Gabriel Buchholdt Sundt. Se eu viajar de volta para casa, nunca mais poderei andar pelas ruas de Stavanger, pois poderia topar com Hans Gabriel Buchholdt Sundt numa delas. E para onde devo ir, então? Não tenho mesmo nenhum lugar para morar. Só não posso ficar andando pelas ruas, pelas ruas da Alemanha, sem lugar para morar. Tenho que morar em algum lugar. E, afinal, eu moro na Jägerhofstraße, pois aluguei um quarto da sra. Winckelmann, da viúva Winckelmann, na Jägerhofstraße. Moro num apartamento mobiliado da sra. Winckelmann. Vou descendo a escada entre minhas duas malas. E tenho que ir até Helene, pois ela me chamou. Eu tive que vir até Helene. E não tenho para onde ir. Tenho que simplesmente ir para algum lugar. E para onde devo ir? Saio para a rua. E

não se vê uma única pessoa nela. Mas para algum lugar eu tenho que ir. Vou caminhando pela rua. E ainda há pouco andei por essa mesma rua, desci toda essa rua. Subi esta mesma rua. Estou descendo esta mesma rua. Já andei por toda essa rua ainda há pouco. Desci esta rua. Andei ao longo de toda essa rua, ainda há pouco desci toda essa rua uma vez, e depois, um pouco mais tarde, subi essa rua de novo. Vou caminhando pela rua. Há pouco fui ao Malkasten, estive pela primeira vez no Malkasten. Hoje, aliás, também eu estive no Malkasten. E agora vou caminhando pela rua, entre minhas duas malas, e eu não tenho para onde ir. Vou caminhando pela rua. Vou caminhando entre minhas duas malas. Não sei para onde devo ir, mas vou caminhando pela rua. E eu ouvi, sim, a voz de minha querida Helene, ela me pedia que fosse até ela. E eu fui até minha querida Helene. E eu não sei para onde devo ir, tenho que simplesmente ir. Enfim, tenho que ir para algum lugar, pois sempre se tem que estar em algum lugar. Tenho que estar em algum lugar. Vou caminhando pela rua. Estou na Jägerhofstraße. Não sei o que será de mim. Vou caminhando pela rua. Vou até você. Quero simplesmente apenas estar com você, com ninguém mais eu quero estar. Agora estou indo até você. E hoje falei com meu pai e com minha querida irmã mais nova Elizabeth. E meu pai disse que posso à vontade ir para casa, e aí poderei novamente pintar casas e paredes, nós poderemos trabalhar juntos, ele e eu. E Elizabeth também estava lá. Sigo entre minhas duas malas, uma mala em cada mão, e não sei para onde. Vou ao encontro de minha irmã menor, Elizabeth. Vou ao encontro de meu pai. Sigo entre duas malas que ganhei de Hans Gabriel Buchholdt Sundt. Tudo eu ganhei dele, até mesmo as malas. Estou na Alemanha porque Hans Gabriel Buchholdt Sundt me paga viagem e moradia, e é porque ele acha que sou habilidoso na pintura que estou agora na Alemanha. Porque eu sei pintar. Eu realmente sei pintar. É porque eu realmente sei pintar e porque Hans Gabriel Buchholdt Sundt também acha que eu realmente sei pintar que estou agora na Alemanha. Vou me tornar um pintor de paisagens, me formar na Academia de Belas-Artes de Düsseldorf, e Hans Gude é meu professor. Sou o pintor Hertervig. Nasci em Hattarvåg. Sou o pintor Lars Hertervig, o dos longos cabelos ondulados e dos olhos castanhos. E sou discípulo de Hans Gude. Eu sei pintar. E hoje Hans Gude iria ver o quadro que estou pintando, mas eu não pude ir à aula, em vez disso fiquei em casa, deitado na cama, em meu terno de veludo roxo, fiquei em vez disso deitado na cama e esperando que minha querida Helene viesse até mim.

Olho para a frente, vou caminhando pela rua. Não sei para onde devo ir, sigo entre minhas duas malas. Vou caminhando pela rua. E olho para cima e vejo Hans Gude ali parado e olhando para mim, diante de mim na rua está Hans Gude e ele olha para mim e então Hans Gude levanta o braço e acena para mim. Isso não podia acontecer, mas agora Hans Gude me viu e está ali e acena para mim. Tenho que ir embora. Pois ali em frente está Hans Gude acenando para mim e eu aqui carregando minhas malas, de modo que não posso acenar de volta. Vejo Hans Gude parado ali em frente e acenando para mim. E agora Hans Gude certamente vem em minha direção. Hans Gude deve ter vindo de uma travessa desta rua, pois surgiu ali tão de repente, e então Hans Gude deve ter olhado para cima na rua e então me viu e agora Hans Gude vem andando em minha direção. Isso não podia acontecer. Mas agora aconteceu. Hans Gude vem andando em minha direção e eu não posso simplesmente me virar, tenho que apenas seguir andando. Hans Gude me viu e agora vem andando em minha direção, agora ele quer falar comigo. E eu que hoje não apareci na aula. E que vou caminhando pela rua entre minhas duas malas. Isso não podia acontecer. E agora aconteceu, pois Hans Gude vem andando no sentido oposto, e eu vou ter que topar com ele, vou em frente, olhando para baixo. Sigo andando entre minhas duas malas, vou em direção a Hans Gude. E agora claro que Hans Gude vem andando em minha direção, e eu não posso encarar Hans Gude, mas logo ele estará tão perto que será impossível eu me esquivar dele. Vou ter que topar com Hans Gude e ouvi-lo dizer olá, Hertervig! e eu sigo andando entre minhas duas malas e olho para o lado, pois Hans Gude me chamou, e eu vou ter mesmo que lhe responder algo e Hans Gude exclama não, pois eu tinha mesmo que encontrar o senhor!, exclama Hans Gude e olha para uma de minhas malas, pois Hans Gude disse que era estranho ele me encontrar, como se isso fosse estranho, mas provavelmente é estranho, porque eu não apareci na aula hoje, e agora Hans Gude com certeza vai logo perguntar por que eu não fui, então vai dizer que viu meu quadro, e ele com certeza vai dizer que meu quadro é ruim, que não merece absolutamente ser visto, que meu quadro não merece nem o seu olhar, isso ele com certeza vai logo dizer, ele com certeza vai dizer incontinente que estou pintando um quadro ruim. Eu sei que meu quadro não vai agradá-lo. Vou ter que topar com Hans Gude. Pois estou indo em direção a Hans Gude. Logo vou topar com Hans Gude. E então Hans Gude vai me perguntar por que estou andando aqui com minhas duas malas e aonde

pretendo ir, isso ele vai perguntar então, com certeza. E com certeza foi ele, Hans Gude em pessoa, que me arranjou o quarto mobiliado, esse quarto que Hans Gude em pessoa arranjou para mim, esse quarto onde agora não posso mais morar. E Hans Gude também deve conhecer Hans Gabriel Buchholdt Sundt. E Hans Gude na certa contará a Hans Gabriel Buchholdt Sundt que eu não posso mais morar no quarto mobiliado que Hans Gude em pessoa arranjou para mim. E Hans Gude com certeza não gostou do quadro que estou pintando, ele logo vai me dizer que eu não sei pintar, que meu lugar não é na Academia de Belas-Artes de Düsseldorf, é o que vai dizer ele então também a Hans Gabriel Buchholdt Sundt, e com certeza lhe dirá que eu tenho que voltar para casa. Não há motivo para eu permanecer mais tempo na Alemanha, dirá ele, com certeza. Estou indo até Hans Gude. Chego cada vez mais próximo dele. Vou ter que topar com Hans Gude. Vou ter que encarar Hans Gude. Não posso simplesmente seguir adiante olhando para baixo, para minhas malas. Tenho que encarar Hans Gude. Olho para cima e vejo Hans Gude aproximar-se cada vez mais. E agora tenho que parar.

Pois não é que eu o encontro assim tão inesperadamente, diz Hans Gude. E Hans Gude para diante de mim. E eu não posso olhar para Hans Gude, para Hans Gude em pessoa.

Um encontro inesperado, diz Hans Gude.

E eu certamente tenho que dizer algo.

Sim, sim, digo eu.

Aonde é que o senhor pretende ir?, pergunta ele.

E tenho mesmo que responder? Mas o que devo dizer?

Não está querendo ir embora de viagem, está?, pergunta ele.

E eu tenho que dizer algo.

Uma vez que anda por aqui carregando suas malas, o que mais pode ser?, pergunta ele.

E eu tenho que dizer algo, tenho que responder a sua pergunta, se Hans Gude em pessoa está me perguntando algo, é certo que eu tenho que responder.

O senhor está com suas malas, diz Hans Gude.

Sim, digo eu.

O senhor vai continuar descendo esta rua?, pergunta ele.

Respondo que sim com a cabeça.

Então podemos ir andando juntos, diz Hans Gude.

Balanço a cabeça concordando.

Quer que eu leve uma de suas malas?, pergunta ele.

Está tudo bem, digo eu.

Eu faço questão, diz ele.

Consigo levar sozinho, digo eu.

É o mais seguro, então, diz ele.

E agora que Hans Gude não me venha a perguntar por que não fui hoje. Devemos pura e simplesmente descer a rua lado a lado. Pego minhas malas e levanto-as. Sigo rua abaixo entre minhas duas malas. Hans Gude caminha ao meu lado.

Pensei em dar uma passada no Malkasten, diz Hans Gude.

E nesse caso eu certamente não vou poder ir ao Malkasten, não. Não, se Hans Gude em pessoa quer ir ao Malkasten, então eu não posso ir lá. Mas agora eu também já estive no Malkasten e agora tenho que ir a algum lugar. Pois todos têm que estar em algum lugar. E sigo ao lado de Hans Gude, descendo a rua. Vou entre minhas duas malas, e ao meu lado vai Hans Gude, ninguém menos que Hans Gude em pessoa caminha ao meu lado rua abaixo.

Quer vir junto? Dar uma volta no Malkasten?, pergunta Hans Gude.

E eu certamente tenho que dizer que pretendo ir a outro lugar, que não tenho como ir junto ao Malkasten.

Ou quer ir a outro lugar? Está parecendo pronto para viajar?, diz ele.

E eu tenho que dizer algo, mas não sei o que devo dizer. Pois não posso mesmo ir ao Malkasten, não se Hans Gude em pessoa está indo lá e eu estive lá há pouco, não posso ir duas vezes no mesmo dia ao Malkasten, ainda que eu agora esteja entre aqueles que vão ao Malkasten. E, se eu for com Hans Gude ao Malkasten, ele com certeza dirá que não gostou de meu quadro, que eu não sei pintar, que não tenho nada a fazer como estudante na Academia de Belas-Artes de Düsseldorf, na Alemanha. Terei que viajar de volta para casa, dirá ele, com certeza. Não há razão para que eu continue em Düsseldorf, não sei mesmo pintar, eu não, dirá ele. Sigo rua abaixo ao lado de Hans Gude em pessoa. Ando entre minhas duas malas e olho para baixo, para uma de minhas malas. E agora Hans Gude me perguntou se vou junto ao Malkasten, e eu na verdade posso, não é? Por que não ir junto ao Malkasten? É verdade que já estive hoje uma vez no Malkasten, mas para onde mais deveria ir?

Sim, pode ser, digo eu.

O quê?, pergunta Hans Gude.

Continuo simplesmente andando.

Sim, venha junto dar uma volta no Malkasten, diz Hans Gude.

Sim, eu posso, digo eu.

Que bom, diz ele.

E eu simplesmente posso ir junto dar uma volta no Malkasten.

Venha junto ao Malkasten, sim, diz Hans Gude.

E Hans Gude em pessoa e eu seguimos rua abaixo, lado a lado.

Gostei de seu quadro, diz Hans Gude.

E era preferível que ele não falasse sobre meu quadro. Ele não pode falar sobre meu quadro. Afinal, não estive lá hoje, quando ele ia observar comigo o meu quadro, então é preferível que não fale sobre meu quadro.

Muita coisa boa ali, diz Hans Gude.

E Hans Gude diz que há muita coisa boa em meu quadro, mas seguramente também muita coisa ruim, é o que ele quer dizer com isso. Não é um quadro particularmente bom, quer dizer ele na verdade, mas no entanto diz que em meu quadro há muita coisa boa, pois Hans Gude deve pensar que eu preciso de palavras de apoio, do modo como ando aqui, entre minhas duas malas. E agora Helene deve estar esperando por mim e, enquanto eu vou ao Malkasten, minha querida Helene está sentada em casa e esperando por mim, então não posso ir ao Malkasten, não enquanto minha querida Helene está sentada em casa e esperando por mim. E logo Hans Gude certamente perguntará por que não apareci na aula hoje.

Aquele quadro talvez possa até ser vendido, diz Hans Gude.

E Hans Gude e eu seguimos rua abaixo, lado a lado.

Sim, digo eu.

É bem possível, diz Hans Gude. Foi tão tranquilo com os dois outros. As associações de arte da Noruega compram bem.

Sim, digo eu.

O senhor ainda vai longe, diz Hans Gude.

E Hans Gude diz que ainda vou longe. E eu sou, afinal, o pintor, o pintor de paisagens Lars Hertervig. Vendi quadros à Associação de Arte de Bergen e à Associação de Arte de Christiania. Não sou qualquer um. Sou, afinal, discípulo de Hans Gude, sou Lars Hertervig, sou afinal Lars Hertervig, que estuda em Düsseldorf para se tornar pintor. E Hans Gude sabe pintar. E Tidemand também sabe pintar. Sou o pintor Lars de Hattarvåg. Lars Hertervig, o pintor, esse sou eu.

Sim, sim, diz Gude.

E Gude diz sim, sim, e eu posso não saber pintar particularmente bem. Posso não me tornar nunca um pintor de verdade. Eu não sei pintar. Pois talvez eu não tenha tanta serventia. Pode ser que eu nunca venha a pintar de verdade, porque tenho olhos grandes demais. Vejo demais. Vejo em demasia, para poder pintar. Não tenho nada a fazer na Academia de Belas-Artes de Düsseldorf, não há motivo, na verdade, para que Hans Gude, Hans Gude em pessoa, deva ser meu professor.

Sim, sim, Hertervig, diz Hans Gude.

E não sei o que devo dizer, terei provavelmente que me explicar, terei provavelmente que dizer por que não apareci na aula hoje.

Cerveja e aguardente vão cair bem agora, diz Hans Gude.

Sim, sim, digo eu.

Vão, sim, diz Hans Gude.

E Hans Gude e eu estamos indo ao Malkasten, mas não posso ir ao Malkasten, pois em casa, na Jägerhofstraße, está Helene, esperando por mim. Logo irei até você, até você, minha querida Helene. Não posso seguir andando assim, não com você em casa e esperando por mim, então não posso simplesmente andar ao lado de Hans Gude em pessoa. Tenho que ir para casa. Tenho que ir até você, até você, minha querida Helene. Vou andando ao lado de Hans Gude e paro, fico parado entre minhas duas malas e vejo Hans Gude subir a escada que leva ao Malkasten. E Hans Gude abre a porta do Malkasten. Hans Gude fica ali e segura a porta aberta.

Venha, Hertervig, diz ele e olha para mim.

E eu olho para baixo, para uma de minhas malas, e agora não posso entrar outra vez no Malkasten, afinal já estive ali uma vez hoje, pela primeira vez estive hoje no Malkasten.

Venha, vamos entrar, diz ele e olha para mim.

E eu não posso entrar no Malkasten mais uma vez, afinal já estive ali antes hoje, pela primeira vez estive hoje no Malkasten e não posso entrar ali outra vez, mas agora Hans Gude está parado, segurando a porta aberta para mim e ele olha para mim aqui embaixo na rua, onde estou entre minhas duas malas, então terei talvez que subir a escada? entrar no Malkasten? E o que mais será de mim senão isso? E terei outro lugar para mim? Afinal todos têm que estar em algum lugar. Eu também tenho que estar em algum lugar. Eu devo simplesmente entrar no Malkasten. Não posso estar num lugar-nenhum. E

Hans Gude não pode ficar assim parado e segurando a porta, pois se Hans Gude está ali e espera por mim, talvez eu deva entrar, se Hans Gude está esperando por mim, talvez eu deva ir até ele. Mas é possível ouvir sonoras gargalhadas no interior do Malkasten. Talvez eu deva entrar no Malkasten, agora vou entrar, enfim, também no Malkasten. Mas não posso entrar assim entre minhas duas malas no Malkasten, posso? Aí, na certa todos os pintores que não sabem pintar olharão para mim. E Hans Gude continua parado, segurando a porta do Malkasten. E, se eu entrar no Malkasten entre minhas duas malas, todos na certa olharão para mim e todos perguntarão se eu estou partindo em viagem, se fui enxotado de meu quarto, isso eles perguntarão e não darão sossego, perguntarão, perguntarão, mas eu não responderei, apenas ficarei ali em pé, e se houver um lugar vago no salão, eu me sentarei. Não responderei.

Venha, agora, diz Hans Gude.

Vejo Hans Gude parado e segurando a porta e ele disse que agora devo entrar, e eu aceno para Hans Gude com a cabeça, concordando.

Sim, estou indo, digo eu.

E vou entrar no Malkasten. Também não tenho por que não. Portanto, subo a escada. E ouço sonoras gargalhadas no interior do Malkasten. Paro na escada.

Diga, Hertervig, o senhor saiu de casa? Ou pretende viajar?, pergunta Hans Gude.

E eu respondo que não com a cabeça.

Claro que isso é assunto seu, diz Hans Gude.

Sim, digo eu.

Pois então vamos entrando, diz ele.

Fico parado na escada. E não posso mesmo entrar no Malkasten. Todos estão ali dentro, à mesa redonda, e na certa olharão para mim, quando eu entrar entre minhas duas malas, todos rirão de mim e verão que fui enxotado de meu quarto, que não tenho mais onde morar, verão que Helene não é mais minha namorada. O Hattarvåg!, gritarão eles. O quaker!, gritarão eles.

Venha, agora, diz Gude.

E eu não posso mesmo ir.

Entre na frente, com as suas malas, que eu seguro a porta, diz Gude.

Fico apenas parado na escada entre minhas duas malas.

Não quer entrar junto?, pergunta Gude.

Respondo que não com a cabeça.

Não?

Balanço outra vez a cabeça, para responder que não.

Enfim, faça como quiser, diz Gude. Eu estou entrando, de qualquer modo.

Balanço a cabeça concordando.

Talvez dê uma passada mais tarde, não?, diz ele.

Fico parado na escada e balanço a cabeça concordando. E ouço gargalhadas, grossas e finas gargalhadas, que vêm se agarrar a mim, vindas do interior do Malkasten. E agora eles estão rindo de mim. E as gargalhadas se agarram a mim. Agora eles estão rindo de mim porque não quero entrar, porque Hans Gude, Hans Gude em pessoa, tem que ficar ali parado, segurando a porta para mim, e eu não passo pela porta, por isso eles estão rindo de mim, estão rindo de mim porque estou parado diante da porta aberta, entre minhas duas malas e não entro, por isso estão rindo de mim, estão rindo de mim porque todos podem ver que eu fui enxotado de meu quarto, por isso estão rindo de mim, e suas gargalhadas vêm se agarrar a mim. E eu tenho que ir. Não posso ficar assim parado.

Nos vemos mais tarde, então, diz Hans Gude.

E Hans Gude acena para mim com a cabeça. E eu vejo Hans Gude passar pela porta. E estou parado na escada, diante da porta, entre minhas duas malas, e olho para a porta fechada. E agora as gargalhadas estão bem distantes. E eu olho para cima, olho para a porta fechada. E vejo luz atravessando a janela que há na porta, em minha direção. E eu me viro e desço a escada e vou subir a rua. Tenho que ir a outro lugar. Não posso estar num lugar-nenhum, portanto tenho que ir. O tempo todo tenho que ir. Não posso ficar num lugar-nenhum. Tenho que ir. Não tenho para onde ir. E onde está Helene? Não posso ir embora, para longe de Helene. Tenho que ir. E vou andando, subindo a rua.

Hertervig! Espere!

Alguém está chamando. E eu tenho que ir embora. Não posso me virar. Tenho que ir até minha garota, até minha querida Helene, pois ela também tem que estar em algum lugar. Minha querida Helene. Eu sei que Helene espera por mim.

Hertervig!

Alguém está chamando de novo, e eu vou simplesmente subindo a rua. E não quero me virar. Não posso me virar. Tenho que ir. Mas não sei para onde

devo ir. E eu ouço passos atrás de mim, passos que ficam mais rápidos, alguém vem correndo atrás de mim e eu tenho que me safar. E devo começar a correr?

Hertervig! Hertervig!

Não posso subir a rua correndo, entre minhas duas malas. Tenho que simplesmente seguir andando.

Ela está esperando por você.

Mas quem está chamando aí? Alguém está chamando. E talvez eu tenha que me virar. Será Alfred me chamando?

Espere, Hertervig! Ela está esperando por você, no Malkasten.

Alguém me chama, deve ser Alfred me chamando. E Alfred sabe que Helene espera por mim. E como pode saber que Helene espera por mim? E Helene está no Malkasten? Eu paro, me viro e vejo Alfred vir correndo em minha direção, de um modo desengonçado, a passos largos vem Alfred correndo em minha direção.

Ela está esperando por você! No Malkasten!, grita Alfred em minha direção.

E Alfred levanta um braço e faz um aceno me chamando até ele. E agora Helene espera por mim. Helene me achou de novo. E eu olho para Alfred, ele vem correndo em minha direção, corre de um modo desengonçado, a passos largos, e Alfred já está ofegante, embora tenha corrido apenas poucos metros, da porta do Malkasten poucos metros rua acima e, mesmo tendo Alfred corrido apenas alguns metros, ele já está ofegante. E então Helene soube me achar. Eu sabia que Helene me acharia. E Alfred vem correndo em minha direção, de seu modo desengonçado, e ele disse tão ofegante que Helene está sentada no Malkasten, me esperando! e que eu devo ir logo! e não posso simplesmente ir embora, não se Helene está sentada no Malkasten, me esperando! Então eu tenho que ir junto ao Malkasten, disse Alfred todo ofegante. Paro e olho para Alfred e coloco minhas duas malas ao meu lado sobre a calçada. Olho para Alfred, que vem correndo em minha direção, de seu modo desengonçado, e então ele corre mais devagar, agora quase anda, mas ainda assim desengonçado. E Helene está esperando por mim. Alfred disse isso.

Ela, a Helene, não é esse o nome dela? está esperando por você no Malkasten, diz Alfred.

E agora Alfred não corre mais, agora vem andando, bem lentamente, em

minha direção, enquanto respira ofegante.

Helene, sim, digo eu.

Que bom que você já não estava mais longe, senão eu talvez não o tivesse alcançado, diz Alfred. Porque ela, a Helene, sim, está esperando por você. E me pediu que viesse buscá-lo.

Helene espera por mim, digo eu.

E uma luz, tão clara como o mais azul dos céus, brilha de repente dentro de mim.

Sim, ela está no Malkasten, esperando por você lá.

E Helene não se foi, ela está no Malkasten, esperando por mim. Minha querida Helene espera por mim.

Sim, digo eu.

Ela está esperando por você, sim, diz Alfred.

Helene, digo eu.

Helene, sim, diz ele.

Helene espera por mim. E eu pego minhas duas malas, levanto-as e então fico entre minhas duas malas e agora não importa mais que minhas malas estejam pesadas, agora nada importa, e agora também não importa se alguém no Malkasten disser que fui enxotado de meu quarto, isso não importa, nada importa agora que encontrarei Helene, então nada mais é tão ruim, então não vai ser tão ruim se alguém me perguntar por que estou carregando minhas malas comigo por aí, não vai ser tão ruim se me perguntarem se fui enxotado de meu quarto, agora não mais, não vai ser tão ruim nem mesmo se todos souberem que fui enxotado de meu quarto, porque agora minha querida Helene espera por mim. E eu começo a descer a rua, entre minhas duas malas vou andando rua abaixo e Alfred vai ao meu lado. E agora vou logo reencontrar minha querida Helene. Eu sabia mesmo que reencontraria minha querida Helene. E olho para Alfred, aceno-lhe com a cabeça.

Você pretende viajar? Por que está com as suas malas?, pergunta Alfred.

E é claro que Alfred pergunta por que estou carregando minhas malas comigo por aí. Mas não importa que Alfred pergunte isso. Apenas balanço a cabeça para Alfred afirmativamente. E não digo nada. E eu já sabia que Alfred e os outros iam me perguntar por que estou carregando minhas malas comigo por aí, se fui enxotado de meu quarto, eles vão me perguntar, isso eu bem sabia, isso eles vão perguntar, eu já sabia mesmo. Mas não responderei. E agora Helene espera, minha querida Helene espera por mim. E não

responderei quando Alfred e os outros me perguntarem por que estou carregando minhas malas comigo por aí, se fui enxotado de meu quarto? se estou viajando para algum lugar?, isso eles vão me perguntar, e eu não responderei. E minha querida Helene espera por mim. Vou andando rápido pela rua. E eu já sabia mesmo, no meu mais íntimo, que Helene não conseguiria simplesmente ir embora, pois nós temos mesmo que estar juntos, mas pensava que ela talvez nunca mais me reencontrasse, que eu nunca mais viesse a reencontrá-la. Mas eu também sabia que reencontraria minha querida Helene. Pois nós tínhamos que nos reencontrar. E agora Helene está no Malkasten, sentada no Malkasten e esperando por mim. Desço a rua que há pouco eu havia subido. E ao meu lado vai Alfred.

Por que está andando com essas malas por aí?, pergunta Alfred.

Mais uma vez Alfred pergunta por que estou andando com minhas malas por aí, mas eu não lhe responderei. Simplesmente vou andando, pois agora vou logo reencontrar minha querida Helene, ela está no Malkasten. E então ela e eu iremos para longe do Malkasten. Agora Helene Winckelmann e Lars Hertervig vão logo se encontrar no Malkasten e então irão juntos para longe do Malkasten, e então, aliás, eles nunca mais irão ao Malkasten, nunca mais Helene Winckelmann e Lars Hertervig vão aparecer no Malkasten, nunca mais Helene Winckelmann e Lars Hertervig estarão com os pintores que não sabem pintar, que riem em voz alta, nunca mais Helene Winckelmann e Lars Hertervig estarão com aqueles que não sabem pintar.

Ela, sim, a Helene, está ali sentada, esperando por você, diz Alfred.

E eu balanço a cabeça concordando. E subo a escada que leva ao Malkasten entre minhas duas malas e Alfred abre a porta e fumaça e sonoras gargalhadas e uma pesada luz amarela vêm em minha direção. Sonoras gargalhadas e uma luz pesada se colocam ao meu redor.

Entre você, eu fico segurando a porta, diz Alfred.

E eu entro no Malkasten. E então vejo tecidos pretos e brancos. Mas agora vou logo reencontrar minha querida Helene e então não importa se os tecidos pretos e brancos estão aí. Vejo os tecidos pretos e brancos. E vejo fumaça cinza pairando nitidamente no ar. Vejo olhos cintilantes e vermelhos, rostos, copo e cigarro nas mãos. Vejo tecidos pretos e brancos. Mas isso não importa. Agora isso não importa. Porque agora vou logo encontrar Helene. E então nada mais será ruim. Entro nos tecidos pretos e brancos. Entro na fumaça. Entro nas sonoras gargalhadas. Entre minhas duas malas, entro nas

sonoras gargalhadas. Entro nos tecidos pretos e brancos. Mas agora não sinto medo. Agora estou bem calmo, pois logo reencontrarei minha querida Helene. E então Alfred põe a mão em meu ombro e diz que Helene está sentada mais longe, no fundo do salão, diz Alfred, e por toda parte há sonoras gargalhadas. Mas agora vou logo reencontrar minha querida Helene. E por toda parte estão os tecidos pretos e brancos.

Vou lhe mostrar, ela está sentada bem no fundo, diz Alfred.

E eu vejo Alfred ir até a mesa redonda e vejo que Alfred se curva em direção ao ouvido de alguém e vejo Alfred dizer algo e então esse com quem Alfred fala se vira em minha direção. E é Bodom, ora. E Bodom levanta a mão e acena me chamando. E eu estou nesse lugar, nessas sonoras gargalhadas, entre minhas duas malas, e Bodom acenou me chamando. Então talvez eu deva ir até Bodom. Não posso ficar simplesmente aqui parado sem ir, se Bodom está acenando, e então Bodom chama, quer que eu vá até ele, ele chama e eu ando através da fumaça, através dos tecidos pretos e brancos, em direção a Bodom, ando e me coloco atrás dele. E Bodom se curva para trás em minha direção e vejo que seus olhos estão vermelhos e cintilantes.

Sim, Hertervig, Hertervig, diz Bodom.

Agora ele vai logo encontrar sua amada, o Hertervig, diz Alfred.

Ah, você vai encontrar sua amada, diz Bodom.

E Bodom inclina a nuca ainda mais para trás e me olha direto nos olhos com seus olhos cintilantes e vermelhos.

Sim, é verdade, digo eu.

Uma boa moça, essa, diz Bodom.

Oh, é sim, diz Alfred.

Mas por que você está andando com suas malas por aí?, pergunta Bodom. Pretende viajar? Foi expulso de seu quarto?

Provavelmente Hertervig e sua amada vão viajar, diz Alfred. Já que os dois estão hoje à noite no Malkasten, quero dizer.

Sim, sim, diz Bodom.

Onde é que está sua amada?, pergunta Bodom.

Não, a amada dele está mais lá no fundo no salão, diz Alfred e pisca para Bodom.

Ah, então é isso, claro, diz Bodom.

E eu vejo Alfred e Bodom piscarem um para o outro. E não posso ficar aqui parado, conversando com Alfred e Bodom, enquanto Helene espera por mim,

eu tenho que ir e achá-la, e Alfred disse, afinal, que ela está sentada bem para dentro do salão, é para lá que eu tenho que ir, para achá-la imediatamente, e Alfred disse, afinal, que me ajudará a achá-la, então Alfred tem que vir, agora mesmo, ele deve saber onde ela está, pois afinal me disse que Helene está no Malkasten. E então Alfred tem que me ajudar a achá-la. Eu tenho que achar Helene de novo. Não posso ficar parado, conversando com Bodom. Agora tenho que achar Helene. E Bodom olha para mim com olhos cintilantes e vermelhos.

Você já vai conseguir, Hertervig, diz Bodom.

Não posso ficar parado, conversando com Bodom. Ouço todas as sonoras gargalhadas. Tenho que ir embora, tenho que achar minha querida Helene de novo e depois temos que ir embora do Malkasten. Iremos para longe do Malkasten, para longe de todos esses pintores que não sabem pintar e então nós, Helene Winckelmann e Lars Hertervig, nunca mais voltaremos. Nunca mais nem Helene Winckelmann nem Lars Hertervig terão que estar com pintores que não sabem pintar. E eu vejo que Bodom continua inclinando a cabeça para trás e olha para mim com olhos cintilantes e vermelhos. E ao lado de Bodom está Alfred, em pé.

Esse Hertervig, sim, esse consegue, diz Alfred.

Mas agora Alfred tem que vir logo, não pode ficar só ali parado ao lado de Bodom, conversando com ele.

Lars Hertervig, sim, diz Alfred.

Lars Hertervig sabe pintar e tem uma mulher, diz Bodom.

Olho para Alfred.

Você vem?, pergunto eu.

E Alfred responde que sim com a cabeça.

Será que eu também posso cumprimentar sua amada, hein?, pergunta Bodom.

E eu respondo que sim com a cabeça.

Talvez vários dos pintores noruegueses também possam fazer isso, não?, pergunta Bodom.

E então Bodom se levanta e fica meio inseguro em pé e se segura na borda da mesa e se inclina sobre a mesa redonda e, com o braço trêmulo, ergue um copo de cerveja, e Bodom pega uma faca e bate no copo, bate várias vezes no copo e todos se calam na mesa redonda.

Silêncio!, grita Bodom.

E Bodom grita bem alto e bate mais uma vez no copo. E eu estou em pé atrás de Bodom e vejo que todos os que estão sentados à mesa redonda, todos são pintores noruegueses que não sabem pintar, olham para Bodom e então todos se calam na mesa redonda.

Silêncio!, grita Bodom mais uma vez.

E, embora ninguém mais na mesa redonda esteja falando agora, Bodom grita bem alto e então se ergue da mesa redonda uma dura gargalhada. Estou um pouco para trás de Bodom e vejo Alfred em pé ao lado de Bodom e olho para ele.

Mas então nós também temos aqui o Hertervig!, grita alguém.

Hertervig! você arranjou coragem para sair!, grita um outro.

Não está mais enfiado em sua toca, grita alguém.

Quer estar conosco, então?

Não tem mais nada para fazer?

Não, não acredito que você tenha vindo, Hertervig.

O que aconteceu, para você arranjar coragem de sair?

E eu estou em pé atrás de Bodom, entre minhas duas malas, e olho para baixo, para uma de minhas malas.

Hertervig, sente-se aqui, venha!

Pegue um copo!

Ou se cansou de tanto ficar deitado?

Por que, afinal de contas, está no Malkasten?

E eu olho para todos eles, sentados à mesa redonda, esses pintores que não sabem pintar, pintores noruegueses que não sabem pintar, e eles olham para mim e eu estou aqui e então olho para baixo, para uma de minhas malas.

O que será que os quakers vão dizer se souberem que você vem ao Malkasten?

Pois um pescador e quaker como você não pode entrar no Malkasten!

Um quaker não tem nada a fazer no Malkasten.

Ou Hertervig tem algo a fazer no Malkasten?

Por que você não está deitado em casa, na sua toca?

Olho para baixo, para uma de minhas malas.

Hertervig, Hertervig, diz alguém.

Grande rapaz, diz um outro.

E eu não posso simplesmente ficar assim parado, tenho que fazer alguma coisa, tenho que achar de novo minha querida Helene.

Esse Hertervig!

Sim, esse louco do Hertervig!

E eu olho para Alfred, que está em pé ao lado de Bodom, ele está parado e ri, e agora Bodom vai ter que vir logo, ele tem que vir e me mostrar onde está sentada Helene, tem que fazer isso, afinal Alfred foi me buscar de volta, afinal disse que Helene estava no Malkasten esperando por mim e agora ele tem que me mostrar onde está sentada Helene. Mas Alfred fica apenas parado, em pé ao lado de Bodom, e Alfred ri.

Hertervig, venha cá e sente-se!, grita um, levanta-se e aponta para mim.

Sente-se, diz outro.

E ele puxa, de volta para a cadeira, o que se levantou.

Você é um sujeito e tanto, hein, Hertervig, diz alguém.

Hertervig! Hertervig!

O quaker Hertervig, sim, diz outro.

O tremedor! Qua-a-ke-er! Qua-a-ke-er!

E eu olho para Alfred e ele pelo visto se esqueceu de mim, fica apenas parado ao lado de Bodom, rindo, e Bodom está à minha frente e se segura firme com a mão na borda da mesa, e na outra mão ele segura um copo e eu olho de novo para Alfred, pois agora Alfred vai ter que vir logo.

Silêncio! Silêncio!, grita Bodom.

Pois não é que veio o quaker Hertervig em pessoa, o pescador, diz alguém.

Silêncio!, grita Bodom.

E Bodom bate várias vezes em seu copo.

Silêncio!, grita Bodom.

E então todos se calam na mesa redonda. Aqueles que estão sentados junto à mesa redonda se calam, nenhum dos pintores que não sabem pintar diz nada e então Bodom pigarreia. E Alfred fica ao lado de Bodom. E agora Alfred tem que vir logo, ele tem que me mostrar onde está minha querida Helene, pois Alfred foi me buscar, disse afinal que Helene lhe pedira que fosse me buscar, ele, Alfred, devia ir me buscar, isso foi o que ela lhe disse. E Helene está aqui no Malkasten. E agora Alfred tem que vir. E Bodom pigarreia novamente.

Agora façam o Hertervig vir se sentar conosco, diz alguém.

Sim, venha cá, você, Hertervig, diz outro.

Pois venha, sente-se, diz alguém e, levantando o braço, acena para mim.

Silêncio, silêncio, diz Bodom.

E então Bodom respira fundo.

Direto ao assunto, diz alguém.

Hertervig, sim, diz Bodom.

E todos começam a bater palmas. E eu estou aqui parado e olho para baixo, para uma de minhas malas, e todos batem palmas.

Iurru, iurruuuu, iurruuu, Hertervig!

Hertervig! Hertervig!, gritam eles e batem palmas.

Iurru, iurruuuu, iurruuu!, gritam eles e batem palmas com mais força.

Hertervig, sim, diz Bodom.

Iurru, iurru, iurru!

E eu fico apenas parado e olhando para baixo, para uma de minhas malas.

Calma, calma, diz Bodom.

E novamente esses que estão sentados à mesa redonda ficam calados, os pintores que não sabem pintar ficam calados. E eu olho para Alfred, agora Alfred tem que vir logo, afinal ele foi me buscar, disse que estava incumbido de me trazer de volta, que Helene estava sentada no Malkasten e lhe pedira que fosse me buscar, disse Alfred, e agora vim junto ao Malkasten e agora Alfred fica simplesmente parado ao lado de Bodom. E eu tenho que ficar aqui parado, ereto, pois não posso ir embora, tenho que esperar até que Alfred me mostre onde está Helene, e agora Alfred logo vai ter que vir e esses que estão sentados à mesa redonda podem dizer o que quiserem, não me importo, afinal estou apenas esperando e logo reencontrarei minha querida Helene e então iremos embora, ela e eu sairemos do Malkasten para nunca mais voltar. Iremos embora. Agora Helene Winckelmann e Lars Hertervig irão embora do Malkasten. E nunca mais voltarão. E nunca mais Lars Hertervig precisará ouvir o que lhe dizem os pintores que não sabem pintar. Pois Lars Hertervig sabe pintar. E os pintores que não sabem pintar podem me dizer o que quiserem. Não me importo. Pois eu sei pintar. Eles não sabem pintar. Eu sei pintar. Eles podem me dizer o que quiserem, não me importo. Pois eu sei pintar. Eles não sabem pintar. E, se Bodom quer dizer algo, ele que se apresse.

Hertervig, diz Bodom.

E todos se calam de novo.

Hertervig, diz Bodom mais uma vez, Hertervig agora, segundo nos contou, arranjou uma namorada.

E eu olho para Bodom e ele está falando de mim, de mim e Helene. E eu

não contei a ninguém que arranjei uma namorada. No entanto, Bodom diz que arranjei uma namorada. E por que Bodom está dizendo isso? E eu não posso dizer nada, tenho que simplesmente ficar aqui parado e olhando para cima e eu vejo Bodom parado e sem dizer mais nada, a cabeça inclinada para a frente, e eu vejo Bodom franzir o cenho, resoluto, e olhar em torno de si na mesa redonda, como se fosse encarar a todos, um a um.

O Hertervig tem uma namorada, sim, diz alguém.

Silêncio!, diz Bodom.

E eu olho para baixo, para uma de minhas malas. E todos se calam de novo.

Hertervig, diz Bodom.

E por que é que esse aí só fica dizendo o tempo todo Hertervig.

Hertervig, diz Bodom, sim, ele é mesmo um dos melhores de nós.

Sem dúvida, sem a menor sombra de dúvida, diz alguém.

Sem dúvida, mesmo, diz um outro.

Ele é o melhor de nós, diz alguém.

E hoje à noite sua namorada está no Malkasten! Bem entre nós!, diz Bodom.

E eu olho para baixo, para uma de minhas malas. Por que Bodom tem que dizer que minha namorada está no Malkasten hoje à noite? Como Bodom pode saber que Helene está no Malkasten? Afinal, Bodom nem sequer conhece Helene. Ou Alfred lhe cochichou isso no ouvido? pois quando Alfred e eu entramos no Malkasten ele foi mesmo até Bodom e lhe cochichou algo. E agora nenhum dos pintores sentados à mesa redonda diz nada. E Alfred está parado ao lado de Bodom e abre um riso que lhe toma todo o rosto. E não posso mais ficar no Malkasten, tenho que ir embora. E eu olho para baixo, para uma de minhas malas. E ninguém diz nada.

Uau!, diz alguém.

Pode contar, diz Bodom.

Então todos nós precisamos cumprimentá-la!, diz um outro.

Precisamos conhecê-la!

Não é, Hertervig?

Então podemos cumprimentá-la, não?, diz um outro.

Mas claro que sim!

Claro que temos que conhecer a namorada de Hertervig!

Pois ela deve ser uma beleza!

Sim! Sim!

Precisamos conhecê-la!

E eu olho para baixo, para uma de minhas malas. E todos os pintores que não sabem pintar, esses sentados à mesa redonda, dizem que querem conhecê-la, Helene. E nós não conseguiremos ficar a sós. Eles todos querem conhecê-la, dizem.

Deve ser uma moça e tanto!

Essa nós temos que ver!

Não é verdade, hein, Hertervig?

Será que Alfred não pode vir logo, ora, ele veio correndo atrás de mim pela rua, chamou por mim, disse que eu devia vir junto, porque você, minha querida Helene, havia lhe pedido que fosse me buscar, que você estava sentada no Malkasten e esperando por mim e que havia lhe pedido que fosse me buscar.

A mulher de Hertervig, sim, essa nós temos que conhecer!

E agora Alfred só fica parado, ao lado de Bodom. E Alfred deve vir e me mostrar onde você está, pois há tanta gente no Malkasten e eu não consigo vê-la em lugar nenhum, e afinal Alfred lhe disse que ia me buscar. Você está sentada no mais recôndito do salão, e agora Alfred tem que vir.

Hertervig tem uma mulher!

Essa nós temos que conhecer!

Bodom! Bodom! Que ótimo!

E Alfred só fica parado ao lado de Bodom e agora ele precisa vir logo, pois Alfred disse que você, Helene, havia lhe pedido que fosse me buscar.

A mulher de Hertervig nós temos que conhecer!

Boa, Bodom!

E eu vejo Bodom erguer novamente o copo e bater contra ele. E todos se calam de novo.

Vocês precisam conhecê-la, diz Bodom.

Boa! Boa!

E então um dos pintores que não sabem pintar dá um soco na mesa redonda. E então todos dão socos na mesa redonda. E eu olho para Bodom, ele está ali em pé, segurando-se firme na borda da mesa e sorrindo sobre a mesa redonda. E então Bodom levanta um braço e torna a baixá-lo lentamente.

Sim, vocês precisam conhecê-la. Justamente por isso eu tomei a palavra, diz ele.

Bodom! Bodom!

E mais uma vez dão socos na mesa redonda. E mais uma vez Bodom levanta o braço e torna a baixá-lo lentamente. E mais uma vez todos se calam.

A namorada de Hertervig se chama Helene Winckelmann, diz Bodom. Ela é a filha na casa onde Hertervig aluga seu quarto.

E agora ela está no Malkasten, bem longe, no fundo do salão, diz Alfred e pisca para os que estão sentados à mesa redonda.

E todos os pintores à mesa redonda balançam a cabeça concordando, todos os pintores que não sabem pintar estão sentados à mesa redonda e balançam a cabeça para Alfred, concordando.

Vamos todos lá, juntos, cumprimentá-la, diz alguém.

Nós, artistas noruegueses, precisamos permanecer unidos, diz um outro.

Artistas noruegueses!, grita um.

Um brinde aos pintores noruegueses!, grita um outro.

Saúde! Saúde!

E todos os pintores noruegueses, esses que não sabem pintar, erguem seus copos no ar!

Saúde!

Saúde! Saúde!

Um brinde a Hertervig e ao amor!, grita um.

A Hertervig e ao amor!

Saúde!

Vamos lá!, grita um.

Vamos, vamos indo!

Agora vamos!

E um dos pintores que não sabem pintar se levanta, fica ali em pé com o copo na mão, depois recoloca o copo na mesa redonda e então também se levantam vários outros dos sentados à mesa redonda. E eu vejo Alfred e Bodom parados em pé e dizendo algo um ao outro. E agora Alfred tem que vir logo, afinal ele disse que Helene estava esperando por mim, que lhe havia pedido que fosse me buscar.

Sim, agora vamos!, diz alguém.

Um último brinde, diz um outro.

E todos os pintores que não sabem pintar ficam junto à mesa redonda, eles se inclinam para a frente, eles pegam seus copos, erguem-nos diante do rosto e os pintores que não sabem pintar olham uns para os outros. Vejo Bodom e Alfred parados, com os copos erguidos.

Brindemos à saúde de Hertervig e de seu amor, diz Bodom.

E os pintores que não sabem pintar esticam o braço com o copo e nenhum deles diz nada, ficam apenas com o braço do copo esticado e então levam o copo à boca e bebem.

Esperem um pouco!, grita Bodom. Esperem!

E então todos os pintores que não sabem pintar olham para Bodom.

Na verdade, não era nada importante, diz Bodom. Mas talvez Hertervig queira dizer alguma coisa, não?

E então Bodom se vira e olha para mim, e eu olho para baixo, para uma de minhas malas. E Bodom me perguntou se eu quero dizer algo, mas não posso dizer nada, não é mesmo? o que eu teria para dizer, afinal? Não tenho mesmo nada a dizer. Estou apenas aqui entre minhas duas malas e olho para baixo, para uma das malas. Não tenho nada a dizer, e não devo dizer nada. Tenho apenas que ficar aqui parado, não posso dizer nada.

Nada? Você não quer dizer nada?, pergunta Bodom.

Olho para cima, para Bodom, vejo Bodom em pé, olhando para mim com olhos cintilantes e vermelhos, e respondo que não com a cabeça.

Você está aí com malas?, pergunta Bodom.

E Bodom fala em voz alta e joga a cabeça um pouco para trás ao mesmo tempo que me pergunta por que estou aqui com malas.

Vai voltar para Hattarvåg?, pergunta alguém.

Vai viajar?, pergunta um outro.

Com a namorada?

Para a Noruega?

Hertervig vai nos abandonar?

Para onde irá?

Hertervig nos abandonará?

Não, isso não pode ser!

E não devo dizer mesmo nada? eles podem dizer o que quiserem, pois eu não direi nada, ficarei apenas aqui parado e não direi nada, ficarei apenas aqui assim e não direi nada e então logo reencontrarei Helene, pois ela não podia simplesmente desaparecer de minha vida, afinal fomos feitos um para o outro, ela e eu, então ela não podia simplesmente ir embora, ela havia de vir até mim e agora eu logo a reencontrarei, pois Helene está no Malkasten, em algum lugar no Malkasten. Alfred disse que Helene estava no Malkasten. E agora Alfred precisa vir e me mostrar onde Helene está sentada. Afinal, estou

apenas aqui entre minhas duas malas e agora logo reencontrarei minha querida Helene, minha própria querida Helene, ela está no Malkasten e espera por mim e agora vou poder logo revê-la. Eu sabia que ela viria. Sabia que ela me acharia de novo. E agora tenho que ir, não posso ficar mais aqui parado, simplesmente tenho que ir agora.

Pois então, diz Bodom. Então vamos lá.

E eu vejo Alfred vindo em minha direção.

Agora vou lhe mostrar onde ela está sentada, diz Alfred.

Balanço a cabeça concordando.

Que bom, digo eu.

E eu vejo todos os pintores que não sabem pintar, todos os pintores que estavam sentados à mesa redonda e depois se levantaram, virem em minha direção e ouço Alfred dizer agora vamos até Helene, sim, diz Alfred e eu fico parado e olho para baixo, para uma de minhas malas, e balanço a cabeça concordando. Olho para cima e ao meu redor estão todos os pintores que não sabem pintar, e eles me encaram, com olhos cintilantes e vermelhos me encaram, estão ao meu redor e me encaram com olhos cintilantes e vermelhos, em suas roupas pretas e brancas eles me encaram. Ficam só me encarando sem parar. E nenhum deles diz nada.

Hertervig é nosso homem, sim, diz alguém.

E eu olho para baixo, para uma de minhas malas.

Não tem para ninguém!, diz um outro.

Sabe de tudo, sim!

Como ele não tem ninguém!

Qua-a-ke-er, diz alguém.

Hertervig, sim!

Qua-a-ke-er!

E então sinto uma mão sobre meu ombro e me viro e olho Alfred bem no rosto. Vejo que tem um risinho nos olhos.

Agora venha, Hertervig, diz ele.

Balanço a cabeça concordando.

É só me seguir no salão que eu lhe mostro onde Helene está sentada.

Balanço a cabeça de novo. E Alfred tira a mão de meu ombro. Olho para a mesa redonda e agora não há mais ninguém ali sentado e olho ao meu redor e vejo todos os que haviam estado sentados à mesa redonda agora em pé num círculo em torno de mim e me encarando com olhos cintilantes e vermelhos.

E novamente olho para baixo, para uma de minhas malas. E novamente sinto uma mão sobre meu ombro. E eu me viro e vejo Alfred parado e me encarando.

Agora venha, Hertervig, diz Alfred.

E eu vejo Alfred adiantar-se um pouco e me agacho, apanho minhas malas e parto entre minhas duas malas, atrás de Alfred pelo salão. Olho para suas costas. E agora vou logo reencontrar minha querida Helene. E vejo que dois dos pintores que não sabem pintar começam a andar ao meu lado, um de cada lado. À frente vai Alfred, atrás vou eu, entre minhas duas malas, e ao meu lado vão dois dos pintores que não sabem pintar. E tenho que simplesmente ir andando. Pois agora vou logo reencontrar minha querida Helene. Agora minha querida Helene está sentada e espera por mim. E agora vou finalmente reencontrar minha querida Helene. Vou andando lentamente atrás de Alfred, a distância entre nós cresce e eu olho para suas costas. Entre minhas duas malas, vou atrás de Alfred e olho para suas costas. E logo atrás de Alfred, quase ao lado dele, vão dois dos pintores que não sabem pintar, um de cada lado. E eu vejo dois outros dos pintores que não sabem pintar andando ao meu lado, um de cada lado. E paro. Coloco as malas no chão e vejo duas fileiras de pintores passarem por mim e, ao final dessas fileiras, bem no centro, vai Alfred. E eu vejo Alfred parar, ele se vira e olha para mim.

Venha, Hertervig!, diz ele.

E todos os pintores que não sabem pintar, todos os pintores que agora andam em duas fileiras ao meu lado, param e olham para mim com seus olhos cintilantes e vermelhos.

Venha logo, Hertervig, diz Alfred.

Então, Hertervig, venha, diz alguém.

Vamos, Hertervig!

Não fique aí parado!

Venha logo, Hertervig!

Pegue suas malas e venha!

E eu olho para cima, vejo à minha frente e de ambos os lados duas fileiras de pintores que não sabem pintar, e todos olham para mim com olhos cintilantes e vermelhos e bem à frente, ao final e no centro entre as duas fileiras de pintores que não sabem pintar, está Alfred.

Agora você tem que vir, diz Alfred. Ou não quer encontrá-la?

E eu tenho mesmo que ir, pois agora vou poder finalmente reencontrar

minha querida Helene.

Pegue suas malas e venha, diz Alfred.

Pego minhas malas. E alguém bate palmas. E então vários batem palmas. Vou em direção a Alfred. E agora eles todos batem palmas. E agora logo vou reencontrar minha querida Helene. E agora todos os pintores estão batendo palmas e eu estou indo em direção a Alfred, entre minhas duas malas, entre as duas fileiras de pintores noruegueses que não sabem pintar, eles que estiveram sentados à mesa redonda e agora estão em pé em duas fileiras, uma a cada lado de mim, e os pintores que não sabem pintar olham para mim com olhos cintilantes e vermelhos e batem palmas. Os pintores que não sabem pintar me veem atravessar o Malkasten, em direção a Alfred, e batem palmas. E também Alfred fica parado e bate palmas. Todos os pintores que não sabem pintar estão batendo palmas. E Alfred está batendo palmas.

Venha logo, Hertervig, diz Alfred.

Balanço a cabeça concordando.

Agora você vai logo reencontrar sua amada, diz Alfred.

E todos os pintores que não sabem pintar ficam parados, formando duas fileiras, e batem palmas e me veem atravessar o Malkasten entre minhas duas malas. Vou andando lentamente entre os pintores que não sabem pintar, em direção a Alfred.

Que bom, Hertervig, diz Alfred. Que bom que você esteja vindo.

Vou andando em direção a Alfred.

Venha comigo, Hertervig, sim, diz Alfred.

E agora reencontrarei minha querida Helene. Eu sabia que ela não ia poder simplesmente desaparecer de minha vida. Vou andando em direção a Alfred. E todos os pintores que não sabem pintar agora batem palmas. Também Alfred bate palmas.

Agora você está quase lá, diz Alfred.

Vou andando em direção a Alfred.

Mais um pouquinho, Hertervig, diz Alfred.

Vou andando em direção a Alfred. E eles batem palmas, batem palmas. Olho para Alfred. E agora logo terei chegado até Alfred. E agora logo vou reencontrar minha querida Helene. Paro diante de Alfred. E então os pintores que não sabem pintar param de bater palmas. Olho para Alfred. Também Alfred parou de bater palmas. Coloco minhas duas malas no chão. Olho para Alfred. Viro-me e olho ao longo das duas fileiras de pintores que não sabem

pintar, eles continuam aí e olham para Alfred e para mim com olhos cintilantes e vermelhos. E agora nenhum deles bate palmas, nenhum deles diz nada, eles apenas olham para Alfred e para mim, com olhos cintilantes e vermelhos. Olho para essas duas fileiras de pintores. E vejo que os que estão mais longe começam a ir em direção uns dos outros, e então os que estão mais próximos a Alfred e a mim afastam-se um pouco uns dos outros e então os pintores que não sabem pintar ficam em duas fileiras que se juntam formando uma ponta bem recuada no interior do salão e gradativamente vão mais e mais se abrindo para fora em relação ao ponto em que estamos Alfred e eu. E todos os pintores que não sabem pintar olham para mim com olhos cintilantes e vermelhos.

Então, diz Alfred.

E eu olho para Alfred, e então olho para baixo, para uma de minhas malas.

Agora, diz Alfred.

E eu olho para cima e vejo que as duas fileiras de pintores que não sabem pintar juntam-se formando um círculo ao redor de Alfred e de mim, nenhum deles diz nada, eles se põem em círculo ao redor de nós. E eu olho para Alfred, ele acena para mim com a cabeça. E vejo os pintores que não sabem pintar postados em círculo ao redor de Alfred e de mim. E os pintores que não sabem pintar olham para Alfred e para mim com olhos cintilantes e vermelhos. E então eles se aproximam, um a um, eles vêm um a um cada vez mais rente a Alfred e a mim, aproximam-se cada vez mais e então formam um círculo estreito ao redor de Alfred e de mim. E por que os pintores que não sabem pintar estão vindo tão perto de Alfred e de mim? E agora Alfred e eu estamos bem no meio, entre todos os pintores noruegueses que não sabem pintar, eles formam um círculo estreito ao redor de nós. Todos os pintores noruegueses que não sabem pintar estão bem rente em torno de Alfred e de mim, e eu olho ao meu redor e nele estão todos os pintores noruegueses que não sabem pintar, com olhos cintilantes e vermelhos, e com um copo em uma das mãos e um cigarro na outra, ficam parados e olham para Alfred e para mim, que estamos no centro, no interior do círculo formado por eles. Eu estou no meio do círculo de todos os pintores noruegueses que não sabem pintar, estou entre minhas duas malas e olho para baixo, para uma de minhas malas. E agora vou logo reencontrar minha querida Helene. Alfred disse que Helene está sentada longe no interior do salão e espera por mim. Agora vou logo reencontrar minha querida Helene. E eu olho para baixo, para uma de

minhas malas.

Agora venha, diz Alfred.

E eu olho no rosto de Alfred. Aceno para Alfred com a cabeça.

Sim, agora você tem que vir, diz alguém.

E então, por um instante, ouve-se uma sonora gargalhada vinda de alguém, e depois são vários que riem numa breve e sonora gargalhada. E eu olho em torno de mim e cada um dos rostos vai acenando para mim com a cabeça.

Tem que vir, sim, Hertervig, diz alguém.

Agora você vai logo reencontrar sua amada.

Vai ter que mostrar sua amada para nós, agora.

Ou você nos enganou?

Queremos tanto ver sua amada, você sabe.

Agora venha.

Não fique aí parado.

E eu vejo Alfred indo e se posicionando no círculo, e ele olha para mim.

Agora venha, Hertervig, diz Alfred.

Fico sozinho no meio do círculo de pintores que não sabem pintar.

Ou você não quer mesmo ver sua amada?, pergunta alguém.

Respondo que sim com a cabeça e pego minhas duas malas e me posto diante de Alfred. E todos os pintores que não sabem pintar e apesar disso pintam, quando não estão apenas sentados e bebendo dia e noite no Malkasten, todos esses pintores que não sabem pintar agora estão parados e olham para mim, do modo como me mantenho olhando para Alfred, e eu observo ao meu redor e então vejo também o rosto de Hans Gude e me detenho, pois no meio do círculo de pintores que não sabem pintar, em algum lugar aí eu vejo também o rosto de Hans Gude e então, ora, não há só apenas pintores que não sabem pintar nesse círculo, não se também Hans Gude está aí. Porque Hans Gude sabe pintar. E também Hans Gude está aí e olha para mim. Do círculo de pintores que não sabem pintar, Hans Gude olha para mim, com olhos cintilantes e vermelhos. E então eu vi o mesmo riso no rosto de Hans Gude. Hans Gude está aí e ri. Hans Gude está mesmo aí e ri de mim. E eu fico parado e olho para Alfred, que agora está no círculo, entre os outros pintores que não sabem pintar. Mas eu sei pintar. E agora vou logo reencontrar minha querida Helene. E, dos pintores noruegueses que estiveram sentados à mesa, agora nenhum fala mais nada, neste momento eles apenas ficam aí parados no círculo estreito e olham para mim, para o modo como

aqui estou olhando para Alfred, que agora está no círculo como um dos outros pintores.

Agora venha, diz Alfred.

Olho para Alfred. E agora talvez eu tenha que ir, pois afinal Alfred disse que você estava sentada aí e esperando por mim, e então eu tenho que ir até você, pois você não pode ficar aí sentada e esperando por mim. Agora eu tenho que ir até você.

Vá até ela, diz Alfred.

E agora eu tenho que ir até você, pois você está esperando por mim. E agora eu fui me colocar bem no centro entre as fileiras dos pintores que não sabem pintar, e agora eu estou no centro do círculo estreito de pintores que não sabem pintar, entre minhas duas malas estou eu, e agora vou logo até você. Agora vou até você. Afinal cruzei o salão do Malkasten, indo cada vez mais para o fundo, até ficar entre as fileiras de pintores que não sabem pintar. Pois no mais recôndito do salão você espera por mim. Vou logo até minha amada. E estou no interior do círculo de pintores que não sabem pintar, e todos os olhos cintilantes e vermelhos olham para mim e eu olho para aquele ao lado de Alfred. E vejo o rosto de Tidemand. Ora, é Tidemand aí, ao lado de Alfred. Estou vendo o rosto de Tidemand. E olho para baixo. Pois seu rosto inteiro estampa um risinho. Tidemand está aí ao lado de Alfred e seu rosto inteiro estampa um risinho. Tidemand, eu vi Tidemand! aí, ao lado de Alfred, em meio a esse círculo de olhos cintilantes e vermelhos, eu vi Tidemand. E Tidemand sabe pintar. E eu estou no centro desse círculo de pintores, e cada vez mais pintores vêm se juntar a ele, para fora desse círculo forma-se um segundo, de pintores suecos, dinamarqueses, alemães, um segundo círculo se forma para fora do primeiro círculo. E também pintores que sabem pintar agora se encontram nesse círculo ao redor de mim, pois Tidemand está aí, e Gude está aí. E o círculo externo fica maior, cada vez maior. Estou no interior de dois círculos de pintores, pintores de todo o mundo, e os círculos são estreitos, os pintores se estreitam no círculo, ombro a ombro, no círculo mais interno estão os pintores noruegueses, que estiveram sentados à mesa redonda, mas também Gude está aí, e Tidemand, e todos olham para mim com olhos cintilantes e vermelhos e depois, para fora do primeiro círculo, formou-se mais um círculo com pintores noruegueses, dinamarqueses e alemães. Estou no centro dos círculos. E de onde vêm todos esses pintores? Todos os pintores estão em círculos ao meu redor e não dizem

palavra alguma, apenas ficam aí, olhando para mim. Os pintores têm todos a mesma aparência, com olhos cintilantes e vermelhos, com copo e cigarro nas mãos. E todos os pintores olham para mim. Estou no interior de círculos de pintores noruegueses e de todo o mundo. E eu olho para Alfred e Alfred olha para mim, ele está ao lado de Tidemand num círculo estreito de pintores onde também se encontra Gude. Olho para Alfred. E agora estão todos calados. Quando cheguei, sonoras gargalhadas dominavam o lugar. Mas agora estão todos calados no Malkasten. E por que tão calados? Porque reencontrarei Helene? É por isso, porque reencontrarei Helene, por isso ficaram todos assim calados? E é porque logo reencontrarei Helene que todos os pintores, os que não sabem pintar e também os que sabem pintar, estão em círculo ao meu redor e me encaram, calados e com olhos cintilantes e vermelhos? E por que ninguém ri? Por que ninguém fala? Quando eu estava do lado de fora diante da porta ouviam-se sonoras gargalhadas no Malkasten. Por que agora estão tão calados? E por que tenho que ficar aqui entre minhas duas malas, dentro dos círculos de pintores? Olho para Alfred. E o que Alfred quer de mim?

Sim, agora venha, Hertervig, diz Alfred.

E eu olho para Alfred.

Agora venha, Hertervig, venha de uma vez por todas, diz ele.

E eu olho para Alfred.

Sim, vai agora, diz alguém.

E eu olho para baixo.

Vamos!

Vamos lá! Depressa!

Venha logo!

Um pouco mais depressa!

Daqui a pouco vamos ter que encher os copos de novo!

Vamos lá!

Vamos logo!

Depressa, Hattarvåg!

Vamos!

E todos chamam por mim e eu não posso ficar apenas parado e olhando para o chão.

E então você vai ter que nos apresentar sua amada, vai ter que fazer isso, sim, diz Alfred.

Olho para Alfred.

Você nos convidou, ora, para poder nos apresentar sua amada, então agora vai ter que fazer isso, diz Alfred.

Olho para Alfred.

Pois venha! Apresente-a para nós!, diz Alfred.

E eu olho para Alfred.

Não está vendo todos esses bons pintores, você prometeu que lhes apresentaria sua amada, por isso estão aqui aguardando, diz Alfred.

Balanço a cabeça concordando.

Ou será que você não tem namorada nenhuma?, pergunta Alfred.

Estou em pé diante de Alfred. E Alfred disse que devo apresentar minha namorada, que por isso é que aqui estão todos os pintores, os que não sabem pintar e os que sabem pintar, agora em círculos ao meu redor. Pois afinal eu lhes disse que eles iam poder cumprimentar minha amada, e por isso eles estão em círculos ao meu redor, disse Alfred. E onde está Helene agora? Pois Alfred foi me buscar, disse que Helene lhe pedira que fosse me buscar, que estava esperando por mim no Malkasten, disse ele, mas não consigo vê-la, de modo algum, em nenhum lugar consigo ver minha querida Helene. Onde está Helene? Você não me deixou, não é?

Ela não está aqui?, pergunta Alfred. Você por acaso nos enganou?

Estou diante de Alfred e balanço a cabeça discordando.

Você nos enganou?

Balanço a cabeça discordando.

Você nos enganou!, diz Alfred.

E Alfred fica me encarando com os olhos cintilantes e vermelhos.

Ele nos enganou!, grita Alfred.

E eu olho para baixo, para uma de minhas malas, e não posso encarar Alfred e também não posso dizer nada.

Mas você disse, digo eu.

E Alfred me interrompe.

O que você está dizendo?, pergunta ele.

E Alfred disse que Helene estava esperando por mim, que Helene estava sentada no mais recôndito do salão e esperava por mim, disse Alfred. Estou diante de Alfred e ao meu redor, em círculos, estão pintores noruegueses e de todo o mundo e eles olham para mim, com olhos cintilantes e vermelhos. Eu vim com Alfred ao Malkasten. E agora Alfred tem que me mostrar logo onde

é que Helene está sentada.

Onde está Helene?, pergunto eu.

Você é que me pergunta onde está sua namorada!, diz Alfred.

E, como se estivesse admirado, ele olha ao redor de si para todos os pintores, para aqueles que sabem pintar, para aqueles que não sabem pintar, e todos os pintores ficam apenas parados ali, me encarando com olhos cintilantes e vermelhos, e também eu olho ao meu redor e vejo que todos os rostos como que me encaram interrogativos, todos igualmente, e eu olho para baixo, para uma de minhas malas.

Ele me pergunta onde está sua namorada, diz Alfred.

E eu vejo Alfred olhar ao redor de si para os pintores noruegueses e de todo o mundo, postados em círculos ao meu redor e me encarando com olhos cintilantes e vermelhos.

Onde está Helene?, pergunto eu.

Não, agora você vai ter mesmo que nos apresentar sua namorada, diz Alfred.

Onde está Helene?, pergunto eu.

Ora, não seja covarde, diz Alfred.

E Alfred me disse que Helene estava no Malkasten, que o incumbira de me trazer até ela, que lhe havia pedido que me trouxesse até ela.

Onde está ela?!, digo eu.

Olho no rosto de Alfred. E seu rosto é um riso largo. Olho ao meu redor e por toda parte vejo os rostos interrogativos dos pintores que não sabem pintar, os rostos dos pintores que sabem pintar, e para onde eu dirijo meu olhar há olhos cintilantes e vermelhos a me encarar, e todos os rostos estampam risos sem rir.

Agora você vai ter que nos mostrar sua amada! Estão todos aqui, você convidou todos aqui a vir cumprimentar sua amada, diz Alfred.

E Alfred fala tão alto. Alfred não fala comigo, ele fala tão alto que todos o ouvem.

Vamos, faça alguma coisa, diz Alfred.

E eu estou aqui entre minhas duas malas e olho para baixo, para uma de minhas malas. E Alfred disse que eu devo apresentar Helene aos pintores noruegueses e de todo o mundo. E foi Alfred quem disse que Helene estava sentada no Malkasten esperando por mim. Não posso ficar assim parado, com Helene aqui sentada e esperando por mim. Tenho que fazer alguma coisa. E

eu saio, passo entre Alfred e Tidemand, e Alfred e Tidemand recuam para o lado e Tidemand olha para mim, com um semblante amistoso.

Boa tarde, Hertervig, diz Tidemand.

E Tidemand falou comigo e eu não consigo falar com ele direito, com Tidemand em pessoa eu não consigo falar. E saio do círculo mais interno de pintores e sigo diretamente atravessando também o círculo externo de pintores que vejo diante de mim, vou andando salão adentro. E então aí está Alfred novamente, ao meu lado.

É aquela?, pergunta ele.

E Alfred aponta para alguém que eu nunca vi antes, ela está sentada com dois homens a uma mesa no mais recôndito do salão, tem cabelos amarelos, que mantém presos ao alto da cabeça num coque, e tem peitos volumosos, pesados, que oscilam para cima e para baixo sob uma blusa branca com bordas rendadas, ela está ali sentada e ri para um dos homens e ele ri para ela, e depois ele passa o braço em torno dos ombros dela e ela se inclina junto a ele e ri no rosto dele e sob sua blusa branca com bordas rendadas tem peitos pesados, que oscilam para cima e para baixo, do modo como ela está ali sentada e ri. E eu respondo que sim com a cabeça.

Deve ser ela, digo eu.

E eu me viro e olho para todos os pintores que não sabem pintar, todos os pintores que sabem pintar e vejo que os pintores noruegueses e de todo o mundo agora se espalham pelo salão e se posicionam, isoladamente e em pequenos grupos eles se posicionam e então lá estão com cigarro e copo nas mãos, lá estão com olhos cintilantes e vermelhos e olham para Alfred e para mim. E Alfred se vira e olha para todos os pintores. E eu vejo que alguns dos pintores se viram e começam a andar através do salão. E Alfred para e fica seguindo-os com o olhar. E então também Alfred sai andando através do salão. Eu fico parado, vendo pintores que não sabem pintar e alguns que sabem pintar andando através do salão, e alguns ainda estão parados, isoladamente ou em pequenos grupos, e eles olham para mim. E então eu vejo que todos se viram e então todos os pintores que não sabem pintar e os que sabem pintar saem andando através do salão. Vejo Alfred andar através do salão, atrás de alguns pintores que não sabem pintar. E atrás de Alfred, por sua vez, vão andando outros pintores através do salão. E então eu olho para a mesa com a mulher e os dois homens, e ela olha para cima, olha para mim.

Venha cá e sente-se conosco, diz ela. Venha, venha.

Eu fico apenas parado, pois agora tenho que achar Helene, afinal ela deve estar no Malkasten, segundo disse Alfred, mas não consigo vê-la em lugar nenhum.

Pois venha, diz a mulher.

Sim, sim, venha, diz um dos homens.

Você parece estar precisando de um copo, diz o outro.

Venha aqui comigo, homem solitário, diz a mulher.

Você deve ser norueguês, diz um dos homens.

Faço que sim com a cabeça.

Venha, venha, diz ela.

E a mulher ergue as mãos à frente dos seios, acena para mim me chamando até ela, até seus seios.

Venha, venha, diz ela.

E eu olho para seus seios.

Não são mesmo bonitos?, pergunta ela.

São bonitos mesmo, eu sei do que estou falando, diz um dos homens.

Eu também, diz o outro homem.

E então a mulher e os dois homens se põem a gargalhar.

Venha, venha, diz a mulher.

Tenho que ir embora, digo eu.

Não, venha cá, diz ela.

Balanço a cabeça negativamente.

Venha e tome um copo também, diz a mulher.

E eu me viro e começo a atravessar o salão, pois agora tenho que tratar de ir embora.

Não tem coragem?, pergunta um dos homens.

Não tem perigo nenhum, é só você vir se sentar conosco, você só precisa beber alguma coisa, não mais que isso, diz o outro homem.

Da Noruega! Da Noruega! Ele realmente deve ser da Noruega!, diz a mulher.

E eu vou andando através do salão entre minhas duas malas, em meu terno de veludo roxo, nesse seu maldito terno de veludo roxo anda o quaker Lars Hertervig através do salão do Malkasten, num terno de veludo roxo que ganhou de Hans Gabriel Buchholdt Sundt caminha o quaker Lars Hertervig até a porta do Malkasten, entre suas duas malas, que igualmente ganhou de Hans Gabriel Buchholdt Sundt, caminha o quaker Lars Hertervig em direção

à porta do Malkasten, é o que vou fazer, sim. E para onde devo ir agora? Pois todos têm que estar em algum lugar, afinal. E eu tenho que passar logo por aquela mesa redonda à qual estão sentados todos os pintores que não sabem pintar, e eles certamente vão me perguntar para onde eu pretendo ir? por que estou carregando as malas comigo por aí? eles certamente vão perguntar, vou viajar? fui enxotado de meu quarto? vou para a Noruega? eles certamente vão perguntar e eu vou andando através do salão, através do Malkasten, em direção à porta. E nunca mais pretendo entrar no Malkasten. Tenho que ir até minha querida Helene. Pois minha querida Helene não pode simplesmente desaparecer de minha vida. Tenho que reencontrar minha querida Helene. Ando entre minhas duas malas, que ganhei de Hans Gabriel Buchholdt Sundt, em meu maldito terno de veludo roxo, que igualmente ganhei de Hans Gabriel Buchholdt Sundt, pois foi ele quem me mandou à Academia de Belas-Artes de Düsseldorf, foi ele quem achou que eu tinha um grande, um excepcional dom para a pintura, segundo disse ele, um dom tal que eu devia estudar para me formar pintor, pintor de paisagens, foi o que disse Hans Gabriel Buchholdt Sundt a Lars Hertervig, a mim. Foi o que disse o atacadista de vinhos e armador Hans Gabriel Buchholdt Sundt ao quaker Lars Hertervig. Vou em direção à porta. E Helene não esteve, de modo algum, no Malkasten. Ela disse, sim, que estaria no Malkasten, e então não esteve, de modo algum, no Malkasten. Helene se foi. E eu provavelmente nunca mais encontrarei Helene de novo. Helene disse que estaria no Malkasten. E então, apesar disso, Helene não esteve de modo algum no Malkasten. E eu preciso mesmo reencontrar minha querida Helene. Para onde você foi, afinal? Eu preciso encontrá-la. Não tenho para onde ir e todos precisam estar em algum lugar. E eu preciso encontrá-la. Vou andando através do salão, em direção à porta, e aí estão novamente as sonoras gargalhadas, novamente vêm as sonoras gargalhadas em ondas em minha direção. Vou andando através do salão, em direção à porta, em meio a todas essas sonoras gargalhadas vou andando. E agora tenho que passar pela mesa redonda, passar por todos os pintores que estão sentados à mesa redonda e conversando e rindo, estão falando de Hattarvåg, do quaker, dizendo que o Hattarvåg tem uma namorada imaginária, estão falando, o Hattarvåg, dizem eles e então dão gargalhadas, e eu tenho que passar por essa mesa redonda, ela fica bem junto à porta do Malkasten, e agora tenho que achar minha querida Helene de novo, pois tenho que estar em algum lugar, todos têm, afinal, seu tamanho, todos têm

que estar em algum lugar e estou atravessando o Malkasten e olho para a mesa redonda e agora os pintores que não sabem pintar estão novamente sentados à mesa redonda, todos os pintores que não sabem pintar estão agora sentados à mesa redonda e eu não posso olhar para a mesa redonda, tenho que simplesmente seguir andando entre minhas duas malas, através do Malkasten, em meu maldito terno de veludo roxo, que Hans Gabriel Buchholdt Sundt mandou confeccionar para mim, do mais fino veludo, segundo disse ele, eu vou andando em direção à porta e então tenho que achar minha querida Helene de novo. Pois Helene deve estar mesmo esperando por mim. Ela não pode simplesmente desaparecer de minha vida. Vou andando em direção à porta e por toda parte há sonoras gargalhadas e agora vou passar pela mesa redonda. E os pintores que não sabem pintar olham para mim. Eu sigo simplesmente andando, inclinado para a frente. Olho para a mesa redonda, e os pintores que não sabem pintar, eles estão sentados à mesa redonda e olham para baixo. E ninguém diz nada. Vou andando em direção à porta, passo pela mesa redonda e todos os pintores que não sabem pintar estão ali sentados e olham para a mesa e nenhum deles me diz nada. Vou andando em direção à porta, agora irei embora do Malkasten e nunca mais voltarei ao Malkasten. Vou embora do Malkasten. Olho para a mesa redonda e vejo o rosto de Alfred, todos os outros estão ali sentados e olham para a mesa, mas Alfred está sentado ali e olha para mim. E vejo Alfred se levantar. Paro diante da porta, coloco uma das malas no chão, abro a porta e com o ombro seguro a porta aberta e pego a outra mala e passo pela porta e nunca, nunca, nunca mais hei de pôr os pés no Malkasten. Hoje estive no Malkasten pela primeira e última vez. Passo pela porta e nunca, nunca mais entrarei no Malkasten, ao encontro dos pintores que não sabem pintar. E eu fico parado na escada diante da porta. Olho para cima, para o céu. E o céu escureceu, agora é noite. Sinto um vento frio no rosto. Desço a escada e estou na rua, entre minhas duas malas, nesse meu terno de veludo roxo estou eu e digo para mim mesmo aqui estou eu e ouço a porta se abrir e olho para a porta e vejo Alfred parado à porta, ele espia para fora, me localiza. Eu me viro de novo, olho para a frente, para o nada.

Hertervig, diz Alfred.

E eu não quero mais falar com Alfred, agora quero apenas ir embora. Pois quem é mesmo Alfred?

Ela deve ter ido embora, diz ele.

Olho novamente para Alfred, ele vem descendo os degraus.

Ela não estava aí!, diz ele.

E Alfred vem em minha direção.

Mas ouça, diz ele.

E Alfred se detém, olha para mim.

Agora ouça, diz ele.

Olho para Alfred.

Agora ouça bem, sim, diz Alfred.

E eu não quero saber o que Alfred pretende me dizer. Pois não é verdade mesmo. Alfred não diz a verdade. E quem é mesmo Alfred? Não quero ouvir o que Alfred tem a dizer.

Ela disse, diz Alfred.

E Alfred interrompe a fala e olha para mim.

Ela disse que, se tivesse que sair do Malkasten, estaria esperando por você, diz ele.

E eu começo a subir a rua, pois não quero ouvir o que Alfred está dizendo, afinal ele não diz mesmo a verdade, fica só tagarelando, não diz a verdade. E quem é mesmo Alfred? Por que ele fica aí só tagarelando? E eu vou caminhando pela rua.

Você não quer saber?, pergunta Alfred atrás de mim.

Vou caminhando pela rua.

Ela disse que você pode encontrá-la, diz Alfred.

E então ele interrompe a fala e eu não paro e vou caminhando pela rua.

Você pode encontrá-la perto dos choupos, agora, hoje à noite, ela estará lá esperando, diz Alfred.

E eu vou caminhando pela rua e ouço Alfred subir a escada para o Malkasten. Vou subindo a rua. E Helene disse que quer me encontrar. Eu teria que ir para casa ao seu encontro, disse ela. Helene espera por mim. E eu não posso mesmo ficar sentado no Malkasten, enquanto Helene espera por mim. E o sr. Winckelmann, esse não deixa Helene em paz. Preciso ir para casa. Não posso deixar Helene sozinha com o sr. Winckelmann. Afinal aluguei um quarto da sra. Winckelmann, na Jägerhofstraße. Porém, não tenho mais a chave do apartamento e minha querida Helene ainda está no apartamento, sentada no apartamento e esperando por mim. Vou caminhando depressa pela rua. Preciso voltar logo para casa. E agora vou à Jägerhofstraße. Agora vou bater à porta na Jägerhofstraße. Agora vou

reencontrar minha querida Helene e, se seu tio, o sr. Winckelmann, abrir, direi a ele pura e simplesmente que quero ver Helene, porque Helene e eu somos namorados, direi eu, e então Helene e eu sairemos do apartamento e então iremos embora, viajaremos para a Noruega, viajaremos para Stavanger, para nunca mais voltar à Alemanha. Pois Helene e eu somos namorados. Vou caminhando depressa pela rua. Agora vou buscar minha querida Helene e então viajaremos para casa, para a Noruega, para Stavanger. E na Noruega eu pintarei os quadros, os mais belos quadros de paisagens banhadas de luz eu pintarei, de nuvens na paisagem, e Helene estará comigo, por toda parte Helene estará comigo. Agora a senhorita Helene Winckelmann e o pintor de paisagens Lars Hertervig viajarão para a Noruega. E, quando chegarmos a Stavanger, Hans Gabriel Buchholdt Sundt estará no cais para nos receber. E Hans Gabriel Buchholdt Sundt estará sozinho no cais, e quando nos vir descendo a escada de portaló, ele virá até nós. E então dirá Hertervig! E então o armador e atacadista de vinhos Hans Gabriel Buchholdt Sundt dirá novamente Hertervig! De volta a casa! E nesse momento ele vai dizer então o senhor se tornou realmente um pintor de paisagens! Ah, que bom revê-lo. E como está boa sua aparência! E essa, dirá ele, essa deve ser Helene Winckelmann, de quem ouvi falar? Sua futura esposa, dirá ele. E então Hans Gabriel Buchholdt Sundt irá até Helene Winckelmann e lhe estenderá a mão e dirá, discreto, os olhos baixos, que é Hans Gabriel Buchholdt Sundt, armador e atacadista de vinhos, dirá ele, e depois dirá então esta é Helene Winckelmann, a eleita, moça de sorte, já que é, afinal, a futura esposa do brilhante talento Lars Hertervig, um homem do qual toda a Noruega tanto espera, dirá ele, todo o Reino da Noruega, sim, dirá ele. E depois ele dirá que devemos acompanhá-lo até sua casa, onde comida e vinho nos aguardam, dirá ele. E então seguiremos de coche pelas ruas de Stavanger. E depois o armador e atacadista de vinhos Hans Gabriel Buchholdt Sundt nos levará a alguns grandes cômodos de sua casa e nos dirá que, se quisermos, podemos morar num desses cômodos, e para mim ele dirá que num desses cômodos eu deverei pintar, isso dirá Hans Gabriel Buchholdt Sundt, e então ele dirá que agora vai se recolher, assim podemos estar um pouco a sós, descansar um pouco, dirá ele. E então poderemos minha querida Helene e eu estar a sós. Estou indo até minha querida Helene. Estou indo à Jägerhofstraße e vejo o prédio onde os Winckelmann têm seu apartamento. Estou indo em direção à entrada do prédio na Jägerhofstraße. Estou indo até Helene. Pois Alfred disse

que Helene espera por mim, que devo ir para casa ao encontro de minha querida Helene Winckelmann, ela espera por mim, disse Alfred. E entro pela porta do prédio, até a escadaria. Subo a escada. Paro diante da porta com a plaquinha com o nome da família Winckelmann. E agora não tenho mais a chave do apartamento. Estou parado diante da porta com a plaquinha com o nome Winckelmann, entre minhas duas malas estou parado, e agora Helene espera por mim e agora tenho que bater à porta. E então Helene deve vir e abri-la. E então Helene deve fazer as malas com seus pertences e roupas. E então Helene e eu devemos partir, imediatamente, ainda esta noite ela deve fazer suas malas e então teremos que encontrar um lugar para morar por alguns dias, e então teremos que, na primeira oportunidade, viajar para a Noruega, para Stavanger. Helene Winckelmann e Lars Hertervig viajarão para longe de todos os pintores que não sabem pintar, e nem ela nem ele jamais estarão com pintores que não sabem pintar. Coloco minha mala no chão. Olho para a plaquinha com o nome Winckelmann à porta. Bato à porta. Olho para a plaquinha com o nome Winckelmann à porta. E então olho para baixo, para uma de minhas malas. Ouço passos no corredor, passos pesados, no corredor ouço passos pesados! e é o sr. Winckelmann vindo. Helene não vem, pois é o sr. Winckelmann quem vem aí! não Helene. O sr. Winckelmann vem abrir. Ouço passos pesados no corredor. E esses passos vão ficando cada vez mais próximos. Agora vem chegando o sr. Winckelmann. Agora certamente vem chegando o sr. Winckelmann. E eu fico parado e olho para baixo, para uma de minhas malas. E agora vem chegando o sr. Winckelmann. Mas eu tinha mesmo que vir ao encontro de Helene, ao encontro de minha querida Helene. Afinal, não podia simplesmente ir embora, senão Helene ficaria assim me esperando. Eu não podia simplesmente ir embora. Afinal, todos têm que estar em algum lugar. Eu não podia simplesmente ir embora. E ouço os passos pesados pararem diante da porta. E fico parado e olho para baixo, para uma de minhas malas. Ouço a chave girando na fechadura. Olho para uma de minhas malas. E preciso olhar para cima, preciso fazer algo, não posso ficar simplesmente aqui parado, pois certamente o sr. Winckelmann vai abrir a porta e logo tornará a batê-la. Olho para cima e vejo a porta se abrir. E vejo o rosto da sra. Winckelmann e então tudo se cala.

Não, o senhor de novo, diz a sra. Winckelmann.

E sua voz não está severa e a sra. Winckelmann olha para mim. Neste

momento eu ouvi a voz da sra. Winckelmann. Pois não foi a voz do sr. Winckelmann, e sim a límpida voz de Henriette Winckelmann que veio em minha direção.

O senhor de novo, não, diz a sra. Winckelmann mais uma vez.

E talvez eu tenha que dizer à sra. Winckelmann que preciso falar com Helene. Ou talvez deva dizer à sra. Winckelmann que Helene e eu vamos embora, que vamos viajar para a Noruega, para Stavanger.

O senhor esqueceu algo?, pergunta Henriette Winckelmann.

Não.

O que deseja, afinal?

E agora a sra. Winckelmann me perguntou o que desejo, e então talvez eu deva simplesmente dizer, deva dizer que gostaria de falar com sua filha, com Helene, com Helene Winckelmann.

Algum assunto específico?, pergunta a sra. Winckelmann.

E eu tenho que dizer algo.

Uma vez que o senhor já está aqui, diz a sra. Winckelmann.

E eu olho nos olhos da sra. Winckelmann, e seus olhos são tão azuis. Seus olhos são quase como os olhos de Helene.

Sim, venha para o corredor, diz a sra. Winckelmann.

E eu pego minhas malas e entre minhas duas malas entro no corredor e coloco minhas duas malas no chão, uma a cada lado de minhas pernas. Vejo que a sra. Winckelmann deixa a porta do apartamento se fechar. E então a sra. Winckelmann se vira em minha direção e me encara diretamente e eu ouço a sra. Winckelmann dizer que devo lhe dizer qual o assunto?, pergunta ela e eu olho novamente para baixo, para uma de minhas malas. E agora vou ter que simplesmente dizer qual o assunto, por que razão voltei, agora vou ter que dizer que vim para buscar Helene, para que ela e eu possamos viajar para Stavanger, para a Noruega. Vou ter que dizer agora, diretamente. Não posso ficar apenas aqui parado e olhando para baixo, para uma de minhas malas. Tenho que dizer por que voltei.

Eu só quero, digo eu.

Sim?

Eu só quero que.

O senhor só quer?

Eu só quero.

Diga logo.

Eu pensei que Helene talvez.

Helene?

Sim, Helene poderia.

Ela tem apenas quinze anos, meu senhor!

E a voz da sra. Winckelmann soa determinada.

Helene e eu poderíamos.

Sim, diz a sra. Winckelmann.

E então ouço o sr. Winckelmann chamar e perguntar o que está acontecendo e sua voz se sobrepõe à minha e eu não consigo dizer mais nada, agora só consigo ficar parado no corredor e agora tenho que falar com Helene, imediatamente. E eu fico aqui e olho para baixo, para uma de minhas malas. E ouço uma porta se abrir e ouço passos pesados no corredor e então ouço o sr. Winckelmann dizer bem que eu imaginei! esse aí tinha mesmo que voltar, claro, diz ele, e eu ouço os passos pesados do sr. Winckelmann se aproximando cada vez mais e ele diz que só podia mesmo esperar por isso, diz ele, e eu não tenho que ouvir o que o sr. Winckelmann está dizendo, e então ele diz que sou mesmo assim, ele sabia, sim, o tempo todo soube disso, diz ele, e o sr. Winckelmann chega ao corredor e se posta diante de mim e eu não levanto os olhos, olho apenas para baixo, para uma de minhas malas.

O que é que há agora?, pergunta o sr. Winckelmann.

Não, ele ainda não disse, diz a sra. Winckelmann.

Não tem nada mesmo a dizer, diz o sr. Winckelmann. O que o senhor deseja?

E eu não posso dizer nada, tenho que ficar simplesmente assim parado, não posso mesmo dizer nada.

O que o senhor deseja agora, afinal?, pergunta o sr. Winckelmann.

E eu não posso dizer nada. E onde está minha querida Helene? Pois eu voltei porque preciso encontrar minha querida Helene, afinal ela está esperando por mim, queria que eu viesse até ela, pediu que eu viesse, sim, foi o que disse Alfred e também outros disseram que Helene estava só esperando que eu viesse até sua casa encontrá-la, vários disseram isso, todos estão me dizendo, enfim, que Helene estava só esperando que eu viesse até ela, e agora tenho mesmo que chegar rápido até Helene.

Pois responda, homem! Por que o senhor voltou?, pergunta o sr. Winckelmann.

E o sr. Winckelmann fica diante de mim e me olha de cima.

O que o senhor quer?, pergunta o sr. Winckelmann.

E onde está Helene? Agora Helene precisa vir logo até mim, não? Mas onde está Helene? Ela precisa vir logo.

O senhor não mora mais aqui. Portanto, se vem até aqui, tem que saber por quê! Seu norueguês maluco!, diz o sr. Winckelmann.

Helene, ela, digo eu.

Helene!, diz o sr. Winckelmann. Se existe uma pessoa que o senhor nunca mais verá, é exatamente essa cujo nome o senhor acaba de pronunciar! Helene! Helene! O que deseja dela, se me permite perguntar?

Helene está esperando por mim, digo eu.

Ouça essa, mãe! Helene está esperando por ele! É mesmo?!

E então o sr. Winckelmann começa a gargalhar e eu o vejo aí parado e balançando a cabeça de um lado para outro e dizendo vejam só, ela espera pelo senhor, diz ele, e então ele diz não, mãe, isso é demais, o homem está louco, fora daqui com ele!, diz ele e o sr. Winckelmann vai até a porta do apartamento e abre uma boa fresta. O sr. Winckelmann me encara.

O senhor ouviu o que eu disse, fora, diz o sr. Winckelmann.

E o sr. Winckelmann disse que eu devo sair, e eu estou aqui e olho para baixo, para uma de minhas malas. E agora Helene precisa vir logo, afinal ela deve ir comigo para Stavanger, para a Noruega, e agora eu não posso ficar assim parado, pois Helene precisa vir logo.

Vamos! Vamos!, diz o sr. Winckelmann.

Não, isso é loucura demais, diz a sra. Winckelmann.

Pegue suas malas e desapareça, diz o sr. Winckelmann.

Sim, por favor, faça isso, diz a sra. Winckelmann.

E eu olho para baixo, para uma de minhas malas, e agora terei que ir e vejo que o sr. Winckelmann olha para a sra. Winckelmann.

Vou chamar a polícia, diz o sr. Winckelmann.

Não, não precisa disso, diz a sra. Winckelmann.

Assim não dá, diz o sr. Winckelmann.

Não é preciso isso, diz a sra. Winckelmann.

Agora chega, diz o sr. Winckelmann. Dê meu sobretudo, diz ele.

E eu vejo a sra. Winckelmann ir até um guarda-roupa e ela tira um sobretudo, vai até o sr. Winckelmann, entrega-lhe o sobretudo.

Acha que isso é realmente necessário?, pergunta a sra. Winckelmann.

Sim, sim, diz ele. Você fica aqui e toma conta das coisas até voltarmos, diz

ele.

E o sr. Winckelmann veste o sobretudo e abre a porta e sai e bate a porta atrás de si. E o sr. Winckelmann disse que vai buscar a polícia, e eu estou aqui parado, olhando para baixo, para uma de minhas malas. E eu tenho que encontrar Helene. Por onde andará Helene? E agora o sr. Winckelmann saiu para buscar a polícia, ele disse que iria buscar a polícia, pois assim não dá mais, disse ele, e então pediu à sra. Winckelmann que lhe entregasse o sobretudo e ela perguntou se isso era realmente necessário e então o sr. Winckelmann vestiu seu sobretudo e então saiu e eu estou aqui parado no corredor e onde estará minha querida Helene, afinal?

Helene, digo eu.

Sim?, pergunta a sra. Winckelmann.

Ela não está em casa?, pergunto eu.

E eu vejo a sra. Winckelmann responder que não com a cabeça.

O senhor não quer ir embora?, pergunta a sra. Winckelmann.

Mas Helene, digo eu.

Sim, sim, diz a sra. Winckelmann.

Helene não está em casa?, pergunto eu.

Calma, calma, diz a sra. Winckelmann.

Não está em casa?, pergunto eu.

Agora vá, diz ela. Vá, simplesmente, por favor, diz ela.

Sim, mas, digo eu.

O senhor não vê que ele está falando sério, quando diz que vai buscar a polícia, e então o senhor será preso, sim, sim, agora vá, diz a sra. Winckelmann.

E eu balanço a cabeça concordando.

Talvez eles já estejam vindo?, diz ela.

E a sra. Winckelmann se afasta e abre a porta e ela fica escutando os ruídos que vêm de baixo pela escada. Então acena para mim com a cabeça.

Vá, pegue suas malas e vá, diz ela.

E eu não posso simplesmente ir embora, preciso falar com Helene. Preciso falar com minha querida querida Helene, pois não posso ficar apenas aqui parado, não é? agora terei que ir embora e então não poderei falar com Helene? e para onde devo ir? Afinal, tenho que ir para algum lugar.

Mas Helene me pediu que viesse até ela, digo eu.

E o senhor espera que eu acredite nisso, diz a sra. Winckelmann.

Respondo que sim com a cabeça.

Não dá para acreditar no senhor, diz a sra. Winckelmann. Por favor, agora vá.

Mas.

Agora vá.

Sim.

Vá, antes que a polícia chegue, para o seu próprio bem.

Mas eu não fiz nada de errado.

Não, não exatamente, talvez, mas o senhor não mora mais aqui. Por favor, agora vá.

E eu vejo a sra. Winckelmann parada e segurando a porta aberta e ela já me disse várias vezes que eu devia ir embora, pois não posso ficar simplesmente parado em seu corredor e Helene não deve estar querendo me ver, disse a sra. Winckelmann. E como ela pode dizer uma coisa dessas, eu sei muito bem que Helene, minha querida Helene, gostaria muito de me ver, e apesar disso a sra. Winckelmann disse que ela não gostaria de me ver.

Agora eles estão vindo, diz ela. Ouça o senhor mesmo isso. Agora vá.

E eu tenho que ficar simplesmente assim parado, não posso ir embora agora. Afinal, eu moro aqui. E vejo a sra. Winckelmann soltar a porta do apartamento e ela me encara.

O que será do senhor, diz ela.

E a sra. Winckelmann começa a andar pelo corredor e então para e se vira para mim e diz tudo de bom, boa sorte, diz ela e eu vejo a sra. Winckelmann seguir corredor adentro e vejo-a abrir a porta da sala e vejo a sra. Winckelmann entrar na sala e fechar a porta atrás de si e então eu ouço vozes vindo da escada e ouço o sr. Winckelmann dizer que estou no corredor e uma outra voz responde já vamos resolver isso e eu fico parado e olho para a porta do apartamento e ouço passos pesados se aproximando. E o sr. Winckelmann encontrou alguém, portanto, que vai me enxotar, portanto ele simplesmente foi para a rua arranjar alguém e agora devo ser enxotado. O sr. Winckelmann foi buscar um policial e agora eu serei enxotado.

Sim, tomara, diz o sr. Winckelmann.

Sem problemas, diz a outra voz.

E eu vejo a porta do apartamento se abrir e então vejo o sr. Winckelmann parado e segurando a porta aberta.

Aí está, diz ele. Aí está ele. É ele aí parado.

E o sr. Winckelmann acena com a cabeça em minha direção no corredor e eu vejo um policial surgir à porta e ele é parecido com o sr. Winckelmann, os mesmos olhos pretos, a mesma barba preta, um rosto igualmente arredondado e avermelhado, e agora o policial certamente vai me enxotar, agora o sr. Winckelmann foi buscar um policial para que este me enxote.

Sim, sim, diz o policial.

Aí está ele, sim, diz o sr. Winckelmann.

E eu vejo o policial surgir no corredor e então ele vem andando em minha direção e eu olho para baixo, para uma de minhas malas, e vejo o sr. Winckelmann parado segurando a porta do apartamento aberta e ouço o policial dizer que o jovem deve olhar para ele, diz, e agora vou ter que ir, não posso mais ficar e eu me curvo e pego minhas duas malas e não olharei para cima! só olharei para baixo! só olharei para baixo! não olharei para cima! e então caminho até a porta e passo pelo sr. Winckelmann e agora tenho que simplesmente ir, não posso olhar para mais ninguém, pois agora eu tenho que simplesmente ir, não posso olhar para mais ninguém, pois tenho que simplesmente ir, agora tenho que simplesmente ir e vou até a porta onde o sr. Winckelmann espera, segurando-a aberta, e eu passo pela porta e agora tenho que simplesmente ir para algum lugar, para algum lugar eu tenho que ir, afinal, e eu passo pela porta entre minhas duas malas e ouço o policial dizer enfim, foi fácil, e o sr. Winckelmann diz talvez fácil demais e o policial diz que não acredita que eu volte e eu vou descendo a escada e o policial diz que, caso eu volte, eles simplesmente não abram para mim, e vou descendo a escada entre minhas duas malas e desço os degraus da escadaria à entrada do prédio e não ouço mais o que dizem o policial e o sr. Winckelmann e vou descendo a escada e tenho que simplesmente ir para algum lugar, não sei bem para onde devo ir, mas tenho mesmo que ir para algum lugar, entre minhas duas malas eu vou andando e agora preciso achar de novo minha querida Helene e então preciso simplesmente ir a algum lugar, pois todos têm que estar em algum lugar e também eu tenho que estar em algum lugar, ora, e eu saio para a rua e está escuro e para algum lugar eu tenho que ir e não posso estar num lugar-nenhum e então eu vou simplesmente subir por aqui em direção aos choupos e eu vou entre minhas duas malas e para algum lugar eu tenho que ir, aqui vou entre minhas duas malas e eu vou simplesmente subir em direção aos choupos, pois agora não posso simplesmente e os tecidos brancos e pretos meu pai e então Elizabeth, querida irmã Elizabeth, onde é

que está minha querida irmã Elizabeth, onde foi parar minha querida irmã Elizabeth?

Manicômio de Gaustad, em Christiania, manhã, véspera do Natal de 1856: as gaivotas gritam. E as gaivotas precisam gritar, pois assim está tudo bem. Quando não consigo dormir, gosto de ficar ouvindo as gaivotas gritarem. Quero que as gaivotas gritem. E eu vejo as gaivotas flutuarem no céu, depois elas se deixam cair verticalmente, em direção à superfície do mar, entram de bico na água, e então as gaivotas flutuam novamente num voo lento para cima em direção às nuvens. Não consigo dormir. E, quando não consigo dormir, é bom que as gaivotas gritem, se eu abro os olhos, não consigo ver nada e ouço as gaivotas gritarem e vejo as gaivotas no voo lento para cima ou para baixo no céu. Não estou conseguindo dormir. Estou deitado numa cama do salão-dormitório, na sexta cama, contada a partir da porta, e não consigo dormir. E à direita, na fileira de camas, há mais duas. As gaivotas gritam. Não consigo dormir e então as gaivotas precisam gritar. Agora as gaivotas gritam. Uma gaivota grita, muitas gaivotas gritam. Estou deitado na sexta cama, não consigo dormir e ali, junto à porta, dorme o inspetor Hauge, assim estou deitado, na sexta cama, e ouço as gaivotas gritarem. Vejo uma gaivota no voo lento céu acima, pelo céu afora, em direção aos montes. Estou deitado e ouço as gaivotas gritarem. Estou deitado na sexta cama e ouço as gaivotas gritarem. Vejo mar azul, céu azul e as gaivotas. Fico escutando a respiração dos outros. E vejo a mim mesmo parado à beira do mar com meus materiais de pintura e observando as gaivotas. E eu olho para baixo, para as ondinhas que vêm a todo momento estalar nos seixos da beira. Olho para as ondinhas. Vejo gaivotas no céu. Não vejo uma única nuvem, há apenas gaivotas, brancas, no céu azul. E, portanto, o céu está escuro. E as gaivotas se espalham voando aos gritos pelo céu escuro. Não posso mais pintar. Sou pintor, mas não posso mais pintar. O dr. Sandberg disse que eu não posso pintar, enquanto estiver em tratamento no manicômio de Gaustad não poderei pintar, disse ele e eu disse que talvez tenha sido por tanto pintar e pintar que eu enlouqueci, foi o que eu disse ao dr. Sandberg, talvez eu tenha fixado demais o olhar na paisagem à luz do sol,

disse eu ao dr. Sandberg e ele disse que enquanto eu estiver no manicômio de Gaustad não deverei pintar, durante esse período fico proibido de pintar e os meus materiais de pintura eu tive que entregar no momento da internação, só devo recebê-los de volta no dia em que tiver alta. Agora sou um pintor que não pode pintar. E aí eu só posso ficar ouvindo as gaivotas. Mas eu sou um pintor e gostaria muito de pintar, pois, se não puder pintar, não me curarei, nesse caso só ficarei cada vez mais doente. Tenho que pintar. Tenho que ouvir as gaivotas. Tenho que ver as gaivotas se espalharem voando aos gritos pelo céu. Mas o inspetor Hauge nunca me deixou pintar. Eu tenho que ouvir as gaivotas. O inspetor Hauge anda por toda parte com chaves balançando à cintura. Estou no manicômio de Gaustad, e o dr. Sandberg disse que não poderei pintar enquanto eu estiver no manicômio de Gaustad, foi o que ele me disse e disse-o ao inspetor Hauge, que eu não estou no manicômio de Gaustad para pintar, e sim que estou no manicômio de Gaustad para me curar, e então não poderei mais pintar, não enquanto estiver no manicômio de Gaustad. Portanto, tenho que ver as gaivotas. E tenho que ouvir as gaivotas. E não posso contar a ninguém que vejo e ouço as gaivotas, pois nesse caso nem isso poderei mais fazer. O senhor não vai poder ver e ouvir as gaivotas, dirá então o dr. Sandberg. E palavra do dr. Sandberg é uma ordem. Eu e todos os outros no manicômio de Gaustad temos que fazer as coisas do modo como o dr. Sandberg diz. Não posso pintar. Ouço as gaivotas. E saio para remover neve. Eu devo me curar por não pintar mais e sair para remover neve. E com certeza ficarei curado por remover neve. Fiquei doente por pintar, porque fixava o olhar em paisagens à luz do sol. E assim fiquei doente, sim, eu bem o sei. E não consigo dormir. Também por isso devo ter ficado doente. Ouço as gaivotas. Vejo as gaivotas. Fico deitado e vejo as gaivotas flutuarem em seu voo lento no céu, elas se soltam numa queda repentina até a superfície da água e então, rapidamente, em meio a um longo flutuar, mergulham o bico na água, e então as gaivotas deslizam novamente para cima rumo ao céu com algo no bico, algo que logo depois desaparece. Vejo gaivotas o tempo todo. E eu quero ver gaivotas o tempo todo. Não quero ver nuvens, nem barcos, nem pessoas, só quero ver gaivotas, a todo momento quero ver gaivotas, grandes bandos de gaivotas eu quero ver e tento o melhor que posso apenas ver gaivotas, o modo como elas pousam num escolho, como deslizam pelo céu, como mergulham e apanham algo para comer. Quero ver gaivotas. Eu vejo gaivotas. Ouço gaivotas. Mesmo quando abro os olhos e observo no escuro

dormitório, onde a escuridão é tão densa que não se pode diferenciar nada, eu vejo gaivotas. Não quero ver nada além de gaivotas. E agora é noite, ou talvez seja o começo da manhã. Estou deitado e não consigo dormir. Algumas noites durmo, outras noites fico deitado e não consigo dormir e então vejo gaivotas e, se não consigo ver gaivotas, tento me forçar a ver gaivotas. Quando não consigo dormir, observo gaivotas. Fico deitado e observo gaivotas, ouço gaivotas, até o despertar, e quando todos no dormitório têm que se levantar eu posso permanecer deitado, vendo e ouvindo gaivotas. E o que eu mais gostaria era de ficar deitado na cama o dia todo vendo gaivotas, não apenas à noite, mas também durante todo o dia o que eu mais gostaria era de ficar na cama vendo gaivotas, eu gostaria de fazer isso, se não houvesse o inspetor Hauge para nos espantar, a nós oito loucos, da cama. Pois temos que deixar as camas. Quanto a isso, o inspetor Hauge é implacável. Fico deitado sob a densa escuridão do dormitório e observo gaivotas e não posso pensar em Helene, tampouco em Gina, tampouco em Anna, em nenhuma mulher eu posso pensar, pois são todas putas e não posso pensar nelas, em nenhuma delas eu posso pensar, nem em você posso pensar uma única vez, minha querida Helene, mas para você, para você, minha querida querida Helene, algum dia eu ainda vou voltar, eu sei disso, Helene, irei até você, eu lhe dou minha palavra de que vou, basta você esperar, minha querida Helene, e eu irei ao seu encontro e não posso pensar em você, nem em você, minha querida Helene, eu posso pensar uma única vez, tais pensamentos eu não posso ter sob nenhuma hipótese e não posso pensar, só devo ver e ouvir as gaivotas. Neste momento, não estou mais vendo as gaivotas, e eu tenho que ver as gaivotas. Agora as gaivotas se foram. Agora as gaivotas têm que reaparecer. Se as gaivotas não voltarem, vou ter que meter a mão entre as pernas, me tocar no meio das pernas, como diz o dr. Sandberg, se eu agora não vir logo as gaivotas, vou ter que me tocar um pouco no meio das pernas e eu não posso me tocar no meio das pernas, descer a mão até o meio das pernas, diz o dr. Sandberg, e eu tenho que me tocar um pouco no meio das pernas, só sentir um pouco, pois ninguém vai perceber, nem o dr. Sandberg, ele que, quando vim para cá, disse que eu não devia me tocar no meio das pernas e perguntou se eu entendia o que ele queria dizer com aquilo, e eu disse que não entendia, e então o dr. Sandberg riu com satisfação e por um longo tempo e disse que aquilo era bom, que era melhor que todas as pessoas fossem assim, disse o dr. Sandberg, bom, bom,

disse o dr. Sandberg, que era bom que eu não entendesse o que ele queria dizer, aquilo era bom. Mas eu tenho que me tocar um pouco no meio das pernas. Eu me toco constantemente no meio das pernas, ainda que o dr. Sandberg tenha dito que não devo fazer isso. Tenho que meter a mão no meio das pernas. Eu me toco no meio das pernas, pego cuidadosamente em meu pau e ele já está um pouco duro. Aperto meu pau. Seguro meu pau e sinto que o pau cresce em minha mão. Preciso segurar meu pau. Preciso ficar com a mão no meio das pernas. Sinto que meu pau vai crescendo e engrossando entre minhas pernas. Seguro meu pau. Toco em mim mesmo no meio das pernas. Seguro meu pau. E o dr. Sandberg certamente não sabe que não sou mais gentil com minha querida Helene. Não acaricio mais levemente os cabelos de minha querida Helene. Não fico mais sentado na beira da cama observando Helene de costas para mim, em seu vestido branco, e olhando para fora da janela. Agora estou me tocando no meio das pernas. Estou deitado na sexta cama e me toco no meio das pernas. E eu não devo mais fazer isso, pois o dr. Sandberg disse que a pessoa fica doente por se tocar no meio das pernas, talvez tenha sido por isso que fiquei doente, porque eu me tocava no meio das pernas, disse o dr. Sandberg, e é certo que eu me toquei no meio das pernas com tanta frequência e por isso fiquei louco, e agora que fiquei louco e fui internado no manicômio de Gaustad não posso mais pintar, e porque eu me toquei no meio das pernas com tanta frequência não posso mais pintar, por isso não posso mais me tocar no meio das pernas, mas eu afinal já me toquei tanto e não só fiquei com a mão aí, não, não foi só isso, já fiz tanta coisa com minha mão aí no meio das pernas, o tempo todo, repetidamente, muitas vezes a cada dia e a cada noite eu estive aí embaixo com a mão entre minhas pernas. E agora meu pau está grande e grosso aí embaixo entre minhas pernas, o pau chega até minha barriga e eu mantenho a mão em torno de meu pau. Mantenho a mão no meio das pernas. E não devo manter a mão em torno de meu pau, isso eu não devo fazer, senão nunca mais estarei curado e então também não poderei mais pintar e pintar é, afinal, a única coisa que eu quero, fiquei doente por causa de minha mão aí no meio das pernas, disse o dr. Sandberg, e eu não devo mais pegar aí embaixo no meio das pernas, disse ele, isso é um erro, contra mim mesmo, contra os outros, contra a lei de Deus e a palavra de Deus. Um erro contra a natureza, disse o dr. Sandberg. Enfim, um erro, disse ele. Estou com a mão no meio das pernas. E preciso recolher a mão. E preciso pensar em gaivotas. Não posso

pensar no que disse o dr. Sandberg, preciso recolher a mão. Preciso conseguir pintar de novo, preciso conseguir pintar nuvens de novo, árvores e choupos, grandes montanhas. Pois sou um pintor, sou o pintor de paisagens Lars Hertervig, discípulo de ninguém menos que Hans Gude, formado na Academia de Belas-Artes de Düsseldorf. Sou um artista, um pintor. Sou o pintor artístico Lars Hertervig. Eu sei pintar. Não posso me tocar no meio das pernas. Preciso pensar em gaivotas. Eu devo pintar. E, como não posso pintar, então eu preciso, sim, simplesmente me tocar no meio das pernas. E não consigo dormir. Estou deitado na sexta cama. Estou no manicômio de Gaustad. Sou o pintor Lars Hertervig e não consigo dormir. Vi paisagens demais à forte luz do sol, por isso fiquei louco e por isso agora estou no manicômio de Gaustad e ficarei apenas deitado na sexta cama e olhando o dormitório, onde agora está tão escuro que não se pode reconhecer nada. Estou deitado e seguro meu pau. E eu devo pintar, é isso que eu devo fazer, e eu devo ficar deitado na sexta cama e isso é a única coisa que eu devo fazer, ficar deitado na sexta cama, eu, eu, Lars Hertervig, discípulo de Hans Gude na Academia de Belas-Artes de Düsseldorf, agora tenho que ficar deitado na sexta cama e eu não posso me tocar no meio das pernas, não posso meter a mão no meio das pernas e não posso me tocar no meio das pernas e não posso pensar em Helene, minha querida Helene, não posso vê-la em pé diante da janela, em seu vestido branco, de costas para mim, ela fica diante da janela e solta seus cabelos, depois se vira para mim e eu não posso me tocar no meio das pernas, pois o dr. Sandberg me disse que não posso me tocar no meio das pernas, se eu fizer isso, não me curo e então nunca mais me torno um grande pintor, disse o dr. Sandberg, por isso é que eu não posso me tocar no meio das pernas e tenho que permanecer calado dentro de mim, tenho que ficar vazio dentro de mim, tenho que ficar calado e vazio dentro de mim e então a luz dali de fora poderá começar a brilhar dentro de mim, pois só quando eu ficar totalmente calado e vazio dentro de mim é que a luz poderá começar a brilhar dentro de mim, eu tenho que ficar calado e vazio, não posso mais me agitar, tenho que ficar calado dentro de mim, tenho que me transformar na pura luz que brilha dentro de mim, tenho que me transformar numa luz que não quer nada, tenho que ficar sentado calado em minha cadeira no círculo de cadeiras onde as pessoas estão sentadas e não dizem nada naquela casa quaker branca em Stakland, tenho que ficar sentado ao lado de meu pai, entre os outros quakers, que também estão sentados à luz, tenho que ficar

totalmente calado, de olhos fechados e todo o desassossego e todos os incômodos que atravessam o meu íntimo devem se juntar em linhas retas e então também as linhas devem desaparecer e eu devo estar vazio e branco e calado dentro de mim, vazio de tudo o que se pode ver e de tudo que se pode pensar, devo ficar ali sentado naquela pequena casa quaker branca em Stakland, vazio, calado, devo ficar ali sentado, sem pensamentos e fora do mundo, com a luz dentro de mim, a luz que também se pode ver no céu, nas nuvens, a luz que eu vejo e que sei pintar, que ninguém mais sabe pintar, com essa luz dentro de mim devo ficar ali sentado ao lado de meu pai, se eu parar de me tocar no meio das pernas, certamente conseguirei ficar ali sentado à luz e então também conseguirei voltar a pintar, mas não posso mais pintar, estou louco, estou no manicômio e não posso mais pintar e o dr. Sandberg disse que então não posso mais meter a mão no meio das pernas e não posso mais fazer isso, pois o que agora quero fazer com Helene não é bom e macio, é rijo, não quero mais ficar ali parado e acariciando-a nos cabelos, eu não teria feito aquilo se Helene, se aquela puta maldita que anda com seu tio, com o sr. Winckelmann! ela anda com seu tio, com o sr. Winckelmann! Helene, pare com isso, minha querida Helene! Você não pode ficar sentada assim! E eu ouço o sr. Winckelmann ofegante. E você não pode fazer isso, isso não, minha querida Helene. E eu não posso me tocar no meio das pernas, o dr. Sandberg disse que não posso fazer isso. E então você, sua puta maldita, fica aí ajoelhada diante do sr. Winckelmann. E Helene é uma puta maldita. E foram passos, isso que ouvi? Tem alguém vindo aí? Agora eu preciso pegar você, esteja vindo alguém ou não. Preciso pegar você. Sua puta maldita. Mesmo que eu nunca mais me cure, preciso pegar você. Não foram passos, isso que ouvi? Não posso ficar me tocando assim no meio das pernas. Não posso continuar louco, tenho que me curar, tenho que pintar. Sou um pintor e tenho que pintar. Não posso ficar me tocando assim no meio das pernas. Tenho que ouvir as gaivotas gritarem. E foram passos, isso que ouvi? E eu ouvi, sim, passos, mas apesar disso agora preciso pegar você. As gaivotas têm que gritar. E agora eu tenho que ficar deitado quieto. Não posso me mexer assim. E minha respiração está tão acelerada. Aperto meu pau com firmeza e movo minha mão pelo pau para baixo e para cima e eu não posso fazer isso, não posso ficar me tocando assim no meio das pernas, senão nunca mais me curo e então também nunca mais poderei voltar a pintar. Estou aqui deitado, a cabeça sob o edredom. E agora eu tenho que ver as gaivotas de

novo. E não consigo ficar deitado quieto, pressiono minha cabeça para trás e escancaro a boca. Estou deitado na sexta cama e estou louco e talvez nunca mais me cure, nunca, nunca mais pintarei, nunca mais, disso eu já sei. Nunca mais poderei pintar. Nunca mais vou me curar. Terei que ficar no manicômio de Gaustad e remover neve e nunca mais terei permissão para pintar. E não posso ficar me tocando assim no meio das pernas. E querida Helene! Agora nunca mais minha querida Helene. Nunca mais, agora. Agora pare, nunca mais, minha querida Helene. E você é mesmo uma puta maldita e eu preciso me pressionar para dentro de você, com toda a força preciso me pressionar para dentro de você. E não posso ficar me tocando assim no meio das pernas, senão nunca mais me curo, isso foi o que disse o dr. Sandberg. Agora tenho que ver as gaivotas. E naquela cama junto à porta dorme o inspetor Hauge. E agora eu tenho que parar. Não posso mesmo ficar mais me tocando assim no meio das pernas. E Helene. Agora vá embora e me deixe, Helene. Tenho que me libertar. Tenho que pintar. E eu tenho que parar. Tenho que ver as gaivotas e ouvi-las gritar. E não posso me tocar no meio das pernas, tenho que recolher minhas mãos, tenho que pousar minhas mãos sobre o edredom. Não posso ficar me tocando assim no meio das pernas. E ouço o inspetor Hauge dizer então Hertervig. E o inspetor Hauge está falando comigo. Enquanto estou aqui deitado e me tocando no meio das pernas, o inspetor Hauge está falando comigo. E eu tenho que parar de ficar me tocando assim no meio das pernas. Solto meu pau. E tenho que cobrir meu pau. É de manhã, agora. E o inspetor Hauge falou comigo e ele sabe que eu estava me tocando no meio das pernas. O inspetor Hauge está ao lado de minha cama e ele disse então Hertervig. Tenho que cobrir meu pau com as mãos. E eu me toquei no meio das pernas e agora o inspetor Hauge está ao lado de minha cama e ele sabe o que eu estava fazendo, e foi por isso que ele disse então Hertervig e parei de me tocar no meio das pernas e agora o inspetor Hauge arrancará meu edredom e eu terei que cobrir meu pau, pois o inspetor Hauge pode arrancar meu edredom, ele já fez isso diversas vezes, tantas vezes o inspetor Hauge arrancou meu edredom, ele fez isso tantas vezes que não me importa se ele fizer mais uma. Grande inspetor Hauge. Um homem enorme. O inspetor Hauge acorda a mim e aos outros todas as manhãs. E agora também parece entrar luz no dormitório, ali junto à porta certamente a luz está acesa. E eu tenho que manter as mãos sobre meu pau, pois o inspetor Hauge não pode ver meu pau e eu ouço o inspetor Hauge dizer não Hertervig de novo não, diz ele,

e tenho que ficar deitado com a cabeça sob o edredom, não posso olhar para fora, em direção ao inspetor Hauge, e eu ouço o inspetor Hauge dizer mais uma vez neste momento não não de novo não e o inspetor Hauge fala baixo. E, se o inspetor Hauge está dizendo de novo não, o inspetor Hauge sabe o que eu fiz. Mas não fiz absolutamente nada, ora. E o inspetor Hauge não tirou meu edredom. O inspetor Hauge fica parado, falando comigo, em voz baixa. O inspetor Hauge sabe o que fiz, que eu me toquei no meio das pernas.

Você não consegue mesmo ficar sem fazer isso uma única vez, diz o inspetor Hauge.

E eu não posso dizer nada, tenho que apenas ficar deitado com a cabeça sob o edredom, não olhar para fora, e tenho que manter as mãos sobre o meu pau, pois agora o inspetor Hauge já não foi mais tão cuidadoso com sua voz e alguém pode muito bem ouvir o que ele diz, pelo menos Helge, na cama ao lado da minha, e o inspetor Hauge não pode ver como está grande e grosso o meu pau. E o inspetor Hauge disse que eu não consigo mesmo ficar sem fazer isso uma única vez, ele está parado ao lado de minha cama e fala baixo, mas apesar disso tem irritação em sua voz, ele fala baixo para que ninguém ouça o que diz, mas todos ouvem, claro, todos despertam quando o inspetor Hauge anda através do dormitório. E agora a luz está acesa. E todos ouvem o que o inspetor Hauge diz. E eu não fiz nada de errado.

Agora estou farto disso, diz o inspetor Hauge.

E eu tenho que simplesmente ficar deitado com a cabeça sob o edredom, não posso olhar para fora, para o inspetor Hauge, pois ele provavelmente nunca conseguirá compreender que é porque todas as mulheres são putas que tenho que me tocar no meio das pernas. Isso é culpa das mulheres. Eu não fiz nada de errado. As mulheres é que fizeram algo errado. E o inspetor Hauge não entende mesmo nada. E o inspetor Hauge fala baixo, mas certamente todos estão conseguindo ouvir o que ele diz. E Helge, na cama ao lado, com toda a certeza está ouvindo o que o inspetor Hauge diz.

É só ter uma oportunidade e lá está você de novo com as mãos aí embaixo, diz o inspetor Hauge.

E eu não responderei ao inspetor Hauge. Fico aqui deitado e mantenho as mãos sobre meu pau. Vou simplesmente ficar aqui deitado com as mãos sobre meu pau; se quiser, o inspetor Hauge até pode arrancar meu edredom, mas não vai ter nada para ver, o inspetor Hauge.

Já é de manhã, são seis horas, diz o inspetor Hauge.

E já é de manhã e eu não dormi nada e não me toquei no meio das pernas. O inspetor Hauge pode dizer o que quiser, mas eu não me toquei no meio das pernas.

Não sei quantas vezes já flagrei você fazendo isso, diz o inspetor Hauge.

E eu tenho que simplesmente ficar deitado com a cabeça sob o edredom, mesmo com o inspetor Hauge agora curvado sobre minha cama.

Agora deixe de manha, você não pode ficar deitado na cama como um menino, você nunca vai se curar, se continuar fazendo isso, diz o inspetor Hauge.

E o inspetor Hauge que fique aí falando. E então o inspetor Hauge vai pegar meu edredom e eu não vou segurá-lo, ficarei simplesmente deitado quieto e então deixarei o inspetor Hauge simplesmente arrancar meu edredom. E eu percebo que o inspetor Hauge está arrancando meu edredom. E eu sabia mesmo que ele iria arrancá-lo de mim, e agora vou ter que abrir os olhos e não posso olhar para o inspetor Hauge, agora tenho que apenas continuar deitado quieto e cobrir meu pau com as mãos, não posso fazer nada, tenho que simplesmente ficar deitado quieto e manter as mãos sobre meu pau, para que o inspetor Hauge não veja como está grande e duro o meu pau, e o inspetor Hauge está em pé ao lado da cama, pegando meu edredom.

Tomou banho ontem mesmo e já, ora, você me faz cada uma mesmo!

E eu tenho que simplesmente manter os olhos fechados e não olhar para o inspetor Hauge, do modo como ele se curva sobre minha cama e pega meu edredom, e ele disse que eu faço cada uma, e todos podem ouvir o que o inspetor Hauge diz, agora ele disse que é de manhã e então todos devem ser acordados, pois todos têm que se levantar, têm que se lavar, tomar o café da manhã.

Não, isso não pode continuar assim, Hertervig, diz o inspetor Hauge. Vou ter que contar ao dr. Sandberg, diz ele.

E eu abro os olhos e com uma das mãos puxo o edredom do rosto e com a outra cubro meu pau e apenas olho para o inspetor Hauge, do modo como ele se mantém ao lado de minha cama e ele não pega meu edredom e o inspetor Hauge me encara de cima e na cama atrás do inspetor Hauge vejo Helge deitado e olhando para mim e então Helge pisca para mim. O inspetor Hauge fica parado, me encarando de cima.

Eu quase não consigo dormir, com você a toda oportunidade começando com essas suas imundícies, diz o inspetor Hauge.

E eu vejo o inspetor Hauge balançar a cabeça desanimado e não posso olhar para o inspetor Hauge. Tenho que simplesmente manter a mão sobre meu pau. E o inspetor Hauge fala tão alto que todos no dormitório ainda vão ouvir o que ele diz e Helge está deitado ao lado na cama atrás do inspetor Hauge e olha para mim de olhos arregalados e esse Helge piscou para mim, piscou. E o inspetor Hauge tinha mesmo que vir, afinal toda manhã ele faz um giro, vem de cama em cama, antes de nos acordar, para verificar se não tem alguém se dando prazer, como diz o inspetor Hauge. E o inspetor Hauge está ao lado de minha cama e me encara de cima e por que é que ele tinha que falar tão alto?

Hoje eu vou ter que falar com o dr. Sandberg, você desperdiçou as chances que lhe dei, diz o inspetor Hauge.

E eu olho para o inspetor Hauge e balanço a cabeça concordando. E então vou ter que ir à sala do dr. Sandberg, se o inspetor Hauge diz que tenho que fazer isso, então tenho mesmo, e aí o dr. Sandberg vai dizer que não vou me curar, se eu a todo momento me tocar no meio das pernas, isso é o que ele vai dizer então, e então, se eu não me curar, também não poderei me tornar pintor, e você poderia ter se tornado um pintor tão importante, afinal era discípulo de Hans Gude, dirá o dr. Sandberg.

Sim, é o que vou fazer. Portanto, você vai ter que ir hoje mesmo falar com o dr. Sandberg, diz o inspetor Hauge.

Mas eu não fiz nada, digo eu.

E não fiz nada mesmo, pois afinal não sou eu o culpado, as putas malditas é que são culpadas, todas as mulheres são putas. O que se deve fazer, nesse caso? Simplesmente se deve ficar aqui deitado. E então é preciso ir falar com o dr. Sandberg? E aí não poderei me tornar pintor.

Eu não fiz nada, digo eu.

E preciso pintar, se eu não puder pintar, nada mais existe. Não existe luz. Então não existe mais nada. Então só restam as serpentes. Nada mais que elas. E o dr. Sandberg não pode dizer que eu nunca me tornarei pintor. Não fiz nada de errado, só me toquei no meio das pernas porque todas as mulheres são putas e não fiz nada de errado e sou um pintor, um pintor formado. Sou Lars Hertervig. Sou pintor. Estudei pintura artística. Eu sei pintar. Sei fazer muitas coisas, mas o inspetor Hauge, esse não sabe fazer absolutamente nada, só sabe andar e vigiar e arrancar o edredom das pessoas. O inspetor Hauge não sabe fazer nada. Não gosto do inspetor Hauge. Não quero ter amizade

com o inspetor Hauge, porque o inspetor Hauge, ora, esse não sabe fazer nada.

Mãos em cima do edredom, diz o inspetor Hauge.

E ouço Helge, do outro lado, em sua cama, dar risadinhas.

Qual o motivo das risadinhas, diz o inspetor Hauge e olha para Helge. Se você não parar logo com isso, vou dizer ao dr. Sandberg que mais uma vez andou se masturbando, diz o inspetor Hauge.

E eu vejo Helge pressionar a cabeça contra o travesseiro. E o inspetor Hauge está ali em pé e olha de cima para Helge.

E aí você já sabe o que vai acontecer, diz o inspetor Hauge.

E o inspetor Hauge vai dizer ao dr. Sandberg que Helge também se tocou no meio das pernas, e então Helge também não vai se curar, então também vai ter que permanecer louco para sempre, mas Helge não pinta, portanto a situação não é tão ruim para ele. Pois Helge não faz mesmo nada. Mas eu não vou poder pintar nunca mais, então, não vou poder nunca mais me tornar pintor, isso é o que me dirá então o dr. Sandberg e eu não fiz nada de errado, pois as mulheres é que são culpadas, todas as mulheres são putas, elas são as culpadas. Helene é culpada, é culpa dela que eu tenha que me tocar no meio das pernas, é por ela estar aí, com seus seios e seu traseiro, porque tem feito coisas com o tio, por isso nunca mais poderei voltar a pintar.

Malditas mulheres de merda, digo eu.

O que você está dizendo aí?, o inspetor Hauge pergunta e se vira para mim.

Todas as mulheres são putas, digo eu.

Isso, isso, Hertervig, diz o inspetor Hauge.

Todas as mulheres são putas, sim, digo eu.

Sim, sim, diz o inspetor Hauge.

Vou matar a tiros todas as mulheres, uma a uma, digo eu.

Isso, isso, Hertervig.

Putas, todas as mulheres são putas.

Sim, sim, isso, isso, diz o inspetor Hauge.

E não fiz nada de errado, digo eu.

Agora acalme-se, diz o inspetor Hauge.

As mulheres é que fizeram coisas erradas, digo eu.

Isso, isso, diz o inspetor Hauge.

Maldição!, digo eu.

Acalme-se, senão vou ter ainda mais coisas para contar ao dr. Sandberg, diz

o inspetor Hauge.

E eu não posso dizer mais nada, tenho que ficar quieto. E as malditas mulheres. A culpa é delas. Elas são putas. Eu vejo bem que são putas. Todas as mulheres são putas malditas. Percebo isso nelas. Vou matar todas. Isso eu tenho que dizer.

Vou matar todas as mulheres, digo eu.

Acalme-se agora, Hertervig, diz o inspetor Hauge.

E o inspetor Hauge não pode apenas ficar dizendo que devo me acalmar, ele não sabe fazer absolutamente nada, só sabe vigiar e não entende sequer que a culpa é das mulheres. Não fiz nada de errado. Mas eu é que levo a culpa e o castigo, pois não devo poder nunca mais voltar a pintar, fiquei louco e tenho que remover neve em vez de pintar, eu, Lars Hertervig, eu, que realmente sei pintar, tenho que ficar removendo neve em vez de pintar, e todos os outros, que não sabem pintar, esses podem pintar. O dr. Sandberg disse que eu não posso pintar. E o dr. Sandberg com certeza vai dizer que nunca mais conseguirei pintar. Eu sei. E o inspetor Hauge não entende absolutamente nada, fica aí e é gordo e forte, e o molho de chaves balança à sua cintura, ele é o inspetor Hauge e não entende nada e fica aí olhando para mim de cima. Eu me sento na cama e vejo o inspetor Hauge aí em pé e olhando para mim de cima. E atrás do inspetor Hauge vejo Helge deitado de lado em sua cama e olhando para mim. Olho diretamente para o inspetor Hauge.

Você não domina matemática e geografia, por acaso?, digo eu.

Matemática e geografia?, diz o inspetor Hauge.

E eu ouço que Helge começa a dar suas risadinhas, e não há motivo nenhum para risadinhas.

Sim, e outras coisas, digo eu.

E Helge apenas fica deitado dando risadinhas.

Isso, isso, Hertervig, diz o inspetor Hauge.

E o inspetor Hauge se vira para Helge.

Pare já com essas risadinhas, senão eu mando você também para o dr. Sandberg, diz o inspetor Hauge.

E vejo Helge pressionar o rosto contra o travesseiro, tentando tudo que pode para conter o riso.

Porque eu domino matemática e geografia, e anatomia também, digo eu.

Que bom, diz o inspetor Hauge.

E sei pintar, digo eu.

Ouvi falar, diz o inspetor Hauge.

Sei pintar, sim, digo eu.

Vou ter mesmo que conversar com o dr. Sandberg, diz o inspetor Hauge.

E eu realmente sei pintar, e isso é mais do que o inspetor Hauge sabe fazer, ele só sabe sair com o molho de chaves balançando à cintura, esse pende num cordão que lhe cruza o peito e as costas, ele o passou em torno da cabeça como se sua cabeça fosse uma estaca, e embaixo balançam as chaves. O inspetor Hauge não sabe fazer absolutamente nada, só sabe andar por aí e vigiar com seu molho de chaves, ele não sabe matemática, não sabe anatomia, por acaso frequentou a escola de arte em Christiania? por acaso frequentou a Academia de Belas-Artes de Düsseldorf? mas eu estive lá! pois sou o pintor Lars Hertervig! e esse inspetor Hauge não serve para nada, se não fosse tão gordo e forte, não serviria para absolutamente nada.

Vou conversar com o dr. Sandberg, acredite, diz o inspetor Hauge.

Mas não fiz nada de errado, digo eu.

Eu sei o que vi, diz o inspetor Hauge.

Eu não fiz nada de errado.

Eu vi o que você fez.

Mas eu não fiz nada, ora.

Você é totalmente inocente, é verdade, diz o inspetor Hauge.

Não fiz nada, digo eu.

Você fez algo e, ainda que seja véspera de Natal, vou ter que contar ao dr. Sandberg, diz o inspetor Hauge. Vou ter que fazer isso, diz ele.

E eu vejo o inspetor Hauge me olhando de cima e então ouço o inspetor Hauge dizer meio que para si mesmo agora é hora de acordar, sim, diz ele, e eu vejo o inspetor Hauge andar através do dormitório, e agora o inspetor Hauge logo irá até a porta e se postará ali e então ficará ali em pé e gritará hora de acordar e todos devem despertar, e eu vejo o inspetor Hauge andar através do dormitório, grande e gordo, e o molho de chaves balança à sua cintura, ele vai até a porta bem ao fundo e logo o inspetor Hauge se posta diante da porta e então berra seis horas! bom dia! todos levantando! seis horas!, e então alguns já estão despertos e imediatamente se levantam e saem pelo dormitório e outros simplesmente continuam dormindo ainda, de boca aberta, e outros ainda se viram para o outro lado, esquivando-se do inspetor Hauge e tentando continuar dormindo o melhor que podem, e então o inspetor Hauge grita de novo seis horas! bom dia! já vai sair o café da manhã!

todos levantando!, grita então o inspetor Hauge e aí atravessa novamente o dormitório, indo de cama em cama, e àqueles que já se levantaram ele diz então que bom que você já está acordado, ou coisa parecida.

Seis horas! Todos levantando!, grita o inspetor Hauge.

E eu vejo o inspetor Hauge indo até a porta, e o inspetor Hauge disse que vai contar ao dr. Sandberg que eu me toquei no meio das pernas, e então vou ter que ir à sala do dr. Sandberg, ainda que hoje seja véspera de Natal, isso foi o que disse o inspetor Hauge, e, quando eu for à sala do dr. Sandberg o dr. Sandberg vai dizer que é porque me toquei no meio das pernas, como ele diz, que fiquei louco e, se eu continuar me tocando no meio das pernas, certamente nunca mais me curarei, ele sabe disso, vai dizer então o dr. Sandberg e ele tem muita experiência e por isso pode dizer uma coisa dessas, vai dizer então o dr. Sandberg e, se eu não parar com isso, nunca mais poderei voltar a pintar, vai dizer então o dr. Sandberg.

Todos levantando!, grita o inspetor Hauge.

E nunca mais poderei me tornar pintor, vai dizer então o dr. Sandberg, e eu vejo o inspetor Hauge parado diante da porta e olhando para dentro do dormitório, e ele é tão largo e grande que quase cobre a porta por completo, e eu nunca mais poderei me tornar pintor, isso é certo, pois o dr. Sandberg sabe o que diz, e se ele diz que eu nunca mais poderei me tornar pintor, então realmente nunca mais poderei me tornar pintor. Nunca mais poderei me tornar pintor. Eu sei pintar, ninguém sabe pintar como eu, exceto Tidemand, exceto Gude, e apesar disso nunca mais poderei me tornar pintor.

Todos levantando! Seis horas! Todos levantando!, grita o inspetor Hauge.

E o inspetor Hauge disse que hoje vou ter que falar com o dr. Sandberg, agora não há escapatória, hoje o dr. Sandberg vai ficar sabendo que continuo me tocando no meio das pernas, foi o que disse o inspetor Hauge. E eu não quero ir hoje à sala do dr. Sandberg, ele vai dizer então que nunca conseguirei me tornar pintor e, se o dr. Sandberg disser isso, então eu nunca conseguirei me tornar pintor. Então não me tornarei um grande pintor. Não posso ir até o dr. Sandberg. Não posso ficar mais no manicômio de Gaustad. Vim para o manicômio de Gaustad para me curar, mas provavelmente nunca me curarei. Tenho que remover neve, pintar eu não posso. Fico doente de pintar, diz o dr. Sandberg, e ele diz que fico doente de me tocar no meio das pernas, e eu vejo o inspetor Hauge em pé diante da porta, e ele é tão grande que quase cobre a porta, e eu vejo que alguns já se levantaram e se vestem,

mas continuo deitado na cama e agora certamente terei que me levantar, agora até posso me levantar, agora meu pau não está mais duro e grande, agora está como de costume, pendurado para baixo, agora certamente terei que me levantar, senão o inspetor Hauge ficará ainda mais furioso comigo, e eu não posso mesmo ir até o dr. Sandberg, pois este irá dizer então que nunca poderei me tornar pintor, e isso é triste, muito triste, no entanto é assim mesmo, dirá então o dr. Sandberg. Mas Helge também vai ter que ir até o dr. Sandberg, disse o inspetor Hauge. E aí Helge e eu temos mesmo é que ir embora do manicômio de Gaustad hoje. Nem Helge nem eu podemos mais ficar no manicômio de Gaustad. Vamos nos arruinar se continuarmos por mais tempo no manicômio de Gaustad, e eu ouço o inspetor Hauge gritar levantando! agora vocês já estão demorando demais! todos levantando!, grita o inspetor Hauge, e eu continuo deitado na cama, mas agora certamente terei que me levantar, e o inspetor Hauge vai gritar ei, Hertervig, agora trate de se levantar. E então tenho que ir embora do manicômio de Gaustad. Tenho que me tornar pintor, pois eu sei pintar, não sou como os outros pintores, que não sabem pintar, pois eu sei pintar e preciso ir embora do manicômio de Gaustad. Preciso pintar, não remover neve. E, se eu não for embora, certamente o dr. Sandberg dirá que não poderei me tornar pintor, e então não me tornarei pintor mesmo. Sim, Hans Gabriel Buchholdt Sundt, esse disse que eu podia me tornar pintor, que tinha talento, disse ele, e eu podia me tornar pintor, não apenas podia me tornar pintor, tinha que me tornar pintor, uma vez que Hans Gabriel Buchholdt Sundt em pessoa disse que eu podia me tornar pintor. E assim me tornei pintor. Mas hoje certamente o dr. Sandberg dirá que nunca poderei me tornar pintor. Por isso tenho que ir embora do manicômio de Gaustad. E eu sei que Helge também precisa ir embora. Pois Helge também vai ser arruinado pelo dr. Sandberg. Mas há, enfim, John Edmund de Connick. Em outros tempos, já morei em um quarto na casa de John Edmund de Connick. Eu frequentava nada menos que a Escola Real de Desenho e Pintura de Christiania, assim se chama ela, eu a frequentava e agora estou deitado aqui na sexta cama e esperando que o inspetor Hauge venha bruscamente me dizer que devo tratar de sair da cama, pois assim não dá, primeiro essa coisa grave e depois nem saio da cama, diz o inspetor Hauge e olha para mim, mas eu vou à loja e ao ateliê de John Edmund de Connick na rua Tollbodgate. Pois eu morei em um quarto na casa de John Edmund de Connick. Morei em companhia de seus entalhadores de madeira,

que entalhavam as coisas que ele então vendia em sua loja. Fui à escola em Christiania e aprendi a desenhar. Morei no alojamento da Tollbodgate, em companhia dos entalhadores de madeira, em Christiania. Sei como encontrar o alojamento onde moram os entalhadores, afinal morei lá num quarto, em companhia daqueles que trabalhavam como entalhadores para John Edmund de Connick, habilidosos entalhadores de Hardanger e Voss. Conheço-os bem, tomei muita cerveja com os entalhadores do ateliê de John Edmund de Connick e ouço o inspetor Hauge gritar Hertervig! agora levante-se de uma vez!, e vejo o inspetor Hauge em pé junto à extremidade de minha cama, e ele me encara severo, e eu não havia notado que o inspetor Hauge se aproximara e se postara à extremidade de minha cama e ouço o inspetor Hauge dizer em pé! em pé!, e ele se faz de ainda mais severo. Esta será a última manhã em que vai me encarar assim severo. Hoje vou embora do manicômio de Gaustad. E o inspetor Hauge diz depressa, Hertervig!, e você, Helge, já para fora da cama! vamos!, diz o inspetor Hauge, e eu vejo como Helge se senta na beira da cama, e agora ele está sentado ali com seus cabelos ruivos desgrenhados, revirados para todos os lados, e o inspetor Hauge diz vocês dois são os últimos de novo, tratem de sair dessas camas, diz ele, e agora vou ter que me levantar e então vou ter que ir embora do manicômio de Gaustad. Hoje, Helge e eu vamos os dois embora do manicômio de Gaustad. Olho para Helge e vejo-o sentado na beira da cama.

Agora você, Hertervig. Levantando!, diz o inspetor Hauge.

E eu vou ter mesmo que me sentar na beira da cama. Vou ter, enfim, que me vestir. Hoje vou embora do manicômio de Gaustad. Vou para Christiania, vou até a Tollbodgate. Hoje à noite dormirei em meu velho quarto naquele alojamento da Tollbodgate, na companhia dos entalhadores. Daqueles habilidosos entalhadores. E John Edmund de Connick vende em sua loja no térreo os produtos dos entalhadores. E nos fundos fica a oficina. E no sótão ficam os quartos. Eu sei para onde vou. Irei embora do manicômio de Gaustad. E me tornarei pintor. O dr. Sandberg não poderá mais me dizer que nunca me tornarei pintor.

Agora vamos levantando, Hertervig! vamos logo! só falta você, diz o inspetor Hauge.

E agora vou ter mesmo que me levantar e agora até posso me sentar tranquilamente, pois não há mais sinal de pau duro no meio das minhas pernas e então eu posso, enfim, me levantar. Empurro o edredom para o lado.

Sento-me na beira da cama e ouço o inspetor Hauge dizer que bom, Hertervig, e vejo Helge sentado na beira de sua cama.

Agora vistam-se, diz o inspetor Hauge.

Balanço a cabeça concordando.

Sim, sim, diz Helge.

E eu vejo o inspetor Hauge indo em direção à porta. Olho para Helge, ele está sentado na beira de sua cama e olha para mim.

Hoje nós vamos embora, digo eu.

Helge balança a cabeça concordando.

Hoje nós vamos embora, Helge, digo eu. Vamos cair fora. Não podemos ficar aqui por mais tempo. Isto está nos deixando doentes.

Mais uma vez vejo Helge balançar a cabeça concordando.

Vamos embora do manicômio de Gaustad.

Vejo Helge balançar mais uma vez a cabeça concordando.

Eu sei para onde iremos.

Sim, sim, diz Helge e se vira me dando as costas.

Você vem junto?

Helge continua sentado de costas para mim, mas posso ver por sua nuca ruiva que ele está respondendo que sim com a cabeça.

Temos que cair fora daqui, senão eles vão acabar nos matando, digo eu.

E vejo Helge outra vez virar sua cabeça em minha direção.

Eles vão nos matar mesmo, diz Helge.

Vamos cair fora, digo eu.

Helge balança a cabeça concordando e então me dá as costas novamente, e eu vejo que Helge se levanta, vai até seu guarda-roupa e abre a porta e eu também me levanto e abro a porta do meu guarda-roupa. Começo a me vestir. Olho na direção de Helge, vejo que Helge também está se vestindo, e então lhe digo em voz baixa que ele deve se agasalhar bem, e Helge olha para mim.

Vista todas as roupas que tiver, digo eu.

Todas?, pergunta Helge.

Respondo que sim com a cabeça.

Não, diz Helge.

Você é que sabe, digo eu.

Muita roupa, mas não todas, diz Helge.

Duas calças, digo eu. Vista duas calças, as duas.

Não, uma só, diz Helge.

Você vai precisar das duas.

Mas não vou conseguir andar com duas calças.

Você é que sabe, digo eu.

E esse Helge não entende mesmo de nada, e eu de qualquer modo tiro minha calça de veludo roxa do guarda-roupa e visto minha calça de veludo roxa, a calça que Hans Gabriel Buchholdt Sundt comprou para mim quando fui para Christiania estudar desenho, então Hans Gabriel Buchholdt Sundt mandou costurar para mim um terno novo, e eu visto meu paletó do mais puro veludo roxo e pego a calça de vadmål azul e visto uma das pernas por cima da calça de veludo roxa.

Duas calças, diz Helge. Duas calças, diz ele.

E então Helge começa a rir, e aí eu ouço o inspetor Hauge gritar não, não, pare já com isso, grita ele, e eu vejo o inspetor Hauge vir em minha direção e vejo seu molho de chaves balançando para a frente e para trás e vejo o inspetor Hauge balançar a cabeça em desaprovação e ouço o inspetor Hauge dizer duas calças! e seu melhor terno! não, vá já se trocar de novo, diz o inspetor Hauge, e eu olho para o inspetor Hauge e preciso dizer algo.

A culpa é das malditas mulheres, digo eu.

Sim, sim, diz o inspetor Hauge e fica só balançando a cabeça.

São todas umas putas, digo eu.

Agora vá se trocar, homem, diz o inspetor Hauge.

Me trocar?

Sim, você não pode sair com duas calças, e também não pode vestir o seu melhor terno. Vai ter que sair para remover neve, homem, diz ele.

Mas vou ter que falar com o dr. Sandberg, digo eu.

Sim, sim, diz o inspetor Hauge.

Ou não?

Vai ter, sim. Mas você não precisa vestir seu melhor terno, ainda que esteja indo falar com o dr. Sandberg, diz ele.

Não, não, digo eu.

E não posso fazer nada, tenho que me trocar de novo e começo a tirar novamente a calça de vadmål azul.

Duas calças, diz Helge.

E então Helge começa a rir e balança a cabeça.

Isso, você ri, diz o inspetor Hauge.

Já vou me trocar, digo eu.

E eu tiro minha calça de vadmål azul e estendo-a sobre a cama.

Vá tirando o terno também, diz o inspetor Hauge.

Mas hoje é véspera de Natal, digo eu.

Vocês podem se trocar e se arrumar mais tarde, diz o inspetor Hauge.

E eu tiro o paletó de veludo roxo e penduro-o de volta no guarda-roupa e então visto novamente a calça grossa de *vadmål* azul, e o inspetor Hauge diz isso, assim está melhor, e então vejo o inspetor Hauge indo grande e gordo novamente em direção à porta.

Não vamos conseguir levar conosco todas as nossas roupas, digo a Helge.

Conseguir levar?

Sim, hoje temos que ir embora.

Nós? Ir embora?, pergunta Helge.

Nós vamos embora. Sei até para onde iremos, digo eu.

Mas não temos autorização para ir embora.

Preciso fumar, mas não tenho fogo, digo eu.

Depois do café você com certeza arranja fogo com o inspetor Hauge, diz Helge.

Mas estou com vontade de fumar agora mesmo.

Nós, pacientes, não podemos ter fogo. Você sabe disso muito bem, diz Helge.

Não, é verdade. Mas eu queria fumar.

Para onde vamos?

Ora, saiba que morei em Christiania em outros tempos, digo eu.

Não diga, diz Helge.

Pois vamos embora, digo eu.

Sim, diz Helge.

E eu vejo Helge vestir seu pulôver e vejo-o tirar do guarda-roupa sua calça grossa de *vadmål* e vejo Helge novamente se sentar na beira da cama. E eu também visto meu grosso pulôver e minha calça de *vadmål* azul.

Temos que cair fora, digo eu.

E vejo em sua nuca que Helge balança a cabeça concordando, ainda que esteja sentado de costas para mim. Pois nós temos que cair fora, primeiro tomar nosso café da manhã e então cair fora. Tanto Helge quanto eu temos que cair fora do manicômio de Gaustad. Não posso falar com o dr. Sandberg, com o médico-chefe dr. Ole Sandberg, pois ele vai dizer que nunca mais poderei pintar, e pintar, me tornar um grande e importante pintor, é mesmo a

única coisa que eu quero. Tenho que cair fora. Tenho que ir à Tollbodgate. Posso morar na Tollbodgate, com os entalhadores. Eu conheço os entalhadores. E Helge pode vir junto, porque senão ele também vai ter que falar hoje com o dr. Sandberg. E primeiro nós temos é que tomar o café da manhã e então remover a neve, certamente nevou na noite passada e aí a alameda que desce até a estrada deve ser liberada, e eu vou ter que remover neve, já que não quero pintar, eles queriam que eu pintasse tetos e paredes e que pintasse ramalhetes de flores em cortinas, até mesmo meu guarda-roupa eles queriam que eu pintasse, mas não quero pintar teto e paredes e ramalhetes de flores em cortinas, sou pintor, quero pintar, mas não tetos e paredes no manicômio de Gaustad, sou pintor, mas não posso pintar e não quero pintar nada, não no manicômio de Gaustad, agora eu certamente vou me curar, por isso estou no manicômio de Gaustad, não para pintar, estou no manicômio de Gaustad porque devo me curar, não para pintar. Eu quero pintar. Sou pintor e quero pintar. Não quero fazer nada além de pintar. Não quero remover neve. Sou pintor e quero pintar. Não sou removedor de neve. O dr. Sandberg que faça as vezes de removedor de neve. Eu sou o pintor artístico Lars Hertervig, pintor de paisagens formado na Academia de Belas-Artes de Düsseldorf. E o dr. Sandberg me dirá que nunca vou me tornar pintor. Por isso tenho que cair fora do manicômio de Gaustad. Não vou ficar mais no manicômio de Gaustad.

Para onde nós iremos?, Helge pergunta e se vira para mim.

Vamos embora imediatamente, digo eu.

Mas para onde?

Eu sei para onde.

Você dormiu na noite passada?, pergunta Helge.

Balanço a cabeça.

Praticamente não, digo eu. E você?

E Helge responde que sim com a cabeça.

Temos que cair fora, digo eu.

Você é quem manda, diz Helge.

Posso mandar, sim, digo eu.

E então vejo o inspetor Hauge vir em nossa direção e ouço-o dizer que devemos arrumar nossas camas, que logo haverá café da manhã, diz o inspetor Hauge, e eu começo a arrumar minha cama e então ouço Helene dizer meu nome e me viro e vejo Helene em pé diante da janela, e ela sorri

para mim e vem andando em minha direção, e ouço o inspetor Hauge dizer depois do café vamos ver quando vocês vão falar com o dr. Sandberg. Vejo Helene vindo em minha direção.

Você não podia vir até mim agora, digo eu.

O que você está dizendo?, pergunta Helge.

Ah, nada, não, digo eu.

E vejo Helene parada no meio do quarto, e ela sorri para mim.

Você não podia vir agora, digo eu. Mas breve, breve irei eu até você, espere apenas mais um pouco, sim, digo eu.

E ouço Helene dizer de um modo tão bonito que sim, que estará esperando.

E então poderemos viajar para bem longe, para um outro país, para um país estrangeiro, eu aliás já estive em vários países curiosos, digo eu.

E vejo que Helene balança a cabeça concordando e ouço passos e vejo Helge indo em direção à porta e vejo Helene parada no meio do quarto, e então ela se vira para a janela e aí vai andando para um pouco mais perto da janela.

Helene, não vá ainda, digo eu.

E Helene se vira para mim e diz que não, ela ainda não vai, não.

Que bom, digo eu.

Agora você tem que arrumar logo a sua cama, diz o inspetor Hauge.

E o inspetor Hauge que diga o que quiser, e não estará o inspetor Hauge vendo Helene parada à janela? E o inspetor Hauge não pode ver Helene, ninguém mais pode ver Helene, minha bela Helene.

Espere só um pouco, digo eu.

E Helene diz que vai ficar esperando.

Não, agora não há mais tempo a esperar, diz o inspetor Hauge. Você não está vendo que os outros já saíram, diz ele.

Espere um pouco, coração, digo eu.

E vejo Helene novamente vindo em minha direção.

Coração, francamente, diz o inspetor Hauge.

E eu vejo o inspetor Hauge balançar a cabeça.

Mas agora você tem que vir, Hertervig, diz o inspetor Hauge.

E vejo Helene vir caminhando até mim, com seu vestido branco.

Agora trate de arrumar sua cama, diz o inspetor Hauge.

Sim, sim, digo eu.

E ouço Helene dizer sim.

Agora trate de se apressar, diz o inspetor Hauge.

E fico arrumando minha cama e vejo Helene vir e se postar do outro lado da cama e Helene fica parada do outro lado de minha cama, e ela olha para mim e sorri para mim, e eu digo ei, bela, e ouço Helene dizer que não é bela, imagine, mas que eu sou belo, diz, e fico parado arrumando a cama.

Vamos?, pergunto eu e vejo Helene responder que sim com a cabeça.

Sim, agora temos que ir para o refeitório, diz o inspetor Hauge.

E começo a andar em direção à porta, e Helene vem ao meu lado, e eu gostaria tanto de passar o braço em torno de seus ombros, mas não devo passar o braço em torno de seus ombros, pois os outros podem ver que estou fazendo isso, todos os que não devem ver que estou passando o meu braço em torno dos ombros dela então certamente vão conseguir ver que estou fazendo o que eles não devem ver e que estou passando meu braço em torno dos ombros de minha querida Helene. Ninguém mais deve ver minha querida Helene, e eu digo a minha querida Helene que agora chegarei em breve, digo, e Helene diz que é bom que eu vá, pois está esperando por mim.

Estou indo, digo eu.

Sim, sim, diz o inspetor Hauge.

Então ficaremos juntos, digo eu.

E Helene diz sim, então ficaremos.

Você e eu, digo eu.

Mas o que é isso agora, diz o inspetor Hauge.

Você e eu sozinhos, digo eu.

Ei, alto lá, Hertervig, diz o inspetor Hauge.

E ninguém mais, digo eu.

E Helene diz sim, ninguém mais, somente você e eu, e então vamos finalmente ficar juntos, vamos ser namorados, e você vai pintar seus grandes e belos quadros, diz Helene e sorri para mim.

Pintar grandes e belos quadros, sim, digo eu.

E Helene diz sim, você vai pintar grandes e belos quadros, e eu olho para o lado e vejo Helene tão bela andando junto a mim em seu vestido branco e então os cabelos reluzentes ao redor de seu rosto, e seu belo rosto, o belo rosto de minha querida Helene que anda ao meu lado, e eu digo que nós nunca mais vamos ver nem falar com um único pintor, digo e vejo Helene balançar a cabeça concordando e então vejo que a porta do refeitório está aberta e ouço o inspetor Hauge dizer que agora devo tomar meu café da

manhã, que esse vai me apetecer, ele acredita que hoje deve haver algo de bom, diz o inspetor Hauge, e eu me viro em direção ao inspetor Hauge e balanço a cabeça concordando e me viro de novo para Helene e então não consigo mais vê-la, olhei tão rápido para o inspetor Hauge e, quando quero ver minha querida Helene de novo, ela não está mais nesse lugar. Onde terá ido parar minha querida Helene? Talvez tenha entrado antes no refeitório? Ela não pode ter simplesmente entrado no refeitório, pode? Onde foi parar minha querida Helene?

Sim, agora vamos entrando, diz o inspetor Hauge.

Sim, sim, digo eu.

Pois venha, diz o inspetor Hauge.

E eu balanço a cabeça concordando e vou ter mesmo que simplesmente entrar no refeitório, pois é bem provável que Helene já tenha entrado no refeitório, e eu passo pela porta do refeitório e olho para os lados, e por toda parte há loucos sentados e mastigando e bebendo, e eu olho por todo lado, mas em nenhum lugar consigo ver minha querida Helene e ouço o inspetor Hauge dizer sim, sente-se, Hertervig, você sabe onde é o seu lugar, diz o inspetor Hauge, e eu vou ter mesmo que ir para o meu lugar e me sentar e vou e me sento em meu lugar e Helene esteve mesmo aqui, mas então desapareceu, e aonde é que terá ido minha querida Helene? onde está minha querida Helene? e eu tenho que me virar, pois e se por acaso Helene estiver atrás de mim? e eu me viro, e aí está, sim, minha querida Helene, parada atrás de mim, tão bonita parada como um anjo atrás de meus ombros, e então Helene põe as mãos sobre meus ombros e eu me inclino para trás em direção a minha querida Helene e olho para cima, para ela, e pergunto a ela se quer tomar o café da manhã e vejo-a balançar a cabeça para responder que não e ouço Helene dizer que agora eu devo tomar o meu café da manhã, que ela já tomou o seu, assim pode ficar simplesmente aqui me esperando, atrás de mim, diz Helene, e eu digo que está bem assim, digo e já vou quase dizendo que hoje vou ter que falar com o dr. Sandberg, mas isso eu não posso dizer, pois Helene não pode saber que hoje vou ter que falar com o dr. Sandberg, ela não gostará disso, nesse caso vai pensar que não poderei me tornar um pintor, e de que viveremos então? se eu não puder pintar? de que viveremos então? Não posso dizer a Helene que vou ter que falar com o dr. Sandberg. Pois senão ela vai ficar sabendo que voltei a me tocar no meio das pernas, como diz o dr. Sandberg, e então Helene com certeza nunca mais vai querer

falar comigo e nunca mais vai querer ser minha namorada, se ficar sabendo que andei me tocando no meio das pernas. E Helene tem que querer ser minha namorada. E agora aí está Helene com as mãos sobre meus ombros. E eu sirvo o meu chá e provo o chá e o chá está bom. E aí está o reluzente prato de metal. O reluzente prato de metal. E a comida está boa. Gosto de toda essa boa comida. Estou no manicômio de Gaustad. E Helene não pode ficar sabendo que me toquei no meio das pernas, como diz o dr. Sandberg. Tenho que comer minha comida e então tenho que ir embora. Não posso ficar mais no manicômio de Gaustad. Tenho que fazer algo. Tenho que tomar meu café da manhã. E Helene talvez não devesse ter vindo assim até mim, ela não pode vir ao meu encontro no manicômio de Gaustad. Eu sou pintor, não deveria estar no manicômio. Quero pintar. Tomo o bom chá quente. Como uma fatia de pão. Vou embora do manicômio de Gaustad hoje e nunca mais voltarei. E eu me viro para minha querida Helene e digo que temos que partir, digo, e Helene diz que quando eu tiver terminado de comer nós nos vamos.

Sim, temos que ir, digo eu.

E Helene diz que ela e eu temos que ir e então cutuca meu ombro, e eu me viro e vejo o inspetor Hauge parado atrás de mim.

Agora venha, vamos nos trocar e sair para remover neve, diz o inspetor Hauge.

Mas eu ainda não terminei de comer.

Porque chegou atrasado para o café da manhã, por isso, diz ele.

Balanço a cabeça concordando.

Mas você está quase terminando, não?, pergunta o inspetor Hauge.

E eu balanço a cabeça novamente e então deposito a fatia de pão comida pela metade no prato de metal e pego a xícara de chá e termino de tomar o restante do chá em um só gole e me levanto.

Termine de comer seu pão, diz o inspetor Hauge.

Não, digo eu.

Então não, diz ele.

E vejo o inspetor Hauge ir até a porta e vejo Helene ir atrás dele até a porta e vejo o inspetor Hauge parar à porta e vejo Helene se virar em minha direção, ela sorri para mim. Vou andando até Helene. Vejo Helene sair pela porta. Vejo o inspetor Hauge parado à porta e esperando por mim, e ele diz agora vamos trabalhar, diz o inspetor Hauge, e vejo-o sair pela porta, e o inspetor Hauge não pode falar com Helene. Passo pela porta e vejo Helene

parada no corredor e esperando por mim.

E na Alemanha, digo eu, alguma novidade por lá?

E Helene diz que está tudo na mesma.

Como era de esperar, digo eu.

E Helene diz mais uma vez que está tudo na mesma, ou quase.

Agora vamos até o porão, diz o inspetor Hauge.

Quase?

E Helene diz sim, ela quase ficou noiva.

Eu paro. Pois Helene acaba de dizer que quase ficou noiva, enquanto estive em Stavanger, em Málaga, na fazenda Milja Gård em Skånevik, enquanto eu estava no manicômio de Gaustad, Helene estava lá embaixo na Alemanha e quase ficou noiva, e estou ouvindo bem o que Helene diz, e ela realmente queria esperar por mim, havia realmente me prometido que esperaria por mim, ela não devia sair e ficar noiva e agora Helene me disse que quase ficou noiva e isso não pode ser.

Não, não, digo eu.

Agora vamos até o porão vestir nossa roupa e sair para remover neve, diz o inspetor Hauge.

Nós vamos é partir em viagem juntos, digo eu.

E Helene diz que não, não ficou noiva, afinal, apenas sua mãe queria que ficasse noiva de um jovem e abastado advogado, assim é que havia sido, e eu pergunto se ela mesma não queria isso, e Helene balança a cabeça e então diz que não queria de modo algum ficar noiva desse advogado, somente de mim é que queria ficar noiva, diz Helene, e eu digo que bom, digo, e Helene diz que é óbvio que não gostaria de ficar noiva de ninguém mais além de mim, afinal noivou às escondidas comigo e eu bem sabia disso, diz ela e Helene diz que isso é algo que preciso entender, ela é minha namorada, noivou às escondidas comigo, e com ninguém mais.

Agora temos que ir, diz o inspetor Hauge.

E eu sigo pelo corredor e ouço o inspetor Hauge dizer que agora temos que trabalhar, nevou tanto que agora é preciso mesmo limpar o caminho, diz ele, e eu olho para o lado e não consigo ver Helene, e onde é que foi parar Helene? que aconteceu com minha querida Helene? onde terá ido parar minha querida Helene? e eu paro e olho de volta para o corredor e não se vê minha querida Helene em lugar nenhum e o inspetor Hauge diz que não, que agora tenho que ir, diz ele, e então tenho mesmo que ir, mas onde terá ido

parar minha querida Helene? onde está ela? e vou andando pelo corredor ao lado do inspetor Hauge e descemos a escada para o porão e minha querida Helene esteve aqui, mas agora desapareceu, e onde estará minha querida Helene?, e o inspetor Hauge e eu entramos no vestiário do porão, e o inspetor Hauge diz que devo me trocar, diz o inspetor Hauge, e eu o vejo apontar para minhas roupas de trabalho. Balanço a cabeça concordando. Entro e começo a vestir meu macacão. Vejo minhas botas em pé no chão. Eu me viro e vejo o inspetor Hauge parado, uma pá de remover neve na mão, mas não consigo ver Helene em lugar nenhum.

Onde está você?, pergunto eu.

Estou aqui, diz o inspetor Hauge.

E ouço o inspetor Hauge suspirar. E não consigo ver Helene em lugar nenhum. Onde foi parar Helene?

Você tem que calçar suas botas, diz o inspetor Hauge.

E Helene esteve, sim, há pouco comigo, mas agora não é possível vê-la em lugar nenhum, e então tenho que simplesmente fazer o que o inspetor Hauge diz e calçar as botas.

Agora você vai remover um pouco de neve e mais tarde vai ter que falar com o dr. Sandberg, diz o inspetor Hauge.

E eu balanço a cabeça concordando. Calço as botas. Não posso falar com o inspetor Hauge. Vou embora do manicômio de Gaustad, não vou ficar mais no manicômio de Gaustad. E Helene não está mais no manicômio de Gaustad. Não sei mais onde está Helene, ainda há pouco esteve aqui, mas agora não está mais comigo, agora Helene foi embora, e eu não sei para onde Helene foi. Helene se foi. Preciso reencontrar Helene.

Aqui, a pá de remover neve, Hertervig, diz o inspetor Hauge.

E o inspetor Hauge me estende a pá, e eu fico parado com a pá na mão e ouço o inspetor Hauge dizer vamos, diz o inspetor Hauge, e onde estará Helene?, e eu vejo o inspetor Hauge sair do vestiário e o acompanho e vejo o inspetor Hauge abrir a porta do porão e vejo-o sair em meio a toda a neve. Vejo, através da porta aberta, que as montanhas estão brancas. Também as árvores estão brancas. Todas as árvores estão brancas de neve. Vejo o inspetor Hauge sair na neve. Paro. E Helene esteve aqui há pouco, mas agora se foi, e onde estará Helene? Não consigo ver Helene em lugar nenhum? Vejo o inspetor Hauge vadear através da neve, as pegadas que deixa são como um risco atrás de si na neve, saindo da porta do porão, passando pela

edificação principal, vejo suas pegadas. Olho para as costas do inspetor Hauge. Olho alameda abaixo. E vejo Helge e alguns outros lá embaixo da alameda removendo neve. E é para lá embaixo, na alameda, que eu devo ir e então devo remover neve lá embaixo, na alameda, toda a alameda deve ser liberada, da edificação principal até a estrada. Mas não quero remover neve nenhuma. Eu sou pintor. Sou o pintor Lars Hertervig e não vou desperdiçar meus dias removendo neve, há tantos outros que podem remover neve, mas não há tantos outros que saibam pintar tão belos quadros como os que eu sei pintar. Sou pintor e devo pintar. Não devo ficar nesse lugar removendo neve. Sou o pintor Lars Hertervig e devo pintar. Mas agora estou no manicômio de Gaustad, fiquei louco e devo me curar, pois se não me curar nunca mais poderei pintar. E hoje o inspetor Hauge disse que precisa avisar ao dr. Sandberg que eu me toquei, como diz o dr. Sandberg, e então o dr. Sandberg vai me dizer que, porque eu me toquei no meio das pernas, como ele diz, não poderei nunca me tornar pintor. Posso pintar sempre, e vou pintar sempre, o tempo todo vou pintar, mas pintar e ser pintor não são a mesma coisa. E o dr. Sandberg não pode me dizer que eu nunca vou me tornar pintor. Tenho que ir embora hoje mesmo do manicômio de Gaustad. E Helge também tem que sair do manicômio de Gaustad, pois hoje ele também deve falar com o dr. Sandberg. Tenho que ir ao encontro de Helge e dos outros lá embaixo que estão removendo neve e então falar com Helge e aí temos que ir embora do manicômio de Gaustad. Não vamos poder mesmo levar conosco nossas roupas. Não vamos poder levar nada conosco. Mas mesmo assim temos que ir embora do manicômio de Gaustad. Fico parado à porta do porão e olho para a neve fora. Tudo está branco. As montanhas estão brancas, as árvores estão brancas. Fico nesse lugar, com uma pá de remover neve na mão, e tenho que descer e me juntar a Helge e aos outros que estão removendo neve lá embaixo na alameda. E preciso falar com Helge. Preciso perguntar a Helge se ele virá junto, podemos ir a meu antigo alojamento no centro de Christiania, vou lhe dizer, podemos morar por alguns dias com os entalhadores na Tollbodgate, e, se ele quiser, pode vir comigo, senão vou sozinho. E eu saio pela porta do porão. E caiu muita neve, mas a neve está seca e leve junto às pesadas botas, eu caminho fácil através da neve, vou descendo para me juntar a Helge e aos outros, mas passo em lugares onde ainda ninguém passou, passo onde a neve está branca e fina e me viro e vejo que minhas pegadas parecem um risco irregular na neve. Estou indo ao

encontro dos outros. E a neve está branca e fina. Vejo que as pás de Helge e dos outros se movem o tempo todo, primeiro entrando na neve, depois as pás se movem para cima, então a neve cai das pás, aí as pás voltam a afundar na neve e então as pás se movem novamente para cima. Vou descendo através da neve em direção a Helge e os outros. Vou andando através da neve, e a neve está branca como minha amada, digo eu e digo agora logo irei até você, até você, minha amada, digo eu e digo você e eu vamos viajar para um país distante, onde não haverá ninguém que conheçamos, lá vamos viver e morar juntos... digo eu e estou descendo em direção a Helge e os outros e vou matar quase todos os pintores, não todos, mas quase todos, pois nem todos os pintores devem ser mortos, e vejo que Helge e os outros agora estão curvados sobre suas pás, eles já removeram alguns metros de neve ao longo da alameda e agora estão ali parados, as costas curvadas, apoiados sobre suas pás de remover neve, e eu digo que nem todos os pintores têm que ser mortos, digo e vou andando através da neve. E, quando chegar lá embaixo e encontrar Helge e os outros, preciso perguntar a Helge se ele virá junto, embora do manicômio de Gaustad, pois Helge também não pode ficar no manicômio de Gaustad, senão também não vai se curar. Tenho que ir embora do manicômio de Gaustad. Vou descendo em direção a Helge e os outros. E Helge endireita as costas, olha para mim.

Aí vem você, então, seu preguiçoso, exclama Helge.

E eu vejo Helge parado e apoiado sobre sua pá.

Como posso ver, você está trabalhando, digo eu.

Estou trabalhando, sim, diz Helge.

Você está trabalhando, sim, digo eu.

E você trabalhou a noite toda, diz Helge.

E então todos os removedores de neve riem, e eu vejo alguns rostos olharem para mim.

A noite toda, pelo que eu sei, diz Helge.

E você?, pergunto eu. Se você removesse neve com tanto entusiasmo como, bem você já sabe.

E novamente todos os removedores riem.

E hoje você vai ser punido, diz Helge.

Você também, digo eu.

Nós dois vamos ser punidos, ouçam essa!, diz Helge.

E vejo Helge olhar para os outros removedores de neve.

Vamos ser punidos!, diz ele.

Temos que cair fora, digo eu.

Cair fora?, pergunta Helge.

Sim, você não se lembra mais do que eu disse? Eu sei para onde podemos ir, para junto dos entalhadores da Tollbodgate, ali nós podemos morar. Lá também arranjamos o que comer, você não se lembra mais do que eu disse, digo eu.

E Helge balança a cabeça concordando.

Primeiro temos que terminar de remover a neve, diz Helge.

Mas aí talvez seja tarde demais.

Tarde demais?

Talvez aí tenhamos que falar com o dr. Sandberg, antes de poder cair fora.

Vamos ter que falar com o dr. Sandberg?, pergunta Helge.

Faço que sim com a cabeça.

O inspetor Hauge disse que vamos.

Ele disse isso?

Faço que sim com a cabeça e ouço alguém dizer ei agora está na hora de trabalhar e vejo que os outros recomeçam a remover neve.

Sim, e vocês também têm que trabalhar, diz um outro.

Ou não vamos terminar nunca, diz o primeiro.

Vamos logo, vocês, diz o segundo.

Sim, precisamos remover a neve, diz Helge.

E mais uma vez Helge levanta a pá e começa a remover neve.

Mas eu sou pintor, digo eu.

Você não quer pintar nem um teto, diz alguém.

Teto não, digo eu.

Pois que mal há em pintar um teto?, pergunta ele.

Não sou pintor de tetos, sou um pintor artístico, digo eu.

Pintor artístico, você, diz ele.

Sim!, digo eu.

Já trabalhar com a pá, diz ele.

Você por acaso sabe matemática?, digo eu.

Matemática! Já trabalhar com a pá!, diz ele.

Sou aluno de Hans Gude, digo eu.

Quem é esse?, pergunta ele.

Hans Gude?, pergunto eu.

Sim!, diz ele.

Você não sabe quem é Hans Gude?

Não. Mexa essa pá, vamos, seu preguiçoso, diz ele.

Não quero remover neve, digo eu.

Preguiçoso, diz ele.

Sim, sim, digo eu.

Artista, você, diz ele.

E eu fico parado e vejo os outros trabalhando com suas pás e não quero remover neve. Sou pintor, sou o pintor artístico Lars Hertervig e não quero ficar aqui em meio a esses loucos ignorantes, removendo neve. Esses loucos ignorantes podem remover neve, esse trabalho está bem adequado para eles, uma vez que nem sequer sabem quem é Hans Gude. Mas eu sei. Aliás, fui aluno de Hans Gude. E não quero remover neve. E tenho que ir embora daqui do manicômio de Gaustad, não há motivo para o pintor Lars Hertervig, formado tanto na Escola de Arte de Christiania quanto na Academia de Belas-Artes de Düsseldorf, estar na alameda que leva da edificação principal do manicômio de Gaustad à estrada, para que eu, o pintor de paisagens formado Lars Hertervig, esteja numa manhã fria em meio ao branco da neve removendo-a com a pá. Sou Lars Hertervig. Quero pintar. E Helge nem sequer compreende que precisa ir embora do manicômio de Gaustad, senão nunca mais vai se curar, continuará louco pelo resto de sua vida, isso é o que lhe dirá hoje o dr. Sandberg. E, se o dr. Sandberg disser isso, então isso vai mesmo acontecer. O que o dr. Sandberg diz acontece. Assim são as coisas no manicômio de Gaustad.

Nem todos os pintores têm que ser mortos, digo eu.

O que você está dizendo aí?, pergunta alguém.

Estou dizendo que nem todos os pintores têm que ser mortos, digo eu.

Você não é pintor?, pergunta ele.

Sou, digo eu.

Então você teria que matar a si mesmo, se todos os pintores têm que ser mortos, diz ele.

E então todos olham para mim, e mais uma vez recebo sonoras gargalhadas.

Cuidado, senão ainda lhe acerto a cara, digo eu.

Pois venha!, diz ele.

Levanto a pá bem alto no ar. E balanço a pá pelos ares.

Cuidado! Cuidado!, digo eu.

Você está louco!, diz ele.

Você também, digo eu. Cuidado! Preste atenção!, digo eu.

E balanço a pá de um lado para outro pelos ares. Esse maldito ignorante, pode até ser insolente, mas saber quem é Hans Gude ele não sabe. É um maldito. Não sei como se chama, nem quero saber, um maldito desses, um maldito removedor de neve, devia se envergonhar de não saber quem é Hans Gude, mas não, esse pobre-diabo.

Você sabe quem é Tidemand?, pergunto eu.

Talvez um pintor, diz ele.

E ele soube dizer que Tidemand é um pintor, então ele sabe, sim, alguma coisa e eu não consigo entender como pode saber quem é Tidemand.

Você já viu quadros dele?, pergunto eu.

Vários, diz ele.

Onde?, pergunto eu.

Por aí, diz ele.

Então, você viu quadros dele ou não viu? Dessa resposta vai depender minha decisão, se você vai morrer ou não.

Seu louco, diz ele.

E então ele começa a rir. E fica parado e ri. E os outros também começam a rir. Também Helge fica parado, rindo.

Vá pintar, seu tonto, diz ele.

Não quero pintar, digo eu.

Mas tonto você não é? Ou é?, pergunta ele.

Há pintores que não têm que ser mortos, digo eu.

Melhor assim, pelo menos, diz Helge.

E eu vou matá-los, todos os pintores que não sabem pintar, que apenas ficam o dia todo sentados no Malkasten com seus copos, esses eu vou matar, todos. E Helge também, esse idiota. Afinal, não entende nada. E eu não quero remover neve.

Nem todos os pintores têm que ser mortos, digo eu.

Sim, sim, diz alguém.

Saia matando, diz um outro.

Já que você é louco mesmo, diz alguém.

E eu tenho que ir. Não posso pintar. E preciso me trocar, preciso vestir meu terno de veludo roxo e então ir até os entalhadores da Tollbodgate. Preciso apenas ir rapidamente buscar minhas roupas, depois vou embora do

manicômio de Gaustad. Deixo de lado a pá de remover neve. Vou andando em direção à edificação principal do manicômio de Gaustad e ouço Helge gritar atrás de mim você está indo?, e Helge que fique gritando, afinal de contas não sabe mesmo quem é Hans Gude, ele também não sabe, que fique gritando quanto quiser, que fique gritando.

Seu preguiçoso!, grita alguém.

Seu maldito preguiçoso!, grita um outro.

Preguiçoso!

E eu vou apenas seguir andando, não vou me virar.

Preguiçoso!

Vá pintar, seu tonto!

Vá trabalhar!

E então alguma coisa estala nas minhas costas, e agora eles estão me atirando bolas de neve, mas não vou me virar, simplesmente não vou me preocupar com isso, vou seguir em frente, caminhando normalmente.

Tome isso! Seu artista!, grita alguém.

Essa acertou!

E mais uma bola de neve atinge minhas costas, e dói. Preciso inclinar a cabeça para a frente. E é bom que as bolas não estejam tão duras, pois a neve está macia.

Essa vai acertar em cheio!

Preguiçoso!

Punheteiro!

E eu ouço que é Helge quem está gritando punheteiro. E ele é louco, portanto não preciso me preocupar com o que está dizendo. E mais bolas de neve passam voando sobre minha cabeça, indo cair alguns metros à minha frente. E eu tenho que simplesmente seguir adiante.

Tome esta!

Artista!

Pintor que não sabe pintar!

Vá pintar!

Duas bolas de neve atingem minhas costas, e eles que fiquem atirando essas bolas atrás de mim quanto quiserem, pois não entendem nada de arte, nunca na vida devem ter visto arte de verdade. Eles que fiquem atirando suas bolas de neve.

Suma daqui!

Não queremos mais ver você!

Suma daqui!

Como conseguem fazer tantas bolas de neve! Bolas de neve passam zunindo por mim, por cima de mim, por toda parte há bolas de neve. E eu sigo andando normalmente, mas tenho que inclinar o rosto, me inclinar um pouco para a frente, e além disso não posso me virar. E eu vou em frente, inclinado para a frente. E eles que fiquem atirando quantas bolas de neve quiserem, porque sou Lars Hertervig, o pintor Lars Hertervig, esse é quem sou, e eles não sabem disso. E eles que atirem bolas de neve à vontade. E agora não estão mais atirando bolas de neve. Agora pararam. Agora não ouço mais nada. E eu paro, me viro. E olho na direção deles. E vejo que vieram atrás de mim. Tanto Helge quanto os outros deixaram suas pás de remover neve e vieram atrás de mim. Vêm atrás de mim, com bolas de neve nas mãos. Caminham tranquilamente atrás de mim.

Agora!, grita Helge.

E eu me agacho e as bolas passam voando para longe de mim.

Outra vez!, grita Helge.

Vamos parando com isso!

E eu ouço a voz estrondosa do inspetor Hauge.

Parem já com isso! Voltem para o trabalho! Parem!

E vejo Helge e os outros deixarem cair as bolas de neve, e eles se viram e descem de novo em direção às pás.

Então aqui estamos nós, diz o inspetor Hauge.

E eu endireito as costas e vejo o inspetor Hauge parado do lado de fora da porta do porão.

Venha cá, Hertervig, diz o inspetor Hauge.

E eu bato nas pernas das calças e nos braços para tirar a neve.

Você vai ter que ir agora falar com o dr. Sandberg, diz o inspetor Hauge.

E não posso ter que falar com o dr. Sandberg, pois aí ele vai dizer que, enquanto eu ficar me tocando no meio das pernas, como diz o dr. Sandberg, não vou poder me tornar pintor, nunca, e se o dr. Sandberg, se o diretor e médico-chefe Ole Sandberg disser que não poderei me tornar pintor, nunca poderei me tornar pintor, então não poderei mesmo nunca me tornar pintor, disso tenho certeza, exatamente como tive certeza de que me tornaria pintor quando Hans Gabriel Buchholdt Sundt disse que eu tinha grande talento e podia me tornar um bom, um ótimo, conforme ele disse, um ótimo pintor. E

agora o dr. Sandberg dirá que nunca poderei me tornar pintor, e então não poderei mesmo me tornar pintor. E não posso ter que falar com o dr. Sandberg. Fico parado na neve. Vejo o inspetor Hauge parado à porta do porão. E eu já deveria ter ido há muito tempo para meu velho alojamento na Tollbodgate, mas não fiz isso e agora pode ser tarde demais, agora não consigo mais ir, porque o inspetor Hauge está parado à porta do porão e olhando para mim aqui e então não poderei nunca me tornar pintor, e tudo, tudo isso por causa das malditas mulheres, porque todas as mulheres são putas, e é tudo culpa delas.

Todas as mulheres são putas, digo eu. E é por culpa delas que não posso me tornar pintor. Afinal, não fiz nada de errado.

Acalme-se, diz o inspetor Hauge.

Todas as mulheres são putas, é culpa delas, todas essas putas malditas.

Agora venha, Hertervig, diz o inspetor Hauge.

Mas a culpa não é minha, digo eu.

Mesmo assim, agora venha, diz ele.

As putas malditas é que são culpadas, digo eu.

Sim, sim, mas agora venha, diz o inspetor Hauge.

E agora provavelmente vou ter que falar com o dr. Sandberg, não há mais nada a fazer, agora vou ter que falar com o dr. Sandberg.

Sim, ele está esperando por você, agora venha, diz o inspetor Hauge.

Mas eu não fiz nada de errado.

Mesmo assim você vai ter que falar com o dr. Sandberg, agora venha.

E tenho que ir, não posso ficar apenas assim parado na neve enquanto o inspetor Hauge está aí esperando que eu vá, e o dr. Sandberg está sentado em sua grande sala e espera por mim e, se eu não for imediatamente, se o dr. Sandberg, que aqui decide tudo, ficar lá sentado esperando e se impacientar, na certa apenas ficará ainda mais severo, então acabará por dizer que eu nunca soube mesmo pintar, que aquilo era puro fruto da minha imaginação, dirá ele então, mas ele está ciente, sim, dirá então, de que não sei pintar, nunca soube pintar e também nunca saberei pintar, está ciente disso, sim.

Agora você tem que vir, diz o inspetor Hauge.

Sim, estou indo, digo eu.

Imediatamente, diz o inspetor Hauge.

E vou andando em direção à porta do porão. Vejo o inspetor Hauge parado à porta e olhando para mim.

O dr. Sandberg está esperando, diz o inspetor Hauge.

E eu entro no porão. E ainda há pouco minha querida Helene esteve aqui, mas agora se foi. Por que Helene foi embora tão depressa? Por que Helene não quer ficar comigo? Ela nunca mais vai querer ficar comigo, agora que não poderei me tornar pintor?

Ela é uma puta maldita, digo eu. Uma puta diabólica. E nem todos os pintores têm que ser mortos.

Então tire suas roupas de trabalho, diz o inspetor Hauge.

Uma puta maldita, tudo por causa dessa puta maldita, digo eu.

O dr. Sandberg está esperando. Agora tire suas botas, diz o inspetor Hauge.

Mas a culpa não é minha.

Depressa.

Nem todos os pintores têm que ser mortos, digo eu.

Sim, sim, diz o inspetor Hauge.

E eu me agacho e tiro as botas.

Esse dia chegará, digo eu e ponho as botas de lado.

Agora trate de se apressar um pouco mais, diz o inspetor Hauge.

E eu tiro a roupa de trabalho, pois agora nunca poderei me tornar pintor, é o que dirá logo o dr. Sandberg, e ele sabe do que está falando, nunca poderei me tornar pintor, isso é o que é.

E então as coisas nunca mais poderão ser as mesmas, digo eu. Nunca mais. Nunca nunca mais, e isso pouco vai importar mesmo, digo eu.

E penduro o macacão no gancho da porta. E agora tenho que cair fora, nada disso é culpa minha e agora eu tenho que simplesmente cair fora. Não posso mais ficar no manicômio de Gaustad.

Você sabe que a víbora se enrola, digo eu. Pois eu sei disso, vi com meus próprios olhos, digo eu. É verdade. Mas você não deve acreditar em mim, não é, inspetor Hauge. Não acredita absolutamente em mim. Mas eu sei disso. E sou pintor, pintor de formação. E você não é. E meu pai, aliás, colhia ameixas. E minha irmã anda pelas ruas de Stavanger. Pois é. É o que ela faz, sim, saiba você, inspetor Hauge.

Acalme-se, Hertervig, diz o inspetor Hauge.

Você tinha que ver minha irmã, os peitos dela, meu caro!

Está bem, agora venha, Hertervig, diz o inspetor Hauge.

E o inspetor Hauge sai andando pelo porão, e eu vou atrás dele e agora estou com o inspetor Hauge, andando ao lado dele pelo porão.

Mas você nunca viu minha irmã, digo eu. Nunca viu. Enfim, isso pouco importa também, existem tantas outras mulheres para ver, damas de todo tipo, de todas as idades. E a culpa é delas. Eu sei disso, sei perfeitamente, sim, digo eu.

Sim, você sabe perfeitamente, diz o inspetor Hauge.

É delas a culpa por eu ter que ir agora falar com o dr. Sandberg, disso você também sabe, inspetor Hauge, porque é tão inteligente, ainda que não entenda de matemática nem de anatomia. Absolutamente nada! Mas eu entendo de ambas. Isso é certo! Agora tenho que ir, alguém espera por mim. Alguém espera por mim bem longe, lá embaixo na Alemanha, por isso agora tenho que ir. Você entende, não, inspetor Hauge?

Entendo, diz o inspetor Hauge.

E nós subimos uma escada, e o inspetor Hauge abre uma porta, e eu passo pela porta, então o inspetor Hauge fecha a porta atrás de mim.

Isso é necessário, Hertervig, sim, diz o inspetor Hauge.

Isso é mesmo necessário, digo eu. Mas você devia ver minha irmã. E minha mãe. Ela fica sentada o dia todo rezando, raramente diz algo, mas teve muitos filhos, dez, quinze filhos, no mínimo. Tenho muitos irmãos, sabe. Ou seja, ainda que minha mãe fique o dia todo sentada e rezando, não pode ter ficado sempre, ininterruptamente, rezando, enfim, deve ter feito mais alguma coisa diferente para ter filhos. Entende, inspetor Hauge? Veja só! Minha mãe!

Acalme-se, Hertervig, diz o inspetor Hauge.

Você entende?, pergunto eu.

Sim, entendo, senão você não estaria agora no manicômio de Gaustad, diz o inspetor Hauge.

Isso mesmo, sim, digo eu. Mas a minha irmã, essa você realmente devia ver, digo eu.

E vou andando ao lado do inspetor Hauge por um corredor e já estive uma vez neste corredor, pois no final deste corredor fica a sala do dr. Sandberg e na porta de sua sala há uma placa onde se lê Diretor, agora vou ter que falar com o médico-chefe e diretor Ole Sandberg, e não haverá nada de mau nisso, pois pintor eu de qualquer maneira não vou me tornar, estou louco, estou internado no manicômio de Gaustad, um louco entre loucos, e um louco não pode ser pintor, e eu vou andando ao lado do inspetor Hauge pelo corredor. E vejo a porta do dr. Sandberg no final do corredor, e lá, na sala do dr. Sandberg, eu também já estive, estive lá quando vim para o manicômio de

Gaustad e não devo ter estado lá muitas vezes mais. Mas hoje vou ter que entrar na sala do dr. Sandberg.

Minha irmã, digo eu.

Sim, já vamos chegar lá, diz o inspetor Hauge.

Minha irmã, essa você devia ver, digo eu. Tem tetas grandes, ela. Ali você também ia querer fazer algo, até você, inspetor Hauge.

Sim, sim, diz o inspetor Hauge.

Mas a serpente se enrola, digo eu.

Ela faz isso, sim, diz o inspetor Hauge.

E eu vi as tetas da minha irmã, diversas vezes, vi as tetas de algumas de minhas irmãs, verdade, não duvide, digo eu. Você certamente já viu a serpente se enrolar, não? Já viu tetas?

Sou um homem casado, diz o inspetor Hauge.

Sim, então você provavelmente já viu tetas, digo eu. Mas sabia que estou noivo?

E o inspetor Hauge vai andando pelo corredor, vou andando ao seu lado.

Não acredito que você tenha visto tetas, acho que sua mulher não o deixa ver suas tetas, digo eu. Não! Com certeza, não! A mulher do inspetor Hauge não o deixa ver suas tetas! Mas eu vi tetas. Porque, aliás, sou quaker. Ou meu pai era quaker. Por isso vi tetas, digo eu.

Acalme-se, não fale tanto assim, diz o inspetor Hauge.

Tetas são bonitas, como são, digo eu.

Sim, sim, diz o inspetor Hauge.

E vi mesmo muitas tetas, digo eu. Porque eu pintava damas nuas, muitas damas nuas, e elas são realmente bonitas! Bonitas, realmente!, digo eu.

Pintou mesmo?, pergunta o inspetor Hauge.

Sim, pintei. Na Alemanha. Pintei muitas damas nuas. E vi as tetas volumosas da minha irmã. Nenhuma daquelas que pintei na Alemanha tinha tetas tão grandes. Assim. Tetas assim, mesmo. Verdade, digo eu.

E olho para a porta da sala do dr. Sandberg, na porta se lê Diretor. Agora vou logo falar com o médico-chefe e diretor Ole Sandberg. Vou entrar em sua sala. Vou me sentar. Vou me sentar numa cadeira da sala do médico-chefe e diretor Ole Sandberg e ter que ouvir que nunca me tornarei pintor, é o que ele com certeza dirá então, depois do que vai ficar sabendo agora, dirá ele então. Nunca poderei me tornar pintor, mas vou pintar e então ser, mesmo assim, o pintor artístico Lars Hertervig, ainda que não possa pintar.

Aqui estamos, diz o inspetor Hauge.

E eu vejo o inspetor Hauge levantar a mão e bater à porta da sala do dr. Sandberg e ouço o dr. Sandberg responder sim! e então vejo o inspetor Hauge abrir a porta e espiar dentro, e o inspetor Hauge diz agora é o Hertervig aqui, diz ele, e agora vou mesmo ter que passar pela porta onde se lê Diretor e eu tenho que cair fora, mas não posso cair fora e vou mesmo ter que entrar e ouvir o que o dr. Sandberg tem para me dizer, mas não posso dizer nada, só posso ficar sentado neste lugar, tenho que simplesmente ficar sentado na sala do dr. Sandberg e não dizer nada e estou à porta da sala do dr. Sandberg e olho para o chão e para os pés do inspetor Hauge e vejo que a porta se abre mais e então vejo a barra do jaleco branco do dr. Sandberg e ouço o dr. Sandberg dizer Hertervig, sim, e aí o inspetor Hauge diz que agora estou aqui, e então o dr. Sandberg diz obrigado e aí diz que o inspetor Hauge bem poderia esperar fora, não?, e eu fico parado olhando para a barra do jaleco branco do
dr. Sandberg e ouço o dr. Sandberg pedir que o acompanhe em sua sala, e eu não posso responder, não posso acompanhá-lo à sala, pois senão não poderei me tornar pintor.

Agora venha, diz o dr. Sandberg.

E eu olho para a barra inferior do jaleco branco do dr. Sandberg e não posso entrar com o dr. Sandberg em sua sala, pois senão nunca poderei me tornar pintor. Bem sei que o dr. Sandberg não quer que eu pinte, é por isso que não posso pintar enquanto estiver no manicômio de Gaustad. Eu mesmo disse que não queria pintar. Mas talvez não fosse isso o que eu queria dizer. Quero pintar. Não posso dizer nada.

Existem pintores que apodrecem quando não podem pintar, digo eu.

E continuo olhando para a barra inferior do jaleco branco do dr. Sandberg e ouço o dr. Sandberg dizer agora venha, e ele põe a mão em meu ombro, e o dr. Sandberg me empurra de leve para dentro da sala.

É só um bate-papo, Hertervig, diz ele.

E o dr. Sandberg pôs a mão em meu ombro e me empurra de leve para dentro da sala. E o dr. Sandberg solta meu ombro. E eu ouço o dr. Sandberg ir novamente até a porta e dizer para fora no corredor ao inspetor Hauge que provavelmente não vai demorar muito, e o inspetor Hauge diz que pode esperar, e eu ouço o dr. Sandberg fechar a porta atrás de si e atravessar de novo a sala. Olho para cima e vejo o dr. Sandberg ir para trás de sua

escrivaninha e se sentar.

Venha cá, diz o dr. Sandberg.

E eu olho para o chão.

O senhor pode se sentar aqui, diz o dr. Sandberg. Nesta cadeira aqui, à minha frente, do outro lado da escrivaninha.

E eu olho para cima e vejo o dr. Sandberg sentado numa cadeira atrás de uma grande escrivaninha marrom, e ele olha para mim e, do outro lado de sua escrivaninha, voltada para o dr. Sandberg, há uma cadeira vazia e é nessa que devo me sentar, bem próximo do dr. Sandberg, apenas do outro lado de sua escrivaninha.

Sente-se, diz o dr. Sandberg.

E a voz do dr. Sandberg soa resoluta. E eu tenho que me sentar. Tenho que cair fora, pois agora o dr. Sandberg vai logo dizer que nunca poderei me tornar pintor, e então não poderei mesmo me tornar pintor, se ele assim o disser, não poderei, não se o dr. Sandberg, não se o médico-chefe e diretor Ole Sandberg disser que não poderei me tornar pintor, então não poderei mesmo me tornar pintor. Olho para baixo, para meus pés. E tenho que cair fora.

Como é que vai, Hertervig?, pergunta o dr. Sandberg.

E eu não posso responder, só tenho que me sentar e então ficar sentado em minha cadeira e não responder e eu vou ali e me sento na cadeira que está voltada para o dr. Sandberg e olho para sua grande escrivaninha marrom.

Bem ou mal?, pergunta o dr. Sandberg.

E eu não posso dizer nada mesmo? tenho que simplesmente ficar aqui sentado? não posso mesmo dizer nada?

Sim, digo eu.

Então está bem, suponho, diz o dr. Sandberg. Sim, sim, hoje é véspera de Natal, enfim, e tudo mais, diz ele.

E eu não posso dizer nada.

Alguma coisa o atormenta, Hertervig?

E eu não posso ficar sentado numa cadeira e ouvir o dr. Sandberg dizer que não poderei me tornar pintor.

Isso aqui é um tanto difícil, não é, diz o dr. Sandberg. Mas. Sim. Um tanto difícil.

Os cachorros são ótimos.

E eu olho para cima e sorrio para o dr. Sandberg.

Sim, sim, os cachorros são ótimos, diz o dr. Sandberg, mas tem aí um assunto sobre o qual nós precisamos conversar.

E eu sei que a víbora se enrola, digo eu.

E faço um aceno com a cabeça para o dr. Sandberg, que está sentado atrás de sua grande escrivaninha marrom, um pouco inclinado para a frente, os braços sobre o tampo da escrivaninha. E o dr. Sandberg me encara com seus olhos azuis bem abertos.

Nisso o senhor realmente tem razão, diz o dr. Sandberg. Exatamente, sim. Quer dizer, ouvi falar.

Sim, víboras se enrolam muito, digo eu.

Sim, ouvi falar, pelo inspetor Hauge, diz o dr. Sandberg.

A pessoa precisa prestar atenção, digo eu.

Sim, a pessoa precisa prestar atenção, diz o dr. Sandberg.

E eu sei exatamente que o dr. Sandberg logo me dirá que nunca poderei me tornar pintor.

Sim, digo eu.

O inspetor Hauge diz que o senhor andou novamente se tocando no meio das pernas, diz o dr. Sandberg.

E eu não posso olhar para o dr. Sandberg, e agora o dr. Sandberg disse que novamente andei me tocando no meio das pernas, e então ele dirá que é por isso que fiquei louco, é porque repetidamente me toco no meio das pernas, como ele diz, que não consigo me curar, dirá ele então.

Isso é verdade?, pergunta o dr. Sandberg.

Tenho que ficar olhando para baixo e não posso dizer nada.

Não é culpa minha, digo eu.

Mas é verdade?

E eu não posso dizer nada, e agora minha querida Helene deve vir ao meu encontro e deve colocar a mão na minha testa e dizer ao dr. Sandberg que não fiz nada de errado, que isso não é verdade.

Portanto, é verdade, então é isso, diz o dr. Sandberg. Portanto, tenho mesmo que lhe dizer que o senhor me decepcionou.

E eu olho para a escrivaninha grande e marrom do dr. Sandberg. E não fiz nada de errado, ora, as malditas mulheres é que fizeram algo errado, elas ficam andando por aí com suas tetas grandes, elas é que são culpadas. Eu não fiz nada de errado. Observo nuvens, pinto quadros. Vejo a luz. Sei pintar o que quer que seja, basta eu ter tintas suficientemente boas. Vejo tudo. Eu sei

pintar, mas os outros pintores, esses não sabem pintar. Não é culpa minha. Vou matá-los, os pintores, as mulheres. Vejo a luz, em tudo. Sei pintar.

Sim, mas o senhor realmente me decepcionou, Hertervig. E agora também está mais claro para mim como tudo está relacionado, diz o dr. Sandberg.

E eu olho para a escrivaninha grande e marrom do dr. Sandberg. Mas eu sei pintar. Sei pintar.

O senhor disse que não sabia como se explicava isso, eu anotei, estou vendo aqui, sim, diz o dr. Sandberg.

E eu não posso olhar para cima e tenho que dizer algo.

Isso é por causa das tintas. Não existem tintas decentes, digo eu.

E fico olhando para baixo, para a grande escrivaninha marrom do dr. Sandberg.

O senhor certamente já fazia isso antes de vir para o manicômio de Gaustad, não?

E eu não posso responder. Pois o dr. Sandberg não pode me dizer que não me tornarei pintor. Eu sei pintar. Os outros pintores é que não sabem pintar. Eu sei pintar, sei ver tudo. É por causa das tintas que não posso pintar, elas são ruins demais, e ouço o dr. Sandberg dizer que eu certamente já fazia isso antes, sim, diz ele, e o dr. Sandberg diz que o inspetor Hauge relata que já fiz isso diversas vezes e que fiz com força, para dizer com as palavras do inspetor Hauge, diz o dr. Sandberg, com força, diz ele, e eu tenho que ir embora do manicômio de Gaustad e ouço o dr. Sandberg dizer que minha doença se explica muito provavelmente por eu ter me tocado no meio das pernas, diz o dr. Sandberg, e tenho que dizer que sei, sim, sim, tenho que responder e então tenho que finalmente sair da sala do dr. Sandberg e depois com certeza não poderei pintar.

Os pintores apodrecem quando não podem pintar, digo eu.

E, se o senhor não parar, nunca mais ficará curado, diz o dr. Sandberg. Talvez já seja até tarde demais. Não, isso é triste. Isso não podia acontecer.

E o dr. Sandberg disse que nunca poderei me tornar pintor, e agora tenho que ir embora do manicômio de Gaustad.

O senhor precisa parar; senão, para dizer a verdade, provavelmente nunca poderá se tornar pintor, diz o dr. Sandberg.

Eu sabia. Nunca poderei me tornar pintor. Mas vou pintar, pois vejo tudo o que nenhum outro vê, e também sei pintar isso, basta que as tintas sejam boas o suficiente.

Não tenho boas tintas o suficiente, digo eu.

Pode-se dizer que não, é verdade, diz o dr. Sandberg.

Se as tintas fossem boas o suficiente, aí sim, digo eu.

Talvez elas sejam algum dia, diz o dr. Sandberg.

E agora tenho que balançar a cabeça concordando e então preciso me levantar e depois tenho que ir.

O senhor não pode fazer isso nunca mais, tem que me prometer isso, Hertervig, diz o dr. Sandberg.

E eu devo lhe prometer que nunca mais vou pintar, certamente porque a serpente se enrola devo lhe prometer isso, mas a única coisa que quero é pintar, ora, mais nada, mas não consigo dormir à noite, a culpa é das mulheres, são todas umas putas malditas. Só quero pintar. Todas as mulheres são putas. As tetas delas.

Todas as mulheres são putas, digo eu.

O senhor não pode mais se tocar no meio das pernas, preciso lhe dizer isso com toda a seriedade, isso o deixa doente. E o senhor está no manicômio de Gaustad para se curar. Prometa-me, diz o dr. Sandberg.

E eu olho para a escrivaninha grande e marrom do dr. Sandberg e devo prometer ao dr. Sandberg que nunca mais vou pintar. E Helene, onde estará agora minha querida Helene?

Estou noivo, digo eu.

Fico contente em saber.

Mas a serpente se enrola, digo eu.

Mas o senhor não pode nunca mais voltar a se tocar no meio das pernas, certo, Hertervig?, diz o dr. Sandberg.

E eu olho para cima, nos olhos azuis abertos do dr. Sandberg.

Era isso, diz ele. Agora o senhor pode ir.

E eu olho para baixo, para a grande escrivaninha marrom do dr. Sandberg, e ouço o dr. Sandberg se levantar, e ele diz que nos veremos então na ceia de Natal de hoje à noite, diz ele, e agora o dr. Sandberg disse que não poderei me tornar pintor, e então não poderei mesmo me tornar pintor e então preciso ir, preciso me levantar e então posso pura e simplesmente me juntar aos entalhadores da Tollbodgate? posso ir, afinal, até meu antigo alojamento? e ouço o dr. Sandberg atravessar a sala e agora preciso me levantar e ouço o dr. Sandberg dizer que agora a conversa está encerrada, agora devo ir, diz ele, e eu me levanto e agora preciso ir embora do manicômio de Gaustad e ouço o

dr. Sandberg abrir a porta e ouço-o dizer tomara que isso ajude agora, não acha, Hauge?, e ouço o inspetor Hauge dizer vai ajudar, sim, com toda a certeza.

Esperemos que sim, diz o dr. Sandberg.

Em alguma coisa isso deve ajudar, afinal de contas, diz o inspetor Hauge.

Precisamos ter esperanças, diz o dr. Sandberg.

E eu vou até a porta e vejo que o dr. Sandberg se vira em minha direção.

Então lembre-se do que eu lhe disse, Hertervig, diz ele. O senhor deve se curar, para isso está no manicômio de Gaustad, afinal, diz ele.

E eu vejo o inspetor Hauge parado do lado de fora da porta e concordando com a cabeça.

E o senhor lembre-se do que eu lhe disse quando estiver acordado à noite na cama, lembre-se, diz o dr. Sandberg.

E eu saio pela porta.

Sim, agora lembre-se do que eu lhe disse, diz o dr. Sandberg.

E eu saio pela porta e ouço a porta se fechar atrás de mim e fico parado do lado de fora diante da porta e agora estive com o dr. Sandberg e ele disse que nunca me tornarei pintor e eu digo em voz baixa para mim mesmo que o problema são as tintas ruins, digo eu e começo a rir e ouço o inspetor Hauge dizer agora vamos de novo para o porão, então devo vestir novamente meu macacão, então devo remover um pouco de neve, diz o inspetor Hauge e sai andando pelo corredor. E agora eu estive com o dr. Ole Sandberg e devo me curar. Nunca mais vou me curar. Olho para o inspetor Hauge. Estou louco. Vejo o inspetor Hauge parar e olhar para mim.

Agora vamos, diz o inspetor Hauge.

E saio andando pelo corredor, em direção ao inspetor Hauge. E agora vou cair fora do manicômio de Gaustad, hoje é véspera de Natal e hoje vou embora do manicômio de Gaustad, um pintor não tem nada a fazer no manicômio de Gaustad, os pintores que não sabem pintar, esses podem muito bem ficar no manicômio de Gaustad, mas um pintor que sabe pintar, esse não pode ficar no manicômio de Gaustad. E vejo que o inspetor Hauge se vira e sai andando pelo corredor, e vou atrás dele, pelo corredor, atrás do inspetor Hauge. E minha irmã tem tetas grandes. Eu vi as tetas de minha irmã. Tenho que ir embora do manicômio de Gaustad. Vou andando atrás do inspetor Hauge. Estive na sala do médico-chefe e diretor Ole Sandberg. E agora vou andando atrás do inspetor Hauge, vamos descer até o porão e devo vestir meu

macacão e calçar minhas botas e então devo sair ao encontro de Helge e dos outros, para remover neve. E eu vou para a Tollbodgate. Vou embora do manicômio de Gaustad. Não posso entender por que deveria ficar mais tempo no manicômio de Gaustad. E preciso ir até minha querida Helene. Sei que minha querida Helene espera por mim, minha querida Helene está na Tollbodgate esperando por mim. E eu preciso ir até minha querida Helene e digo para mim mesmo estou indo aí, esteja certa de que estou indo até você, você não vai ter que esperar por mim, estou chegando, e então vamos partir em viagem, digo eu e caminho ao lado do inspetor Hauge.

Minha amada. Vou até você, ou então terei que apagá-la de meu quadro, digo eu.

Agora você vai ter que remover neve com os outros, diz o inspetor Hauge.

Apagá-la de meu quadro, digo eu.

Hoje é véspera de Natal e tudo mais, diz o inspetor Hauge.

E o inspetor Hauge e eu vamos andando lado a lado pelo corredor.

E eu sei que você está esperando por mim, digo eu.

Hoje é véspera de Natal, vai ter boa comida no manicômio de Gaustad, diz o inspetor Hauge. Vai ter boa comida para todos, independentemente de classe ou cargo.

Bocetas, bocetas, digo eu.

É Natal, Hertervig.

E caralho, caralho, digo eu.

Já basta, Hertervig, diz o inspetor Hauge.

Caralho e boceta, digo eu. E putas.

É Natal, Hertervig!

Sim, já é Natal de novo, digo eu.

Chupar bocetas, digo eu.

E está nevando tanto neste momento, então é preciso remover bem a neve, diz o inspetor Hauge.

Você gosta de gaivotas?, pergunto eu.

Gaivotas?

Sim.

Não.

Eu gosto de gaivotas.

É que você é acostumado com o mar, Hertervig, eu não.

Sim, sou bem acostumado com o mar, sim.

Você já viajou por altos mares, eu não.

Viajei, sim, digo eu.

E vou andando ao lado do inspetor Hauge pelo corredor.

Não, não posso afirmar ao certo que eu goste de gaivotas, diz o inspetor Hauge.

Eu fico muitas vezes pensando em gaivotas, à noite.

Certamente é melhor que você fique pensando em gaivotas, diz o inspetor Hauge.

Balanço a cabeça concordando.

Continue com as gaivotas, diz ele.

Tenho que continuar com as gaivotas, sim, digo eu. Ver as gaivotas é ótimo. Eu gosto das gaivotas. Mas no manicômio de Gaustad só há neve para ver, nem uma única gaivota, praticamente. E nada de mar, nada de oceano, não há nada para ver. Apenas loucos. Mulheres loucas, todo o manicômio de Gaustad fervilha de mulheres loucas. Mulheres prostituídas, com grandes tetas. Você devia tomar conta dessas tetas, inspetor Hauge, não de tipos como eu. Não de enguias como eu. De enguias, na verdade, nem é preciso tomar conta. Não é verdade?, pergunto eu.

Sim, sim, diz o inspetor Hauge.

Enguias a gente pesca com gaiolas de rede. Sabia?, pergunto eu.

Talvez eu já tenha ouvido falar, diz o inspetor Hauge.

E sabia que na Alemanha eles comem enguia? Você já provou uma enguia?, pergunto eu.

E olho para o inspetor Hauge e vejo-o balançar a cabeça negativamente.

Nunca?, pergunto eu.

Nunca tive vontade de provar uma enguia, diz ele.

E vou andando ao lado do inspetor Hauge pelo corredor.

Você já viu uma enguia?, pergunto eu.

E vejo o inspetor Hauge balançar a cabeça negativamente.

Nunca?, pergunto eu.

Acho que não, diz ele.

Você devia, você que também sabe que as serpentes se enrolam, digo eu.

Sim, diz o inspetor Hauge.

Enguias parecem serpentes, digo eu.

Também nunca vi uma serpente, diz o inspetor Hauge.

Mas viu víboras, não?, pergunto eu.

Víboras eu vi.

Mas víboras são serpentes. Portanto, você viu serpentes.

Sim, você entende disso, hein, Hertervig. Mas eu não sou um homem culto, não, diz o inspetor Hauge.

E vejo o inspetor Hauge balançar a cabeça e vou andando ao lado do inspetor Hauge pelo corredor.

Então, você também viu serpentes, sim, digo eu.

Sim, devo ter visto.

Viu de verdade. E pode contar à sua esposa, digo eu. E tem que dizer a ela que a serpente se enrola.

Sim, sim, diz o inspetor Hauge. Mas agora você vai ter que remover neve com os outros, quer a serpente se enrole, quer não.

E o inspetor Hauge e eu descemos a escada que leva ao porão.

Você sabe que as mulheres estão atrás de você, digo eu.

Você acha?

Elas gostam tanto de chupar.

Chupar?

Sim.

Sim, sim.

E o inspetor Hauge e eu atravessamos o porão.

Sim, sim, diz o inspetor Hauge. Agora se troque.

Balanço a cabeça afirmativamente. E agora devo ir embora do manicômio de Gaustad? Não posso mais ficar no manicômio de Gaustad, pois senão não me curo mais, porque as malditas putas e os pintores que não sabem pintar ficam me atormentando. Eu paro. Vejo o inspetor Hauge continuar andando pelo porão. E não poderei mais. Nunca mais me curarei. Nunca mais me tornarei pintor. Estou louco, estou no manicômio de Gaustad. E nunca mais me curarei, nunca mais me tornarei pintor. E Helene me deixou. Ainda há pouco esteve aqui comigo, mas de repente foi simplesmente embora, sem me dizer nada. E agora estou mais uma vez sozinho no manicômio de Gaustad. E Helene com certeza está andando por aí e flertando com os homens, ela encara os homens com seus grandes olhos azuis, encara os homens com sua boca levemente aberta, fica diante dos homens, o corselete branco justo sobre seus seios. E Helene se vira e seu vestido branco desce justo por suas costas e seu traseiro. Helene dá as costas para os homens. E Helene se vira de novo de frente para os homens, encara os homens. Helene fica parada, sorrindo para

os homens. Helene me deixou. Não sei onde Helene está. Afinal, ainda há pouco Helene esteve aqui no porão. Helene fica parada, encarando os homens. Helene fica sorrindo para os homens. Helene me deixou. E eu não sei por que Helene me deixou. Não sei onde está Helene. Agora há pouco Helene esteve no porão. Helene fica parada, olhando para os homens. Helene fica parada, sorrindo para os homens. Helene escancara-se sorrindo para os homens. Helene é uma puta maldita. Para onde foi Helene? Helene não é minha namorada? Onde terá ido parar Helene?

Agora venha, diz o inspetor Hauge.

E vejo que o inspetor Hauge parou um pouco mais ao fundo do porão e agora está ali olhando para mim. E onde está Helene? Por que Helene me deixou? É somente o inspetor Hauge ali parado e esperando por mim? Por que Helene fica aí sorrindo para os homens, com os lábios molhados, a boca semiaberta?

Hertervig! Venha, agora!, diz o inspetor Hauge.

Onde está você, Helene?, pergunto eu.

Hertervig!, diz o inspetor Hauge. Trate de vir agora.

E a voz do inspetor Hauge soa decidida. E eu preciso ir. Não posso simplesmente ficar parado. Tenho que ir embora do manicômio de Gaustad. Começo a andar e vejo o inspetor Hauge entrar no vestiário e sigo o inspetor Hauge e entro no vestiário e vejo o inspetor Hauge parado ao fundo, ao lado de meu macacão e de minhas botas. Agora devo remover neve. O inspetor Hauge quer que eu vista meu macacão e então saia e vá remover neve em companhia dos outros removedores de neve. E logo tenho que ir embora do manicômio de Gaustad. Tenho que ir até Helene. Irei até você, minha querida Helene.

Basta você me esperar, que irei até você, digo eu.

Trate de vir aqui e vestir seu macacão, diz o inspetor Hauge.

E por quê? Por que isso? Por que Helene? Por quê?

Agora venha, diz o inspetor Hauge.

E eu respondo que sim com a cabeça, e o inspetor Hauge disse que devo vestir meu macacão, e então preciso mesmo fazer o que o inspetor Hauge disse, senão nunca mais me curo, pois quem quer se curar tem que fazer o que o inspetor diz, foi o que disse o dr. Sandberg. Tenho que fazer o que o inspetor Hauge diz.

Venha já se trocar aqui!, diz o inspetor Hauge.

E Helene. E Helene está parada e inclina-se junto ao tio. E o tio passa o braço em torno de seu ombro e desce a mão gorda por seu seio e então o sr. Winckelmann fica ali, com uma das mãos sobre o seio de minha querida Helene. E Helene olha para cima, para o sr. Winckelmann, estampa no rosto um amplo sorriso, para o rosto redondo e preto dele. E então o sr. Winckelmann toma-lhe a mão e coloca-a sobre sua calça, diante da braguilha, e ele diz sim, aí é que tem que estar a mão dela. E Helene está com a mão sobre a braguilha do sr. Winckelmann. E eu ouço o sr. Winckelmann gemer, e você não pode fazer uma coisa dessas, minha querida Helene. Não pode.

Hertervig, agora venha, diz o inspetor Hauge.

Ela é uma puta, digo eu.

Já para o trabalho, diz o inspetor Hauge.

Sim, sim, digo eu.

E vejo o inspetor Hauge parado, aguardando ao lado de meu macacão e de minhas botas, e eu não vou ser delicado e gentil com você, se a reencontrar de novo, sua puta alemã. Não vou deixá-la se safar tão fácil, não.

Preciso ir ao banheiro, digo eu.

Pois então vá depressa, diz o inspetor Hauge.

E eu abro a porta do banheiro e entro e não preciso, de modo algum, usar o banheiro, por que foi que eu disse que tinha que ir ao banheiro? Eu simplesmente disse que tinha que ir ao banheiro. Passo o trinco na porta. E os banheiros do manicômio de Gaustad são bons. Têm água dentro. Em nenhum outro lugar vi antes banheiros tão bons quanto os do manicômio de Gaustad. E Helene fica ali sorrindo para os homens. E por que Helene foi embora? E não entendo por que não posso me tornar pintor. O dr. Sandberg disse que não posso me tornar pintor porque sempre me toco no meio das pernas, como ele diz. Por que não posso me tornar pintor? E por que eu disse que precisava ir ao banheiro? Há alguma coisa errada comigo no meio das pernas? Desabotoo minha calça. Abaixo a calça, abaixo a cueca. Olho para o meio das minhas pernas. Vejo que meu pau está largo. Vejo que está pendurado, meio de lado, meu pau está um pouco duro. Sou o pintor Lars Hertervig, que nunca poderá se tornar pintor porque se tocou no meio das pernas. E, se nunca mais poderá se curar, então na verdade ele pode se tocar no meio das pernas tantas vezes quanto quiser, não? Preciso me tocar no meio das pernas. Pego meu pau. E meu pau cresce entre meus dedos. Olho para a parede. Fico ali com as pernas bem abertas e a mão em torno de meu pau. Agarro com força o meu

pau e movo a pele de meu pau para cima, movo a pele de meu pau para baixo. Movo a mão para cima e para baixo em torno de meu pau. E essa puta maldita. Essa puta maldita que se mete com o tio, que se ajoelha diante dele e chupa-lhe o pau. Essa puta maldita. E por que ela esteve comigo e então foi embora? Movo a mão rapidamente para cima e para baixo em torno de meu pau. E meu pau está duro e grande. E eu não poderei me tornar pintor mesmo. Posso me satisfazer com minha própria mão quantas vezes quiser. Pois não poderei me tornar pintor mesmo. Esfrego a mão com força para cima e para baixo em torno de meu pau. E pinto e boceta. Tetas. Pinto e boceta. E todas as mulheres são putas. Eu sei que todas as mulheres são putas. Movo minha mão rapidamente para cima e para baixo em torno de meu pau. Aperto meu pau com mais firmeza e movo a mão mais rápido para cima e para baixo em torno de meu pau. Estou me tocando no meio das pernas. E não vou mais querer ver nem ouvir as gaivotas. Nada mais de gaivotas. Não sei se ainda existem gaivotas. Não quero mais ver as gaivotas. Movo a mão com firmeza para cima e para baixo em torno de meu pau e ouço o inspetor Hauge dizer agora trate de vir logo, Hertervig, e o inspetor Hauge está esperando por mim enquanto me toco no meio das pernas, como diz o dr. Sandberg, e o inspetor Hauge que espere. E não quero remover neve. Sou pintor. Não quero mais ver as gaivotas. Movo a mão para cima e para baixo em torno de meu pau. Não vou remover neve. Sou pintor. Não sou alguém que remova neve.

Hertervig!, diz o inspetor Hauge.

E meu pau está duro e grande. Movo a mão para cima e para baixo em torno de meu pau. Não quero mais ver as gaivotas.

Agora trate de sair, Hertervig!

E eu movo a mão para cima e para baixo em torno de meu pau.

Se você não sair, vou ter que entrar aí, diz o inspetor Hauge.

Ele que entre. Será que já viu um pau? Já até viu como eu me satisfaço, como ele diz. Não quero mais. Hoje é véspera de Natal e vou embora do manicômio de Gaustad, pois se não for embora do manicômio de Gaustad nunca mais poderei me tornar pintor, então nunca mais ensinarei a mim mesmo como pintar, sei disso. E tenho que ir embora. Movo a mão para cima e para baixo em torno de meu pau. As gaivotas malditas. E essas putas malditas. Lá está ela ajoelhada diante do tio, com o pau dele na boca. Tenho que cair fora.

Saia já daí!

E assim estou, com as pernas bem abertas e olhando para a parede, e vejo que o inspetor Hauge força a porta, solto o meu pau e puxo a cueca para cima, pego minha calça. Vejo a porta se abaulando para dentro, e então o inspetor Hauge força o trinco para cima. Vejo a porta vir para dentro. E vejo o inspetor Hauge parado e olhando para dentro do banheiro, para mim.

Não, não, diz o inspetor Hauge. Bem que eu imaginei. Francamente.

E eu olho para o inspetor Hauge.

Preciso falar com o dr. Sandberg, imediatamente, diz o inspetor Hauge.

Olho para baixo.

Trate de se vestir, homem, diz o inspetor Hauge.

Levanto a calça. Fico olhando para o chão.

Não, francamente, diz o inspetor Hauge.

A serpente se enrola, digo eu.

Preciso ir até o dr. Sandberg, agora mesmo, diz o inspetor Hauge. E você fique esperando aqui no porão. Entendido?

E eu respondo que sim com a cabeça.

Abotoe seu macacão!

Abotoo a braguilha.

Saia já, diz o inspetor Hauge.

E eu saio do banheiro. E o inspetor Hauge fecha a porta do banheiro atrás de mim, e ouço o inspetor Hauge dizer que agora ele irá até o dr. Sandberg e que eu fique esperando no porão, diz o inspetor Hauge, e eu balanço a cabeça concordando e vejo o inspetor Hauge atravessar o porão, vejo o inspetor Hauge subir a escada. E agora tenho que cair fora do manicômio de Gaustad. Não posso pintar. O manicômio de Gaustad está cheio de pintores que não sabem pintar. Eu não posso continuar no manicômio de Gaustad. Tenho que ir embora. Tenho que ir imediatamente. Vou até a porta do porão. Olho para fora. Vejo que começou a nevar. Vejo Helge e os outros removedores de neve na parte de baixo da alameda. Vejo suas costas. Vejo suas pás de remover neve movimentando-se para cima e para baixo. Saio, e a neve cai sobre mim. E eu vejo os flocos de neve branca caírem sobre minhas roupas azuis. Tenho que ir depressa. Não posso mais ficar no manicômio de Gaustad, preciso achar minha querida Helene de novo. E não é Helene quem estou vendo lá longe, lá embaixo na alameda? Seu vestido branco? Seus olhos azuis, não são seus olhos azuis que preenchem o céu, não é o céu com nuvens nos olhos de Helene? Desço a alameda. Ando através da neve branca e leve. E os flocos de

neve branca caem sobre minhas roupas. E vejo Helge curvado sobre sua pá de remover neve e ouço Helge gritar e perguntar onde é que estou indo?, e eu grito a plenos pulmões que isso não é da sua conta, que vá meter o focinho em outro lugar, e continuo andando, e lá embaixo, no fim da alameda, vejo minha querida Helene parada, em seu vestido branco, tão branca quanto a neve está ela ali, com seus olhos tão belos quanto o céu com nuvens. Tantas vezes pintei seus olhos. Pintei mesmo tantas vezes o céu com nuvens. Banhado de luz. Céu com nuvens, banhado de luz. Vou apagá-la de meu quadro. Banhado de luz. Luz no céu com nuvens.

Seu vagabundo maldito, grita alguém.

Vá embora, vá, sim, e se enforque, grita um outro.

E uma bola de neve fofa me atinge na nuca.

Enforque-se!, grita alguém.

Vou descendo a alameda, pois agora eles podem atirar quantas bolas de neve quiserem, estou indo embora do manicômio de Gaustad, estou indo ao encontro de minha querida Helene e ouço Helge gritar, que eu me enforque, grita Helge, e vou descendo a alameda e me tornarei pintor, e alguém grita sugerindo que eu me enforque, e vou descendo a alameda e estou indo embora do manicômio de Gaustad e vou apagá-la do meu quadro.

Åsane, começo de noite, final de outono, 1991: Ele, Vidme, caminha em meio à chuva e ao vento, no escuro, ele é escritor, está na casa dos trinta e agora caminha numa calçada com seu sobretudo e pensa que com certeza dificilmente o reconheceriam do modo como anda nessa chuva e nessa escuridão, com seu sobretudo cinza, sob um guarda-chuva preto. Vidme caminha na calçada, inclinado para a frente para se proteger da chuva e do vento, ele vira a cabeça meio de lado, para longe da rua, onde passa uma longa fila de carros, uma sequência interminável de carro após carro, pensa Vidme. Embora esteja com o rosto virado e desviado da rua, Vidme vê que a luz dos faróis dos carros brilha sobre o asfalto molhado da chuva. Vidme vai andando e pensa que precisa dizer o próprio nome e depois só terá que dizer que assunto o traz ali. Ele tem que conseguir. Porque ele, Vidme, um homem na casa dos trinta, embora já com o cabelo levemente grisalho, pensa que encontrou algo importante, pelo qual tem que mudar de vida, ele acredita que, enquanto escrevia, descobriu algo importante, que tem que seguir cultivando adiante pela vida, e por isso Vidme caminha em meio à chuva e ao vento e pensa que os longos anos de trabalho como escritor em algum momento lhe ensinaram algo do qual apenas poucos têm conhecimento, ele viu algo que apenas poucos viram, pensa Vidme, enquanto caminha em meio à chuva e ao vento, pois afinal a pessoa se isola, incursiona isolada e com profundidade em algo, e basta querer que se chega longe o suficiente nessa profundidade, chega-se suficientemente fundo aí, pode-se ver algo que a maioria dos outros não viu, e o que ele agora viu, acredita Vidme, enquanto caminha em meio à chuva e ao vento, é a coisa mais importante que descobriu em todos esses muitos anos em que esteve quase todo dia ali sentado e escrevendo. Vidme acha que seu trabalho como escritor o levou mais longe no interior de algo, mais fundo no interior de algo que ele em alguns instantes, nos momentos felizes de lucidez, reconheceu como um cintilar do divino, mas tanto cintilar quanto o divino são termos que Vidme abomina; se não repudiasse assim tais termos, poderia dizer que vez por outra algo tem cintilado, uma vivência que

pode parecer absolutamente ridícula, é ridícula, tanto aos olhos de Vidme quanto aos da maioria dos outros, mas vez por outra ele tem vivenciado algo, um cintilar, se enfim pudesse empregar tal termo, ele, Vidme, um escritor basicamente fracassado, precocemente envelhecido, imagina ter estado próximo de algo que ele nunca cogitara escrever, tem que chamar de divino. Por isso Vidme vai caminhando agora por essa calçada, em meio à chuva e ao vento. Mas o divino, para não dizer Deus, é um termo que Vidme não consegue usar. No entanto, não dispõe de termo mais adequado para tal. E agora Vidme caminha no começo da noite em meio à chuva e ao vento, agora Vidme caminha na chuva sob um guarda-chuva preto, que neste momento tenta manter um pouco mais baixo diante de si, para se proteger da chuva, agora Vidme caminha numa calçada e o guarda-chuva se infla para dentro acima dele. Hoje Vidme tomou uma decisão. Primeiro dirá seu nome, Vidme, e então depois dirá que assunto o traz ali. Pois Vidme, um escritor basicamente fracassado, agora caminha em meio à chuva e ao vento através do distrito de Åsane, em Bergen. E o vento muda abruptamente de direção e revira seu guarda-chuva. Vidme tenta fechar o guarda-chuva. Mas não consegue, uma ou duas varetas se quebram. Vidme tenta mais uma vez fechar o guarda-chuva, mas não consegue, então Vidme segue caminhando em meio à chuva e ao vento com o guarda-chuva quebrado na mão. A chuva molha seus cabelos. A chuva escorre por seu rosto. Vidme ergue a mão livre e passa-a pela testa, levando os cabelos molhados para trás, tira do rosto a água da chuva. Vidme caminha em meio à chuva e ao vento e tomou uma decisão, hoje à tarde tomou uma decisão. Tem que fazer isso. Não pode mais ficar sentado e ter aquela certeza e deixar de agir. Vidme caminha na chuva. Hoje ele esteve pensando que podia começar um novo romance; mas não o fez efetivamente. Hoje Vidme ia começar um novo romance, que deve ter a ver com os quadros do pintor Lars Hertervig, assim decidiu ele quando uma vez, bem por acaso, devido a uma chuva forte que caía, fugiu de uma rua em Oslo para dentro da Galeria Nacional, era uma manhã chuvosa em Oslo, e Vidme atravessou os salões da Galeria Nacional e então seu olhar incidiu sobre um quadro que o atraía, e então aí está Vidme, olhando para um quadro do pintor Lars Hertervig, chamado De Borgøya, e o escritor Vidme ficou parado diante desse quadro em algum momento no final dos anos 1980, o escritor Vidme esteve parado diante de um quadro do pintor Lars Hertervig, e nesse momento e lugar, numa manhã chuvosa em Oslo, experimentou a mais

grandiosa sensação de sua vida. Sim, foi isso que pensou. A mais grandiosa sensação experimentada em sua vida. E se lhe pedirem que descreva como foi, ele só poderá dizer que se arrepiou, ficou com os olhos marejados de lágrimas e então ouviu passos, ouviu pessoas chegando, que talvez até quisessem observar o quadro diante do qual Vidme agora se achava com lágrimas nos olhos, e aí ele não pôde mais ficar parado com lágrimas nos olhos e observar o céu azul que Lars Hertervig havia pintado e agora se encontrava pendurado numa parede da Galeria Nacional, em Oslo. Ele teve que enxugar os olhos e se recompor. Naquela manhã, quando Vidme, vindo da rua, entregou a pasta no guarda-volumes e entrou, naquela manhã aconteceu algo com Vidme. Ele não sabe exatamente o que aconteceu, mas Vidme acha que a razão pode estar no fato de ele ter algum parentesco com Lars Hertervig, e por isso ficou ali parado diante de um quadro que Lars Hertervig havia pintado e teve aquilo que chama de mais grandiosa sensação experimentada em sua vida. Mas que bobagem, pensa Vidme. Que bobagem. De todo modo, o escritor Vidme decidiu que queria escrever sobre Lars Hertervig, não sobre ele, não, não, mas sobre ele em todo caso, de uma certa maneira. De ressaca, numa cinzenta manhã de outono, em Oslo, o escritor, o mediano escritor Vidme entra na Galeria Nacional. Ali, ele se depara com um quadro de seu parente distante, o pintor Lars Hertervig. Agora ele quer escrever sobre Lars Hertervig, não, não sobre ele, mas em todo caso sobre ele. E hoje, no dia de hoje, ia começar com o trabalho. Mas depois de algumas horas, nas quais não conseguiu escrever uma única palavra, o escritor Vidme levantou-se de sua escrivaninha, vestiu o sobretudo e saiu na chuva e agora Vidme caminha pela rua, numa calçada, em meio à chuva e à escuridão, carrega um guarda-chuva despedaçado e pensa, mais uma vez, que primeiro tem que dizer o próprio nome e depois o assunto que o traz ali, pois o escritor Vidme está a caminho da casa do pastor do distrito em que mora, Åsane, em Bergen. Ele, Vidme, caminha em meio à chuva e à escuridão e está indo falar com um pastor, que na verdade é uma pastora, e assim ele agora está a caminho de uma conversa com uma pastora da Igreja da Noruega, uma igreja que ele ao longo desses anos todos abominou com veemência e da qual se desligou já aos quinze anos. Isso é ridículo. O escritor Vidme pensa que é uma figura ridícula nesse lugar, andando por uma calçada, em meio à escuridão e ao vento, e ele está convencido de que aquilo que desponta rindo, gargalhando da totalidade que constitui um romance tem

algo a ver com o divino, por isso o escritor Vidme está indo hoje à casa da pastora da Igreja da Noruega. O escritor Vidme está profundamente aflito, caminha inclinado para a frente, o rosto levemente virado para o lado, a cabeça inclinada, o escritor Vidme caminha contra a chuva e o vento em seu velho sobretudo cinza, na mão um guarda-chuva preto quebrado. Vidme está indo até uma pastora da Igreja da Noruega. Vidme baterá à sua porta, dirá o próprio nome e então o assunto que o traz ali. Mas é certo que primeiro tem que ser convidado a entrar. E o escritor Vidme continua andando, na chuva. E pensa que é uma figura ridícula. Vidme caminha na chuva e pensa que é alguém que tem pouco ou nada que atenue tal aparência. Porque é um homem ridículo. O escritor Vidme caminha em meio à chuva e é um homem ridículo. Hoje ele ia começar seu novo romance, que já adiou por tanto tempo, chegou a fazer algumas viagens menores, nenhuma tão grande, pois, se existe algo que Vidme faz a contragosto é viajar, viajar é para ele, Vidme, quase um ato de autodestruição. Ele, o escritor Vidme, não suporta viajar, mas algumas viagens menores ele fez, sim, relacionadas a esse seu trabalho de entrar em sintonia com a vida do parente distante, do pintor Lars Hertervig. Ele, o escritor Vidme, viajou, entre outros destinos, a Tysvær, pensa Vidme enquanto vai caminhando em meio à chuva e ao vento, ele, Vidme, viajou a Tysvær e tentou chegar à ilha, a Borgøya, onde o pintor Lars Hertervig nasceu, até chegou a um píer com vista para Borgøya, mas atravessar o mar para chegar à ilha lhe foi absolutamente impossível, ficou parado sobre um píer e havia vários barcos ali atracados, mas ninguém à vista, assim ele, Vidme, ficou parado no píer, olhando para a ilha, do outro lado, a grande ilha Borgøya, onde a seu tempo nascera o parente distante Lars Hertervig e passara alguns anos de sua infância e depois novamente alguns anos na idade madura. O escritor Vidme estava em terra firme e não sabia como haveria de atravessar até Borgøya. Não via ninguém por ali. Mas ficou parado, paciente. Após algum tempo, viu movimentações na margem, um homem de mais idade caminhava pela margem, não longe daquele píer onde ele, Vidme, estava, mas ele, o escritor Vidme, descobriu que não tinha nenhuma vontade de ir falar com o homem, nenhuma vontade de explicar que assunto o levava ali, pensou que seria constrangedor demais fazer uma coisa daquelas, simplesmente dirigir-se àquele homem desse modo, e tudo mais, assim o velho homem podia seguir andando por sua margem sem ser incomodado, e ele, Vidme, ficava em seu píer olhando para Borgøya, do outro lado, para a

ilha onde Lars Hertervig a seu tempo nascera, e o título do quadro, que havia transformado a vida do escritor Vidme, assim ficou prazerosamente pensando, afinal era mesmo De Borgøya, e o quadro devia mostrar uma parte da ilha para a qual o escritor Vidme agora olhava, ele, o escritor Vidme, sobre um píer em terra firme, sem chance, pelo que podia perceber, de chegar à prometida Borgøya. E Borgøya era, afinal de contas, bela. Não havia nada a objetar contra Borgøya. De todo modo, também não há nada de particularmente elogiável a dizer sobre essa inacessível Borgøya, pensa o escritor Vidme, enquanto fica parado sobre o píer e olha para um homem mais velho que caminha junto à margem, a cem ou duzentos metros de distância do píer onde ele próprio se encontra. E, quando o velho homem olha para cima, Vidme se vira e olha para as pedras da margem abaixo, faz como se não estivesse vendo o velho homem, mas depois Vidme se vira novamente para o velho homem que está ali parado e olha na direção de Vidme, sem o ver, de certa maneira, e Vidme pensa que o velho homem absolutamente não o viu, um desconhecido de longos cabelos levemente grisalhos, o velho homem na certa ainda não chegou a vê-lo, do modo como ele está ali sobre um píer, encarado fixamente pelo velho homem, pois o velho homem fica apenas ali parado olhando para o píer onde Vidme se encontra, e o velho homem olha fixamente para a frente, como se não visse pessoa nenhuma. Então Vidme decide que prefere mesmo não atravessar até Borgøya, afinal de contas em Borgøya só há arbustos, mato, pedregulhos, e com a natureza, enfim, Vidme nunca teve boas relações. Vidme decide voltar para casa. E pensa que ele e viagens nunca se deram particularmente bem. Ele e a natureza tampouco. Não significam nada, para ele, pura e simplesmente. Vidme caminha voltando do píer. Então ouve passos, vira-se em direção ao velho homem, mas este está apenas ali parado, e aí Vidme olha encosta acima, em direção à estrada e vê um homem descendo, com botas de cano alto de pescador e com um quepe caído sobre os olhos. Então Vidme pensa que precisa ir embora dali, e depressa. Talvez não tenha permissão nem mesmo de parar ali, talvez aquele seja um píer particular e o homem com as botas de cano alto seja o proprietário do píer. Vidme segue para a margem. Então ouve um homem, que nesse ínterim também desceu até a margem, dizer que belo tempo está fazendo hoje, dá até vontade de sair passeando com um tempo desses, diz o homem, e Vidme pensa que o homem na certa está pensando consigo mesmo e falando com as pessoas como se fossem parte de seus

pensamentos, e aí Vidme pode, enfim, perguntar se ele conhece o pintor Lars Hertervig, pois é por causa do pintor Lars Hertervig que, afinal, veio parar nesse lugar, nesse píer, nesse terrível dia de verão.

Lars Hertervig, diz Vidme.

Sim, Lars Hertervig, sim, esse era mesmo louco, diz o homem.

Sim, diz Vidme, e ele e o homem ficam parados e não dizem mais nada. Você por acaso não é parente dele, é?, Vidme pergunta e no mesmo instante se dá conta de que acaba de grosseiramente ofender o homem.

Sim, tanto de uma quanto de outra maneira, sim, diz o homem, e Vidme pensa que, ainda que não tenha chegado a Borgøya, achou um parente, mas não pode por nada neste mundo contar ao homem que também é parente de Lars Hertervig, senão o homem, na certa um solteirão, muito provavelmente vai convidá-lo para ir até a sua casa e tomar um café, na companhia de sua velha mãe, e então ele vai ter que conversar com a velha mãe do homem, que na certa assou hoje um bolo de que Vidme não vai mesmo gostar, porque café e bolo e velhas senhoras que conversam sobre parentesco, essa mãe também, que igualmente conte que Lars Hertervig era mesmo louco, tudo isso são coisas das quais Vidme não quer participar.

Lars Hertervig, sim, diz o homem.

Ele nasceu mesmo em Borgøya, não foi?, diz Vidme.

Sim, eu também, diz o homem.

Você também?, pergunta Vidme.

Mas nos mudamos da ilha quando eu ainda era pequeno, diz o homem.

Claro, diz Vidme e então ouve uma voz, que pergunta se ele quer ir até lá, e Vidme olha para a margem e vê que o velho chegou quase até o píer e agora está ali parado e olha para esse lugar onde se encontram ele, Vidme, e um homem com botas de cano alto, e então o velho homem diz hoje o tempo está bom demais, e aí os peixes não mordem as iscas.

Você já devia saber disso, Olav, diz o das botas de cano alto.

Sim, eu tenho pescado bastante, diz o velho, que ao que tudo indica se chama Olav.

Eu também pesco, diz o das botas de cano alto e então olha para Vidme e então diz que hoje o tempo está bom, não dá para aguentar em terra firme com esse calor, diz ele, é preciso ir para a água e pescar com um tempo desses, com os peixes mordendo as iscas ou não, diz o homem, e Vidme balança a cabeça concordando, e o homem diz foi um prazer conversar com

você, e Vidme diz sim, igualmente, e então o homem sobe num pequeno barco com motor de popa, aciona-o e parte. Vidme o vê colocar o motor na água, o vê puxar a corda para acioná-lo, e o cheiro é ruim, mas o motor liga, e então o pequeno barco sai do píer lentamente. Vidme olha para Borgøya. Vidme vê arbustos e penhascos e pedregulhos e vê o homem das botas de cano alto de pescador deslizar com seu barco em direção a Borgøya.

Esse aí, hoje, nunca que vai pegar coisa alguma.

Vidme se vira, olha para o velho, que está parado embaixo junto à margem e olha de volta para cima na direção de Vidme.

Quente demais, diz o homem.

Vidme balança a cabeça concordando.

Pescar, só pela diversão, com um tempo desses.

Vidme balança a cabeça mais uma vez concordando e pensa que devia perguntar ao homem sobre Lars Hertervig, uma vez que está ali mesmo e olhando na direção de Borgøya.

Lars Hertervig, diz Vidme.

Sim, esse era louco mesmo, hein?, diz o homem.

Vidme faz que sim com a cabeça.

E eu sou parente dele, sim, diz o velho.

Vidme olha para o velho e então diz que agora precisa ir, e então ele, Vidme, segue para a margem abaixo, e o escritor Vidme caminha sobre a calçada, no escuro, na chuva, e pensa que hoje devia ter começado seu novo romance, devia escrever, a fim de, a seu modo, com seu talento, desvendar alguns dos mistérios humanos que se escondem nas nuvens que o pintor Lars Hertervig pintava, e agora ele caminha no escuro, na chuva, para um encontro que marcou com a pastora da Igreja da Noruega. E o escritor Vidme está molhado. Escorre água de seus cabelos e seu sobretudo está bem pesado. Vidme caminha inclinado para a frente, a cabeça virada para o lado, na chuva, ao vento, e ele, Vidme, pensa que não pode fazer isso, agora precisa dar meia-volta. Vidme caminha na chuva. E Vidme pensa que melhor teria sido continuar tentando começar efetivamente o seu romance. Não deveria ter saído nessa chuva e nessa escuridão. Ele, o escritor Vidme, deveria ter feito algo completamente diferente e agora era melhor tratar de voltar para casa, pois não pode ficar circulando com essa chuva, com essa escuridão e um guarda-chuva despedaçado. Vidme não pode ficar andando assim na chuva, tem que voltar para casa, vestir roupas secas, secar os cabelos e depois sentar-

se outra vez à escrivaninha e tratar de começar seu romance. Mas Vidme continua andando. E então Vidme para diante da porta de um prédio, com seu velho sobretudo, que agora está pesado da água da chuva, e os longos e já levemente grisalhos cabelos estão colados à sua testa e suas têmporas, e Vidme passa mais uma vez a mão no cabelo, estica os cabelos da testa para trás e então tenta secar as mãos no sobretudo, como se fosse tão fácil, pois o sobretudo está quase tão molhado quanto seus cabelos, de modo que suas mãos não vão secar, e Vidme pensa que não pode tocar a campainha e estender a mão molhada para cumprimentar uma pastora da Igreja da Noruega; mas não há nada mais a fazer, pensa ele; além disso, seu visual deve estar mesmo esquisito, molhado como está, pensa ele, e então ele se consola por saber que ali pelo menos se livrou de seu guarda-chuva quebrado, pois à porta do prédio havia um cesto de vime onde colocou seu guarda-chuva, e Vidme esforçou-se tanto quanto pôde para que o guarda-chuva ocupasse o mínimo espaço possível dentro daquele cesto, primeiro tentando forçá-lo para dentro, o que até conseguiu, mas então o guarda-chuva quase lotou o cesto, e ele tirou o guarda-chuva novamente do cesto e foi amassando com brutalidade uma vareta após a outra, até reduzir condizentemente o volume do guarda-chuva, forçou o guarda-chuva mais uma vez para dentro do cesto, tentou acomodá-lo ali, mas tão logo o guarda-chuva entrou no cesto abriu-se sozinho, e o cesto ficou outra vez quase completamente lotado. Então o escritor Vidme desistiu. Olhou ao redor de si, não havia ninguém à vista, e ele abriu a porta do prédio e seguiu para a escadaria, e, enquanto subia a escada, Vidme pensava que não era por causa do guarda-chuva, que agora quase lotava o cesto à porta do prédio, porta atrás da qual morava, entre outros, uma pastora da Igreja da Noruega; não era por causa dele que ele temia que alguém pudesse vê-lo; era antes pelo fato de que alguém pudesse ver como ele, o escritor Vidme, agora, nesse exato instante, estava fazendo o que lhe era inimaginável, indo procurar uma pastora da Igreja da Noruega, ainda por cima uma pastora, isso é realmente constrangedor demais, pensa Vidme, e ele pensa que o primeiro nome da pastora da Igreja da Noruega é Maria, disso ainda consegue se lembrar, mas na pior das hipóteses haverá por aquela escada acima várias pessoas com exatamente o mesmo nome, pensa Vidme, que pelo menos desta vez está bem preparado, pois escreveu o nome da pastora num pedaço de papel que leva no bolso da calça, e então Vidme abre os botões de seu sobretudo, enfia uma mão no bolso da calça e vê o belo

nome Maria escrito no papel. Maria. É com ela, portanto, com a pastora Maria, da Igreja da Noruega, que ele, o escritor Vidme, agora se encontrará. Vidme enfia o papel novamente no bolso da calça. Sacode seus longos e já levemente grisalhos cabelos. Passa os dedos de ambas as mãos pelos cabelos e então seca-as nas pernas da calça e aí ajeita outra vez o sobretudo, abotoa-o e pensa que, embora esteja completamente ensopado, precisa tentar conservar alguma classe. Vidme vai subindo a escada. Passa olhando de relance os nomes das famílias nas duas portas do térreo, mas o nome Maria, pois é com Maria que pretende falar, não está ali, e ele continua subindo até o andar de cima. E ali. Numa porta ali se lê o belo nome Maria. E Vidme para. Vidme olha para a porta e na porta há uma plaquinha de latão onde se lê em letras pretas impressas Maria e acima desta há uma janelinha e, por isso, Vidme pensa que não pode ficar parado por muito tempo diante da porta; ou deve tocar a campainha ou ir embora, mas ele afinal quis ligar para um dos pastores da Igreja da Noruega, nesse distrito de Åsane, onde mora, em Bergen, foi verificar na lista telefônica, em Igreja da Noruega encontrou o número de telefone de um homem que devia ser pastor em seu distrito, Åsane, em Bergen, e imediatamente ligou para o número. E então foi uma mulher que atendeu, a voz parecia quase a de uma menina pequena, e ele, Vidme, perguntou por seu pai.

Meu pai?, perguntou ela.

Sim, o pastor, disse ele, disse Vidme.

Eu é que sou a pastora, disse ela.

Mas, disse Vidme.

Ele está de férias, disse ela.

Oh, sim, disse Vidme, e então ela, a bela voz, que soava tão jovem, aquela bela voz, perguntou de que se tratava, e ele, o escritor Vidme, começou a gaguejar e não conseguiu mais pronunciar nenhuma palavra, depois finalmente conseguiu, sim, explicar que só queria conversar com um pastor, de todo modo a bela voz jovem disse que ele podia vir naquela noite, e então poderiam conversar sobre aquilo, fosse o que fosse, disse ela, a bela e jovem voz disse que ele podia conversar com ela naquela noite, e Vidme disse obrigado, obrigado, queria tanto. E agora ali está ele, Vidme, parado à porta da jovem pastora Maria, e resiste em tocar a campainha. Mas nesse momento Vidme se supera. Dá um toque bem curto na campainha à porta da pastora Maria. Após apertar o botão e ouvir soar a campainha, Vidme se encosta à

parede e olha para o chão, para o capacho da jovem pastora da Igreja da Noruega, essa da bela voz jovem e do belo nome Maria. O escritor Vidme fica parado, olhando para baixo, para um capacho de material trançado. O escritor Vidme fica parado, olhando para o capacho de material trançado da pastora da Igreja da Noruega. E então a porta se abre. E Vidme vê dois pés nus em pantufas marrons e então Vidme vê uma calça de jeans azul-claro e então dois seios volumosos por trás de uma blusa branca e então Vidme vê umas madeixas amarelas e uma farta cabeleira amarela e então Vidme vê uma boca de lábios grossos e então Vidme vê dois olhos grandes e então uma testa alta. Depois Vidme vê a pele bem branca de um braço que descreve uma espécie de ângulo profundamente humano para fora do batente da porta e aponta para o corredor interno do apartamento onde essa criatura visivelmente mora. Vidme olha mais uma vez para esses olhos redondos e então balança a cabeça afirmativamente.

Sim, diz a criatura que segura a porta para Vidme.

É que, diz Vidme.

Sim, diz a voz novamente.

É que, diz Vidme novamente.

Foi você que ligou?, pergunta a voz.

Vidme olha para a criatura no vão da porta e responde que sim com a cabeça.

Então entre, diz a criatura.

Vidme balança a cabeça novamente. E Vidme encara outra vez essa criatura à sua frente. Agora ela está quase completamente escondida atrás da porta aberta. Vidme olha para seu corredor, um corredor comum, dentro de um apartamento comum, como são, afinal, tais corredores em tais apartamentos no distrito de Åsane, em Bergen, onde ele, o escritor Vidme, mora. É para um corredor absolutamente comum que Vidme olha; no entanto, ele é assaltado por uma sensação de abatimento, enquanto está nesse corredor, a sensação de estar diante de algo que pode destruí-lo com o abraço que agora vem sobre ele, uma sensação com cheiro quente de café e roupa de tricô. Vidme está no corredor de um apartamento comum no distrito de Åsane, onde mora, em Bergen, e sente um abatimento que dificilmente consegue explicar para si. Então ele olha diretamente para essa, que se chama Maria. E ela está ali e lhe estende um cabide. E então as mãos de Vidme começam a tremer, e ele, Vidme, com as mãos trêmulas abre o sobretudo, tira-o, pega o cabide,

pendura ali o sobretudo e depois olha para a criatura, e ela olha para ele, e então essa criatura diz que vai pegar seu sobretudo, que pode pendurá-lo num armário de secar roupas, ali pode pelo menos escorrer, e ele entrega-lhe o sobretudo e então se agacha e começa a desamarrar os cadarços dos sapatos, e seus sapatos estão totalmente encharcados, tão molhados estão os cadarços que grudaram e é difícil desamarrá-los. Mas ele consegue soltar os cadarços e tira os sapatos. Ele vê que em um dos pés de sapato a sola está se descolando. Olha para cima e vê que a criatura está em pé ao seu lado e diz que pode colocar também os sapatos dele no armário de secar, assim eles em todo caso também secam um pouco até ele ir embora, diz a criatura, e ele, Vidme, pensa que tolice, é claro que os sapatos nunca mais vão secar, e mesmo suas meias estão totalmente ensopadas, ela que não queira agora também as meias dele, que não queira pendurá-las também para secar, pensa Vidme e, antes que possa objetar algo, a criatura pega seus sapatos e os leva consigo dali. Vidme começa a andar pelo corredor. Ele sente como suas meias grudam no piso e se vira e vê que deixou nítidas pegadas no piso e pensa que não podia ser diferente, sair com um tempo de chuva desses com sapatos leves, e ainda por cima indo visitar alguém, isso não podia mesmo dar certo, pensa Vidme, e então ele pensa que na sala já não pode entrar, para dentro do próprio apartamento, antes que essa criatura, a mulher com o belo nome de Maria, a pastora da Igreja da Noruega, o convide a entrar. E então ali está Maria diante dele, com suas pantufas marrons, com seus pés nus e sua calça de jeans azul-claro e seus grandes seios arredondados sob sua blusa branca, com seus longos cabelos amarelos, esses cabelos ondulados, um pouco cacheados. Maria está no corredor e diz que ele, por favor, e como é mesmo o nome dele?, e ele diz que é Vidme, diz ele, e ela estende a mão para ele, e ele estende a mão para ela, e ele toma-lhe a mão com firmeza na sua e então balança-a e sente que ela está com a mão tão quente e a dele tão fria e molhada, mas segura a mão dela por um longo tempo e pensa que agora, sim, eles se cumprimentaram decentemente e ele olha para ela e vê que ela olha para baixo, e então eles soltam-se as mãos e ele olha para ela, ela olha para ele, ela pede que Vidme por gentileza entre, diz ela, diz Maria. E então Maria entra em sua sala. E então Vidme também entra na sala de Maria. E então Vidme atravessa a sala e vai se sentar num sofá na sala de Maria, que pergunta se ele gostaria de um chá, e Vidme diz que sim, gostaria, e então Maria vai até a cozinha e deixa aberta a porta entre a sala e a cozinha e, se

Vidme levanta os olhos, pode ver Maria em pé diante de sua bancada de cozinha, com sua blusa branca e a calça de jeans azul-claro, pode ver seus pés nus nas pantufas marrons. E Vidme, escritor, trinta e alguns anos, fica ali sentado e olha na direção de Maria, que é um pouco mais jovem que ele, e ela, Maria, é pastora da Igreja da Noruega. Vidme e Maria estão num apartamento bastante comum, no distrito de Åsane, em Bergen. É começo de noite. E Maria não puxou as cortinas, de modo que Vidme pode observar diretamente o escuro de fora, a chuva que estala contra a janela, que escorre pelos vidros abaixo. Vidme também consegue ver a sala refletida nos vidros da janela, uma sala bastante comum, num apartamento bastante comum. E Vidme mais uma vez passa os dedos pelos cabelos e seca os dedos nas pernas da calça. Vidme olha na direção de Maria. E Vidme olha na direção dos vidros escurecidos da janela. E Vidme pensa isto é mesmo absolutamente louco, pois hoje, na verdade, ele ia começar seu novo romance, mas então se levantou e foi à sua sala e aí pegou a lista telefônica e ligou para o número de um pastor da Igreja da Noruega, no distrito de Åsane, em Bergen, onde Vidme mora e trabalha. E Vidme estava ligando para um homem e esperava ouvir uma voz de homem, quando atenderam ao telefone. Mas era uma voz de mulher. Era a voz de Maria. E agora aí está Maria, a pastora interina, na cozinha, preparando chá para ela e para Vidme. E Vidme, que hoje ligou para um pastor da Igreja da Noruega, aí está sentado, tentando entender por que quis ligar hoje para alguém que imaginava como um pastor de idade, muito lido, e ele, Vidme, em seu íntimo sabe que fez aquilo porque, escrevendo, experimentou uma sensação que poderia chamar de um cintilar, não fosse tão grande a contrariedade que lhe causava um termo como esse, o cintilar de algo que ele, à falta de uma palavra melhor, chama de divino. Agora, ele, que por anos e anos se esquivara e pensara ser aquilo uma blasfêmia, vai ter que falar sobre o divino e sobre Deus. Tais termos não devem ser usados. Ou, se alguém usa tais termos como o divino e Deus, não deve querer dizer nada com isso. E, ao ter esses pensamentos, Vidme vê diante de seu olho interior todas as pessoas desesperadas que tentaram dar um sentido à própria vida dizendo que era vontade de Deus que isso ou aquilo acontecesse, pois a escuridão pesava demais, o vento era extremo, o amor oscilava, como sempre, entre matar e cuidar, o mar estava difícil, os partos estavam ainda mais difíceis e, acima de tudo isso, um céu tão enorme. O mar azul e o céu azul. A densa escuridão e o vento sibilante. E então uma igreja, uma casa de

oração, sobre alguns rochedos. Um cemitério na escuridão e na chuva. E tudo isso precisa mesmo ter um sentido. E então o escritor Vidme tomou a decisão de entrar novamente para a Igreja da Noruega. O escritor Vidme não vai participar da vida social, quer estar longe dela e sabe muito bem se isolar assim, de modo a estar tão pouco ligado quanto possível com a vida social. Mas agora Vidme quer, portanto, restabelecer um vínculo com a sociedade. Vidme gostaria de entrar novamente para a Igreja da Noruega, uma igreja que ele nunca suportou e continua não conseguindo suportar, mesmo assim Vidme gostaria de entrar novamente para a Igreja da Noruega. Por isso Vidme quis ligar para um pastor da Igreja da Noruega e por isso está agora sentado no apartamento de Maria e seus belos seios. Vidme vai tentar se manter o mais afastado possível da vida social. E mesmo assim ele, Vidme, quis ligar hoje para um pastor da Igreja da Noruega e Vidme sabe, bem em seu íntimo, que desejava encontrar um homem culto, muito lido, mais velho, alguém tão profundamente impregnado de dor e sabedoria que soubesse falar para além de todas as costumeiras verdades, de preferência um pastor que pudesse imaginar tomando alguns copos de bebida com ele, e que lesse para Vidme belas e verdadeiras passagens da Bíblia, um homem assim é que Vidme gostaria de encontrar. Foi por isso que quis ligar hoje para um pastor no distrito de Åsane, onde mora, em Bergen. E ele, Vidme, é um sujeito extraordinariamente solitário e gostaria muito de conversar com um pastor culto e muito lido, alguém que fizesse aquilo que a Vidme parece impossível em seu trabalho no âmbito da Igreja da Noruega, um pastor que tivesse vivido com outras pessoas, que entendesse como sua missão viver com outras pessoas e marcar as transições no curso da vida dessas, da infância à vida adulta, da velhice à morte, um homem que, ali sentado com seu copo, pelo menos nessa situação, olhasse com grande indulgência para todas aquelas pessoas esquisitas, e esse pastor, portanto, do modo como Vidme o imagina, emprega o termo cristão com muito cuidado, um termo que tantas vezes foi empregado indevidamente que o próprio pastor quase não ousa se chamar de cristão, prefere não falar demais sobre Deus, um homem assim, um homem humilde, um homem que nunca escreveu livros ou artigos, um homem assim é que Vidme gostaria de encontrar. Ele, Vidme, não gostaria de encontrar um pastor com uma bela esposa, um que tocasse violão e cantasse umas músicas, um pastor com belos e obedientes filhos. Um pastor assim Vidme não quer, absolutamente, encontrar. Vidme quer encontrar um pastor que, embora tenha

uma esposa, que na medida do possível não deveria ter, que então seja casado com uma mulher que seja tudo menos bonita e simpática. Vidme quer encontrar um pastor cuja mulher não mantenha o medo tão distante, que saiba que o amor oscila entre cuidar e matar, uma mulher que compreenda o máximo e irradie dignidade em vez de uma sorridente simpatia, ele pensa que a mulher de tal pastor imaginado antes de mais nada se pareça com o marido, no sentido de que, como ele, encubra uma desonra com humilde dignidade, totalmente sem afetação e brilhantismo. Foi para um pastor com uma mulher assim, se fosse mesmo casado, que Vidme tentou ligar hoje. E agora Vidme está sentado e vê a pastora Maria passar pela porta da cozinha e vir trazendo uma bandeja para a sala, e sobre a bandeja há duas canecas e um bule de chá, um açucareiro, uma tigela com biscoitos. Vidme vê Maria colocar a bandeja sobre a mesinha de centro. E então Maria sorri para Vidme. E Vidme acena para Maria com a cabeça, depois olha para baixo. Maria coloca uma caneca diante de Vidme e depois outra diante da poltrona na extremidade da mesinha de centro, voltada para a janela, e Vidme vê a caneca de Maria e Vidme vê a mão que coloca a caneca na mesa. E então Maria serve o chá, primeiro para si mesma, depois para Vidme. E Maria pergunta se ele usa açúcar, e Vidme diz sim, por favor, obrigado, e ela lhe passa uma colher de chá e também o açucareiro. Vidme coloca o açúcar na caneca e vê uma rodela de limão-siciliano no fundo desta. Vidme mexe com a colher o chá na caneca. Vidme vê que Maria se senta. E Vidme prova o chá, mas este está quente demais. Vidme coloca a caneca de volta à mesa. Vidme observa Maria, ela pôs as pernas sobre a poltrona e agora está sentada com as mãos cruzadas sob os joelhos e inclina seus seios por sobre os joelhos. Vidme olha para baixo.

Pois então, Vidme, diz Maria.

E ele, Vidme, olha para baixo e pensa que agora precisa dizer que assunto o traz ali, pois afinal pensou mesmo nisso, pensa ele, mas que assunto o traz ali? ele quer entrar novamente para a Igreja da Noruega? é isso que ele quer? e, sendo assim, por que quer isso? tem medo de, caso contrário, não ser sepultado condizentemente? o que é isso? tem ele pensado que está para morrer e então quer ser sepultado condizentemente? que assunto o traz ali?, pensa o escritor Vidme, cada vez mais confuso, e então pensa que aquilo, afinal, é algo completamente diferente do que havia imaginado, estar ali sentado, na companhia de uma bela jovem com o belo nome de Maria, tomando chá. Sua grande decisão, sua difícil decisão, que fez com que ele,

Vidme, pegasse o telefone e ligasse para um pastor da Igreja da Noruega, levou, portanto, a essa situação, de estar agora sentado num apartamento de muito poucos móveis, no distrito de Åsane, onde ele mora, e tomando chá com uma bela jovem, pensa Vidme, mas o fato é que telefonou e deve ter tido, enfim, um motivo para ter ligado e por isso precisa mesmo dizer, por exemplo, que gostaria de novamente entrar para a Igreja da Noruega.

Então você se chama Vidme, diz Maria.

Vidme, sim, diz Vidme.

E ele precisa mesmo ter um motivo para estar ali, precisa conseguir dizer algo, se ela está perguntando, pensa Vidme e olha para cima, olha para Maria, vê o modo como ela se encontra sentada, olhando de lado de um modo tão belo.

E você se chama Maria, diz Vidme.

Sim, diz Maria.

E agora Vidme vai ter que dizer logo que assunto o traz ali, pensa Vidme, mas ele não quer ser membro da Igreja da Noruega e ouvir todo domingo o sermão de Maria, isso ele não quer, pensa Vidme, olhando para baixo, pega a caneca, toma chá, continua um tanto quente demais esse chá, mas mesmo assim ele toma um bom gole, depois recoloca a caneca na mesa.

Posso fumar?, pergunta Vidme.

E Maria balança a cabeça consentindo.

Você queria falar com um pastor?, pergunta Maria.

Vidme responde que sim com a cabeça.

Algum assunto específico?, pergunta Maria.

Vidme olha para Maria e então diz que seus cigarros ainda devem estar no bolso do sobretudo, e então Maria diz que pendurou o sobretudo para secar, depois coloca os pés no chão e se levanta, e Vidme vê Maria desaparecer em sua cozinha. E Vidme pensa Maria, Maria, como é que vou conseguir sair dessa agora? que devo fazer? pois o motivo de eu ter telefonado para um pastor hoje era que eu queria entrar novamente para a Igreja da Noruega, era esse, Maria, eu havia me decidido e aí chego a seu apartamento, Maria, e a encontro, tão bela como você é, com esse belo nome de Maria, e então era exatamente como entrar numa sala de estar, certa vez na infância, e então, Maria, você quer secar meu sobretudo e quer me servir chá e biscoitos, e claro que precisa me perguntar por que eu queria falar com um pastor, afinal você é a pastora Maria. E vou ter mesmo que lhe dizer por que eu queria falar

com um pastor. E Vidme vê Maria chegando com seus cigarros e seu isqueiro, ela coloca ambos diante dele na mesa e então Maria põe um cinzeiro diante dele na mesa. E Vidme pega um cigarro. E Maria senta-se novamente em sua poltrona do outro lado da mesa. Vidme acende um cigarro. Vidme vê Maria sentada nessa poltrona do outro lado da mesa. Vidme vê Maria agora sentada ereta em sua poltrona.

Sim, diz Vidme.

Algum assunto específico?, pergunta Maria.

Não, só pensei que queria falar com um pastor, diz Vidme.

Há algo em que tem pensado com frequência?, pergunta Maria.

Não sei, diz Vidme.

Você é escritor?, pergunta Maria, e Vidme nota que ela o encara.

Sim, diz Vidme e olha para Maria e balança a cabeça confirmando e ele bem sabia que Maria sabia que ele escrevia livros.

Já escreveu muitos livros?, pergunta Maria.

Por volta de quinze, acho, Vidme diz e coloca o cigarro no cinzeiro.

Pois bem, diz Maria.

Sim, sim, diz Vidme.

Você também deve ter descoberto o divino, não é, diz Maria e ri um pouco.

É provável que sim, diz Vidme.

Deus está em toda parte, diz Maria.

Sim, mas.

Sim, diz Maria.

Não, não, diz Vidme.

Sim, diz Maria. Mas você acredita em Deus?, pergunta Maria.

Não, diz Vidme e hesita.

Não?

Não.

Você não acredita?, pergunta Maria.

De certo modo, está errado alguém dizer que acredita ou não em Deus, já que, afinal, nós de certo modo existimos para que Deus possa ser Deus, diz Vidme.

Sim, entendo, diz Maria e balança a cabeça concordando.

Sim, diz Vidme.

E Jesus?

Não sei.

O importante no cristianismo é que Deus se fez homem em Jesus e podemos ser salvos por ele, diz Maria.

O que significa isso?

Ser salvo significa chegar até Deus. Tornar-se Deus, talvez você dissesse.

Isso são frases feitas, que a mim, de certa maneira, não dizem nada, diz Vidme.

Mas você acredita que Jesus viveu?

Sim, sim. E, se o que está escrito nos evangelhos aconteceu exatamente ou não, para mim não faz diferença. Romances também são assim, a seu modo.

Mas você acredita que Jesus foi crucificado?

Sim, com certeza.

E que Jesus era filho de Deus?

Por que não?, pergunta Vidme e pega sua caneca e toma um pouco de chá e ele, Vidme, pensa que agradável conversar com Maria, ela não é um homem precocemente envelhecido, culto e muito lido com uma esposa idem, mas conversar com ela também é muito bom, com ela, que carrega esse belo nome de Maria, pensa Vidme e então Vidme vê que seu cigarro continua no cinzeiro e já queimou quase até o filtro, ele apaga o cigarro amassando-o, pega um novo, acende-o, fuma, toma um pouco de chá, continua fumando. E então Maria pergunta se ele gostaria de tomar um pouco de vinho. Vidme ouve Maria perguntar se, em vez de ficar ali sentado e tomando apenas chá, ele não preferia tomar um pouco de vinho, e ele bem que gostaria, sim, mas ela não precisa tomar vinho por sua causa, portanto o que deve ele responder? recusar? mas gostaria muito de tomar um pouco de vinho? preferia até cerveja, pois não é de tomar muito vinho, prefere cerveja e uísque, sempre foi e será assim, o escritor Vidme prefere beber cerveja e uísque a vinho, mas o mesmo não se poderá dizer da pastora Maria, pensa Vidme, e então ele pensa que ela está perguntando se ele gostaria de vinho para não dar a impressão de que ela, Maria, seria tão fechada como o restante do povo cristão norueguês, pois assim é que eles se denominam, eles se denominam povo cristão norueguês! que expressão pavorosa! a mais pura blasfêmia, pensa Vidme, e ele, Vidme, se surpreende usando agora outra vez o termo blasfêmia, pensa Vidme, e então Vidme diz que aceitaria um pouco de vinho, caso Maria também queira tomar um pouco de vinho, diz ele, e Maria diz que gostaria de tomar um pouco de vinho, que na verdade só estava aguardando uma desculpa para tomar um pouco de vinho, é que se mudou há pouco para esse

apartamento, não conhece quase ninguém nesse lugar, e não consegue, no entanto, tomar vinho sozinha, diz Maria, e é porque se mudou há pouco que o apartamento ainda está tão vazio, diz ela, concederam-lhe um apartamento mobiliado, quando ela foi incumbida dessa função de interina, diz ela, e foi mesmo inacreditável ter conseguido essa função de interina, diz ela, primeiro por ser mulher e, além disso, por ser jovem e ainda não ter também propriamente muita experiência, mas de todo modo teve boas notas em seus exames, diz Maria, e desde então tem até se adaptado bastante bem ao trabalho, e as coisas correm igualmente bem com a congregação de fiéis, diz Maria, e Vidme pensa que também não suporta o termo congregação, um termo horrível esse, uma blasfêmia! e Maria diz que tais congregações são mais receptivas que a maioria das outras congregações, e Vidme pensa que ela deve querer dizer congregações em distritos como esse, em distritos como esse em que ele mora e trabalha, deve ser isso que ela esteja querendo dizer, pensa Vidme e alegra-se um pouco, pois Maria afinal está dizendo que as coisas estão indo bem com seu novo trabalho, que na certa pareceu um pouco intimidador quando assumiu, ela diz que as coisas vão bem com o trabalho, e isso o alegra. Vidme percebe que se alegra com Maria, por ela estar se dando bem em seu trabalho. E então Maria diz que vai buscar uma garrafa de vinho. E novamente Maria vai à sua cozinha, e Vidme se levanta, pois a calça está lhe colando nas pernas, e ele as solta e as agita um pouco e é agradável sentir que se soltaram as pernas e então Vidme passa os dedos pelos cabelos e seca os dedos na lateral das pernas da calça e agora precisa se sentar de novo, pensa Vidme e se vira e observa sua imagem refletida nos vidros escurecidos da janela, e sua aparência não é propriamente boa, se pensarmos que Maria agora vai trazer o vinho e tal, pensa Vidme. E então ouve Maria vindo e Vidme se vira e vê Maria entrar na sala, uma garrafa de vinho numa das mãos e duas taças na outra, e Maria põe tanto a garrafa quanto as taças sobre a mesinha de centro, com a qual não tem nenhuma relação, uma vez que a mesinha já estava ali quando ela chegou, a mesinha de centro simplesmente estava ali, como todo o apartamento e todos os outros móveis ali estavam, quando Maria chegou ao distrito de Åsane, em Bergen. E Vidme vê Maria novamente sumir na cozinha e ele continua parado quando Maria retorna com um saca-rolhas. Vidme vê Maria começando a abrir uma garrafa de vinho. Vidme volta a se sentar no sofá. Vidme vê Maria abrir uma garrafa de vinho. Vidme ouve Maria dizer que tipo de vinho é aquele e que é um vinho muito

bom, diz Maria. E Maria coloca uma taça diante de Vidme e depois serve o vinho tinto na taça de Vidme, então serve vinho tinto da garrafa na taça que está no meio da mesinha, e aí Maria coloca a garrafa no meio da mesinha e vai para a poltrona e senta-se ali, na poltrona que ali estava quando ela se mudou para esse apartamento mobiliado, uma poltrona com a qual Maria não tem nenhum tipo de relação, uma poltrona na qual Maria apenas fica sentada como ficaria em qualquer uma, uma poltrona que Maria não comprou porque lhe agradasse ou porque estivesse com bom preço ou porque fosse boa de se sentar. Maria fica sentada nessa poltrona que lhe é estranha e ergue sua taça de vinho, ergue-a na direção de Vidme, porém Vidme só olha para o nada, como se perdido em pensamentos, mas Maria diz saúde!, e Maria diz saúde, Vidme!, e Vidme ergue os olhos e olha para Maria e então também Vidme ergue sua taça e Vidme diz saúde!, sim, saúde!, diz Vidme, e Vidme olha para Maria, e Maria olha para Vidme, e então os dois provam o vinho. Vidme enche logo a boca. Vidme recoloca a taça na mesinha. E Vidme fica ali sentado e olhando para o nada e pensando que não era assim que havia imaginado o seu encontro com um pastor da Igreja da Noruega, e ele, o escritor Vidme, tem a impressão de que Maria não gostaria, de modo algum, que ele entrasse novamente para a Igreja da Noruega, ainda que nesse momento seja pastora ou, melhor dizendo, pastora interina da Igreja da Noruega.

Mas então, Vidme, diz Maria.

Vidme olha para Maria.

Tinha algum assunto específico sobre o qual você queria falar com um pastor?

Vidme ouve Maria perguntar se havia algum assunto específico sobre o qual ele, Vidme, queira falar com Maria. E Vidme, com a cabeça, responde que não.

Por acaso não está querendo entrar de novo para a Igreja da Noruega ou coisa parecida?, pergunta Maria.

Vidme ouve Maria perguntar se ele por acaso não está querendo entrar de novo para a Igreja da Noruega ou coisa parecida, e era exatamente isso que ele estava querendo, embora não tivesse coragem de admiti-lo, é uma espécie de derrota para ele, é como se caísse uma fronteira, sim, ele queria falar hoje com um pastor da Igreja da Noruega porque queria novamente entrar para a Igreja da Noruega, por isso foi que fez aquilo, talvez, pensa Vidme, mas

talvez não necessariamente por isso. A única coisa certa é que ele decidira que queria encontrar e falar com um pastor precocemente envelhecido, culto e muito lido da Igreja da Noruega, isso era tudo, mas na verdade talvez Vidme preferisse acima de tudo que esse pastor culto e muito lido então lhe dissesse que ele devia entrar de novo para a Igreja da Noruega, que se sentiria pertencente a ela, ele, Vidme, exatamente como o próprio pastor, se sentiria pertencente à Igreja da Noruega, talvez Vidme tivesse sonhado que um pastor lhe dizia isso, naquele estado em que o sonho ainda não tem muita clareza, pensa Vidme, e, pensa ele, o fato de querer entrar de novo para a Igreja da Noruega certamente se explicava por ter se saído tão bem em seu retirar-se da sociedade, Vidme pensa e olha para sua Maria, ele pensa sua Maria e vê que ela está ali sentada e olhando para o nada. Assim está bem, pensa Vidme, pois eles estão ali simplesmente sentados, cada um com sua taça de vinho, e nem precisam ficar falando o tempo todo, assim é que deve ser. Assim está bem. E Maria é uma boa moça, pensa Vidme. E ele não gostaria de contar a Maria que queria falar com um pastor, com o intuito de entrar novamente para a Igreja da Noruega, isso iria aborrecer Maria, pois ela, mesmo sendo uma pastora da Igreja da Noruega, não ia mesmo querer que ele, o escritor Vidme, entrasse novamente para a Igreja da Noruega.

Acho que talvez eu quisesse isso, diz Vidme.

Você se desligou da igreja?, pergunta Maria, e Vidme percebe que a voz de Maria soa um tanto assustada, mas de um modo tão artificial, tão artificial, soa quase como se essa Maria quisesse lhe pregar uma pequena peça.

Sim, diz Vidme. Há muitos anos.

E agora quer entrar para ela de novo?, pergunta Maria.

Talvez, diz Vidme.

Isso não deve ser nenhum problema, diz Maria.

Mas eu não sei se quero, diz Vidme.

Posso entender bem isso, diz Maria.

Você mesma já pensou alguma vez em sair?, pergunta Vidme.

Maria responde que sim com a cabeça.

Mas decidiu aguardar mais, em todo caso?

Maria balança a cabeça novamente e então ergue sua taça e bebe um pouco do vinho.

Mas o curso de teologia era interessante, diz Maria.

Com certeza, diz Vidme.

Sim, era, Maria diz e toma mais um gole de vinho e então Maria dá um suspiro profundo e então diz que ele, Vidme, não combina, de modo algum, com a Igreja da Noruega, pois ele, Vidme, é afinal um místico religioso, exatamente, até onde ela pode entender, e, se há algo que a Igreja da Noruega não quer são místicos, pois basta alguém manifestar um único pensamento digno de um místico que todos parecem entrar em pânico, diz Maria, toma mais um gole de vinho, depois olha para Vidme e diz que inclusive leu um de seus romances, ela o tem, mas não o trouxe consigo para esse lugar, claro que não, diz ela, não pense ele que ela fez isso, diz ela, mas de fato leu um de seus romances e não sabe mais se gostou especialmente, mas como leu esse romance, pode afirmar sem a menor dúvida que ele, que Vidme, absolutamente não se sentirá pertencente à Igreja da Noruega. É tudo o que pode dizer, e ela sabe do que está falando, diz Maria. E Vidme encolhe-se no sofá da mulher com o belo nome de Maria e vê a si mesmo caminhando em meio à chuva e à escuridão, ao vento, vê seu guarda-chuva se revirar, vê-se levantando da escrivaninha onde tentou começar seu novo romance, vê-se indo ao telefone, vê-se indo até a pastora, vê-se caminhando em meio à chuva e ao vento, no escuro, vê-se sorrateiramente subindo a escadaria até o apartamento da pastora e então ouve a pastora Maria dizer que ele não pode se sentir pertencente à igreja onde ela é pastora, pois é isso, sim, que ela diz, pensa Vidme e sacode seus cabelos molhados. E Vidme pensa que talvez seja um místico, talvez seja isso, e é bem óbvio que escreva romances. Mas Maria acha que ele de modo algum se sentiria pertencente à Igreja da Noruega. E isso na verdade ele mesmo já até sabia, estava claro, pois para ele, assim como para a maioria das outras pessoas, a Igreja da Noruega é para lá de conhecida e, nas vezes em que ele assistiu a um culto, algo o preencheu, uma espécie de vazio, um tão terrível, um tão, sim, de alguma maneira tão abominável, tão destruidor vazio e um tal acúmulo de palavras sentimentais Vidme não é absolutamente capaz de suportar, ele desconhece coisa pior, tais acúmulos de palavras sentimentais Vidme nunca pôde nem pode tolerar, e mesmo em seus romances nunca emprega acúmulos de palavras sentimentais do tipo e com toda a certeza não se sente pertencente à Igreja da Noruega e, se há uma coisa da qual ele está certo, então seguramente é de que não se sente pertencente à Igreja da Noruega, e é provável que tenha sido justamente por isso que quis fazer contato com um pastor da Igreja da Noruega, e por que razão ela agora, essa com o nome de Maria, diz que ele não se sente

pertencente à Igreja da Noruega? Ela está enganada. Ele nunca se sentiu pertencente à Igreja da Noruega, e esse também não é, em absoluto, o motivo para querer entrar novamente para a Igreja da Noruega, de modo algum. Que ninguém pense uma coisa dessas.

Em que você está pensando?, pergunta Maria.

E ele, Vidme, ergue sua taça e bebe. E Vidme recoloca a taça de vinho na mesinha e então Vidme sacode os seus cabelos molhados e levemente grisalhos.

Eu não me sinto pertencente à Igreja da Noruega, mas não é esse o motivo para eventualmente querer entrar de novo para a Igreja da Noruega, diz ele.

Então Maria ri.

Você entende?, pergunta Vidme.

E Maria balança a cabeça, fazendo que não, depois que sim, alternadamente. E Maria se curva sobre a mesinha de centro, que não é sua mesinha de centro, e sim apenas uma mesinha de centro que estava com todos os outros móveis no apartamento quando ela entrou, pois Maria mora num apartamento alugado e mobiliado e agora está sentada na poltrona alugada e se curvou sobre a mesinha, colocou os cotovelos sobre o tampo da mesinha, apoiou o queixo sobre a palma das mãos, e suas mãos repousam junto às suas faces direita e esquerda, assim está Maria ali sentada, uma taça de vinho tinto pela metade sobre a mesinha de centro à sua frente, assim está Maria ali sentada, com um riso no rosto. E Maria olha para Vidme. E Vidme está sentado, olhando para a mesa e pensando que só precisa ir embora logo, não pode ficar sentado nesse lugar com Maria, ela não compreende do que ele está falando e, além disso, ela mesma preferia não ser pastora, não queria nem sequer pertencer à igreja onde é pastora, ao que parece, e então ele, Vidme, precisa ir embora, quanto mais cedo, melhor, não é sensato, ora, ele não quer mesmo entrar de novo para a Igreja da Noruega e ele quer entrar de novo para a Igreja da Noruega e ligou para um pastor e não sabia por que estava ligando para um pastor, por isso não pode simplesmente ficar sentado nesse lugar e tomar vinho com Maria, que está ali sentada com seus grandes seios arredondados sob sua blusa branca, está ali sentada em sua calça de jeans azul-claro, os pés nus em pantufas marrons, ele não pode ficar sentado assim, isso não pode ser, pensa Vidme, e também não pode ir embora, afinal Maria acaba de abrir uma garrafa de vinho tinto, certamente de uma boa marca, pensa Vidme, ele não entende nada de vinho, mas certamente esse é

de uma boa marca, pensa Vidme e ele não quer ficar sentado nesse lugar e tomar vinho com Maria, com uma pastora interina da Igreja da Noruega, com ela, que tem o belo nome de Maria e, na verdade, não queria nem ser pastora nem pertencer à igreja em que é pastora, pensa o escritor Vidme. Ele, Vidme, não quer isso. Pois, na verdade, já existe gente suficiente que conseguiria se imaginar tomando vinho com o escritor Vidme, e ademais não é difícil achar alguém que não seja pastor da Igreja da Noruega e que também não queira ser, do mesmo modo como tampouco é difícil achar alguém que esteja na Igreja da Noruega, mas não queira estar, esse é, aliás, justamente o mais comum. E Vidme não é, nem gostaria de ser pastor, e no entanto admira pastores. Pois que enorme autoestima precisa ter um pastor, pensa Vidme, mesmo nem querendo ser membro da Igreja da Noruega, pois também esta é, até onde ele é capaz de avaliar, segura demais de si mesma. Vidme não é um sujeito corajoso. E para Vidme é difícil compreender como alguém pode estar tão seguro de sua causa, como os pastores da Igreja da Noruega, pois ter fé não consiste, afinal de contas em estar seguro, e sim em estar inseguro, viver num estado de admiração em que alguém vê aberturas para uma luz, em que alguém vê coisas que não é possível compreender. Aí se encontra Vidme. E aí é que Vidme não quer estar. E Vidme não quer ficar sentado assim, molhado e desgrenhado nesse apartamento, nesse apartamento alugado e parcamente mobiliado de uma pastora interina da Igreja da Noruega, isso Vidme não quer. E Vidme ergue a taça e termina de beber o vinho. Vidme olha para Maria, ela se sentou novamente na poltrona, está ali sentada e segura a taça de vinho na mão, à frente de seus seios arredondados.

Você pensa muito, hein, diz ela.

Sim, diz ele.

E fala pouco, diz ela.

Vidme balança a cabeça concordando.

Tem conseguido escrever bem?, pergunta ela.

Sim, sim, diz Vidme.

E ele, Vidme, se levanta.

Você tem que ir?, pergunta Maria.

Sim, sim, diz Vidme.

Imediatamente?

Sim.

Mas, diz Maria.

Tenho que ir, diz Vidme

Eu o acompanho até a porta, disse Maria.

E então Vidme foi para o corredor. Maria o seguiu e foi buscar seus sapatos e seu sobretudo do armário de secar, e ele vestiu e calçou tudo e então Vidme disse que fora agradável conversar com Maria, e Maria disse que fora agradável conversar com ele, e Vidme agradeceu pelo vinho e assim Vidme seguiu andando pelo corredor e então Vidme saiu caminhando em meio à chuva e ao vento e à escuridão, de volta para casa, para seu apartamento. E enquanto caminhava, Vidme ia pensando naquilo que Maria dissera quando ele saía, que era só ele ligar, caso acontecesse algo, que era só ligar, que podia ir visitá-la outra vez quando quisesse e que ele parecia não estar tão bem, dissera ela, que quando precisasse falar com alguém, era só entrar em contato, bastava ligar e então simplesmente ir visitá-la, que ela não conhecia ninguém nessa cidade, assim ficaria contente com sua visita, dissera ela, Maria, pastora interina da Igreja da Noruega no distrito de Åsane, em Bergen, onde Vidme mora, pedira que ele sob nenhuma hipótese fosse à igreja ouvi-la no culto, que aquilo seria destrutivo tanto para ele quanto para ela, para ambos, dissera ela. Mas que ele simplesmente ligasse para ela ou fosse visitá-la. Já ir à igreja para ouvi-la, ele não deveria. Vidme caminhou de volta para casa, em meio à chuva e à escuridão e ao vento. E ele, Vidme, pensa que nunca mais ligará para Maria. Ele, Vidme, nunca mais visitará Maria. Se há algo que ele sabe com certeza, então é isso. Vidme caminha em meio à chuva e chega em casa, tira suas roupas molhadas e Vidme pensa em primeiro ler um pouco, depois dormir, então acordar, depois sentar-se à escrivaninha, enquanto lá fora continua chovendo sem parar, então vai se sentar e deixar o olhar perder-se pela sala. E aí escrever, agora ele resolveu que vai escrever, e hoje já se sentou uma vez, para começar, mas em vez disso saiu, foi ligar para um pastor do distrito de Åsane, onde mora, era uma pastora, ele chegou mesmo a ir até a casa dessa pastora, uma mulher jovem, que lhe ofereceu chá e vinho, disse que quando ele precisar conversar com alguém que é só ligar para ela, e Vidme não gosta quando alguém lhe diz uma coisa dessas e por isso resolveu que nunca mais vai ligar de novo para Maria e também não vai nunca mais visitá-la de novo e também não vai nunca mais ligar para qualquer pastor que seja, ficará apenas ali sentado, em seu escritório, sentado ali ano após ano, ficará apenas sentado ali, escrevendo, e que agora Deus lhe seja misericordioso, Deus seja misericordioso, para que ele consiga escrever.

Agora ele precisa conseguir escrever. Aí está o escritor Vidme, sentado, pensando. Que agora Deus lhe seja misericordioso, para que ele consiga escrever.

Melancolia II

Stavanger, início de outono, 1902: A Oline vai subindo de volta do mar pela ladeira íngreme, apoiada sobre a bengala, ela caminha passo a passo, e os pés lhe doem tanto que ela mal consegue avançar, mas tudo bem, passo a passo a Oline vai se arrastando para cima, com uma das mãos ela segura a bengala, na outra leva dois peixes presos a uma linha de pesca e ai, como dói, pensa a Oline, ai, como é íngreme esta ladeira do mar até sua casa, no alto, e todo dia ela tem que penosamente subir essa ladeira, ali estão as casas dos dois lados, bem próximas umas das outras, no alto da íngreme ladeira que sobe do mar, e bem lá em cima, no topo, mora então a própria Oline em sua pequena casa branca. E a Oline sobe penosamente, passo a passo. Numa das mãos leva a bengala, na outra os dois peixes que ganhou do pescador Svein, hoje ela ganhou peixe, o pescador Svein não quis receber um único centavo pelos peixes, talvez ciente de que a situação para ela esteja um pouco precária, mas terá ela contado alguma coisa sobre isso, não, a Oline não disse nem uma palavra sequer, nem uma palavra, pensa a Oline. Só mais um pouco agora, e então ela poderá parar para respirar um pouco, antes de seguir pelo último trecho, pensa a Oline. O pescador Svein, sim. O que ela já comprou de peixe dele, pensa a Oline e então ouve alguém chamá-la.

Oline, chamam-na.

Oline!, chamam outra vez

e a Oline para. Pois alguém a chamou mesmo por ali.

Oline, chamam mais uma vez.

E a Oline olha para a casa ao seu lado, e ali, no segundo andar, vê a Signe com a cabeça para fora da janela.

Oline!, chama a Signe.

Ei, Oline, diz ela.

Espere aí, Oline, diz a Signe.

Vou aí falar com você, diz a Signe,

e a Oline vê a Signe desaparecer da janela ali em cima, e sim, a Signe, pensa a Oline, foi a Signe quem chamou, e como foi que ela não ouviu logo

que era a Signe quem estava ali chamando, não, as coisas realmente não estão mais como eram antes para ela, não, ela não consegue se lembrar de mais nada, agora é assim, não consegue se lembrar de mais nada, não se lembra mais nem do que comeu no almoço, como dizem, somente de coisas de sua infância e juventude ela consegue se lembrar, dessas, aliás, ela se lembra como se tivessem acabado de acontecer, pensa a Oline, mas agora a Signe a chamou, disso se lembra bem, e de que a Signe não costuma chamá-la com frequência, porque ela e a Signe nunca foram melhores amigas, não, pensa a Oline, não que fossem inimigas, não, isso também não, mas por alguma razão não eram particularmente entrosadas, talvez porque a Signe sempre se fizera de tão fina, por assim dizer, a Signe sempre achara mesmo que a Oline não tinha tanto valor, que sua casa não era suficientemente limpa, que seus filhos não andavam suficientemente asseados, dizer isso ela nunca disse, a Signe, mas pensava, não, não há dúvida de que sim, pensa a Oline, não, a Signe seguramente nunca achou que a Oline fosse alguém elegante, não, pensa a Oline, e ela mesma também nunca gostou propriamente da Signe e, verdade seja dita, elas deveriam ser consideradas inimigas, pensa a Oline, não, não exatamente inimigas, mas amigas em todo caso não eram, e Signe nunca a havia chamado até hoje, sendo que ela passava por ali quase todo dia com o peixe comprado lá embaixo, junto ao mar, inúmeras vezes passara ao lado da casa da Signe e até hoje a Signe não a chamara, e ela também nunca encontrava a Signe, todas as vezes que descia ao mar e depois subia de volta com peixe, portanto a Signe devia intencionalmente evitá-la, pensa a Oline, mas agora a Signe a chamou, o que será agora?, pensa a Oline, enquanto fica ali parada com os peixes numa das mãos e a bengala na outra, e a Oline pensa por que afinal a Signe a terá chamado agora? o que estará querendo ela? por que a estará chamando de repente?, pensa a Oline e vê a Signe saindo de casa e a Oline vê agora que a Signe envelheceu, ela, que quando jovem fora tão bonita, agora está velha e curvada, pensa a Oline e vê que a Signe usa um avental e vem em sua direção. O que estará querendo a Signe agora?, pensa a Oline.

O Sivert, diz a Signe,

e a Oline pensa, ah, sim, pois então é sobre meu irmão, mas por que esse irmão com quem ela se dava tão bem quando era uma menininha foi se casar com alguém como essa Signe ela nunca entendeu bem, pensa a Oline.

O Sivert está mal, diz a Signe.

Estou com medo de que ele não dure muito.

A Oline olha para a Signe. Que o Sivert não esteja bem não é novidade, mas que agora sua situação esteja tão ruim, não, isso não é uma boa notícia.

Não diga, diz a Oline.

A Signe balança a cabeça confirmando.

E está cada vez pior, hoje ficou ainda pior, diz a Signe.

Oh, não, isso é grave, diz a Oline

e sente um tremor lhe percorrer o corpo, não, agora também o Sivert vai ter que partir, primeiro foi o Lars, e agora é o Sivert, tinham praticamente a mesma idade, partiu o Lars, mas o Sivert, esse foi sempre tão saudável e animado, nunca ficou doente, era só esforço e trabalho o dia todo, também ele vai ter que partir agora?

Sim, acho que ele está nas últimas, diz a Signe.

E o Sivert, diz a Signe

e se interrompe, e a Oline pensa que ele deve estar querendo falar com ela, com a irmã, então, se ele tem que partir, não é de admirar que, tendo que partir, queira dizer adeus à irmã, e então ela certamente terá que entrar na casa da Signe, e nessa casa ela nunca pôs os pés, até onde pode se lembrar e, se tivesse estado lá ainda ontem, provavelmente também não iria se lembrar. Tudo o que acontece ela esquece mesmo, pensa a Oline. Mas que o Sivert tenha que partir. Não, isso não pode acontecer tão depressa. A Signe deve estar exagerando um pouco, afinal sempre se preocupou tanto e sempre exagerou, a vida toda foi cheia de si, e agora pelo visto começou a imaginar que o Sivert está para partir em breve.

Ele pediu que eu fosse buscá-la lá em cima, diz a Signe.

Está deitado lá no sótão, diz ela,

e a Oline balança a cabeça afirmativamente.

Você vem, não?, pergunta a Signe.

Claro que vou, diz a Oline.

O Sivert me disse para pedir a você que viesse, diz a Signe.

Mande lembranças minhas para ele, diga que eu vou, diz a Oline.

A Signe fica observando a Oline.

Você pode vir comigo, agora mesmo, diz ela.

Mas preciso primeiro passar em casa, preciso me arrumar e tudo o mais, preciso levar os peixes para casa, pelo menos, diz a Oline.

Sim, e então você não demora, não é?, diz a Signe.

Vou imediatamente, diz a Oline.

Sim, faça isso, ele quer tanto vê-la, diz a Signe.

Mande lembranças minhas para ele, diga-lhe que estou indo, diz a Oline.

Sim, venha mesmo, diz a Signe,

e a Oline vê a Signe dar meia-volta e ir rápido para casa e a Oline pensa não, agora também o Sivert tem que partir, não, ela nunca teria imaginado isso, mas tão mal ele não deve estar, ela deve estar só exagerando um pouco, a Signe, de todo modo ela pode mesmo primeiro levar o peixe para casa. E está um pouco apertada, talvez precise primeiro ir até a casinha, mas que ninguém vá pensar que a Oline queria ir à casinha da Signe, não, isso ela não quer, pensa a Oline, isso não. Precisa chegar em casa com o peixe. E então vai à casinha. E depois talvez troque de vestido, pois se porventura as coisas estão como diz a Signe, ou seja, que o Sivert está nas últimas, em todo caso o irmão pediu à esposa que fosse buscá-la, do contrário a Signe na certa jamais teria feito isso, pensa a Oline, portanto ela tem mesmo que ir lá, tem que ir à casa da Signe, onde em todos esses anos nunca pôs os pés, pensa a Oline, uma vez que o irmão, o Sivert, seu querido irmão, quer vê-la, então ela tem que ir lá, e meu Deus, como admirava o irmão, o Sivert, quando criança, provavelmente por ser ele tão grande e forte, um garoto tão vistoso, sem contar mais tarde, quando ficou moço, com aqueles seus braços fortes, as pessoas falavam sobre isso, sobre como ele era forte, sim, falavam, era um pedaço de homem, o Sivert, sim, pensa a Oline, mas será que não devia mesmo ir imediatamente vê-lo? se ele está de fato deitado à beira da morte, talvez ela não chegue mais a tempo, se quiser primeiro ir para casa com o peixe, pensa ela, e, além disso, está doendo tanto caminhar, os pés doem tanto, basta ela dar alguns passos e já começa a dor, pensa a Oline, não, ela devia subir imediatamente para ver o Sivert, por que não fez isso? porque a Signe lhe pediu? porque lhe desagrada a ideia de ir à casa da Signe? por isso?, pensa a Oline, e agora certamente não pode fazer nada senão tropegar até sua casa com os peixes e também está se sentido apertada, precisando, apertada na frente e atrás, se não está enganada, pensa a Oline, e agora não pode deixar escapar nada na calcinha, agora isso não pode sair sozinho, agora ela tem que ir depressa para casa com os peixes, depois pode ir à casinha, sim, pensa a Oline, e faz bem ficar um tempinho parada quieta, é só parar de andar que as dores nos pés passam, pensa a Oline. Mas agora ela tem que primeiro subir mais um trecho. E ainda que tenha parado um pouco nesse

local onde em geral nunca para, pode em todo caso, já que parou mesmo para fazer uma pequena pausa, permitir-se uma pequena pausa, ora, pensa a Oline, e agora tem que pôr o corpo em movimento, pensa ela, agora não pode ficar mais tempo aí parada, mas que coisa triste essa do Sivert, também vai ter mesmo que partir agora? não faz tempo que se foi o Lars, e agora o Sivert também tem que partir? assim, certamente logo será a vez dela também, pensa a Oline. Pudesse ela partir, pensa a Oline e apoia a bengala e depois um dos pés e ai, como está difícil isso, é como se ela tivesse que arrancar o pé fora e chutá-lo para a frente, é essa a sensação, como se fosse rasgar-se a si mesma, é essa a sensação, e agora está quase pior do que nunca, provavelmente porque ela parou no ponto onde a ladeira é mais íngreme, se pelo menos a dor fosse constante, mas essas fisgadas, essas pontadas, não dá para suportar, pensa a Oline e avança também com o outro pé e a Oline vai se movendo ladeira acima, lentamente, enquanto lhe doem ambos os pés, a Oline vai se movendo ladeira acima, a bengala numa mão e os peixes na outra, assim ela vai se movendo para cima, e agora mais esta, o Sivert tendo que ir embora? não, isso é ruim demais, pensa a Oline, não, que o Sivert também tenha que partir, não pode ser, pensa ela, não podia Nosso Senhor preferir dar a ela a redenção, a ela, que tem tanta dor, pensa a Oline, e agora precisa andar mais um trecho, aí finalmente vai poder parar, quando estiver vendo sua casa, então vai poder parar e respirar um pouco, como de costume, pensa a Oline, só mais um trecho agora, aí finalmente vai se livrar da dor, pensa a Oline, e seus pés doem, e a Oline pensa que o que sente é como se doesse por toda parte onde é possível doer, pensa a Oline, e agora vai logo poder parar, pensa ela, agora está quase lá, mas ter que caminhar esse mesmo trecho hoje pela segunda vez, não, simplesmente é demais, mas se o Sivert está deitado à beira da morte, ela vai ter mesmo que ir lá e falar com ele, se pediu que a levassem até ele, então ela vai ter mesmo que ir lá, pensa a Oline. E agora pode parar, ainda que tenha inesperadamente feito uma pequena pausa no ponto mais íngreme da ladeira, porque sempre se permite fazer uma pequena pausa, onde quer que seja possível se permitir isso, pensa a Oline. E a Oline para. E a Oline fica parada. E a Oline sente como a dor nos pés vai cedendo. E a Oline olha para cima, para sua casa, e sua casa é tão bonita, porém pequena, ela mora numa casa bem pequena, porém bonita, pensa a Oline, principalmente desde que mandou pintá-la de branco está bonita, pensa ela, enquanto fica ali parada, descansando apoiada na bengala e

respirando um pouco. E a Oline sente como a dor nos pés vai diminuindo, tudo ficando melhor, mas aí ela pensa que mais uma vez vai ter que descer e subir a ladeira hoje, e vai precisar conseguir, pensa a Oline, apenas descansar um pouco agora, é preciso mesmo descansar, pois os pés lhe doem tanto, basta ela andar um pequeno trecho e já começa a dor nos pés, e ela está respirando com dificuldades, que porcaria, e é íngreme o caminho do mar até sua casa, no alto, antigamente ela subia do mar até sua casa sem perceber, mas agora. E está ficando cada vez mais difícil, dia após dia. Não, imaginar que ela fosse ficar assim, pensa a Oline. E agora também o Sivert tem que ir embora. Nem bem o Lars se foi para baixo da terra e já tem que partir o Sivert também dali.

Sim, sim, diz a Oline.

E agora ela só precisa descansar um pouco, no lugar onde sempre faz isso, antes de subir o último trecho até sua casa, justamente antes da última subida difícil, ao lado da casa do pescador Bård, ali é que costuma parar. Ali ela para, não mais embaixo, onde parou hoje, mas só parou ali porque a Signe a chamou, não porque ela mesma quisesse parar, pensa a Oline. E a Signe disse então que o Sivert queria falar com ela? Que o Sivert está deitado à beira da morte? E ela disse mesmo que vai até lá? Que só ia levar o peixe para casa? Mas agora parou. E faz bem ficar quieta, sentir como a dor nos pés vai cessando. Quando ela sobe voltando do mar, sempre aguarda com animação, só mais um trecho e então você pode fazer uma parada para tomar um pouco de ar, é o que diz sempre a si mesma, mais um pouco, agora, pensa ela, quando a dor fica muito forte e ela quase não consegue mais respirar, e assim a Oline vai se arrastando ladeira acima, porque logo vai poder descansar um pouco, e ao lado da casa do pescador Bård a Oline costuma finalmente parar. E ali faz sua parada a Oline, hoje exatamente como nos outros dias, e fica ali e descansa sobre a bengala. E a Oline respira um pouco, apoiada na bengala, e percebe como as dores nos pés vão diminuindo, a respiração vai ficando mais tranquila. A Oline fica parada e com uma das mãos se apoia na bengala, na outra mão segura os dois peixes presos à linha de pesca. E a Oline olha para cima, para sua casa, uma casa bem pequena ela tem ali, pensa, mas assim foram as coisas para ela, enfim; ficou morando numa das menores casas de toda a Stavanger, até onde ela sabe, mas talvez até existam casas ainda menores na cidade de Stavanger, não? com certeza existem, pois afinal ela não tem ido mais tão longe, não nos últimos anos, não desde que os pés

começaram a lhe doer de maneira tão atroz, desde então não vai mais longe do que o estritamente necessário, e tão longe ela não chegou a ir nem mesmo antes, não tivera oportunidade para isso, com todos aqueles filhos, pois a Oline teve muitos filhos em sua pequena casa, sim, e com carências, por vezes foi pequena de todas as formas que é possível ser pequena, mas também grande! ora, sim! também foi grande! sim, de verdade!, pensa a Oline, e então ainda aquele irmão esquisito, que seguramente poderia ter sido um grande pintor, e de fato pintou os mais belos quadros, mas no final quase só fazia rabiscos, ali dentro na casinha, no meio da porta, ela ainda tem pendurado um desses rabiscos, umas silhuetas, um cavalo com cavaleiro, é bem provável que seja isso, pintados no verso do rótulo de uma caixa de tabaco, sim, sim, não há nada para se ver naquele rabisco, mas está lá pendurado e está há tanto tempo pendurado que pode continuar, embora ela muitas vezes já tenha pensado em tirá-lo de lá! mesmo! pois ele, que pintara tão grandes e belos quadros, terminar com rabiscos como aquele! não, isso é mesmo triste! mas assim foi e, sendo assim, não se pode fazer nada, as coisas são como são, sim, sim, pensa a Oline e agora respira bem tranquila e agora tem é que tratar de ir para casa com o peixe que foi buscar lá embaixo à beira do mar, e hoje afinal conseguiu peixe barato, o peixe mais barato, escapou até de ter que pagar pelo peixe hoje, ele é simplesmente assim, o pescador Svein, ela sempre tem conseguido comprar peixe barato do pescador Svein, sim. Aquele irmão, sim. A única coisa que possui dele é o rabisco pendurado na porta, do lado de dentro da casinha. Um dia, quando não tinha mais tabaco, ele chegou e perguntou se ela não precisava de ajuda para algo, cortar lenha ou coisa parecida, mas lenha ela já tinha suficiente, sim, viesse ele agora! então o Lars poderia serrar e partir lenha como quisesse! mas naquela ocasião ela não tinha trabalho para ele, então lhe deu algum dinheiro para que pudesse comprar tabaco, e ele lhe deu o quadro que agora está pendurado do lado de dentro da casinha, e um belo quadro aquele não era mesmo, mas ela pensou que em algum lugar devia pendurá-lo e então o pendurou à porta da casinha, pensa a Oline. O Lars era um homem curioso. Um maluco, diziam as pessoas. Maluco, sim. Lars Maluco chamavam-no. E então o indizível. Lars Ratazana. A Ratazana. A Ratazana de Bolso. A Ratazana. E imaginar que ela ficaria tão velha quanto está, a mãe afinal não chegou a ficar tão velha, mas o Lars Maluco também ficou velho. E o pai. Isso deve vir do lado paterno, sim. Deve, com certeza. Sim, sim, deve, a Oline pensa e endireita as costas, olha

para sua pequena casa, uma bela casa, pensa ela, desde que a pintaram de branco, ficou tão bonita, pensa a Oline e caminha a passos curtos ladeira acima. Não, agora ela realmente envelheceu, os pés lhe doem tanto, mas ela tem que andar, tem que sair para comprar comida, cuidar de si, arranjar lenha e acender o fogão, tem que viver sua vida, sim, o que mais, senão isso? não, dá para imaginar algo diferente? se não puder mais cuidar de si, a coisa vira a mais pura miséria, ela tem que conseguir, enquanto for possível, é isso, não, pensa a Oline e continua se arrastando ladeira acima e olha para sua casa, e é uma bela casa, pensa ela, pode ser pequena, mas é bela, depois que a pintaram de branco ficou uma bela casa, pequena, com pequenas janelas, e nas janelas cortinas de tule, sim, cortinas de tule! é o que se vê nas janelas! E flores nos peitoris! Em outros tempos, ela saberia dizer o nome dessas flores. Amor-perfeito? Será esse o nome de uma dessas flores? Begônia? Margaridinha? Não, não, pensa a Oline, mas que mora numa bela casa, isso é certo, pensa a Oline, enquanto com a bengala vai subindo a ladeira até a casa onde mora, com dois peixes pendurados numa linha de pesca a Oline vai subindo e caminha lentamente, avança passo a passo para cima, e os dois pequenos peixes balançam na linha para um lado e para outro. E se não doessem tanto as pernas. Quando ela está sentada, não dói tanto, mas quando anda é uma dor interminável. E ela ficou com a respiração tão difícil, e a memória, ela se lembra de cada vez menos coisas, nos últimos tempos, não só dos nomes das flores no peitoril ela se esqueceu, não, tudo desaparece em algo que ela não sabe o que é, mas aí elas surgem, sem motivo, até lembranças de muito tempo atrás, da infância, da juventude, a todo momento elas surgem, e muitas vezes ela se lembra melhor de algo que aconteceu num passado tão remoto que daquilo que aconteceu ainda ontem, o que foi mesmo que aconteceu ontem? não, será que ela sabe dizer? aconteceu alguma coisa ontem? sim, terá ido comprar peixe ontem? leite? e cozinhou o peixe? sim, deve ter cozinhado, e depois deve ter ficado sentada, fazendo seus trabalhos manuais, seu tricô, seu crochê, sim, deve ter ficado sentada tricotando, e terá alguém lhe feito uma visitinha? um dos filhos? das filhas? um neto? uma irmã? um irmão? mas ela não tem mais irmão, tem? não, como pode pensar uma coisa dessas! todos os seus irmãos estão mortos, não estão? sim, claro que estão mortos, todos eles, aquele que morava em algum lugar para os lados de Haugesund, devia ser, não, não é possível que ela não se lembre, que simplesmente não se lembre de mais nada, logo não saberá mais nem onde

ela mesma mora, pensa a Oline, mas claro, sabe isso ainda, porque mora em sua pequena casa branca, numa das menores casas de toda a Stavanger ela mora, e agora mora sozinha, mas em tempos passados morou com o marido e com os filhos ali, e era bastante apertado quando todos estavam ali, mas era um lugar cheio de vida, sim, pensa a Oline. Sua pequena casa sempre foi cheia de vida, sim. Não venham dizer o contrário, não. Era cheia de vida a sua casa, sim. Não venham dizer o contrário. Muita vida em sua casa, sim, pensa a Oline e para e fica diante de sua casa e olha para a porta pintada de vermelho, uma porta vermelha leva ao interior de sua pequena casa, sim, pensa a Oline, pois quando a casa foi pintada de branco a porta foi pintada de vermelho. E agora ela vai logo abrir a porta, depois entrar em casa. Mas talvez dê uma passada na casinha ali fora antes? é verdade que muitos agora têm banheiro interno, como eles chamam, a primeira vez que ouviu falar em banheiro interno, com vaso sanitário, como eles chamam, foi quando o Lars voltou do hospital onde esteve, no Leste, lá havia privadas com água dentro, contou ele, a pessoa se sentava num vidro branco e fazia as coisas para baixo, aí vinha a água corrente e levava tudo embora, contou ele, mas agora certamente muitas pessoas têm tais privadas, talvez nem sejam muitas, mas algumas em todo caso agora têm vasos sanitários, mas um banheiro interno desses não significa nada para ela, não, um banheiro assim está fora de cogitação para a Oline, não, para ela não, tão longe ela não chegou, ela não, há tanto tempo que se arranja tão bem com sua casinha lá fora, então vai se arranjar com ela pelo resto de seus dias, e com esse penico, não, que horror! sorte que ninguém consegue ouvir o que ela pensa, mas o penico chega a ser bem prático, pelo menos à noite, não fosse tão difícil acertar o penico ao se sentar, se vissem como ela coloca o penico na mesinha da sala e se senta desajeitada sobre ele! uma das mãos sobre a bengala, a outra apoiada na quina da mesa, se eles vissem! mas às vezes acontece de ela também durante o dia preferir pegar o penico, e também não esvazia o penico logo, não, de modo algum, mas tudo está ficando cada vez mais difícil e sim, sim, esse cheiro, sim, sim. Mas agora ela tem que levar o peixe para dentro de casa, depois pode se sentar um pouco e descansar. E então vai dar uma passada na casinha. Mas a barriga está apertada, não? E precisava mesmo ir à casinha e, afinal, muitas vezes já levou consigo o peixe à casinha, enfim, mas ela não gosta propriamente de levar consigo o peixe à casinha, e se alguém vê que está carregando consigo o peixe à casinha? sim, pois isso já aconteceu!

aquele miserável! Levando de novo o peixe junto na casinha? foi o que ele disse! a uma velha senhora que já deu à luz tantos filhos! um pequeno miserável! o menino da vizinha! levando o peixe junto pro cagadouro?, perguntou ele, mas ela precisava tanto ir lá, sim, sim, ela simplesmente pega o peixe e o leva consigo à casinha, pendura-o no trinco da porta, como tantas vezes tem feito, pois já tem muitas vezes fechado a porta da casinha atrás de si e pendurado o peixe no trinco, não, pensando bem, ela na verdade faz isso sempre, vai à beira do mar buscar seu peixe e, quando volta para casa, primeiro passa na casinha e pendura o peixe no trinco, mas gostar disso, não, ela não gosta, de modo algum, pensa a Oline, em pé, enquanto se apoia na bengala e olha para a porta pintada de vermelho de sua casa. E a Oline olha para a quina externa da casa, agora só precisa contorná-la e ali, atrás dessa quina, junto a uma pedra, fica sua casinha. Essa casinha eles fizeram, na época, de madeira flutuante. Mas ainda hoje ela está lá. E tão logo não vai cair, não. Tão logo, não, não vai. Não, imagine sentar-se em cima da água quando se quer fazer suas necessidades, não, não vão convencê-la, a muitas coisas podem até convencê-la, mas sentar-se em cima da água? num vaso sanitário, como eles chamam, não, nunca. A Oline não. Ela ainda se lembra de como ficou apavorada quando o Lars lhe contou que naquele hospital lá no Leste ele fazia suas necessidades num vaso sanitário. Não, nada de vaso sanitário para ela, não. Não para a Oline, não, pensa a Oline e ouve passos rápidos e pensa que talvez seja um de seus netos que vem correndo? ela tem muitos netos, eles moram por toda parte, nas proximidades, muitos deles, ela tem tantos netos que já perdeu as contas, e os nomes dos netos, que vergonha, esses também acabam se embaralhando um pouco, os nomes lhe escapam e se embaralham um pouco, sim, ela tem mesmo que admitir, mas as fisionomias ela nunca vai esquecer, cada um desses netos tem sua própria fisionomia, e fisionomias ela nunca esquece! Nenhum detalhe! de cada detalhe dessas fisionomias ela é capaz de se lembrar, sim, e às vezes chega um dos netos lhe trazendo carne, de porco ou cordeiro, sim, isso já aconteceu! e certamente vai voltar a acontecer! está convencida disso, pensa a Oline, e vê um menino que passou correndo em torno da casinha, ali na curva da rua, pois a casa dela fica, aliás, numa curva, sim, e a Oline vê o menino passar por ela em disparada rua abaixo e ela provavelmente não o reconheceu, a Oline pensa e se vira e vê as costas do menino, que desce a rua correndo, e ela pensa que há tantas crianças na cidade de Stavanger, enfim,

tantas crianças, todas as mulheres arrumam filhos, não importa a aparência que tenham, arrumam filhos, montões de filhos, filhos aos montes, sim, nisso ele é generoso, Deus nosso Senhor. A Oline fica olhando o menino descer a rua correndo. E a Oline vê o menino parar e se virar, e ele olha para ela.

Você corre rápido, hein, grita a Oline.

E o menino balança a cabeça concordando.

Puxa, como você corre, grita ela.

O menino balança a cabeça mais uma vez.

Puxa, grita ele,

e o menino vira o rosto de novo, e a Oline o vê sair pulando e correndo rua abaixo, e então ele se vira outra vez para ela e grita a Oline com os peixes!, grita ele e então começa a cantar a Oline leva os peixes pra privada, canta ele, e ela não sabia, era esse então o miseravelzinho?, pensa a Oline e ouve o menino cantar a Oline leva os peixes pra privada, canta ele, mas então era essa a cara do miserável que uma vez gritou isso para ela?, não era muito maior do que esse aí?, não era um moleque, não, aquele que uma vez lhe gritara de modo tão feio, aquele miserável era muito maior, não um moleque, não, pensa a Oline e ouve o menino cantar a Oline com os peixes na privada, canta ele, e, não estivesse tão apertada e com a certeza de que não sairia nada, ela seguramente teria ido primeiro até a cozinha com o peixe, mas está precisando tanto, e basta se sentar que já funciona e ela pode sair, e está frio, mas como estão insolentes os meninos de hoje em dia, pensa a Oline e ouve o menino cantar a Oline leva os peixes pra privada e vê que o menino para e se vira na direção dela.

Você leva o peixe junto pra privada?, pergunta ele.

Cuidado, senão eu levo você junto também, grita a Oline.

Vem me pegar, então, grita o menino,

e a Oline o vê dar um pulo em sua direção, e aí ele se vira de novo, e então ela vê o menino desaparecer rua abaixo e dobrar a esquina na casa de pedra, e o menino vai embora, e é mesmo espantoso como os meninos ficaram insolentes, não têm mais respeito pelos mais velhos, pensa a Oline e vai até a quina externa de sua casa, contorna-a e então vai direto para a casinha, e os pés, claro, sempre doendo, pensa ela e levanta o trinco da porta e entra e fecha a porta outra vez, encaixa o trinco e finalmente está sozinha! finalmente ninguém pode observar o que ela está fazendo! finalmente!, pensa a Oline e pendura os peixes com a linha de pesca no trinco e sente como está apertada e

é urgente aquilo e ela levanta suas duas saias e baixa a calcinha e não, oh não, ela vê, pois não é que está meio molhado ali embaixo.

Não, não, diz a Oline.

Não, não, que horror, diz ela.

Sim, sim, diz a Oline

e se senta sobre o buraco. E a Oline sente no corpo todo como faz bem se sentar, tão logo se vê sentada, é como se a dor passasse um pouco.

Sim, sim, diz a Oline.

A vida ainda pode ser boa, diz ela.

E agora só precisa ficar sentada ali e esperar, logo acontece algo, pensa a Oline e olha para os dois pequenos peixes pendurados juntos no trinco da porta. Os olhos grandes dos peixes. O sangue que escorre dos peixes.

Sim, se não existissem os peixes, diz a Oline.

Não, sem eles as coisas não iam ser nada fáceis, diz ela.

Se não existissem os peixes.

Ficaria tudo muito ruim para nós, se não existissem os peixes, diz a Oline

e pensa como teriam eles alimentado os filhos, se o bom Deus não os tivesse abençoado com os peixes, e ela precisa tanto fazer, mas não sai, mesmo ela fazendo força, não quer sair nem líquido nem sólido, pensa a Oline, talvez conseguisse fazer mais fácil se não tivesse vindo com os peixes para dentro da casinha, não se deve mesmo fazer isso, imagine, levar consigo os peixes, a sua comida, para dentro da casinha! pois então será que não vai sair mais nada agora, ela não percebeu que tinha feito? já percebeu tantas vezes que tinha feito algo na calcinha, mas nesses casos sempre sentiu, sentiu que estava ficando quentinho, não, que horror! as coisas estão piorando, sim, é verdade, mas agora? ela não percebeu que tinha feito algo?, pensa a Oline.

Não, que horror, diz ela.

E com certeza foi por causa das dores nas pernas que não percebeu que tinha feito alguma coisa, pensa a Oline. E a sensação é de que vai sair mais. Mas não vem mais nada. E esse peixe. Ela não está com absolutamente nenhuma vontade de comer esse peixe. Não pode insistir nisso, em levar sua comida consigo para dentro da casinha. Mas precisa comer algo, afinal. Todo dia tem que arranjar algum peixe, para se manter viva. Não pode, afinal, parar de comer. Não, isso não dá. Mas pensar que ela chegaria a esse ponto, de não mais levar primeiro o peixe à cozinha, quando volta para casa após ir até o mar buscar seu peixe, e que tem que antes passar pela casinha quando volta

para casa, e que não ia mais então à casinha só depois de estar em casa e sentir que precisava sair para fazer suas necessidades, em vez de se sentar ali na mesinha da sala, no penico, não, ela jamais podia imaginar que ia chegar a tal ponto, e que lhe seria tão custoso ir até a casinha ali fora, não, isso jamais havia imaginado, pensa a Oline, mas quem é que vai ficar pensando, quando jovem, sobre como será na velhice, ela também não, ora, pensa ela, que agora saia alguma coisa, para que não tenha sido em vão levar o peixe consigo à casinha. Não, agora há de sair alguma coisa, pensa a Oline. Que os pés estejam doendo, enfim, ainda que os pés lhe doam, ela sempre consegue dar um passo após outro, mas que essas outras coisas venham quando querem e não quando ela quer é mesmo terrível, não, que isso fosse chegar tão longe ninguém podia imaginar, não. E agora alguma coisa tem que sair logo. Esses olhos de peixe aí. Esses olhos grandes de peixe. Esse sangue aí.

Não mesmo, não, diz a Oline.

Não mesmo, diz ela.

Mas vai ter que ficar sentada mais um pouco, pois ainda há de sair algo, pensa a Oline. Ela precisa simplesmente ficar sentada. Com o Lars isso também aconteceu, quando ele estava nas últimas, segundo dizem, não conseguia reter nem a urina nem as outras coisas, e então o levaram lá para cima, para o abrigo dos pobres, e o colocaram com os outros, com aquela, sim com aquela, sim, com aquela Miriam?, Eline, era assim que se chamava? uma velhota pavorosa era ela, independentemente de como se chamava, e o Lars ficava lá deitado na cama, e então parece que saía alguma coisa na cueca, não, o que mais era de esperar, não, mas que as crianças agora espezinhavam, verdade, e o Lars elas também certamente espezinhavam, segundo aquilo que se ouve, não, as crianças estavam sempre atrás dele, ei Ratazana de Bolso, chamavam-no assim. Lars Ratazana. Ratazana de Bolso. E esses olhos de peixe aí. E nada quer sair mesmo. Sim, Lars, Lars. Você sempre foi incomum, Lars. Sim, Lars, você sempre ficou voltado para si, cortando lenha, toda a boa lenha que você trazia para a sua irmã, sim, madeira flutuante, acumulada no verão, deixada para secar à beira d’água, trazida acima até as casas, bem cortada, empilhada corretamente. E, se em retribuição lhe davam um pouco de comida, você ficava satisfeito. E, se lhe davam algum tabaco, então mais ainda. Assim era você, enfim. E quando menino, quando era um meninozinho na ilha, em nossa ilha, quando eu era sua irmã mais velha e você meu irmão menor e você sempre se escondia e

ficava longe por horas a fio, até o anoitecer, sim, o que você estava aprontando lá, sim, eu sempre quis tanto saber e então uma vez, ainda me lembro com toda a clareza e em todos os detalhes, como se fosse hoje, ainda me lembro, como certo dia decidi segui-lo, lembro-me claramente e em detalhes, mas do que aconteceu ontem simplesmente não me lembro mais, o que acabou de acontecer eu não sei mais ao certo, se um menino veio dizendo atrás de mim a Oline leva o peixe pra privada, ou se só imaginei isso, um menino dizendo isso atrás de mim, muitas vezes não sei ao certo se aconteceu ou não, até mesmo logo depois de ter acontecido muitas vezes eu não sei mais se aconteceu ou não, e ao mesmo tempo vejo bem claro diante de mim como certo dia segui meu irmão na ilha onde nós morávamos, sim, Borgøya ela se chamava, sim, ainda me lembro, Borgøya, ou era Hattøya? em Tysvær, em todo caso, sim, ainda me lembro de como era, do que vi, ainda me lembro do que aconteceu, do que o Lars disse, de tudo isso eu ainda me lembro, mas de como a ilha se chamava, disso não tenho certeza absoluta, acredito, sim, que a ilha se chamava Borgøya, mas certeza eu não tenho, e por que começo a me lembrar disso agora, sentada na casinha, sem motivo, por que começo a me lembrar agora do Lars, no dia em que fiquei tão curiosa em saber o que ele fazia quando caminhava através da ilha e decidi segui-lo, e foi o que fiz, por que começo a me lembrar disso agora? são esses olhos do peixe que me fazem lembrar disso? esses olhos grandes do peixe? Certamente é por causa dos olhos grandes do peixe que estou me lembrando disso. E por que essas lágrimas nos meus olhos agora? Por que agora esses olhos marejados numa velhota como eu, como se fosse a mais fragilzinha das jovens, e eu aqui sentada sem conseguir liberar nada de dentro de meu corpo cheio de dores, nem líquido nem sólido. Mas pelo menos os pés estão doendo menos. E, para um corpo velho, faz bem ficar sentada. E o Lars, naquele dia, naquele dia em que o segui em Borgøya, sim, era esse, sim, o nome da ilha, segui o Lars, ah, agora está saindo um pouco, saindo sozinho, simplesmente sozinho, sem que eu queira, está saindo simplesmente sozinho, e então não mais, e então, aí está, um pequeno! pois não é que vem saindo um trocinho seco, uma bolinha! não, quem podia imaginar? um pequeno, redondo como o olho do peixe! ei! e os olhos do Lars, sim, seus olhos, seus olhos castanhos que encaram fixamente sem parar e então ele começou a chorar, assim era com ele, de repente, sem motivo, ele podia começar a chorar, no meio de uma refeição, a qualquer momento, simplesmente começava a chorar e ninguém sabia por

quê, de repente o Lars estava com os olhos cheios de lágrimas. Não, que irmão mais estranho. E naquele dia em que eu o segui. Às escondidas. Ele não me notou. E, se tivesse me visto, eu teria levado a minha, pois o Lars podia ficar impertinente e irascível, se estivesse daquele jeito. Fácil ele não era, o Lars, fácil não era. Ficava tão irascível que era capaz de qualquer coisa. Era preciso tomar cuidado com ele. E, se ele se tornasse um assassino, eu também não ficaria admirada. E era impertinente como ninguém. Era um tipo incomum, o Lars. Sim, é preciso que se diga. Sempre incomum. Mas, naquele dia em que segui o Lars, seus olhos castanhos estavam pretos, quando o vi de manhã, havia uma grande escuridão em seus olhos, escuros como pedra preta, escuros como o mais negro dos céus estavam seus olhos, e aquele brilho molhado nos seus olhos, e em torno de seus olhos havia uma agitação, como se por trás de seus olhos houvesse algo pressionando, como se ele estivesse prestes a começar a chorar, assim estavam seus olhos quando ele, naquela manhã, parou diante de mim.

Você não está bem?, perguntei eu.

E vi como de repente o Lars olha para baixo e fica ali parado sem responder.

Que é que você tem?, perguntei eu

e vi que o Lars sacode os ombros, enquanto fica ali parado e não responde.

Você parece triste, disse eu.

Sim, sim, disse ele.

Aconteceu alguma coisa?, perguntei eu.

Não, disse ele.

Não, nada mesmo, disse ele.

Mas, disse eu

e vi que o Lars levantara o olhar para mim com uma grande escuridão nos olhos, com o peso das montanhas negras e do céu negro em seus olhos, sim, assim, pensei eu, sim, assim olhou o Lars para mim, e então vejo seus olhos se encherem de lágrimas e vejo o Lars parado e olhando para o chão e então ouço o pai lá dentro, na sala, dizer para a mãe que logo eles devem vir buscar as vacas, é assim que eles agem contra pessoas que pensam com a própria cabeça e não levam seus filhos para batizar, assim são eles, deve-se levar os filhos para batizar, mas na igreja deve-se apenas pegar duas pequenas cadeiras bem ao fundo, assim deve acontecer com as pessoas que levam luz à própria vida, acham eles, isso é tudo, mais do que isso eles não

compreendem, ouço o pai dizer e vejo como a boca do Lars se crispa, abrindo um pequeno riso, e ali está o Lars com um riso em meio a suas lágrimas e então ele olha para mim. Aceno para o Lars com a cabeça.

O que você tem, Lars, pergunto eu.

Nada, diz ele.

Claro que você tem alguma coisa, digo eu.

Não, diz o Lars.

Não tenho nada, diz ele.

Por que é que sempre devo ter alguma coisa?, pergunta ele.

Você não tem nada?, eu pergunto

e vejo o Lars balançar a cabeça negativamente.

Não tenho nada, diz ele.

Mas por que é que você tem que chorar, então?, pergunto eu.

Não porque eu tenha alguma coisa, em todo caso, diz ele.

E por quê, então?, pergunto eu.

Talvez porque eu não tenha nada, diz o Lars.

Precisa ser tão difícil, digo eu

e vejo o Lars responder que sim com a cabeça.

E essa montanha negra, digo eu.

Sim, sim, diz ele.

E o mar, quando está negro, digo eu.

Sim, então, diz ele.

É por isso?, pergunto eu.

Talvez, diz ele.

Alguma coisa vai mal com você?, pergunto eu.

Para mim é indiferente, se alguma coisa vai mal comigo, diz o Lars,

e eu ouço o Lars dizer que lhe é indiferente se alguma coisa vai mal com ele e já compreendo o que quer dizer, e aí o Lars põe em mim aqueles olhos de peixe, e então vejo que seu rosto se crispa, e ele não quer, ele fica ali e seu rosto se crispa, o olhar parado, fica ali e seu rosto se crispa, e vejo as lágrimas em seus olhos, e o Lars se vira, esquivando-se, e eu o vejo correr para a porta, e ele abre a porta, e vejo o Lars sair correndo e saio também e vejo o Lars correndo através do charco, descendo para a margem, e ele não toma o atalho, corre atravessando o charco, e eu o vejo afundar, e ele se levanta de novo e corre através do charco e afunda novamente e tira o pé e outro pé afunda no charco, e eu vejo o Lars descer correndo até a margem, e de repente ele se

senta numa pedra no meio do charco, e eu vejo como ele leva as mãos ao rosto e limpa os olhos, agora está secando as lágrimas, penso eu, mas por que é, afinal, que o Lars está começando a chorar? assim, pura e simplesmente, sem motivo, o Lars tantas vezes começa a chorar, penso e vejo o Lars ali sentado com as costas curvadas, e ele apoia a cabeça nas mãos, cobre os olhos com as mãos, e vejo o Lars virar-se, e ele olha para mim, e ouço o Lars gritar que eu o deixe em paz!, grita o Lars, nunca consegue ficar em paz, e ele não tem nada, não há nada de errado com ele, não há nada a discutir!, grita o Lars, e eu o vejo levantar-se e descer da pedra, e ambos os seus pés afundam no charco, e ele se solta, e vejo o Lars descendo até a margem, e mais uma vez um de seus pés afunda no charco, e ele o retira, e vejo-o pisotear o charco e vejo que o mar está calmo e vejo o Lars subir no talude da margem e vejo-o sentar-se ali sobre um rochedo e olhar para o céu e para o mar e vejo-o apertar os olhos e piscar em direção ao mar e penso que esse meu irmão eu nunca vou entender, penso, é um tipo incomum, esse meu irmão, penso e me viro e vejo nossa pequena casa ali sob uma rocha, em meio a todos os charcos, ali está nossa pequena casa. Sinto um vento repentino soprar através de meu vestido. Olho para nossa pequena casa e ouço vozes vindo da porta e então ouço o pai dizer bem alto que ali nós não vamos mais poder morar, somos os mais pobres dos pobres, temos que tentar outro lugar, ali só há vento e rochas, e, se não fosse pelos peixes, já teríamos morrido de fome há muito tempo, ouço o pai dizer e ouço a mãe dizer que, se não há alternativa, então temos mesmo que sair, diz ela, e ouço o pai dizer que podemos desfazer a casa e sair, em Stavanger deve ser possível, afinal, ganhar dinheiro, diz o pai, e ouço a mãe dizer que, se ele assim pensa, então assim faremos, sim, diz a mãe, e vejo o Lars ali sentado sobre um rochedo no talude e olhando para o mar, e o mar está azul e um pouco revolto e um pouco branco em meio a todo o azul, e o céu também está azul, mas há no céu as nuvens mais brancas, é um belo dia, tudo ali está calmo e ao mesmo tempo em movimento, e eu ouço o pai dizer temos que ir embora, ouço o pai dizer, não temos escolha, temos que simplesmente ir embora, aqui ainda vamos morrer de fome, temos tantas bocas para alimentar, alguma coisa tem que acontecer, precisamos desfazer nossa casa, pegar tudo e nos mudar, ir embora, ouço o pai dizer, e a mãe diz que ele é quem sabe o que é melhor, ela não sabe, diz, e o pai diz que não sabe o que é melhor, mas alguma coisa tem que acontecer, isso ele sabe, diz o pai, e na cidade de Stavanger há muitos

livres-pensadores, lá os quakers são fortes, lá vai ser possível conseguir ajuda, ouço o pai dizer e vejo o Lars sentado sobre um rochedo no talude e olhando para o mar e eu gostaria tanto de descer até ele e me sentar ao seu lado, mas o Lars não vai mesmo gostar se eu fizer isso, do modo como está, só quer ter paz, tantas vezes já tentei conversar com o Lars quando ele estava assim, mas ele só dá respostas bruscas ou coisa parecida, que só quer ficar em paz e que eu não entendo nada, que sou uma mulher burra, é isso que vai dizer o Lars então, bem o sei, mas o que é que ele faz nesses dias, quando está assim? por que fica assim? o que acontece com ele quando fica assim? por que simplesmente some? para onde vai? o que faz lá? por que fica tanto tempo longe? pois quando o Lars está assim, muitas vezes pode ficar horas longe, sim, muitas vezes fica assim pela manhã e então sai e fica longe até depois de escurecer, tendo ou não trabalho para fazer, fica longe, o pai já lhe disse mesmo muitas vezes que ele não deve sumir desse jeito, que isso não serve para nada, disse o pai e aconteceu de o pai algumas vezes também ficar um pouco irritado, mas o pai não é dos que se irritam com frequência, quase sempre está tranquilo, não fala tanto, pelo contrário, somente pouco, mas algumas vezes, e eu estava escutando, já disse ao Lars que ele não deve sumir, que, se combinaram de fazer um ou outro trabalho juntos, então têm de fazê-lo, disse o pai, se ficaram de colocar iscas em linhas de pesca, se ficaram de puxar rede, se combinaram, então têm de fazê-lo, disse o pai ao Lars, e o Lars apenas respondeu que sim, que não ia mais sumir, não ia mais fazer isso, disse o Lars e então o Lars simplesmente continuou sumindo, como se o que o pai dissera não valesse mais, ou como se ele não se lembrasse mais do que havia ficado combinado entre o pai e ele, assim é o Lars, e quando lhe perguntei por que age assim e some, apesar de ter prometido ao pai que não ia mais fazer isso, então ele disse que não sabia como fazer diferente, que simplesmente precisava sumir, disse o Lars, precisava sumir, disse ele, até ao pai ele já disse isso, aliás eu mesma ouvi, e me lembro de que o pai respondeu que, se o que sentia lhe era tão difícil, que simplesmente sumisse, mas que se ele e o Lars haviam combinado antes de fazer um trabalho juntos, então aquilo era um tanto insensato, disse o pai, que o Lars simplesmente sumisse, pois afinal, com tanto trabalho a fazer, ele precisava de ajuda, era muito mais fácil para dois do que para um só tecer uma rede ou colocar isca numa linha de pesca, disse o pai, e o Lars disse que até queria ajudar, mas havia algo pressionando por trás de seus olhos, disse o

Lars, como se quisesse explodi-lo, disse ele, então, se o pai queria que ele explodisse, bastava impedi-lo de ir dar uma volta pela ilha, pois era isso que ele fazia, disse o Lars, e o pai disse que, se era assim, que fizesse o melhor que pudesse, e então o pai lhe perguntou se o Lars não podia vir junto e ajudá-lo a remar enquanto ia apanhar as redes que dessa vez havia lançado bem longe, mar adentro, disse o pai, e o Lars disse que então faria isso, e assim o pai desceu até a margem, e eu me lembro de que o Lars ficou parado, olhando para baixo, como se estivesse envergonhado, como se algo lhe doesse, ficou apenas ali, e pude ver em seu rosto que ele sentia dor.

Tenho que ajudar o pai, disse o Lars.

Balancei a cabeça concordando.

Mas então você não pode simplesmente sumir, disse eu.

Não, disse o Lars.

Não, não posso simplesmente sumir, disse o Lars.

Não posso, disse ele.

Não, você precisa ajudar o pai, disse eu.

Sim, disse o Lars,

e então vi como o Lars se virou, esquivando-se, e vi como ele se pôs a subir a pedra atrás de nossa casa, e pensei agora o Lars disse que precisa ajudar o pai e aconteceu de ele quase começar a chorar ao dizer isso, e de todo modo foi embora e agora deve ficar muito tempo longe, que o Lars não volta para casa antes de escurecer, e agora o pai vai ter que ir sozinho apanhar as redes lançadas bem longe, mar adentro, e já aconteceu tantas vezes, enfim, de o Lars ficar a noite toda longe e de voltar esgotado e pavoroso, e ele veio enregelado e ensanguentado, sim, pois aconteceu de ele voltar para casa ensanguentado, e seus olhos vieram escuros e ferozes, e, quando perguntei onde esteve, ele não respondeu uma única palavra, apenas ficou me encarando com seus olhos escuros, sem dizer nada, independentemente do que eu lhe dissesse ele não respondeu, e se também a mãe perguntasse onde ele esteve, não respondia, nem mesmo quando o pai lhe perguntou ele respondeu, e uma vez chegou a acontecer de o pai não parar de perguntar, ficar repetidamente perguntando onde esteve o Lars? o que você estava fazendo, Lars?, perguntava o pai, e então o Lars começou a chorar e mais uma vez saiu correndo e não sei quanto tempo levou para voltar para casa, e agora eu vejo o Lars sentado num rochedo do talude e, se ele me vir aqui em pé e olhando para ele, seguramente vai mais uma vez sair correndo, ele não

pode ver que estou aqui olhando para ele, mas eu queria tanto saber o que o Lars faz quando some e fica o dia todo longe, por isso é que simplesmente o segui e estou aqui, olhando para o Lars ali, e na verdade seria melhor que deixasse disso, afinal não está certo segui-lo, está?, penso eu e vejo o Lars ali sentando num rochedo do talude, e ele olha para o mar, e eu penso que logo vai se levantar e então descer o talude e depois sair correndo pela margem e agora tem que acontecer algo logo, pensa a Oline, enquanto fica ali sentada e esperando que saia mais alguma coisa, mas nada de sair, pensa ela, somente na calcinha é que sai, pensa a Oline, não, imaginar que fosse terminar assim, pensa ela, outrora fora tão jovem que conseguia correr tanto quanto quisesse, por sobre as rochas, em meio aos arbustos lá em Borgøya, conseguia passar pelo mato mais cerrado, andava por toda parte em Borgøya, por mais intransitável que fosse, ela conseguia resistir quanto desejasse, resistia, pura e simplesmente, pensa a Oline e agora está sentada ali na casinha e olha para os olhos fixos dos peixes, para o sangue dos peixes, agora ele quase coagulou, o sangue, ela vê, e a Oline estende a mão e toca um dos peixes e sente que ele está meio seco e grudento e vê que os olhos dos peixes não a encaram mais de maneira tão penetrante, ficaram um tanto turvos, os olhos dos peixes, como se estivessem se contraindo, ela vê, e a Oline não deve ter ficado tanto tempo sentada ali, afinal, não, pois acabou de se sentar, não foi?, hoje cedo, como de costume, desceu até o mar para buscar peixe, depois voltou para casa e, quando chegou, foi primeiro à casinha, pois estava precisando, e levou os dois peixes à casinha, porque não queria andar mais que o necessário, por isso é que a Oline não foi primeiro até a cozinha, porque doía tanto quando ela andava, mas agora não está mais doendo, agora ela descansou e agora está livre da dor nos pés, pensa a Oline e tira a mão dos peixes e coloca-a sobre a coxa e meu Deus, como ficou enrugada sua coxa, não é mais lisa, tem caroços e estrias e está totalmente branca, e então a Oline nota que não sente nada quando toca a coxa, e ela belisca a coxa e continua não sentindo nada ali, não, não, pensa, agora pelo visto perdeu a sensibilidade ali também, pensa ela e coloca a mão sobre a outra coxa e a belisca e não sente nada e a Oline pensa que deve ser por causa do frio que não está sentindo nada, devia era logo se levantar, pegar o peixe e levá-lo para dentro de casa, ir para a cozinha e limpar e cortar o peixe em pedaços e prepará-lo para cozinhar, e então ela pode se sentar e fazer um pouco de tricô, ou talvez deva primeiro pegar o crochê? talvez já esteja tão frio lá fora que ela possa acender o fogão para

esquentar um pouco? na verdade, lá fora já está fazendo frio há tanto tempo que ela poderia acender o fogão, mas não tem tanta lenha, por isso preferiu ainda não acender e, em vez disso, vestir umas roupas mais grossas, afinal tem uma boa blusa de tricô, que fez ainda no ano passado, a anterior estava tão gasta que não havia mais o que fazer com ela, foi por isso, pensou a Oline então, que achou que devia se permitir uma nova blusa de tricô, essa para a qual agora estava se sentando e fazendo, ia guardar para si mesma, e não vender, e assim é que ia ser, mas agora talvez o outono já esteja tão avançado que ela possa acender o fogão, pensa a Oline e olha para os peixes que pendurou à porta e, com essa aparência, já não estão mais tão frescos, pensa a Oline, os olhos ficaram tão apagados, pelo que ela vê, e então a Oline vê o Lars sentado ali num rochedo do talude, e ele se vira para mim e olha para mim com seus olhos escuros e brilhantes e então o Lars grita por que você está aí sentada, olhando para mim?

Não estou, não, digo eu.

Claro que está, diz ele.

Não.

Está, sim, estou vendo, ora, você aí parada e olhando para mim, diz o Lars.

Não posso, digo eu.

Não, diz o Lars,

e eu vejo como o Lars se inclina, e ele ergue um pedregulho e fica ali sentado e olha para mim com o pedregulho na mão e então se levanta, e eu vejo que ele ergue uma mão por cima da cabeça e me encara, e o Lars grita que não devo ficar ali parada e olhando para ele, grita, e vejo o Lars atirar a pedra em minha direção e me agacho e vejo a pedra passar pelos ares e a vejo voando em direção à nossa casa e ouço-a estalar contra a parede e vejo o Lars descer correndo do rochedo do talude e ouço o pai gritar o que foi isso?, e olho para nossa casa e vejo o pai saindo de nossa casa.

O que foi isso?, pergunta o pai

e fica parado, olhando para mim.

Ouvi um estampido, diz ele,

e vejo em seus olhos que ele está com medo. Balanço a cabeça concordando.

Você sabe o que foi isso?, pergunta, e eu sei, sim, o que foi isso, mas não posso, afinal, dizer, como vou dizer que foi o Lars que jogou uma pedra em minha direção e, em vez disso, acertou nossa casa?

Você não sabe?, pergunta o pai.

Ouvi um estampido, digo eu.

Sim, exatamente. Mas você não sabe o que foi?

Respondo que não balançando a cabeça.

O som foi o de uma pedra ou alguma outra coisa acertando a nossa parede, diz o pai.

Balanço a cabeça concordando.

Sim, digo eu.

Mas você não viu nada?, pergunta ele.

Respondo que não com a cabeça.

Não, agora isso está indo longe demais, diz o pai.

Balanço a cabeça concordando.

Agora esses vizinhos estão exagerando, diz ele.

Os vizinhos?, pergunto eu.

Quem mais pode ter sido?, pergunta o pai.

Olho para baixo.

Quem mais pode ter atirado uma pedra contra nossa casa? pergunta o pai

e balança a cabeça e entra de novo em nossa casa, e agora não consigo mais ver o Lars, agora ele com certeza fugiu correndo, ao longo da margem, e eu, que pensei que devia segui-lo, agora talvez não o encontre mais, penso, se quiser ter a chance de achá-lo agora, terei que sair andando, tentar conseguir vê-lo em algum lugar, é isso que devo fazer, penso eu e ouço o pai dizer dentro de casa que agora os vizinhos deram para atirar pedras contra nossa casa, a que ponto chegamos, diz o pai, e a mãe diz sim, o som foi mesmo como se alguém tivesse atirado uma pedra ou outra coisa qualquer contra nossa casa, assim foi o estampido, diz a mãe, e o pai diz a Oline está lá fora, mas não viu nada, então deve ter sido alguém de trás, da rocha que fica atrás da casa, diz o pai, e eu ouço a mãe dizer que para ela soou como se a pedra viesse da frente, e o pai diz que para ele também, sim, mas se a Oline não viu nada, então não pode ter sido assim, diz o pai, e a mãe diz não, não pode ter sido assim, e eu me levanto e olho para cima em direção ao céu e vejo as nuvens se movendo pelo céu azul e olho para o mar, com seu azul-escuro, e o mar está cheio de agitações brancas e eu penso que o Lars é como o mar e o céu, sempre mudando, do claro para o escuro, do branco para o mais preto de todos os pretos, assim é o Lars, exatamente como o mar, penso, e eu mesma sou mais como as pedras e o charco, não tão inconstante, não tão constante, e

sim marrom e amarela, e também eu tenho lá minhas flores, penso e me ponho a descer o atalho, e o Lars eu não consigo ver mais em lugar nenhum, terei que descer até a margem, penso, o Lars talvez esteja sentado em algum lugar ali, penso, do outro lado do talude, com certeza estará ali, penso e vou descendo o atalho e certamente não vou encontrar o Lars, penso eu e vou descendo o atalho e contornando as pedras, é baixa-mar, assim posso contornar o talude por fora e eu olho ao longo do talude e não consigo ver o Lars em lugar nenhum, mas posso ver pegadas na areia, ou seja, o Lars deve ter passado correndo ao longo da margem, penso eu, aí estão pegadas recentes na areia, então o Lars deve ter passado correndo ao longo da margem, penso eu e começo a andar ao longo da margem e penso o que estará acontecendo com o Lars?, penso, por que ele fica tão furioso que atira pedras na minha direção?, e agora eu menti, até para o pai eu menti, mas o que poderia ter feito de diferente? o que o pai teria pensado se ouvisse que foi o Lars quem atirou a pedra?, penso e ouço as ondas quebrarem suavemente na margem, o mar está calmo, nenhuma agitação no mar agora, o mar está calmo e eu caminho calmamente ao longo da margem e agora o Lars não pode me ver, senão fica novamente furioso, aí vai atirar mais pedras em minha direção, aí vai dizer que o estou seguindo, que devo deixá-lo em paz, é o que vai dizer então, e não posso mesmo ficar simplesmente caminhando na margem, senão não reencontro o Lars, penso eu e me afasto da margem, vou andando em meio a algumas árvores e arbustos e olho para baixo, para o ponto em que os penhascos despencam na água, pois acredito que o Lars esteja lá embaixo na água, estou bastante segura de que está lá, embora eu não entenda o que ele faz quando fica horas e horas longe, acredito que esteja lá embaixo na água, sentado sobre os rochedos da margem, ele se aperta passando entre as árvores e arbustos, deve ficar somente andando ao redor da ilha, penso eu e subo uma ladeira íngreme e então fico num ponto alto onde vejo um penhasco descer bem inclinado em direção à água e vejo as gaivotas alçando voo penhasco acima, e elas gritam, e as gaivotas flanam sobre o mar, e eu vou até o penhasco, e embaixo, junto ao penhasco, há uma pequena enseada com uma pequena praia de areia bem recuada, e lá, lá está enfim sentado o Lars, meu irmão, numa pedra redonda.

Lars, grito eu.

E o Lars se vira para mim.

É você, diz ele e sorri.

Sim, digo eu

e não entendo por que o Lars não fica furioso.

Venha cá, vou lhe mostrar uma coisa, diz o Lars

me chamando com um aceno, e eu me sento e vou escorregando lentamente e com cuidado penhasco abaixo, ele é inclinado, mas está seco, e vou firmando as mãos contra o penhasco e os pés contra pequenas fendas e deslizo para baixo devagar e então sinto a areia mole sob um dos pés e depois também sob o outro e olho para o Lars, e ele se levantou e está ali parado e sorrindo para mim.

Agora você tem que ver uma coisa, diz o Lars, olhando para mim. Vou até ele.

Venha, diz o Lars e o Lars caminha até um abrigo rochoso na parte mais recuada da enseada. O Lars entra sob esse abrigo. O Lars se vira e olha para mim.

Venha, diz o Lars

me chamando com um aceno. E eu vou até o Lars e me posto ao lado dele sob o abrigo rochoso.

Aqui, diz o Lars.

Veja, aqui, diz ele

e o Lars aponta para uma cavidade na rocha, onde há algo preto. Não entendo o que é aquilo.

O que é isso?, pergunto eu.

Isto é carvão, misturado com um pouco de água, diz ele.

E daí?, pergunto eu.

Eu uso isso, diz ele.

Para quê?, pergunto eu.

Vou lhe mostrar, diz o Lars

e o Lars sai engatinhando e se arrasta mais fundo sob o abrigo rochoso e vejo que ali no fundo está tão escuro que quase não consigo reconhecê-lo e depois vejo-o com um pouco mais de nitidez e então vejo o Lars sair se arrastando do abrigo e noto que traz algo de lá e aí vejo que são alguns pedaços de madeira flutuante que o Lars tirou do abrigo, e ele vira a cabeça e sorri para mim e diz que agora vai me mostrar uma coisa, diz ele.

Agora você tem que ver uma coisa, diz o Lars.

E então o Lars se levanta e fica ali segurando cuidadosamente os pedaços de madeira flutuante diante de si e olhando para eles.

Venha, diz ele

e olha para mim. Vou até o Lars e vejo o Lars ali parado e sorrindo, enquanto observa a madeira. Olho para a madeira. Vejo imagens sobre os pedaços de madeira que o Lars segura diante de si.

Bonitas?, pergunta o Lars

e olha para mim sorrindo. Respondo que sim com a cabeça. Acho bonitas as imagens que Lars pintou na madeira.

Bonitas mesmo, digo eu.

Sim, diz o Lars.

O que elas representam?, pergunto eu.

Nuvens, diz o Lars.

Imagens de nuvens?

Sim.

Mas elas estão pretas?

Eu lhe mostrei o carvão com água, não mostrei?, diz o Lars.

Balanço a cabeça confirmando.

Eu uso carvão e água, aplico com um graveto com uma das pontas amolecida e depois, com a ponta dos dedos, coloco ainda mais preto, diz o Lars.

Acho que eu não saberia dizer que isso são nuvens, digo eu.

Isso não importa, diz o Lars.

Não, digo eu.

Mas se você olhar bem, o Lars diz

e me estende um dos pedaços de madeira flutuante, e eu olho bem e, olhando bem, posso identificar que, sim, são mesmo nuvens que o Lars pintou, nuvens com uma grande agitação em si que o Lars pintou, posso ver, e são nuvens muito bonitas que ele pintou, e o Lars diz que pintou muitos desses quadros, a maioria com nuvens, mas também com montanhas e barcos; ao fundo do abrigo rochoso há alguns deles, ele teve outros mais, porém certa vez, numa cheia mais forte o mar levou embora a maioria, por isso é que agora não tem mais tantos, diz ele, mas alguns ainda sobraram, um do barco de casa ele ainda tem e pergunta se quero ver o quadro que pintou de nosso barco, e eu respondo que sim com a cabeça, e o Lars engatinha novamente se arrastando para baixo da rocha, para o escuro, e mal consigo divisá-lo, e então vejo o Lars sair novamente se arrastando e ele se levanta e me estende mais um pedaço de madeira flutuante e vejo que ele pintou tanto

nossa casa em meio aos penhascos quanto nosso barco e não é difícil reconhecer o que tudo aquilo representa, e acho realmente que o Lars é um irmão muito talentoso.

Bonito, digo eu.

Sim, diz o Lars.

Você pinta quadros, quando some?, pergunto eu.

Isso acontece, responde o Lars.

E ouço que sua voz fica um pouco áspera.

De vez em quando, diz ele.

Ou então você fica andando pela ilha, digo eu.

No começo eu só ficava andando pela ilha, diz ele.

E então você começou a pintar quadros de vez em quando?, pergunto eu.

E o Lars responde que sim com a cabeça.

Mas é só quando está bem que você pinta quadros?, pergunto eu e o Lars balança a cabeça novamente. E fico observando o quadro dos penhascos junto a nossa casa e nosso barco e já posso ver que a imagem se parece muito com a de Lars quando ele está assim, claro que se parece com a dos penhascos e com a do nosso barco, mas na verdade ela se parece mais com a do Lars quando ele está assim, do modo como fica às vezes. Acho estranho como a imagem lembra tanto a do Lars quando está assim. É sombria do mesmo modo que o Lars fica sombrio. A mesma escuridão. Uma escuridão que não é morta, e sim que reluz, uma reluzente escuridão, de certo modo.

O quadro se parece com você, digo eu.

O Lars olha repentinamente para mim.

Como assim?

Não, não sei dizer.

Mas parece com você, digo eu.

Quer que eu pinte um retrato seu?, pergunta o Lars.

E não estou com a menor vontade de que alguém faça um retrato meu, não, isso eu não quero. Balanço a cabeça negativamente.

Eu já fiz um retrato seu, diz o Lars.

E ouço como a voz do Lars soa contente e vejo-o mais uma vez engatinhar sob o abrigo rochoso, ele vai pouco a pouco se arrastando para dentro, e então quase não consigo mais divisar o Lars e então vejo seus pés com nitidez e assim vai surgindo cada vez mais do Lars para se ver e então ele se levanta e então vejo o Lars ali parado e estendendo para mim um pedaço de

madeira flutuante e vejo um rosto olhando para cima e obliquamente, o nariz é meio grande, a boca é meio torta, e os olhos são grandes. E o Lars disse que havia feito um retrato meu. Mas o retrato não se parece de modo algum comigo. Eu não sou assim, sou? Com que dificuldade vou dizer agora ao Lars que não sou assim?

Você não gostou, diz o Lars

e começa a rir e junta os pedaços de madeira e coloca-os sob o braço e então desce até o mar. Vejo o Lars ali parado, olhando para a água, e ele ergue um pedaço de madeira flutuante e então o joga para longe dentro do mar.

Não jogue fora os quadros, digo eu.

E o Lars lança de uma só vez os outros pedaços de madeira à água e se vira e corre em minha direção e o Lars passa correndo por mim e então vejo o Lars escalar o rochedo da margem e não entendo absolutamente nada e não sei o que ele vai fazer, e eu não disse nada, ora, mas mesmo assim, por minha causa, o Lars jogou fora seus quadros, portanto alguma coisa deve estar acontecendo, penso eu, e que tudo tenha que ser tão difícil, que nada possa ser fácil, vou pensando enquanto escalo o rochedo da margem e chego ao alto e desço a encosta até a margem e corro tão rápido quanto posso ao longo da margem, para tomar o atalho que sobe até nossa casa, e vejo algumas peças de pedra empilhadas junto à parede da casa e olho para cima e vejo o pai sobre o telhado e ouço o pai praguejar que coisa maldita, diz o pai, que coisa maldita, que inferno, diz o pai e solta uma peça de pedra, e ela cai e se finca enviesada no chão, e o pai olha para mim.

Fique longe!, grita o pai.

Preste atenção! Tome cuidado, grita o pai,

e eu vejo a mãe sair pela porta e em cada braço traz um filho, e a pequena Elizabeth vai agarrada à sua perna, e a mãe olha para mim e balança a cabeça desanimada. Paro. Vejo o pai lá em cima, sobre o telhado, ele está com mais uma peça de pedra na mão e grita alto sumam daí, e então solta a pedra, e esta desliza telhado abaixo, voa pelo ar e cai no chão mole, e vejo a peça de pedra fincar-se enviesada no chão e vejo a mãe à porta de nossa pequena casa e ouço que ela começa a chorar. O pai está em pé no alto do telhado e olha para mim, embaixo.

Agora nós vamos mudar, grita o pai.

Agora chega, grita o pai para mim.

Se estão começando a atirar pedras nas paredes das casas, então chega, diz ele.

Você entende, não?, diz ele.

Respondo que sim com a cabeça.

Agora vou desfazer a casa e depois reconstruir com minhas próprias mãos, diz ele.

Eu construí esta casa, agora vou desfazê-la e depois reconstruí-la de novo, diz ele.

O que vamos fazer com o que plantamos no quintal?, pergunto eu.

Pode ficar com eles, em agradecimento pela pedra que atiraram, diz o pai.

Pode ficar, diz ele.

Eles que façam com a terra o que bem quiserem, diz ele.

Que fiquem com a terra!, grita o pai,

e vejo que ele perde o equilíbrio ali em cima no telhado e tomba de lado e se agarra à cumeeira e vejo a mãe vir em minha direção com um filho em cada braço e vejo que ela chora baixinho e diz que, se é da vontade de Deus, então não podemos nos opor ao desígnio divino para nós, diz ela para mim, e vejo o pai se levantar de novo ali em cima no telhado e ouço minha irmã menor Elizabeth gritar pai!, cuidado, pai!, e vejo o pai soltar mais uma peça de pedra, e ele a solta, e ela desliza sobre o telhado e voa pelo ar e cai sobre uma outra peça, e ambas se partem, e ouço o pai gritar maldição! maldição!, e a mãe grita que ele não deve ficar praguejando e onde é que foi parar o Lars?, pergunta a mãe e então os dois pequenos começam a chorar nos braços dela.

Quietinhos, quietinhos, diz a mãe

e olha para cima, para o pai.

Desça, afinal você não precisa desfazer a casa imediatamente, diz a mãe.

Está bem, então, diz o pai,

e vejo como ele se senta no telhado, depois se deixa deslizar lentamente telhado abaixo, até a escada, ele se põe em pé na escada, desce-a. Depois vem andando até nós.

Acho que vocês deviam ir o mais rápido possível para Stavanger, vocês com certeza podem ficar morando com meu irmão, diz ele

e diz que depois vai também ele levando a casa, leva-a com um barco a vela da costa, diz o pai.

Sim, diz a mãe.

E eu vejo a mãe ali parada, com os olhos molhados.

Mas assim tão depressa, diz ela.

Sim, assim depressa, diz o pai

e vai até as peças de pedra que jogou do telhado para fazer com elas uma nova pilha, ao lado da outra, já encostada à parede da casa.

Vai chover logo, diz a mãe.

E vai chover dentro de casa, diz ela.

Você entende?, pergunta ela

e a mãe olha para o pai, e ele diz que então, com mil diabos, que chova dentro de casa e que amanhã ela pegue as crianças e viajem para Stavanger, ele arranja lugar num barco, já andou pensando nisso, diz ele, e a mãe diz sim, sim, e eu olho para a margem abaixo e vejo que a água voltou a ficar preta e olho para o céu e vejo que ele agora está completamente preto e então sinto as primeiras gotas de chuva.

Está começando a chover, diz a mãe.

Leve as crianças para dentro, diz o pai.

Onde está o Lars?, pergunta o pai

e olha para mim. Balanço a cabeça, não sei.

Esse garoto sempre andando pela ilha, não consigo entender, diz ele.

É nosso filho mais velho, podemos precisar de alguma ajuda, com todos esses filhos que temos para alimentar, diz ele.

Vejo a mãe entrar em casa, um filho em cada braço, e vejo minha irmã menor Elizabeth ir aos pulinhos atrás dela. E então de repente começa a chover forte, sinto a chuva estalar, e quase tão repentinamente começa a ventar, o vento vem forte do mar, e o pai diz que, se imaginasse que fôssemos ter um tempo daqueles, não teria começado a retirar as peças de pedra do telhado, mas como é que ia saber? agora mesmo o sol ainda estava brilhando, diz o pai, e então vai continuar, afinal não pode tirar só algumas peças do telhado, senão fica ridículo de se ver, diz ele, não, agora ele tem que continuar, diz e sobe a escada novamente, em meio à chuva torrencial o pai sobe a escada, e o vento faz a escada balançar enquanto o pai sobe, o vento faz a escada balançar, e eu vejo que a escada não está segura e corro até lá e seguro-a firme, e o pai olha para mim, embaixo, e diz obrigado, obrigado, Oline, diz ele, e vejo que o vento faz a escada balançar, e agora está chovendo torrencialmente, e eu olho para a margem abaixo e vejo o Lars em pé ali puxando o barco para a água, mar adentro o tempo está tão feio, o que é que ele está pensando, esse louco, por que isso agora? por que quer entrar no

mar com um tempo desses?, penso eu e vejo o Lars subir no barco, que dança para um lado e para outro, e as ondas agora estão tão grandes, ele não pode simplesmente sair remando mar adentro com uma ventania dessas! não pode sair remando mar adentro com um tempo desses, penso eu e olho para cima e vejo o pai colocar um pé sobre o telhado, o outro pé fica no degrau mais alto da escada, e o pai pressiona a escada para o lado, e eu faço pressão no sentido contrário e vejo o modo como o Lars se senta no banco do barco e pega os remos e então tenta remar contra as ondas, e o barco quase não sai do lugar, avança apenas um pouco, quase nada, e eu vejo que o Lars rema o melhor que pode e olho para cima e não consigo ver o pai, agora ele deve estar lá em cima do telhado, penso eu, e o Lars não pode sair remando mar adentro com um tempo desses, tenho que correr até a margem e detê-lo, ele não pode sair remando mar adentro com um vento desses, penso eu e solto a escada e saio em meio à chuva e ao vento, caminhando até o atalho, e me viro e vejo o pai montado sobre a cumeeira, e nesse momento ele tira uma peça de pedra lá de cima, e eu vejo que o vento move a escada e então faz a escada escorregar um pouco para o lado, e então vem uma rajada forte e derruba a escada, e eu vejo a escada tombar, e o pai está simplesmente sentado ali em cima e nem sequer percebeu que a escada caiu, e eu vejo que o Lars remou um trecho mar adentro e, ora, ele não pode sair assim remando mar adentro com um tempo desses, penso eu e ponho-me a correr atalho abaixo rumo à margem, agora tenho que convencer o Lars a remar de volta a terra firme, penso eu e vou correndo atalho abaixo em meio a toda a chuva, em meio ao vento, vou correndo e chego à margem e vejo o Lars ali longe da terra firme sentado no barco e remando, o melhor que pode, e o barco mal sai do lugar.

Volte, Lars, grito eu.

Você não pode sair remando com um tempo desses, grito eu.

Não, Lars!

Volte, Lars!

Você não pode!, grito

e vejo que o Lars levanta os remos da água e uma grande onda empurra o barco e o condutor por um bom trecho de volta à margem, e uma nova onda vem, trazendo o barco para ainda mais próximo de terra firme.

O pai está desmontando a casa!, grito eu.

Olhe, Lars, ele está desfazendo o telhado!, grito

e o Lars olha para o telhado e então ouço como ele cai numa sonora

gargalhada e então mergulha os remos novamente na água e tenta girar o barco e consegue e, com isso, o barco passa a se mover rapidamente em direção a terra firme, e o Lars põe os remos de volta no barco e então dá um pulo e fica em pé bem à frente do barco, e o barco balança para cima e para baixo, para cima e para baixo, e então o Lars fica com um pé sobre a borda do barco, pronto para evitar o choque ao atracar, e o barco desliza rapidamente para a margem, e então o pai grita que ele pode deixar, sem problemas, o barco se espatifar, que o barco simplesmente se parta, grita o pai, e o Lars detém o choque e logo está em pé sobre terra firme, e o pai grita que é uma pena, melhor seria ter arrebentado o barco, grita o pai, e o Lars segura firme o barco e o atraca, e chove, chove, de repente a chuva chegou e agora chove ininterruptamente, uma chuva sem fim, e eu estou molhada até o último fio de cabelo, e o vento está gelado, e vejo que o barco agora está bem atracado e que o Lars está parado em pé à margem, olhando para o barco.

Agora venha, Lars, digo eu.

O Lars se vira e olha para mim.

Venha, digo eu,

e o Lars vem em minha direção.

Agora vamos para casa, digo eu.

O Lars balança a cabeça concordando.

De repente, esse temporal, diz ele.

Aqui na ilha é assim mesmo, digo eu.

Sim, o tempo vira depressa, diz ele.

Vou subindo atalho acima, e o Lars caminha ao meu lado.

Nem você nem eu somos batizados, digo eu.

Quase todos os outros são batizados.

E, porque não somos batizados, também não podemos ser crismados, digo eu.

O pai não gosta de pastores, diz o Lars.

Não, digo eu.

Mas quase todos os outros são batizados e crismados, e eu ouvi dizer que é difícil conseguir emprego se a pessoa não estiver batizada e crismada, digo eu.

Você acredita nisso?

Sim, digo eu.

Andei especulando sobre me batizar e me crismar, digo eu.

O Lars faz que sim com a cabeça.

Vamos nos mudar para Stavanger.

Certamente podemos nos batizar e crismar em Stavanger, digo eu.

Talvez, diz o Lars.

Eu vou, em todo caso, digo eu.

Talvez eu também, diz o Lars.

Vamos subindo o atalho.

O pai desfazer o telhado com esse tempo, francamente, diz o Lars.

Ele diz que está fazendo isso porque um dos vizinhos atirou uma pedra contra nossa casa, digo eu

e encaro o Lars e vejo que ele balança a cabeça concordando.

Você não disse que fui eu?, pergunta o Lars.

Balanço a cabeça negativamente, e o Lars e eu vamos subindo o atalho até nossa casa.

Acho que a escada tombou, digo eu.

Eu a ponho em pé de novo, diz o Lars,

e vamos andando até nossa casa, e então o Lars vai até a escada e a põe em pé, e o vento começa a sacudir a escada e a move para um lado e para outro, e então o Lars acaba conseguindo fixar a escada à parede, e aí vejo o Lars subir a escada e com esse vento! a escada escorrega tão fácil! e eu corro até a escada e agarro-a e então fico ali segurando-a firme e vejo o Lars subir até o telhado e ouço o Lars dizer para o pai por que é que precisa desmontar o telhado justamente com um tempo desses e ouço o pai dizer que agora vamos nos mudar, aqui não podemos mais ficar, diz ele, agora vamos nos mudar para Stavanger, pior que aqui lá não pode ser, e vamos levar nossa casa junto, vamos reconstruí-la na cidade de Stavanger, diz o pai, e o Lars pergunta se ele quer ajuda, e o pai diz que seria bom, que uma mãozinha ia bem, diz ele, e eu vejo o Lars subir no telhado e depois não consigo mais vê-lo, e que loucura essa, por que é que o pai tem que começar já, com toda essa chuva e ventania, a desmontar o telhado, e o Lars não parece estar achando isso esquisito, pois perguntou ao pai se queria ajuda para descer as peças de pedra, enfim, algo que até hoje nunca acontecera, ele perguntar ao pai se queria sua ajuda no trabalho, acontecera isso alguma vez?, até onde eu me lembro, não, penso e mal consigo ficar ali parada e segurando a escada, estou com tanto frio, molhada até o último fio de cabelo, e o vento está gelado e forte e agora contei ao Lars que penso em me batizar e me crismar, e parece que o Lars

também poderia se imaginar fazendo isso, talvez pense que, para conseguir pintar seus quadros, precise ser batizado e crismado como todas as outras pessoas, é isso que ele talvez ache, penso e solto a escada e me afasto um pouco da casa e vejo tanto o pai quanto o Lars lá em cima sentados, montados sobre a cumeeira. Estão montados sobre a cumeeira, face a face.

Vou congelar desse jeito, não consigo mais segurar a escada, grito eu.

E nem o pai nem o Lars parecem ouvir, e eu grito para eles e grito mais uma vez e vejo que o Lars se virou para mim.

Vou entrar, grito eu.

O Lars balança a cabeça concordando.

A escada pode cair; se o senhor quiser descer, dê umas pancadas no telhado, grito eu.

Sim, sim, grita o pai,

e vejo o pai soltar mais uma peça de pedra, ela escorrega pelo telhado, voa pelo ar, e eu a vejo cair no chão, e então ela fica encravada no chão, enviesada. Vejo que quase toda a fileira superior de pedras do telhado foi removida. Estou congelando. Entro em casa e ouço as crianças berrando, há sempre berreiro ali, por toda parte e sempre há crianças berrando, penso eu e vejo poças no chão e que está chovendo através do telhado e vejo a mãe sentada num canto, uma criança em cada braço, e a seus pés estão sentadas Elizabeth e Cecilia, e eu vejo que a mãe está chorando baixinho. Olho na direção da mãe, e ela não pode simplesmente ficar sentada aqui na casinha, pensa a Oline, não pode ficar assim sentada na casinha e recordar-se e ser novamente como uma criança, pensa a Oline. Mas ali estava sentada a mãe e ela chorava. E na manhã seguinte o chão estava coberto de água. E a Oline pensa que agora precisa se levantar e sair, não pode ficar sentada na casinha, agora suas pernas já não estão mais doendo, agora precisa se levantar e ir à cozinha com os peixes, pois está frio, ela está congelando, não pode simplesmente ficar sentada na casinha, mas saiu alguma coisa? não, ela não acredita que ficou todo esse tempo ali sentada e não saiu nada, pelo que sabe, até saiu, um pouco, sim, e também havia alguma coisa na calcinha, não muito, mas um pouco sim, pensa a Oline, agora ela precisa se concentrar, pensa, precisa pegar os peixes e levá-los à cozinha e, como está frio, também pode mesmo acender um pouco o fogo e também deve haver um pouco de água ali, os netos são, afinal, prestativos e vão buscar água para ela, não que ela precise ir longe para buscar água, mas do jeito que estão as coisas agora,

tudo se tornou um esforço, até sair da casinha é um terrível esforço, tudo um esforço assim, tudo exige superação, pois basta ela ter que andar a mínima distância e seus pés começam a doer, assim são as coisas agora, e o pior de tudo é ir buscar água, um esforço terrível, que ela quase não consegue mais vencer, mas os netos são dedicados, na maioria das vezes vão buscar água para ela, sem eles, sim, sim, pensa a Oline, os netinhos, sim, filhos e filhos dos filhos. Mas agora ela tem mesmo que se levantar. Não pode ficar sentada assim, pensa a Oline e força as mãos contra as paredes da casinha, e é difícil, e ela faz força para deslizar da borda do assento e alcança sua calcinha e puxa-a para cima e vê que não está assim tão limpa, não, e também está molhada, e a Oline sobe sua calcinha até o meio das coxas e consegue pôr um pé no chão, depois o outro, então a Oline fica com os dois pés no chão, o traseiro meio para fora da borda do assento, e a Oline consegue pegar sua bengala e se apoia com todo o seu peso sobre ela e com toda a força se impulsiona para cima e então a Oline fica em pé, curvada para a frente, apoiada sobre a bengala, fica inclinada e olha para os dois peixes, pendurados juntos no trinco da porta.

Peixe e peixe, diz a Oline.

Sem peixe estaríamos perdidos, diz a Oline.

O peixe nós precisamos ter, diz ela.

O apetite praticamente foi embora, mas alguma coisa a pessoa precisa pôr no estômago, um pouco de alguma coisa a pessoa precisa comer, diz a Oline

e com a mão livre pega os peixes presos do trinco e ergue o trinco e empurra a porta, que abre uma fresta. A Oline aperta os olhos para enxergar fora. E a Oline vê que começou a chover um pouco, se bem que apenas algumas gotas. A Oline reúne suas forças, sente que os pés estão duros, parecem quase inertes, pensa ela e então a Oline tenta se pôr em movimento e assim põe um pé à frente, depois o outro. E a Oline sai da casinha. A bengala numa das mãos, os peixes na outra, a Oline vai saindo da casinha. A Oline vai para sua casa. Agora deve ir logo para a cozinha, limpar os peixes, prepará-los para cozinhar, então acender o fogão, depois se sentar e fazer tricô ou crochê. É isso que ela vai fazer, sim, pensa a Oline e abre a porta vermelha de sua pequena e bela casa, levando os peixes na mão, a Oline abre a bela porta vermelha e entra em sua casa, e a Oline olha para as peças de pedra no chão do corredor e vê seu pai montado sobre a cumeeira da casa lá em Borgøya, e o pai deixa pedra após pedra escorregar até o chão e então as

pedras param fincadas de viés no chão, pai, pai, pensa a Oline e pensa que agora não pode se perder em pensamentos novamente, agora a Oline precisa ir logo à cozinha e limpar e lavar o peixe, depois sentar-se antes que recomecem as dores, ela precisa se sentar de novo, pensa a Oline e entra na cozinha e coloca os peixes na mesa e se senta à mesa e deixa a bengala encostada na borda da mesa e então põe a tábua de cortar diante de si, tira o facão da bainha, pega um dos peixes e sente que ele está seco e pegajoso, suas mãos grudam no peixe, e a Oline corta a cabeça do peixe. Ela vê que o sangue se esvaiu. Corta a cabeça do outro peixe. Vê as duas cabeças de peixe lado a lado, presas à linha. Limpa um dos peixes. Limpa o outro peixe. Ela se levanta, pega os peixes e sai, trôpega, pois agora não pode se apoiar sobre a bengala, a Oline passa pela bancada da cozinha, só não vá cair agora, pensa a Oline enquanto vai andando sem apoio ao longo da bancada, e a Oline põe os dois peixes numa vasilha que se encontra sobre a bancada, pega a concha, enche-a de água e despeja-a sobre os peixes, deixa escorrer e então a Oline vai andando, com as pernas bambas, com cuidado, com cuidado, de volta à mesa e tira um prato do armário acima da mesa e empurra as vísceras e as cabeças para dentro do prato. A Oline pega a bengala, afinal agora vai precisar sair novamente, pensa ela, nunca consegue ter paz, agora vai ter que sair com as vísceras e não está sentindo que precisa fazer algo? não está apertada? pois está precisando ir lá? ou não? está precisando, está sentindo isso, pensa a Oline e, apoiada sobre a bengala e levando na outra mão o prato com as vísceras, a Oline sai de sua casa e vê alguém lá embaixo subindo pela estrada, mas não consegue ver direito quem é, alguns anos atrás estaria obviamente vendo com nitidez quem vinha, mas agora! nem mesmo sua visão é aquilo que já foi outrora, pensa a Oline, e agora ela tem que se curvar e colocar esse prato no chão, para os gatos! para as gaivotas! para todos que queiram as vísceras, ela tem que colocar o prato no chão, mas está tão difícil se curvar, de todo modo ela tem que fazer isso, isso tem que ser feito, sim, tem, pensa a Oline e vê que a pessoa está cada vez mais próxima e a Oline ouve a pessoa dizer sim, agora o gato também precisa ganhar o dele, e a Oline reconhece pela voz que é a Alida quem chega. Pois não é que é a Alida. Como vai ser agradável conversar com a Alida, pensa a Oline. A Alida, sim.

O gato também precisa ganhar o dele, sim, diz a Oline

e vê que a Alida para diante dela.

Não quer entrar, tomar um café, diz a Oline,

e a Alida diz oh, sim, seria bom, diz ela, e afinal não está com pressa, e, se não se engana, foi para isso mesmo que subiu, para tomar um cafezinho, diz a Alida e ri.

Sim, essa é a Alida, essa é a Alida, diz a Oline.

Pois entre, diz a Oline.

Você não quer primeiro colocar o prato no chão?, pergunta a Alida.

Eu costumo jogar lá atrás, do lado da casinha, diz a Oline

e pensa não! não! todos esses anos ela tem feito exatamente assim, tem tirado as cabeças e vísceras de peixe e jogado fora, para as gaivotas, para o gato, pelo menos aquilo tem sempre sumido, e hoje ela estava querendo colocar diante da porta, num prato. Agora as coisas estão ficando bem loucas para ela, pensa a Oline.

Quer que eu jogue para você?, pergunta a Alida.

Não, ainda devo conseguir fazer isso sozinha, diz a Oline,

e uma coisa dessas ela realmente precisa conseguir fazer sozinha, pensa a Oline, que os pés lhe venham a doer o quanto quiserem, os restos de peixe ela tem que conseguir jogar fora sozinha, pensa, e então a Oline reúne suas forças e, com as costas curvadas, lentamente, vai, passo a passo, até a casinha, e a Oline pensa que há pouco queria até dar uma passada na casinha, pois está precisando mesmo, com certeza está precisando, pensa ela, mas não agora!, não justamente agora que a Alida veio visitá-la, agora não pode ir à casinha, pensa a Oline enquanto segura diante de si o prato com os restos e os joga fora e vê as duas cabeças de peixe caídas lado a lado na grama e vê ainda as vísceras grudadas no prato e a Oline pega as vísceras e estas grudam em seus dedos e ela tenta sacudi-las fora e uma parte sai e então a Oline sacode os dedos com mais força, e sai mais um pouco, e então ela limpa os dedos sobre o prato e sacode os dedos e limpa-os na saia. A Oline se vira e volta até a Alida.

Envelhecer é pior do que se pensa, diz a Oline.

Muito pior, diz ela.

Envelhecer é uma merda, diz a Oline,

e então os pés começam a lhe doer, e ela dá um gemido.

Você está com dores, diz a Alida.

Os pés, diz a Oline.

Os pés, sim, diz ela.

Os pés estão doendo.

O pior é quando eu ando, quando estou sentada não doem tanto, diz ela.

Mas você consegue enfrentar isso, diz a Alida,

e a Oline vê que a porta de sua casa está aberta, e ela e a Alida entram.

Sim, sua casa ficou bonita com a nova pintura, diz a Alida.

Casa branca e porta vermelha, diz ela,

e a Alida fecha a porta atrás de si. E a Oline vai à cozinha.

Então vamos passar o café, diz a Oline.

E a Alida entra na cozinha.

Eu posso fazer isso, diz a Alida.

Sim, obrigado, pode ser, obrigado, diz a Oline.

E então vou para a sala me sentar, diz ela.

Isso mesmo, diz a Alida.

E a Oline entra na sala pensando que a Alida, ela já conhece a Alida há tantos anos, mas agora está mesmo começando a esquecer tudo, agora não sabe ao certo nem quem é a Alida, mas a Alida deve conhecê-la. A Alida sabe até mesmo onde fica o café, deve mesmo conhecer bem essa casa. Não, isso está indo longe demais. Isso é ruim demais. Ela precisa saber quem é a Alida. Mas agora não pode dizer nada que permita à Alida perceber que não sabe quem é a Alida, afinal ela sabe, conhece a Alida há tantos anos, mas agora não lhe ocorre quem é a Alida, isso é que é difícil. Ela deve saber quem é a Alida, sim, pensa a Oline. Ainda sabe tantas coisas, então deve ser, sim, capaz de lembrar quem é a Alida, pensa a Oline e vai para a sala e senta-se em sua poltrona. E a Oline sente como é bom se sentar, é como se uma pesada tranquilidade pouco a pouco tomasse seu corpo e expulsasse a dor e a deixasse cada vez mais serena.

Que bom é me sentar, diz a Oline.

Imaginar que pode ser tão bom se sentar, ela pensa

e ouve a Alida lidar na cozinha, e a Alida grita que o café está quase saindo.

Vai ser bom, diz a Oline.

Sim, aqui dentro de sua casa está um pouco frio, então colocar algo quentinho no estômago vai fazer bem, diz a Alida, da cozinha,

e então a Oline vê a Alida entrando na sala com duas xícaras, ela as coloca na mesinha de centro, e a Alida diz que o café já vem, diz ela, aí elas tomam um gole e podem conversar um pouco, como no passado, diz a Alida.

Sim, sim, diz a Oline.

Falar sobre os velhos tempos, diz a Alida

e ri um pouco, e a Oline pensa que com a Alida sempre foi assim, de ela dizer algo e rir um pouco em seguida, a Alida diz algo e então ri um pouco.

Sim, sim, diz a Oline

e vê a Alida ir novamente à cozinha e a Oline pensa que a Alida na certa tem muita coisa para contar, pelo que está dizendo, a Oline pensa e então vê a Alida parada a uma janela, numa pequena casa ali embaixo junto ao mar está a Alida junto à janela e grita para fora, pergunta se a Oline não gostaria de dar uma passada ali, para um bate-papo, e a Oline diz que sim, com prazer, ainda não preciso ir para casa colocar a comida no fogo, digo eu, e então subo até a casa e aí vejo o Lars descer trotando em direção ao mar, com suas pernas curtas e o longo espinhaço, o Lars nunca anda mesmo como uma outra pessoa qualquer, ele não anda nem corre, está sempre trotando, penso eu e vejo como sua longa barba balança para o lado com o movimento, e seus olhos estão castanhos, e hoje seus olhos parecem bastante serenos, sob o quepe preto seus olhos parecem serenos, castanhos como estão, e seus longos cabelos pretos voam para trás, como se levados pelo vento. E sobre seu ombro carrega uma serra. Uma serra de mão, como costuma dizer o Lars. A melhor serra, esta, costuma dizer ele. Vejo o Lars chegar trotando, sua serra de mão sobre o ombro. E agora o Lars deve procurar alguém para quem possa cortar lenha. O Lars corta lenha para as pessoas. Ganha uma xícara de café ou um pouco de dinheiro pelo trabalho. Agora o Lars está saindo a fim de cortar lenha para alguém que precise de lenha cortada. E o Lars olha para mim e seu rosto se abre num sorriso sob a vasta barba preta.

Está indo cortar lenha, digo eu.

Sim, sim, diz o Lars

e para diante de mim, meio ofegante, por ter se apressado tanto.

Se alguém estiver precisando de um pouco de lenha, enfim, diz ele.

Sim, sempre tem alguém precisando, digo eu.

E você foi buscar peixe, diz ele.

Sim, digo eu.

Talvez esteja precisando de alguém para partir lenha para você, diz o Lars.

Não, no momento ainda tenho o suficiente, digo eu.

Mas talvez a Alida esteja precisando, ela me chamou para conversar, posso lhe perguntar, digo eu,

e o Lars diz que seria bom, a Alida com certeza precisa de um pouco de lenha, pois faz tempo que cortou lenha para ela, diz o Lars, na verdade, ele

estava mesmo querendo lhe perguntar se queria que cortasse um pouco de lenha para ela, diz ele.

Então vamos entrar para falar com a Alida e perguntar, digo eu.

O Lars balança a cabeça concordando, e eu percebo que ele hesita um pouco.

Ei, é só você vir junto, digo eu.

Afinal, está com sua irmã mais velha, digo eu.

Está bem, então, o Lars diz

e ri, e aí o Lars e eu entramos na casa da Alida, em sua cozinha, e quando a Alida vê o Lars ali com a serra de mão, como ele diz, sobre o ombro, ela diz ora, pois é você, Lars, que bom, eu estava mesmo precisando de um pouco de lenha, diz a Alida, e o Lars diz que é exatamente como ele imaginava, pois já fazia tempo que não falava com ela e lhe cortava lenha, diz ele.

Sim, faz tempo, diz a Alida.

Eu já estava pensando que você nem vinha mais, diz ela.

Andei com muito trabalho, diz o Lars.

Ah, sim, diz a Alida.

Mas agora não tenho mais quase nada de lenha partida, diz a Alida.

Então foi bom eu ter vindo, diz o Lars.

Sim, parece encomendado, diz a Alida.

Verdade, diz o Lars.

Você é um tipo sem igual, Lars, digo eu.

Sim, sim, diz o Lars,

e ouço como sua voz se alterou um pouco, e a Alida também deve ter ouvido isso, pois diz que é uma sorte o Lars ter vindo e que acabou de passar café, portanto, se ele quiser, também pode tomar um gole conosco antes de começar a trabalhar hoje, e não apenas depois, como de costume, diz a Alida, e o Lars balança a cabeça recusando, e eu vejo seus olhos ficarem escuros e então ganharem um pouco daquele seu brilho preto.

Só se você quiser, diz a Alida.

Senão fazemos como sempre, primeiro a lenha e depois você ganha uma xícara, diz a Alida.

Sim, pode ser melhor vocês fazerem como sempre fizeram, digo eu.

Sim, sim, diz o Lars.

Porque a serpente se enrola, diz ele.

Sim, nisso você tem razão, diz a Alida.

Eu sei que a serpente se enrola, eu mesmo vi, o Lars diz

e fica ali parado sobre suas pernas curtas e seu longo espinhaço, e eu vejo que o Lars está ali olhando fixamente para baixo.

Sim, você sabe, Lars, digo eu.

E de arte eles não entendem nada, diz o Lars.

Nem uma ninharia, diz ele.

Não entendem de arte mais que uma toupeira, diz ele.

Nada mais que isso, diz o Lars

e o Lars fica ali na cozinha da Alida olhando para o chão, e ouço sua voz tremer, e eu e a Alida nos olhamos.

Não têm nenhuma ideia do que seja arte, diz o Lars.

E nem todos os pintores têm que ser mortos, diz ele.

Mas quase todos têm que ser mortos, não todos, mas quase todos, diz ele.

Eu vejo a Alida parada olhando para mim e balançando a cabeça, desanimada. E o Lars fica ali na cozinha da Alida, olhando fixamente para o chão.

Vou matar quase todos os pintores, diz ele.

Eles têm que ser mortos, não sabem pintar e por isso têm que ser mortos, diz ele.

Sim, sim, digo eu.

Vou matá-los, sim, diz o Lars.

Mas você não quer um pouco de café?, pergunta a Alida.

Ser mortos, sim, diz o Lars.

A Alida está perguntando se você quer um pouco de café, digo eu

e vejo o Lars parado e olhando para o chão e olho para a Alida e ela olha para mim.

Um pouco de café vai lhe fazer bem, diz a Alida,

e o Lars olha para cima, para a Alida.

Sim, obrigado, aceito um pouco de café, sim, diz o Lars.

Pode ser bom, sim, diz ele.

É só você se sentar, então, diz a Alida.

Sim, obrigado, obrigado, diz o Lars.

E depois vou cortar toda a lenha que você precisar, diz ele.

Que bom, Lars, diz a Alida.

Mas primeiro um pouco de café, digo eu.

Sim, então, diz o Lars,

e vejo o Lars ir até a mesa da cozinha da Alida e sentar-se ali.

Sim, Lars, Lars, diz a Alida.

Ninguém corta lenha tão rápido e tão bem quanto você, diz ela.

Sem contar a pintura, não há nenhum pintor como você, diz ela.

Isso mesmo, diz o Lars.

E a Alida vai buscar uma xícara e coloca-a diante do Lars e então serve-lhe café, e eu vejo o Lars apanhar o cachimbo, o longo cachimbo curvo, e então ele limpa o cachimbo, e faz isso de uma maneira desajeitada, lenta, enche seu cachimbo lenta, desajeitadamente, e depois o Lars acende um fósforo, e a chama sobe, e o Lars suga o cachimbo, e a chama se inclina para dentro do fornilho, e o Lars dá tragadas e mais tragadas, e então o denso forte bom aroma do tabaco preenche a cozinha da Alida, e aí a Alida pede que eu me sente, e eu me sento frente a frente com o Lars, e então a Alida chega trazendo duas xícaras e coloca uma à minha frente, a outra no lugar vago ao meu lado, então a Alida serve café, primeiro para mim, depois para si, e vejo o Lars ali sentado e fumando prazerosamente o seu cachimbo, e então o Lars leva sua xícara à boca e toma um gole de seu café quente.

Bom café, bom, diz o Lars.

Um bom cachimbo e uma boa xícara de café, diz o Lars,

e a Oline ouve a Alida dizer que agora o café está pronto, agora tem café, diz a Alida, e a Oline olha para cima e vê a Alida parada à porta de sua cozinha e olhando para ela.

Eu estava pensando no Lars, diz a Oline.

O Lars, sim, diz a Alida.

Estava pensando em como ele uma vez desceu até sua casa, para cortar lenha, como sempre fazia, e depois ele sempre ganhava café, mas naquela ocasião você lhe deu café antes mesmo de ele começar a cortar a lenha, diz a Oline.

Foi aquela vez em que ele, enquanto tomava café, de repente se levantou e saiu correndo, diz a Alida.

Sim, sim, diz a Oline.

Simplesmente saiu correndo, sim, diz a Oline.

E naquele dia disse umas coisas horríveis sobre matar todos os pintores, nós não sabíamos se devíamos ou não acreditar naquilo, diz a Alida.

Sim, eu me lembro, diz a Oline.

Mas ele voltou, diz a Alida.

Sim, voltou, sim, diz ela.

Sim, sim, a verdade é que voltou, diz a Oline.

Sim, sim, foi o que ele fez, diz a Alida.

E então cortou tanta lenha e tão depressa como nunca havia feito antes, diz ela.

Sim, ele era uma pessoa incomum, o Lars, diz a Oline.

Sim, nem fale, diz a Alida.

Mas agora o café está pronto, sim, diz a Alida,

e a Oline vê a Alida entrar de novo na cozinha e a vê retornar com as xícaras, e ela coloca as xícaras na mesa, uma diante da Oline e uma no lugar à frente desta, e a Oline pensa que agora precisa lembrar logo quem é a Alida, ela a conhece tão bem, afinal esteve tantas vezes na casa dela lá embaixo junto ao mar, agora precisa lembrar quem é a Alida, pensa a Oline, essa coisa não pode ir tão longe, de ela não saber quem é a Alida, logo não vai saber mais quem é ela própria, se a coisa continuar assim, quem é ela própria? como se chamam seus filhos? os netos? o que ela fez em sua vida?, não, que perguntas horríveis, pensa a Oline, e pensa que, mesmo se não souber mais quem ela própria é, certamente lembrará quem é a Alida, ela sabe disso, lembra-se com tanta clareza como foi aquele dia, muitos anos atrás, em que a Alida e ela mesma e o Lars estavam sentados à mesa da cozinha da Alida, tomando café, aquele dia em que o Lars depois de uma meia xícara de café de repente se levantou e saiu correndo, totalmente sem motivos saiu correndo, ela se lembra bem, sim, ela o vê à sua frente, como se aquilo estivesse acontecendo agora mesmo, vê o Lars à sua frente, sentado à mesa da cozinha da Alida e olhando fixamente para a mesa, e então parece que seu olhar se prende a algo, e aí ela ouve como ele começa a bater os pés, e ele bate os pés cada vez mais rápido e seu olhar se prendeu a algo, e a xícara fica ali diante dele na mesa, e então eu vejo uma palpitação em torno de seus olhos e vejo que seus olhos se enchem de lágrimas, e seu olhar continua como que preso a algo, simplesmente fica preso, não se deixa mover do lugar onde está preso, e ele bate os pés, e seus olhos vão ficando cada vez mais marejados de lágrimas e então a palpitação em torno de seus olhos fica intensa, e eu vejo como o Lars se desgarra, com todas as suas forças, por assim dizer, o Lars junta todas as suas forças, desgarra-se, e vejo o Lars levantar-se e sair correndo, e eu e a Alida nos olhamos, e a Oline ouve a Alida gritar da cozinha que o café está saindo, o café está pronto, grita a Alida, e a Oline vê a Alida entrar com o

bule e a Oline pensa que agora precisa se concentrar, agora simplesmente precisa lembrar quem é a Alida, quem é, afinal, a Alida? será a mulher de seu irmão, será isso? e a Alida também é velha, não tão velha quanto ela, pensa a Oline e a Oline pensa que isso na verdade é ridículo, alguém poderia lhe dizer que é, acontecesse alguns anos antes de simplesmente não lembrar quem era a Alida, pensa a Oline e então ouve a Alida dizer que agora o café está pronto, sim, diz a Alida e então a Alida serve café para a Oline, e a Oline vê que a Alida põe café também na outra xícara.

Não vai perguntar sobre seu irmão?, pergunta a Alida,

e a Oline pensa meu Deus! como pode não ter atinado para isso, pensa ela, nem ter se lembrado de que a Alida é, afinal, a mulher de seu irmão. Mas a Alida não é a mulher do Sivert. A Signe é que é a mulher do Sivert. Pois não lhe pediu a Signe que fosse até a casa dela, não lhe pediu o Sivert que fosse falar com ele? Não fora isso que acontecera? Ou talvez tenha sido a Alida quem lhe disse isso e agora a Alida vinha até lá em cima buscá-la?

Bem, do seu irmão, na verdade, nenhuma novidade até aqui, diz a Alida.

Tudo na mesma, diz a Oline

e ela pensa que, se é assim, a Alida é mesmo a mulher de seu irmão, vários filhos eles tiveram, mas agora seu irmão está velho e doente, exatamente como ela, deve ser isso, sim, pensa a Oline.

Sim, a Alida diz

e suspira, e a Oline pensa que agora precisa lhe perguntar se ele está melhor, se está pior, precisa perguntar algo assim, pensa a Oline.

Tudo na mesma, sim, diz a Oline

e vê a Alida ir à cozinha com o bule e a Oline vê a Alida voltar e então sentar-se diante dela à mesa e agora está apertada, agora vai precisar fazer suas necessidades, agora está terrivelmente apertada, pensa a Oline, e se é que não saiu nada sozinho, ficou tanto tempo na casinha, foi agora há pouco, até o peixe ela levou consigo à casinha, pensa a Oline, levou, sim, pensa a Oline, e agora está é muito apertada, agora não pode sair nada, pelo menos não de trás, porque, se for o caso, que pelo menos saia da frente, de trás não pode sair nada, de jeito nenhum, e terá saído alguma coisa? tem algo atrás, na calcinha?, pensa a Oline, e imaginar que fosse chegar a tal ponto, pensa a Oline, não que as coisas fossem terminar assim, quem teria imaginado?, a Oline pensa e ouve a Alida dizer não, com seu irmão está tudo na mesma, não há novidades para contar sobre ele, quase não consegue mais andar, e

particularmente bom da cabeça ele nunca foi, afinal, a Alida diz e ri.

Não, não foi, diz a Oline.

E a Alida começa a rir.

Não, ele sempre foi incomum, diz a Oline.

Esses quakers são mesmo incomuns, diz a Alida.

Tudo era motivo de alarde.

O serviço militar ele não quis prestar, e os filhos não batizou, diz ela.

Não era nem para nos casarmos, diz ela.

E agora ele também não quer que o enterrem da maneira apropriada, diz a Alida.

Sim, pois é, diz a Oline.

Eles não conseguem ser como as outras pessoas.

Não conseguem, diz a Oline.

Não conseguem mesmo, diz a Alida.

E o Lars ficou completamente desvairado, hein, diz ela.

Loucos os outros também eram, mas o Lars ficou o pior de todos, diz ela.

Mas não devemos ficar falando mal dos mortos, preciso prestar atenção no que eu digo, diz a Alida.

O Lars, sim, diz a Oline.

E ele, que frequentou corretamente a escola e tudo, diz a Alida.

Ele poderia ter se tornado um homem famoso de verdade, diz ela.

Sim, diz a Oline.

Mas aí ficou doente, pobre homem, diz a Alida.

Ficou, diz a Oline.

Podia ter ido longe, mas aconteceu o que tinha que acontecer, diz a Alida.

Ainda está doendo?, pergunta ela,

e a Oline diz que não, quando consegue ficar sentada tranquila, não dói, somente quando anda é que dói, diz ela, mas também precisa andar, afinal, não pode ficar só sentada, não, isso não dá, ela não pode se entregar, não, isso não dá, precisa ir todo dia buscar peixe, diz a Oline, e a Alida diz que não, se entregar a pessoa não deve, diz ela, isso não dá, enquanto os pés acompanhem, é preciso cuidar de si, diz a Alida, e a Oline ouve a Alida dizer que o café estava bom, um café sempre cai bem, diz a Alida.

Café, sim, diz a Oline.

Café faz bem, diz ela.

Esse ficou forte e bom, diz a Oline.

O café ficou bom, diz a Alida.

Uma tristeza que seu marido esteja mal, diz a Oline.

Sim, sim, diz a Alida.

Que ele esteja deitado, nas últimas, que coisa ruim, diz a Oline,

e a Alida imediatamente encara a Oline.

Não, nas últimas ele não está, diz a Alida,

e a Oline pensa pois a Alida não acabou de lhe dizer que ele estava nas últimas, que a Oline devia ir até a casa dela, Alida, porque seu irmão dissera à Alida que queria falar com ela, Oline, antes de partir, não foi isso que a Alida disse ainda há pouco?

Não, à beira da morte ele não está, diz a Alida.

Mas a Alida não lhe pediu, pensa a Oline, que fosse até a casa dela, conversar com o irmão, ainda há pouco, quando ela estava ali embaixo junto ao mar para buscar peixe, não foi a Alida que pôs a cabeça para fora de uma janela e perguntou se a Oline não queria entrar, falar com seu irmão, com o Sivert, sim, claro que fora isso, e então agora elas têm que ir logo falar com o Sivert, para que ele não se vá antes de elas chegarem, elas não podem ficar ali sentadas tomando café, não, isso não pode ser.

O Sivert, sim, diz a Oline.

Sim, o Sivert, esse está mesmo mal, diz a Alida.

Está deitado à beira da morte, diz a Oline.

Não diga, diz a Alida.

Sim, sim, diz a Alida.

Não, isso eu não sabia, diz a Alida.

Não, que terrível, isso, diz ela.

Foi a Signe quem lhe disse isso?, pergunta a Alida,

e, claro, foi a Signe quem lhe disse isso, pensa a Oline, e agora elas precisam se levantar e ir, antes que o Sivert morra, ele está acamado e quer falar com ela, portanto elas têm que ir, não podem ficar simplesmente ali tomando café enquanto o Sivert está deitado à beira da morte, querendo tanto falar com sua irmã mais velha antes de partir, não, isso não pode ser.

Temos que ir logo, diz a Oline.

Ir?, pergunta a Alida.

Sim, temos que ir, diz a Oline.

Aonde?, pergunta a Alida.

Falar com o Sivert, diz a Oline.

Não seria melhor nós o deixarmos em paz?, pergunta a Alida,

e a Oline pensa que agora entendeu tudo, não, a que ponto ela chegou, pois a Alida não é a mulher de Sivert e a Alida nem sequer sabia que o Sivert está deitado à beira da morte, como pode confundir as coisas desse modo! o que foi que aconteceu com ela?! não se lembra de mais nada, quase não enxerga, os pés doem, não, como isso foi acontecer com ela, pensa a Oline, e ela não consegue mais segurar a urina e quase nem mais o resto, não, oh não, pensa a Oline.

Sim, sim, diz a Oline.

Pelo que vejo, o chão da sua cozinha não está totalmente limpo, diz a Alida.

E a Alida sempre foi assim mesmo, pensa a Oline, sempre considerou a Oline uma porca, como ela diz, sempre.

Posso passar um pano para você, diz a Alida.

Isso eu posso fazer, diz ela.

Faço isso num instante, diz a Alida.

Eu mesma posso fazer isso, diz a Oline.

Não, você está com tanta dificuldade para andar, diz a Alida.

Pode estar precisando de uma ajudinha, diz ela.

Eu ainda estou com saúde, posso passar um pano no seu chão, diz a Alida.

Sim, sim, se você acha melhor assim, diz a Oline

e vê que a Alida esvazia sua xícara, e a Alida se levanta, e a Oline ouve a Alida dizer que agora vai buscar água e pano de limpeza e depois vai dar uma passada no chão, diz ela.

A Oline balança a cabeça concordando.

Se você quer assim, diz a Oline

e a Oline vê a Alida entrar novamente na cozinha e a Alida sempre foi assim mesmo, pensa a Oline, nunca estava satisfeita com qualquer coisa que a Oline fazia, pensa a Oline, nunca estava boa o suficiente, nunca, pensa a Oline, e agora a Alida está ficando tão insatisfeita com ela que começa a querer lavar e limpar a casa para ela, pensa a Oline, e isso já é quase uma ofensa, pensa, mas ainda pode se sentir ofendida? ainda tem honra? não, deixar-se ofender dessa maneira, a que ponto chegaram as coisas para ela, pensa a Oline e ouve a Alida fazer barulho e limpeza ali em sua cozinha, e a Oline pensa pois não é que a Alida sabe onde fica cada coisa em sua casa, pois não é que sabe, pensa a Oline, e a Alida nunca estava satisfeita com ela, nunca, talvez nem mesmo com o marido, e menos ainda com o Lars, como ria

do Lars, quando ele não estava presente, era tão amável e gentil na frente dele, mas às suas costas o que ela diz não era tão gentil, não. E a Oline ouve o pano de limpeza sendo passado pelo chão da cozinha. E de modo algum a Alida era boa com o Lars, não, não era, podia ele cortar para ela quanta lenha fosse, por qualquer esmola o Lars cortava lenha para a Alida, mas nunca recebia mais que uma risada como agradecimento, pensa a Oline, e a Alida chega e me puxa pelo braço.

Venha cá, dê só uma olhada no Lars, como ele corta lenha, a Alida disse

e ficou ali parada, rindo para mim, o riso lhe tomava todo o rosto.

Agora o Lars está cortando lenha, venha comigo para ver como ele se mexe, disse a Alida.

Venha, disse a Alida.

Não quer vir?, perguntou a Alida.

Venha comigo, dá gosto ver.

Venha logo, disse a Alida,

e me puxou pela manga da jaqueta, e eu não tive alternativa senão ir junto, porque ela insistia tanto, simplesmente tive que ir junto, ou seja, deixei-me levar pela Alida até seu quartinho, a janela estava aberta e, do lado de fora, ouvi o Lars gritar é a sua vez, alemão dos diabos, gritou ele, e aí ouvi o som do machado acertando uma tora de madeira e ouvi o Lars gritar o quê, você não quer, seu brutamontes, não tem querer, você é obrigado!, gritou o Lars, e mais uma vez ouvi o machado acertando uma tora de madeira e vi a Alida atrás da cortina dando risinhos e sussurrando para mim venha, você tem que ver como ele fica cheio de si, sussurrou a Alida, com um largo riso por todo o rosto.

Venha, venha, disse a Alida em voz baixa,

e eu fui e me postei ao lado da Alida. Vi o Lars ali fora diante de um cepo, a serra ele havia colocado junto à parede da casinha, agora estava ali, com o machado na mão, e ele parecia ao mesmo tempo enfurecido e louco.

Agora o alemão levou a sua, disse o Lars.

E agora vamos pegar um pintor norueguês, e de cabo a rabo, disse ele.

Agora é a vez de um pintor norueguês, disse ele

e o Lars pegou uma tora de madeira e a colocou sobre o cepo.

Agora é a sua vez, seu diabo, disse ele.

Pois é a sua maldita vez, disse ele.

Agora chega, disse ele

e o Lars ergueu o machado até a altura da cabeça e, com toda a sua força, deixou cair o machado sobre a tora de madeira, partindo-a em dois pedaços, que caíram ao lado do cepo.

Acabou para você, disse ele.

Você era um diabo, um diabo de pintor norueguês, mas agora se foi, disse ele.

Acabei com você, ah, acabei, disse ele.

E como acabei, ora, como!, disse o Lars.

Era a sua vez, disse ele.

Eu bem sabia que um dia você ia cair nas minhas garras, disse o Lars.

Seu diabo!

Você nunca soube pintar, nunca, mas pintava, e ficava atormentando os que sabiam pintar, como ficava, diz o Lars.

Diabo!

Aqui em Sandvigen, na cidade de Stavanger, diabos assim não têm o direito de morar!

Não aqui, no meio das pessoas simples, não!, diz o Lars,

e eu vejo o Lars apanhar mais uma tora de madeira do monte, colocá-la sobre o cepo, erguer o machado.

E já!, grita o Lars,

e a Alida começa a dar risadinhas e tapa a boca e me empurra de lado com o ombro.

Tome essa, pintor miserável, diz o Lars.

Era disso que você precisava, diz ele.

Exatamente disso.

Exatamente o que você merecia, diz o Lars,

e então a Alida cochicha para mim que o Lars não parece estar muito limpo, que devia se lavar, talvez eu, como sua irmã, pudesse lembrá-lo de se lavar, cochicha a Alida, e o Lars dizer consigo mesmo que, enfim, agora vai cortar um pouco de lenha, diz o Lars e coloca madeira flutuante seca sobre o cepo, então pega a serra, começa a cortar em pedaços menores, e eu apareço para fora da janela.

Ei, Lars, como vão as coisas?, grito eu.

O Lars para de serrar, e olha para o alto, em minha direção.

Tudo às mil maravilhas, diz ele.

E com você?, pergunta ele.

Tudo em ordem, sim, digo eu.

Você tanto serra quanto parte madeira, digo eu.

Quando quero partir madeira, eu parto madeira, e quando quero serrar, eu serro, diz o Lars.

Faço o que eu quero, diz ele.

Sim, faz, digo eu.

E o Lars endireita as costas, vira-se e olha em torno de si.

Sim, sim, diz ele.

Na praia, sim, diz o Lars

e levanta a cabeça, olha para mim e então pergunta a Alida quer dois ou quatro xelins de lenha?, e eu saio da janela, recuo um pouco para dentro do quarto e vejo a Alida atrás da cortina e tapando a boca e digo que o Lars está perguntando se ela quer dois ou quatro xelins de lenha, e a Alida balança a cabeça para dizer que quer dois, tira apenas brevemente a mão da boca, para depois voltar a tapá-la, e eu vou até a janela e grito para o Lars, fora, que ela quer quatro xelins de lenha, grito eu, e o Lars responde sim, é para já, quatro xelins então, é para já, grita o Lars, e eu o vejo novamente curvar-se sobre o cepo, e então a serra recomeça seu vai e vem, vai e vem, vai e vem a serra, e a Oline vê a Alida parada à porta da cozinha.

Sim, agora o chão da cozinha está limpo e bonito, diz ela.

E a Alida sempre foi assim mesmo, pensa a Oline, sempre achou que a Oline não mantinha sua casa suficientemente limpa, que era uma porca e não era dedicada o bastante, pensa a Oline, e por que a Alida agora vai lavar o chão para ela, enquanto o marido está nas últimas, a Alida fica ali lavando o chão, pensa a Oline, não é possível alguém se comportar assim, como se o chão fosse mais importante que seu marido, pensa a Oline. Mas dizer algo, não, não adianta nada, pensa a Oline. Apenas fica calada. Não diz uma única palavra. Não adianta nada mesmo.

Quer que eu cozinhe o peixe para você?, pergunta a Alida.

Não, isso eu mesma posso fazer, diz a Oline.

Claro que pode, diz a Alida.

Mas eu posso ajudá-la, você está com dificuldades para andar, e como agora estou aqui, diz a Alida.

Sim, você está aqui, mas eu posso cozinhar meu peixe sozinha, diz a Oline.

Quer mais café, então?, pergunta a Alida.

Não, já tomei o bastante, diz a Oline.

Mas então vou embora para casa, está bem?, diz ela.

Sim, pode ir, diz a Oline.

Vá para casa, ficar com seu marido doente, diz ela.

Ele certamente precisa da sua ajuda, diz ela.

Ele ainda consegue se virar bem sozinho, diz a Alida.

Tão desvalido assim ele não está, diz a Alida.

Mas agora vá, assim mesmo, diz a Oline.

Acho que estou meio cansada, acho que vou me deitar um pouco, diz a Oline.

Está bem, Oline, diz a Alida.

Estou indo, então, diz a Alida,

e aí a Oline diz depois nos falamos, sim, e a Alida balança a cabeça para a Oline concordando, e assim a Alida sai da sala para a cozinha, e a Oline ouve a Alida fechar uma porta atrás de si e a Oline pensa que agora a Alida esteve ali e finalmente foi embora, por que é que a Alida tinha que vir incomodá-la ali em cima? pois ela já havia pensado em tudo o que queria fazer, acender o fogão, até mesmo em acender o fogão ela pensara, deixar a casa quentinha e aconchegante, e então ia fazer café para si, e depois sentar-se e fazer tricô ou crochê, tudo isso ela havia planejado, mas então a Alida chegou e se pôs a passar pano em seu chão, e agora ela vai ter que sair e ir até a casinha, ou é melhor ir buscar o penico?, pois está precisando fazer mais um pouco, um pouco com certeza tem que fazer, mas e a Alida? a Oline simplesmente não consegue lembrar quem é a Alida, só se lembra de que Lars uma vez esteve na casa dela cortando lenha, pensa a Oline, e agora está apertada, não?, precisando ir lá? e então mais uma vez vai ter que se desgastar na casinha, não, isso ela não quer, o penico é suficiente, ela só precisa ir puxar o penico de debaixo da cama, mas até isso, sim, sim, ela tem que conseguir, pensa a Oline e pega a bengala e faz força para levantar-se e então Oline fica em pé, curvada sobre sua bengala, e agora tem que ir mancando até o quartinho, puxar o penico de debaixo da cama, então levá-lo consigo até a sala e sentar-se à mesinha, é assim que costuma fazer, pensa a Oline, e ela vai tropegando pela sala, passo a passo, e já começa a doer novamente, basta ela mover os pés o mínimo que seja e a dor já vem, pensa a Oline, mas precisa ir lá, até o quartinho, porque agora está apertada, e não é pouco.

Sim, sim, diz a Oline.

Envelhecer é uma merda, diz ela.

Sim, sim, diz a Oline

e puxa para o lado a cortina para o quartinho e entra tropegando no quartinho e ali está o penico, sobre a banqueta, que ela nem sequer se esforçou em esconder debaixo da cama, não, isso está ruim demais, pensa a Oline e pega o penico com uma das mãos e o ergue e não, oh não, ela não o esvazia há algum tempo, como pode ver, a que ponto chegou ela, pensa a Oline, não, isso é terrível, pensa a Oline, e então aquele cheiro, não, não pode nem pensar nele, e já faz algum tempo também que seu olfato não funciona particularmente bem, sorte sua até, pensa a Oline e pega sua bengala e coloca-a no chão e faz força para levantar-se e então ali está, curvada sobre a bengala que ela força contra o chão, e na mão segura o penico. A Oline começa a andar, lentamente, passo a passo a Oline sai andando, e dói demais, e ali embaixo, na frente, ela está apertada e aí, não, oh não, está saindo algo, sim, saiu um pouco de algo, não tanto, só pouca coisa, e está escorrendo quente por suas pernas, a Oline percebe, não, imaginar que ela havia de chegar a tal ponto, pensa a Oline, que havia de começar a se urinar toda, sem maiores dificuldades veio essa urina, pensa a Oline e vai até a mesinha, põe o penico sobre ela, e a Oline vê o penico ali sobre a mesinha e vê numa das extremidades da mesa duas xícaras, na outra o penico, e a Oline levanta suas saias e abaixa a calcinha e a Oline vê que agora a calcinha está terrivelmente molhada, sim, a Oline vê, e totalmente limpa ela não está, não, a Oline vê, agora vai ter que trocar a calcinha, afinal também essa está molhada, pensa a Oline e puxa a calcinha para baixo e então se segura com uma das mãos à borda da mesa e assim fica sentada, sobre sua mesinha de centro, sobre seu penico, em sua sala, ali fica sentada, segurando-se na borda da mesa, e a Oline pensa que agora tem que sair algo, agora ela simplesmente vai ficar bastante tempo, agora vai esperar e ver se não pode sair um pequeno, pensa a Oline, e está apertada ali atrás, não? um pouco apertada está, não? e vai sair alguma coisa? agora tem que sair algo logo, pensa a Oline e se imagina sentada ali, daquele modo, no penico, em cima de sua mesinha, se pelo menos saísse algo logo, para ela não ter que ficar sentada ali, mas simplesmente estar sentada ali, no penico, em cima da mesa e esperando que saia algo, não, assim não dá, pensa a Oline, assim não dá, e a Alida ter subido até sua casa, e há todos esses anos que ela conhece a Alida, mas não conseguir lembrar quem é ela? quem é a Alida? não, não lhe vem à mente de modo algum, pensa a Oline, e também não vai sair nada, pelo visto, imagine,

ela assim sentada, se alguém a visse agora, sim, se a Alida a visse agora, pensa a Oline, se a Alida chegasse de repente e a visse sentada no penico, não, ela não pode continuar sentada assim, melhor é sair e ir até a casinha, é melhor que se sente ali, não pode continuar assim sentada no penico, em cima da mesa de sua sala, pensa a Oline, pois imagine se chega agora uma pessoa qualquer de repente, a porta ela não trancou mesmo, nem chegou a pensar nisso, e também ainda não acendeu o fogão, como pensara em fazer, finalmente ia acender o fogão, pensara ela, mas ainda não havia feito aquilo, pensa a Oline, e então ela pensara em se sentar e fazer tricô ou crochê, mas havia feito aquilo, não, e então a Signe lhe disse que o Sivert queria falar com ela, Oline, que ele estava nas últimas, disse a Signe, e pedira à Signe que lhe perguntasse se ela queria falar com ele, dissera o Sivert, e então ela vai ter mesmo que descer de novo até o mar, ainda que os pés estejam doendo assim, pois se o Sivert pediu para falar com ela, então ela tem que falar com ele, mas tão confusa como está pode ser que só tenha imaginado isso, ou seja, que o Sivert pedira para falar com ela, sim, sim, pensa a Oline, sim, sim. E agora deve sair alguma coisa, não? ela não pode ficar assim sentada, no penico, em cima da mesinha de sua sala, não, assim não dá. Mas, uma vez que se sentou no penico, então vai ficar sentada, pensa a Oline, um pouco mais, pelo menos, pensa ela, e então vai ter que descer mesmo até o Sivert, pois a Signe com certeza disse que o Sivert está nas últimas e perguntou por ela, disse a Signe, mandou pedir que fosse falar com ele, foi o que a Signe lhe disse, pensa a Oline, e então ela simplesmente precisa reunir forças e descer até o Sivert, pensa ela, não há o que contestar, pensa a Oline, não, de modo algum, pensa ela, mas agora precisa primeiro sair algo, pensa a Oline sentada no penico com as mãos na borda da mesa. Não, ela não pode continuar sentada assim. E o pai deles. E o Lars, que morava lá em cima no sótão com o pai, quando começava com seus rabiscos, pendurava na porta um pedaço de papel onde se lia Não perturbe. Quando pendurava o papel na porta, é porque queria pintar. E então ele ficava à janela do sótão, olhando para fora. E então fazia seus rabiscos. Não perturbe: era isso que se lia no papel. O sótão onde o Lars ficava para pintar. Uma cama estreita e curta. Uma cadeira. Uma arca com o material de pintura e os quadros prontos. Nessa arca, uma grande fechadura. E o Lars fica sentado à janela, olhando para fora, seus longos cabelos pretos, a barba, os olhos castanhos, tão suaves, tão selvagens. E o pai ficava sentado na cadeira e se contorcia na cadeira antes de começar a falar

sobre como os sacerdotes de todas as épocas haviam empregado indevidamente a palavra e o nome de Deus, como os sacerdotes haviam estragado a vida de todas as pessoas boas, como os sacerdotes haviam vendido as vacas para os pagãos somente porque elas haviam desobedecido aos sacerdotes, não querendo batizar os filhos.

Os sacerdotes, dizia o pai.

Os sacerdotes não servem direito a Deus, dizia ele.

Os sacerdotes não passam de uns canalhas, o pai dizia

e olhava ao redor de si com os olhos enfurecidos e balançava a cabeça.

Simplesmente não entendo como nem todas as pessoas se tornam quakers, diz o pai.

Não, esses sacerdotes, diz ele,

e eu e o Lars cautelosamente olhamos um para o outro, decidimos juntos que vamos nos batizar e nos crismar, e já começamos com as leituras, mas nenhum de nós ousou ainda contar isso ao pai.

Precisamos de uma revolução, diz o pai.

Isso precisa ter um fim, diz ele,

e eu vejo o Lars se levantar e sair e ouço o pai me dizer que ele felizmente nunca cedeu, opor resistência lhe custou muitas coisas, custou-lhe conforto material, diz o pai, mas ceder, ele não cedeu.

Não batizei nenhum de meus filhos, diz o pai.

Nem um único.

Nem um dos doze eu batizei, diz ele.

Não me curvei, diz o pai.

Não, não mesmo, diz ele,

e eu penso que não vou ousar lhe dizer que decidi me batizar e me crismar, isso vai ser tão duro para ele, penso, isso vai contrariá-lo tanto, na certa ficará furioso, penso eu e então ouço o Lars entrar de novo e vejo o Lars parado à porta, olhando para mim.

Vou me batizar e me crismar, diz o Lars.

E a Oline também, diz ele.

Olho para o pai, ele fica sentado, olhando para as próprias mãos, com os dedos cruzados sobre o colo. E o pai não diz nada. Ele fecha os olhos. O pai fica sentado, as mãos com os dedos cruzados sobre o colo, e não diz uma única palavra. O pai fica sentado, de olhos fechados. O pai não diz nada. À porta está o Lars, que também não diz nada. Eu não digo nada. E fecho os

olhos e repouso as mãos com os dedos cruzados no colo. E então o Lars vem e se senta ao meu lado e também não diz nada e então ficamos ali, o pai, Lars e eu. Ficamos sentados em silêncio. Ficamos muito tempo sentados. Até que finalmente o pai se levanta.

Vocês é que sabem, diz ele,

e aí o pai sai pela porta, e a Oline pensa não, oh não, ela não pode ficar apenas vivendo o passado, precisa se superar, não pode ficar assim sentada no penico, em cima da mesinha que ganhou certa vez há muito tempo e de que sempre gostou, ela não pode ficar sentada assim, em seu penico, em sua sala, não pode, pensa a Oline, e agora está saindo alguma coisa, sim! sim, está! aí vem um trocinho, sim, sim, aí vem saindo um trocinho, sim, sim, sim, agora ela pode se alegrar, tanta coisa não deve mesmo sair dela, sempre fora de comer pouco em todos os seus dias, e de todo modo não passou a comer mais com o passar dos anos, pensa a Oline, é das que comem pouco, pensa ela, mas agora não pode ficar sentada assim, em seu penico, em cima da mesinha da sala, pensa a Oline. Não, não pode. Precisa ir até o Sivert, pensa ela.

Preciso ir até o Sivert, diz a Oline.

Não estou enganada, a Signe disse que eu devia ir falar com o Sivert, diz a Oline.

Não posso ficar sentada assim, diz a Oline,

e imagine se chega alguém agora e a vê sentada assim no penico, ali em cima da mesinha da sala, não, isso seria terrível, pensa a Oline e no mesmo instante batem à porta. E a Oline desliza do penico e faz força na borda da mesa para levantar-se e então fica em pé na sala e as saias caem sozinhas, mas a calcinha fica pendurada em sua panturrilha, e a Oline vê o penico ali em cima da mesa, há duas xícaras sobre a mesa e, além delas, o penico, e na borda da mesa está apoiada a bengala e mais uma vez a Oline ouve baterem à porta e ela pega a bengala e então pega o penico e aí alguém grita tem alguém em casa?, gritam, e é a voz da Signe, não? e agora ela tem que responder, pensa a Oline e olha para a porta de sua sala e vê a porta se abrir e vê a Signe parada à porta.

Eca, diz a Signe.

Não, eca, diz ela.

Está certo, eu não deveria chegar assim tão de repente, diz a Signe,

e a Oline fica ali parada, apoiada sobre a bengala, o penico na mão, e

olhando para o chão.

Mas a sua porta estava aberta, diz a Signe.

Eu já estava ficando com medo de que tivesse acontecido algo, diz a Signe,

e a Oline fica parada, com uma das mãos apoia-se na bengala e com a outra segura o penico diante de si, e então a Oline se vira esquivando-se da Signe e sai andando pela sala, em direção ao quartinho, e os pés lhe doem, e que coisa horrível a Signe ter visto o que ela fez, pensa a Oline, o que a Signe há de pensar agora? tudo aquilo? ela deve pensar que tudo aquilo que está no penico acabou de sair dela, mas na verdade foi só um trocinho, pensa a Oline, e os pés doem tanto, mas ela não quer deixar perceber, eles que fiquem doendo quanto quiserem, a Oline pensa e arrasta para o lado a cortina que dá para o quartinho e vai até a banqueta e coloca o penico sobre a banqueta e então volta para a sala.

Eu achei que precisava lhe dizer que o estado do Sivert piorou, diz a Signe.

Você precisa ir agora, o Sivert me pediu que viesse buscá-la, diz a Signe.

A Oline balança a cabeça concordando.

Seria melhor se você viesse comigo agora mesmo, diz a Signe.

Desça logo comigo, diz ela,

e a Oline responde que sim com a cabeça e então vê sua calcinha abaixada, em torno das canelas, e vai até a cadeira e senta-se e pega sua calcinha e passa-a acima do joelho e, enquanto então segura a calcinha com uma das mãos e com a outra se firma sobre a bengala, ela se levanta e puxa a calcinha.

É isso, você vê como é, diz a Oline.

Sim, diz a Signe.

É assim, enfim, diz a Oline.

Mas você vem agora mesmo, então, diz a Signe.

Faça isso, por favor, diz ela.

E a Oline responde que sim com a cabeça.

Aí fora, na porta, aliás, tinha dois peixes comidos pela metade, diz a Signe.

Peixes?, pergunta a Oline.

Sim e quase totalmente comidos, diz a Signe.

Aí fora, bem junto da porta, diz ela.

Não diga, diz a Oline.

Sim, tenho que voltar para casa, o Sivert está tão mal, diz a Signe.

Sim, já estou indo, diz a Oline,

e a Signe disse que lá fora há dois peixes na porta, pensa a Oline, o que será

que isso significa agora? terá entrado um gato na cozinha e roubado sua comida? não, que coisa, e o Sivert lá deitado à beira da morte e querendo tanto falar com ela antes de morrer, e ela, enquanto o Sivert talvez esteja morrendo, sentada na sala, no penico em cima da mesa, não, isso não pode ser, mas foi assim que as coisas ficaram, enfim, pensa a Oline, e a Signe disse que a porta ficou aberta? e a porta não pode ficar aberta, e lá fora havia dois peixes comidos pela metade? então veio um gato e roubou sua comida? e a Signe disse mesmo que o Sivert estava esperando por ela, então precisa se superar e descer até o Sivert, conversar um pouco com ele, pensa a Oline, precisa ir agora mesmo, então, pensa a Oline e, curvada sobre a bengala, se move para fora da cozinha, e onde foi que deixou o peixe? em algum lugar deve ter deixado o peixe?, pensa ela, e a Oline vai em direção à bancada da cozinha e lá está a vasilha com água, sim, ali deve ter colocado o peixe, deve sim, mas agora não tem mais peixe nenhum ali, um pouco de vísceras e sangue é o que há na água, mas onde estará então o peixe? pensa a Oline, o que ela fez com o peixe? e a Oline olha em torno de si na cozinha e não vê sinal de peixe em lugar nenhum, serão mesmo então os peixes dela que estão lá fora comidos pela metade, pensa a Oline, ela precisa ir até lá fora e conferir, e, se forem mesmo, não vai poder fazer nada senão descer até o mar para comprar outro peixe, afinal precisa de comida, pensa a Oline, se o gato lhe roubou a comida, ela vai precisar buscar nova comida para si, pensa a Oline e, uma vez que tem que sair mesmo para visitar o Sivert, isso foi praticamente como ter sorte no azar, como dizem, pensa a Oline e sai tropegando da cozinha, e está doendo como sempre, mas ela não vai deixar que percebam, pensa a Oline e agora precisa fechar a porta atrás de si, pensa a Oline e vai tropegando sobre as pedras do piso do corredor e ali, bem em frente à porta, vê jogados os dois peixes comidos pela metade.

Pois então o gato esteve mesmo por aqui, diz ela.

Os gatos também querem comida, claro, diz ela.

Até mesmo os gatos querem comida, diz a Oline.

É isso, enfim, os gatos também querem comida, diz a Oline

e ela está pensando certo, os gatos também querem comida, mas por que não comem o peixe inteiro? por que comem só a metade? e por que comem dois peixes pela metade em vez de um inteiro? pensa a Oline e, com a bengala, empurra primeiro uma, depois a outra metade dos peixes, para junto da parede da casa.

Enfim, é isso, a Oline diz

e pensa que agora precisa descer até o mar outra vez, precisa comprar outro peixe, o pescador Svein vai ficar intrigado ao vê-la chegando duas vezes no mesmo dia para comprar peixe, mas isso certamente já aconteceu antes também, em outro momento ela também na certa deve ter ido várias vezes num mesmo dia comprar peixe, pensa a Oline, sim, claro que já deve ter acontecido, agora precisa ir comprar peixe outra vez, pensa ela, mas para sua segurança talvez devesse ir primeiro até a casinha? que tal uma passada rápida pela casinha? ela devia, sim, primeiro dar uma passada na casinha, pensa, devia sim, pensa a Oline, mas devia ir buscar o peixe também, sim, pensa ela, mas para sua segurança deve fazer isso agora, precisa primeiro dar uma passada na casinha, pensa a Oline e começa a tropegar em direção à casinha, e claro que está doendo, sim, como dói isso, mas hoje ainda vai ter que andar tanto, não pode deixar perceberem, isso não ajuda em nada, afinal ela não pode simplesmente se deitar, não agora que o gato roubou seu peixe, pensa a Oline, e não ter mais o domínio de si, e essas coisas saindo quando querem, ela ter ficado assim, não, pensar que ia ficar assim, não, agora que o bom Deus a deixe ir logo, ele que já deixou o Lars partir e agora é o Sivert quem deve ir, assim, que seja logo a vez dela, pensa a Oline e levanta o trinco da porta e a Oline empurra a porta, abrindo-a, e consegue entrar na casinha e se senta na borda da privada, e fica ali sentada na borda, assim fica a Oline sentada na borda da privada e empurra a porta novamente, para fechá-la, fazendo o trinco se encaixar e ali, ao lado do trinco está a pintura que o Lars fez, um cavalo, nada que ela mesma não conseguisse pintar melhor, pensa, e então aquelas montanhas marrons, também isso ela seria capaz de pintar melhor, se tentasse, mas de todo modo há algo de especial nessa imagem, porque o Lars a pintou, por isso é que há algo de especial nessa pintura, mas apesar disso há ainda algo mais, pensa a Oline, sem dúvida que sim, há algo de especial nessa pintura, e ela tem que se superar, sentar-se e esperar e depois descer ao mar novamente para arranjar seu peixe, pois precisa ter o que comer, pensa a Oline e ergue suas saias, consegue se levantar parcialmente e abaixar a calcinha e então a Oline se senta sobre o buraco e fica olhando o cavalo que o Lars pintou, e o cavalo é na verdade o próprio Lars, pensa ela, mas o cavalo também é ela, isso está claro, pensa a Oline, porque ambos podem ser considerados cavalos, e o Lars era mesmo um cavalo bastante arisco, o Lars que sempre saía correndo, ia embora quando as

pessoas vinham bater à porta e o pai a abria, e eu bati à porta, e o pai abriu, e eu entro no corredor de casa e então vejo o Lars vindo da sala, e ele não olha para mim, apenas passa correndo por mim, com o rosto voltado para o chão passa correndo por mim, e ele sobe correndo a escada, e o pai olha para mim e balança a cabeça.

Ele é assim, diz.

É arredio, diz ele.

Mas agora nem ao menos poder conversar um pouco com a própria irmã, isso é mesmo ruim, diz ele.

Balanço a cabeça concordando e penso que o Lars não quer, enfim, falar comigo, eu até sabia que ele não gostava de encontrar pessoas, mas que nem mesmo a mim queira encontrar, a própria irmã, a quem conhece tão bem, não, quem ele poderia encontrar, afinal? se não se arrisca nem mesmo a me ver, quem ele poderia ver?

Sim, isso é bem desagradável, diz o pai.

Mas ele não é sempre assim, só de vez em quando, diz.

Acontece até de ele apreciar falar com umas pessoas, são altos e baixos.

Mas em certos dias, não, aí não quer ver ninguém.

E a mim ele não diz uma única palavra.

Nem uma única palavra, tem dias em que o Lars não me diz uma única palavra.

Fica só ali sentado, diz ele.

Alterna momentos de olhar calmo, com um leve brilho, e outros com aquele olhar que faísca enfurecido, diz o pai.

Não consigo entendê-lo, diz o pai.

Não, realmente não consigo, diz ele.

Não o entendo, diz ele.

Não, ele é simplesmente assim, digo eu,

e então o pai diz que devo entrar, assim entro na sala e o pai e eu nos sentamos.

Não, o Lars é fora do comum, diz o pai.

Com certeza, diz ele.

Alguém como ele não vai existir tão cedo.

Sim, o Lars sempre foi fora do comum, digo eu,

e o pai balança a cabeça concordando.

E daqui das redondezas ele nunca vai querer sair, diz ele.

Por nada nesta vida ele quer ir para a cidade.

Ele não quer?, pergunto eu.

O pai balança a cabeça negativamente.

Não, nunca na vida teve vontade, diz o pai.

Não, o Lars não se deixa convencer; se decidiu algo antes, fica nisso, diz o pai.

Mas a irmã, podia pelo menos falar com sua irmã, digo eu.

Sim, é o que eu penso, diz o pai,

e ouço que o Lars começa a andar de um lado para outro, no sótão sobre nossa cabeça.

Ele costuma andar assim?, pergunto em voz baixa.

Costuma, diz o pai.

Para lá e para cá, digo eu.

Para lá e para cá, para lá e para cá, diz o pai.

Sendo que lá em cima nem tem muito espaço, você sabe, diz ele.

E é apertadíssimo, ele mal consegue andar com as costas retas, digo eu.

Sim, é isso mesmo, com certeza, diz o pai.

Sim, sim, diz ele.

Mas ele é assim, enfim, diz ele.

É assim, não se pode fazer nada.

As pessoas são como são, diz ele.

Mas eu posso ir até ele lá em cima?, pergunto eu,

e o pai diz que ele mesmo nunca tentou, quando o Lars está assim, nunca até hoje, diz o pai, preferiu não se importar, porque não dá para adivinhar a reação do Lars, ele é tão imprevisível, diz o pai, pode ficar irritado e fora de si, pode até gostar, diz ele, não, ninguém sabe ao certo, mas até posso tentar, se eu quiser, diz ele.

Sim, pode ser, digo eu.

Você pode tentar, diz o pai.

Mas ele não vai querer falar com você, diz o pai.

Mas tentar você pode, diz ele.

Sim, eu digo

e me levanto, e o pai diz que não me assusto com nada, não, diz ele, e eu vou subindo a passos tão pesados quanto possível, tão pesados quanto consigo, para que o Lars ouça que há alguém chegando, e ouço que a andança no piso de cima para e vejo que há um pedaço de papel ali pendurado à porta

do Lars, Não perturbe, e eu paro, devo então perguntar se o Lars vai permitir que eu entre, penso, se ele quer conversar um pouco com a irmã, devo perguntar.

Lars, eu digo

e fico parada à porta do Lars e não ouço nada.

Lars, não quer conversar um pouco com sua irmã, com a Oline, digo eu.

Ei, Lars.

Sou eu.

A Oline, digo eu.

Faz tempo que não o vejo, não quer conversar um pouco comigo.

É a Oline, digo eu.

Ei, Lars, eu digo

e não ouço nada vindo do sótão, e o Lars bem que podia conversar um pouco com sua irmã, penso eu, que com os outros, com todos os outros não queira conversar, pode até ser, mas com a irmã bem que poderia falar, bem que poderia dizer algumas palavras à irmã, penso eu, dou um passo, pego a maçaneta da porta e não consigo virá-la, pego com mais força e ela se movimenta um pouco, cede um pouco, e fico ali parada, segurando a maçaneta, forço-a para baixo e ela cede um pouco, ou seja, o Lars está ali, do outro lado, forçando a maçaneta para cima, penso eu, deve ser isso mesmo, sim, isso mesmo, o Lars está ali forçando a maçaneta para cima, como pode o Lars fazer tal coisa quando a irmã vem falar com ele, como pode não querer falar com a irmã, não, não consigo entender isso, penso eu.

Lars, abra a porta, digo eu.

Sou só eu, sua irmã.

É a Oline quem está aqui, sua irmã, digo eu.

Agora abra, Lars, digo eu.

Você bem que podia abrir, não, Lars?, eu digo

e novamente tento forçar a maçaneta para baixo, mas o Lars fica ali fazendo força no sentido contrário, não consigo mover a maçaneta, por mais que tente.

Você não quer falar comigo, digo eu.

Não quer trocar umas palavras com a sua irmã, não?, digo eu.

Bem que podia, não?, eu digo

e novamente tento forçar a maçaneta para baixo, e o Lars mantém a força contrária, e eu solto a maçaneta e aí vejo a maçaneta descer e a porta se abrir

depressa e vejo o Lars parado à porta, segurando a porta aberta, e tudo isso se dá tão rápido, e eu vejo o Lars parado à porta e vejo seus cabelos e a barba preta desgrenhados em torno da cabeça, e seus olhos brilham pretos e imensos, e o Lars bate a porta novamente, e o ruído é tão alto que minhas mãos começam a tremer, e o Lars abre mais uma vez a porta e torna a batê-la, e ao meu redor sinto o ruído forte e a dura luz preta de seus olhos e fico ali diante da porta, ereta, paralisada. E mais uma vez o Lars abre a porta e torna a batê-la.

Está bem, já estou indo, digo eu.

Não enxerga o que está escrito na porta?, grita o Lars.

Que não quero ser perturbado, grita ele,

e eu me viro e começo a descer a escada, e o Lars grita atrás de mim que, se pendurou uma placa dizendo que não o perturbem, então não quer ser perturbado, ouço o Lars gritar e vou descendo a escada e ouço o Lars gritar que as pessoas são idiotas, não entendem de nada, até mesmo sua irmã é uma idiota, não respeita o fato de que ele precisa trabalhar, que precisa de paz para realizar seu trabalho, ela não tem absolutamente nenhum respeito, ouço o Lars gritar, e então ele abre outra vez a porta e torna a batê-la, e eu vou descendo a escada, e o Lars grita maldita merda! mulheres! e esses diabos de pintores!, grita o Lars e bate a porta, e abre a porta e torna a batê-la, e eu entro na sala, onde está meu pai, e ele olha para mim quando entro e sorri para mim e balança a cabeça.

Ele não está bem, diz o pai em voz baixa.

Não, não está bem mesmo, digo eu.

Essa fúria que às vezes toma conta dele.

E então esse choro todo, de repente ele pode começar a chorar, diz o pai.

E igualmente de repente é tomado por essa fúria, é capaz de pôr em risco a vida de uma pessoa.

Não, o Lars não está bem, não, diz o pai,

e eu ouço que em cima, no sótão, agora tudo se acalmou.

De vez em quando ele é tomado por algo, não sei o que pode ser, diz o pai.

Fica furioso, diz ele.

Ou então é esse choro todo.

Não sei o que é pior ou melhor, não sei mesmo, diz o pai,

e eu ouço que ali em cima, no sótão, agora tudo se acalmou, o Lars não bate mais a porta, não grita mais, não anda mais de um lado para outro, agora está

tudo em paz com o Lars ali em cima. E eu só queria conversar um pouco com ele, penso. E como pode ficar assim tão terrivelmente furioso, penso e ouço o pai dizer que não devo me preocupar com o Lars, ele é assim mesmo, não faz isso por mal, ouço o pai dizer.

Sim, digo eu.

Ele é assim mesmo, diz o pai.

É, é assim, enfim, digo eu.

Sim, sim, diz o pai.

Acho que é por causa desses quadros que pinta que ele é assim, diz o pai.

Ele não é uma pessoa comum, diz ele.

Essa fúria.

E todo esse choro, diz ele.

Não, alguma coisa não está certa com o Lars, não, diz ele.

Não, não está, diz ele.

Mas nós temos que viver com ele, diz o pai.

Temos que viver com ele, diz ele.

Sim, digo eu.

Acho que agora vou embora, digo eu.

Que visita rápida, diz o pai.

Sim, só quis dar uma passadinha, digo eu,

e vejo o pai balançar a cabeça concordando.

Então apareça de novo logo, hein, diz ele.

Pode deixar, eu digo

e me levanto e digo tchau ao pai, peço que dê lembranças ao Lars, e ele diz que sim, que o fará, diz, temos que simplesmente viver com o Lars, já que ele é assim, e eu balanço a cabeça concordando e saio, e o pai vem atrás de mim e diz nos falamos em breve de novo, sim?, e eu digo sim, até breve, digo e ouço o pai fechar a porta atrás de mim e parto e não consigo entender por que o Lars não quis falar comigo, penso eu, e ele bem que poderia ter conversado um pouco comigo, penso e então ouço passos apressados atrás de mim e me viro e vejo o Lars vindo em disparada atrás de mim, e ele olha para baixo, e eu fico parada, olhando para o Lars, e ele vem correndo em minha direção, e o Lars para diante de mim e olha para baixo e o Lars diz aqui e me estende um pedaço de papel com uma pintura, e eu olho para o Lars e num relance vejo que seus olhos estão molhados e vejo o Lars se virar, e ele mais uma vez sai correndo para o cômodo de cima da casa, e eu olho para a pintura que me

deu e vejo que ele a fez no verso do rótulo de uma caixa de tabaco, e na pintura há um cavalo amarelo e atrás do cavalo algumas colinas sem vegetação e, além disso, duas silhuetas, aparentemente duas pessoas, vejo na pintura, como se estivessem soltas no ar, vejo e olho para o Lars que sobe apressado para o cômodo de cima da casa, onde moram ele e o pai, e vejo o Lars abrir a porta e entrar. Fico no lugar, segurando na mão a pintura que o Lars me deu. Começo a andar e agora, pensa a Oline, ela não pode mais ficar tanto tempo sentada na casinha, pensando no Lars, isso não pode ser, o gato esteve por lá e comeu seu peixe, por isso ela não pode continuar ali sentada, precisa se superar e descer até o mar para comprar outro peixe, pensa ela, ficar ali sentada é que não pode, em todo caso, pensa ela, não, não dá, pensa ela e, embora esteja sentada na privada, não sai nada, pensa a Oline e agora ela precisa parar com essa sua lamúria por causa dos pés que lhe doem tanto e tudo mais e então tratar de descer até o mar, afinal descer é sempre mais fácil, pensa ela, para cima é que é mais difícil, a ladeira é tão íngreme que ela mal consegue chegar lá em cima, pensa a Oline e a custo consegue se levantar, puxa a calcinha para cima e hoje à noite precisa trocar essa calcinha, já deveria ter feito isso há mais tempo, mais essa, mas hoje à noite trocará, sim, a Oline pensa e levanta o trinco da porta e pega a bengala e meu Deus, como dói, que dores são essas, meu Deus, como dói, pensa a Oline e põe seu peso sobre a bengala e reúne suas forças, faz esforço para se levantar, consegue passar pela porta, vira o trinco novamente e se concentra, põe o corpo em movimento e então a Oline começa a descer até o mar, e agora ela não pode deixar notarem que sente tanta dor, agora não pode pensar, agora tem que simplesmente seguir andando e não pode parar antes de estar lá embaixo junto ao mar, quando seguramente vai encontrar o pescador Svein ou qualquer outro que tenha peixe para vender, pensa a Oline, e agora ela tem que descer até o mar sem parar, pensa, descer sem paradas, pensa a Oline, pois se não sabe prestar atenção em seu peixe e deixa que o gato venha roubá-lo, então não merece outra coisa senão ter que descer até o mar outra vez no mesmo dia, pensa a Oline, se ela se porta de maneira tão tola, não merece outra coisa, pensa a Oline, e agora, quando passar pela casa do pescador Svein, não vai parar, somente quando estiver subindo de volta do mar é que vai fazer uma pausa junto à casa do pescador Svein, assim, ainda que sinta tais dores nos pés, agora vai seguir andando direto até o mar, a Oline pensa e curvada sobre sua bengala vai andando, o melhor que pode, e

então a Oline ouve alguém gritar não, você andando pela rua de novo, grita alguém, e a Oline ouve que é o pescador Svein.

Sim, sem comentários, diz a Oline

e para e vê o pescador Svein à frente de sua casa.

Sim, você não desiste, hein, Oline, diz o pescador Svein.

Não, não, diz a Oline.

Está indo para a cidade?, pergunta o pescador Svein.

Não, não, diz a Oline.

Está só passeando um pouco, diz ele.

Sim, sim, a Oline diz

e pensa que agora precisa perguntar ao pescador Svein se ele tem mais peixe para ela.

Na certa, indo visitar os netos, então, diz o pescador Svein.

Você não tem um pouco de peixe para mim, diz a Oline.

Ah, ela está precisando de peixe, diz o pescador Svein.

Não, agora já vendi tudo o que tinha pescado hoje, diz ele.

E um pouco dele você tinha levado, não?, diz ele.

Mas o gato levou o peixe embora, diz a Oline.

Então o gato andou por ali, diz o pescador Svein.

Não diga, diz ele.

Que lamentável, diz ele.

Mas o gato também tem que comer, diz ele.

Claro que o gato também tem que comer, diz ele.

O gato também quer viver, ora, diz ele.

E agora você está precisando de outro peixe, diz ele.

Sim, isso mesmo, diz a Oline.

Que situação mais besta, diz o pescador Svein.

Vendi tudo o que tinha pescado, diz ele.

Mas, como é para você, Oline, vamos ver o que dá para fazer, diz ele.

Posso entrar no mar e remar um pouco para ver se apanho alguma coisinha, diz ele.

Dou umas remadas e vejo se consigo pegar algo para você, diz o pescador Svein.

Não, aí já é pedir demais, diz a Oline.

Não, não é pedir demais, não, vou ajudá-la, diz o pescador Svein.

Podemos descer juntos até o mar, aí vemos se eu consigo, diz ele,

e a Oline diz não, oh não mesmo, aí já é pedir demais, diz ela, não quer importuná-lo assim, ele já a ajudou tantas vezes com a comida, diz a Oline, e o pescador Svein diz é para isso que estamos neste mundo, para nos ajudarmos, diz ele, e então a Oline vai descendo até o mar ao lado do pescador Svein, eles não dizem nada enquanto vão andando lado a lado, e a Oline pensa que não pode deixá-lo perceber as dores que sente nos pés, agora tem que simplesmente caminhar como nos seus dias de juventude, a Oline pensa e então ouve o pescador Svein dizer que comida todo mundo precisa ter, tanto o homem quanto o gato, diz ele, e a Oline diz que sim, comida é preciso ter, senão não dá, e o pescador Svein e a Oline passam pela casa onde moram a Signe e o Sivert, e a Oline pensa que nunca conseguiu se entender muito bem com a Signe, as duas sempre tiveram seus rancores, uma com a outra, e em toda a sua vida não foram muitas as vezes que ela pôs os pés na casa da Signe e do Sivert, não, isso raramente aconteceu, pensa a Oline, passar pela casa da Signe ela passou, sim, incontáveis vezes, pensa a Oline, todo dia ao longo desses anos todos ela passou, sim, por aquela casa onde moram a Signe e o Sivert, e quase nunca topava com a Signe, estranho que isso fosse assim, que ela nunca topasse com a Signe, é provável que tenham tentado, o melhor que podiam, se evitar, as duas, pensa a Oline e então ouve o pescador Svein lhe perguntar como está o Sivert, e o Sivert não parece estar tão bem, pois a Signe já não lhe pediu duas vezes hoje que fosse encontrar o Sivert, porque ele está nas últimas, porque o Sivert está nas últimas ele queria tanto falar com a Oline, a Signe perguntou se a Oline não podia descer, se não podia conversar um pouco com o Sivert, perguntou a Signe, não perguntou? não era nada daquilo, aquilo era só fruto de sua imaginação, pensa a Oline, e então talvez ela precise mesmo ir até o Sivert, conversar um pouco com ele, pois se o Sivert está para partir e gostaria de falar com ela antes que seja tarde, então ela deve mesmo ir falar com ele, isso é óbvio, afinal na infância e na juventude foram melhores amigos, ela e o Sivert, mas então o Sivert se juntou a essa Signe, e ela e a Signe nunca se entenderam tão bem, pensa a Oline e agora só está indo buscar seu peixe, depois vai até o Sivert, e, se estiver enganada, se a Signe não lhe pediu que fosse até lá, se a Oline está só fantasiando isso, então não pode deixar transparecer a sua vergonha por estar indo à casa de Signe, é a primeira vez, até onde se lembra, ela está indo à casa da Signe, não, nunca passou propriamente porta adentro da casa da Signe, pensa a Oline, e não faria isso hoje, não tivesse a Signe lhe

pedido que fosse, e sua memória está tão ruim, não lembra, como dizem, nem o que comi no almoço, pensa a Oline, mas a Signe não disse que o Sivert queria falar com ela? por isso é que precisa simplesmente ir à casa da Signe, pois se o Sivert está mesmo nas últimas, prestes a partir, e lhe pedindo vá visitá-lo e ela não for, não, isso não pode ser, pensa a Oline e ouve o pescador Svein dizer que agora vai sair remando, e então eles vão ver se ela não consegue algo para o jantar de hoje, hein, diz o pescador Svein, e a Oline diz não, isso já é demais, ela não quer importuná-lo, nem deveria ter perguntado se ele tinha peixe, se sabia que não teria mais peixe sobrando, mas, uma vez que já lhe perguntara, o mal está feito, diz a Oline, e o pescador Svein diz que, se houver peixe por ali e morder a isca, então ficará tudo bem, diz o pescador Svein, e agora os pés estão doendo tanto e também parece ter saído um pouco de qualquer coisa na calcinha, não?, pensa a Oline e, se ela pelo menos pudesse ficar parada um pouco, se pudesse descansar um pouco, pois está tentando o melhor que pode acompanhar o pescador Svein, e ele ainda é bom na caminhada, embora seja, na verdade, quase da mesma idade que ela, ter problemas para andar ele não começou a ter ainda, não começou ainda, o pescador Svein, pensa a Oline e agora logo estará lá embaixo junto ao mar e então poderá descansar um pouco e, tão logo descanse, vão cessar as dores nos pés, de mais que isso ela não precisa, pensa a Oline e ouve o pescador Svein dizer que a Oline pode se sentar no banco na garagem de barcos, e ele vai sair para remar um pouco e, se perceber a presença de peixes, não vai demorar muito para apanhar algum, diz ele.

Sim, muito obrigada mesmo, diz a Oline.

Vamos ver se alguma coisa morde a isca, diz ele.

Sim, obrigada pela ajuda, de todo modo, diz a Oline.

Não há de quê, diz o pescador Svein.

Você não há de ficar sem comida por falta de umas remadas minhas, diz ele.

Ora, ora.

Não, isso não pode ser, diz o pescador Svein,

e a Oline vê o pescador descer até o píer e ela mesma vai para a garagem de barcos, e junto à parede desta há um banco, e a Oline se senta nesse banco, e tão logo se vê sentada sente como os pés param de doer, e sente o quanto está cansada, e então a Oline fica sentada ali junto à parede da garagem de barcos e vê o pescador Svein desatracar o barco e afastar-se do píer, e o barco

desliza para a água, e a Oline vê o pescador Svein pegar os remos e então vê o pescador Svein sair remando mar adentro, e então o pescador Svein grita que agora vai logo sair e pegar uns peixes para ela, grita o pescador Svein, e a Oline vê o pescador deitar os remos no barco e apanhar uma linha de pesca, e então o pescador Svein lança a linha à água e, mal lançou a linha à água, a Oline já o vê levantar-se no barco e com seus braços compridos recolher a linha, e o pescador Svein se vira e grita para a Oline que um já mordeu a isca ali, e dos grandes, esse, grita o pescador Svein, e a Oline vê o pescador Svein curvar-se sobre a borda do barco, e ele grita para a Oline lá vem ele, um belo bacalhau, grita o pescador Svein, um belíssimo bacalhau, grita o pescador Svein, e a Oline vê o pescador Svein erguer o bacalhau para dentro do barco.

Um belo bacalhau, grita o pescador Svein.

Mal soltei a linha na água e ele já mordeu a isca.

Belo peixe.

Fresco, uma delícia, grita o pescador Svein,

e a Oline vê o pescador Svein sentar-se no banco do barco e afundar os remos na água, e então o pescador Svein rema em direção a terra firme, e a Oline pensa que agora vai ter que voltar para casa com o peixe, nem bem se sentou ali junto à parede da garagem de barcos do pescador Svein e já vai ter que penosamente subir de novo a ladeira até sua casa, pensa a Oline, e vai ser terrível subir do mar até lá em cima, pela segunda vez hoje penosamente caminhar de volta para casa, com esses seus pés doendo, pensa a Oline, e ela não ter mais domínio de si, controlar o que sai ali embaixo, não, como é horrível envelhecer, pudesse o bom Deus decidir que a queria agora junto de si, para que ela simplesmente se livrasse disso, finalmente se livrasse disso, pensa a Oline e vê o pescador Svein atracar seu barco, e ele ergue o peixe para o alto e vem subindo em direção a ela, o peixe na mão, o peixe vem na linha de pesca para que ela possa carregá-lo, pensa a Oline e vê o pescador Svein chegando e se postando diante dela.

Pois aqui está o seu jantar de hoje, diz o pescador Svein.

Sim, muito, muito obrigada, diz a Oline.

Sinto muito pelo incômodo que lhe causei, diz ela.

Ora, não há problema, diz o pescador Svein.

Quer levar na linha?

Sim, sim, diz a Oline

e segura a linha para o pescador Svein, e ele empurra o peixe para o outro

lado, através das guelras, ele empurra, e a Oline vê a linha sair do outro lado junto às guelras, e então o pescador Svein pega as duas extremidades da linha e amarra-as e estende o peixe para a Oline, e ela firma a bengala sobre o chão mole, e esta afunda um pouco, e a Oline reúne suas forças, agora precisa novamente reunir todas as suas forças, pensa a Oline, e então, agora, agora faz força para levantar-se e fica em pé e com a mão livre pega o peixe que o pescador Svein lhe estende.

Sim, muito, muito obrigada mesmo, diz a Oline.

Muito obrigada.

Eu lhe pago assim que o dinheiro aparecer, diz a Oline.

Sim, não tem pressa, diz o pescador Svein.

A situação está meio apertada no momento, diz a Oline.

É assim mesmo, diz o pescador Svein.

Sim, mas muito obrigada mesmo, diz a Oline,

e agora ela precisa pôr o corpo de novo em movimento, pensa a Oline, agora vai ter que mais uma vez penosamente subir a íngreme ladeira, precisa chegar em casa, precisa de fato fazer isso, é só chegar em casa que todo o resto se acerta, a Oline pensa e ouve o pescador Svein dizer que agora tem coisas para fazer, precisa se apressar e ir para casa, diz o pescador Svein, e a Oline o vê começar a subir depressa a ladeira, em meio a todas as casas o pescador Svein vai subindo depressa a ladeira, e agora ela também tem que subir a ladeira e chegar em casa, é só chegar em casa que todo o resto se acerta, pensa a Oline, agora tem que chegar em casa, pensa a Oline e com muito esforço põe o corpo em movimento e imediatamente as dores ressurgem, não, ela tem que poder partir logo, que o bom Deus a leve logo, que a liberte disso, isso precisa acabar logo, acabar para ela também, pensa a Oline e, com o peixe numa das mãos e a bengala na outra, a Oline vai se arrastando para cima, passo a passo vai se arrastando para cima, e os pés lhe doem tanto que não dá para suportar, que coisa terrível isso, pensa a Oline, e agora vai chegar em casa, aí vai entrar na casinha, vai se sentar um pouco ali e esperar, para ver se sai alguma coisa, pois está apertada ali embaixo, alguma coisa quer sair, está apertada, e que a coisa não venha a sair sozinha! ela que consiga segurar agora!, pensa a Oline, agora não pode sair nada sozinho, não, agora não pode sair nada sozinho, não agora, não, isso não pode acontecer agora, pensa a Oline, não, não agora, pensa ela e está bastante apertada, não?, pensa a Oline enquanto vai subindo curvada sobre sua

bengala, com o peixe na outra mão, e a Oline levanta os olhos e vê a Signe parada em frente de casa, e ali está a Signe olhando para ela, e sua fisionomia não é boa, e a Oline e a Signe nunca foram mesmo melhores amigas, nunca, muito pelo contrário, e a Signe nunca foi de estar em frente de casa quando a Oline passava, muito pelo contrário, sempre foi de sumir mais do que depressa para dentro de casa ao ver a Oline chegando, pensa a Oline, não, ela e a Signe nunca se gostaram, e a Oline nunca atravessou a porta da Signe, embora a Signe seja esposa do irmão dela, o Sivert, e a Oline e o Sivert foram melhores amigos quando crianças, o irmão menor Sivert, ficou um homem tão bonito ele, o Sivert, pensa a Oline, mas agora a Signe está ali parada e não parece estar pensando em ir de novo para dentro de casa, está ali como se esperasse por ela, como se quisesse lhe dizer algo, e não parecia estar de bem com ela, a Signe, não, de modo algum, mas que a Signe esteja ali esperando por ela está bastante claro, pensa a Oline, e por que estará a Signe ali parada? elas já não conversaram hoje? oh, não, essa história de ela não se lembrar de nada, de não conseguir se lembrar mais de nada, somente de uma coisa ou outra ocorrida há muito tempo ela se lembra, dessas em compensação consegue se lembrar com clareza e nitidez, agora é assim, pensa a Oline, e essa dor, essa dor que toma conta de seus pés tão logo ela põe o corpo em movimento, não, essa dor, pensa a Oline e ouve a Signe dizer você vem agora, ou não quer falar com seu irmão à beira da morte, até isso se pode esperar de você, diz a Signe, e a Oline pensa então é isso, seu irmão está à beira da morte, sim, é verdade mesmo, a Signe já lhe disse isso muitas vezes hoje, que o irmão queria falar com ela, sim, agora está lembrada, e ela indo comprar peixe no mar enquanto o irmão está à beira da morte, é mesmo terrível a que ponto chegou.

Você não se importa, diz a Signe.

Sempre se importou apenas consigo mesma e com mais ninguém, diz ela.

Mas é seu irmão.

É seu irmão que está tão doente e talvez se vá, e você não querendo falar com ele, diz ela.

Não, como pode isso, diz ela.

Isso não pode ser.

Que coisa terrível.

E agora não falta muito, logo tudo estará terminado, agora talvez seja tarde demais.

Isso não pode ser.

Isso não pode ser, diz a Signe,

e a Oline vai penosamente subindo a ladeira e para diante da Signe, fica ali, apoiada sobre sua bengala, o peixe na outra mão.

Fiquei tão esquecida, diz ela.

Eu me esqueci.

Não costumo entrar na casa de vocês, mas claro que eu quero falar com meu irmão, diz a Oline.

É o mínimo que se pode esperar, diz a Signe.

Então entre logo, diz a Signe,

e a Signe vai até a porta de sua casa, e a Oline vai atrás dela e a Oline pensa que ela mesma também não vai muito longe e agora está tão cansada e, se agora o irmão tem que partir, o que há de dizer a ele? talvez possa pedir ao Sivert que ele a recomende a Deus nosso Senhor, que lembre Deus nosso Senhor de que logo deve ser a vez dela, pensa a Oline e atravessa a porta da Signe para entrar em sua casa, e no corredor da casa o cheiro é de limpeza e tudo parece tão organizado e ali parece não faltar nada, pensa a Oline, não, ali ela não esteve muitas vezes, não se lembra de ter entrado nessa casa antes, pensa a Oline e ouve a Signe lhe dizer que suba a escada, depois vire à direita, atravesse o dormitório e então o Sivert estará deitado atrás da cortina no sótão, diz a Signe, e escadas são agora a pior coisa que pode existir para a Oline, pensa a Oline, subir escadas é agora o que há de pior, pensa ela.

Posso segurar o seu peixe, se você quiser, diz a Signe,

e a Oline pensa que não, agora prefere não largar o peixe, então responde que não com a cabeça.

Mas ajudá-la a subir a escada eu posso, não?, diz a Signe,

e a Oline pensa que precisa deixar que a Signe a ajude, por menos que queira, precisa deixar, pois sozinha não deve mesmo conseguir, pensa a Oline, e a Signe toma sua bengala, e então a Signe segura-a firme pelo braço e quase a arrasta para a escada, e a Oline sente aquelas fisgadas e pontadas nos pés, e a Signe vai puxando-a escada acima, e a Oline sente como lhe doem os pés, e a Signe puxa-a até chegarem ao topo.

Então, Oline, é passando aquela porta à esquerda, diz a Signe.

Converse você primeiro um pouco com ele, e eu entro depois.

Vou descer de novo, diz a Signe.

É só me chamar quando você terminar, diz ela.

Ou bater com a sua bengala no chão, diz a Signe.

Foi assim que o Sivert sempre avisou quando estava precisando de ajuda, diz a Signe,

e a Signe põe na mão da Oline a bengala, e então a Oline fica ali em pé, a bengala numa das mãos, o peixe na outra, e agora só precisa entrar para falar com seu irmão menor, o Sivert, agora que ele está velho e deitado à beira da morte e quer falar com ela antes de partir, como disse a Signe, então ela agora precisa reunir suas forças e se curvar para entrar ali onde está o Sivert, pensa a Oline. Sim, é isso que tem que fazer agora, pensa ela.

Sim, sim, diz a Oline.

Sim, sim, diz ela,

e a Oline abre a porta do dormitório e vê uma grande cama de casal, elegantemente arrumada, uma colcha de crochê cobre-a por inteiro, não, que belo trabalho, pensa a Oline, não, que colcha a Signe fez de crochê, ela deve ser mesmo habilidosa e paciente, pensa a Oline e vê um grande espelho pendurado numa das paredes, não, como é bonito aqui, hein, pensa ela, e a Oline vê uma cortina presa à parede maior, e deve ser aí atrás que está deitado o Sivert, nesse canto, e curvada sobre a bengala a Oline vai andando pelo cômodo, com o peixe na mão livre, e com a bengala ela empurra a cortina para o lado e a Oline passa encolhida para trás da cortina e a Oline entra no canto do sótão e olha para a cama e lá está deitado o Sivert, e tão grisalho e desgrenhado ela nunca o havia visto antes, mas no criado-mudo está seu cachimbo, e a caixa de tabaco também, isso é bom, mas sua barba está tão grisalha e desgrenhada e se espalha em todas as direções, na certa ninguém escova a barba do Sivert há muito tempo, não, e os cabelos do Sivert estão grisalhos e amassados, e ele espalmou uma mão por sobre uma das faces, longos dedos tortos, tão magros, tão magros, estendem-se por sobre essa face, conforme pode ver a Oline, e o Sivert está deitado completamente imóvel, e ao lado da cama há uma cadeira, é ali que ela vai se sentar e então ver se o Sivert tem algo para conversar, afinal ele nunca foi de falar muito, e o mais provável é que também não vá querer falar muito hoje, e seus olhos ficam fixos, olhos vazios encaram-na fixamente, percebe a Oline e vai até ali e senta-se na cadeira e encosta a bengala na cama do Sivert e deita o peixe no colo.

Então, aqui está a sua irmã, diz a Oline

e olha para o irmão, o Sivert, e ele não responde.

Não, de muita conversa você nunca foi mesmo, diz a Oline,

mesmo quando era pequeno, muitas vezes não respondia mesmo, quando eu falava com você, diz ela.

Ainda me lembro, pode acreditar.

Sivert, Sivert.

Você sempre foi fora do comum, hein, Sivert, diz a Oline.

Tanto você quanto o Lars sempre foram fora do comum, desde pequenininhos, diz a Oline.

Mas você nunca ficou tão enfurecido quanto o Lars.

Você foi tranquilo a vida toda, Sivert, diz a Oline.

Sivert, Sivert, diz a Oline

e olha para a mão do Sivert, que parece apertar a face, forçando a pele para dentro.

Sim, como você pode ver, estou com um peixe aqui, diz a Oline.

Consegui com o pescador Bjørn, diz ela.

Não, hoje aconteceram as piores coisas, você tinha que ver, Sivert, diz a Oline.

Hoje aconteceram coisas horríveis.

Desci hoje logo cedo até o mar, para buscar peixe, e, como sempre, arranjei com o pescador Bjørn.

Dois deles, ele me deu.

E eu deixei o peixe na cozinha, como de costume.

Tudo como de costume.

Mas imagine você que um gato esteve por lá e me roubou o peixe!

Não, como isso pôde acontecer eu não sei, mas de repente lá estavam os dois peixes comidos pela metade, na porta de casa.

Meu jantar, o gato levou meu jantar.

Por isso é que me atrasei um pouco, tive que primeiro ir outra vez até o mar, buscar outro peixe, por isso é que me atrasei um pouco, diz a Oline.

Mas consegui um belo peixe, diz a Oline,

e ela apanha a linha e ergue o peixe e fica segurando-o na direção do Sivert, e o Sivert pelo visto não quer dizer nada, independentemente do que ela diga ou faça, ele simplesmente não vai lhe responder, deve estar bastante magoado com ela, por ela não ter vindo, pensa a Oline, e o Sivert pedira que viesse, para poder falar com ela, por estar velho e cansado e precisando partir logo, ele lhe pedira que viesse conversar com ele, e agora ela vem, e agora o Sivert

não lhe diz uma palavra, nem uma única palavra ele quer lhe dizer, pensa a Oline e deita o peixe novamente no colo.

Não, a vida toda você foi um caso à parte, Sivert, diz a Oline.

E olhe que eu me lembro de você, sabe, desde que você era um pirralhinho.

Sim, desde que veio ao mundo, eu me lembro de você.

Então não venha fazer graça com a sua irmã.

E sempre fomos bons amigos, você e eu, Sivert.

Eu o vi crescer, ficar adulto, envelhecer.

Sua irmã viu isso, sim, então agora você pode dizer algo a ela.

Você não pode simplesmente pedir que ela venha conversar com você e depois, ela chegando, não dizer uma única palavra, isso não dá, diz a Oline.

Não, não dá, diz ela.

Alguma coisa você tem que dizer à sua irmã, sim, diz a Oline.

Não pode ficar só deitado aí sem dizer nada, diz ela,

e a Oline vê que o irmão está deitado exatamente do mesmo modo que quando ela entrou, com a face pressionada pelos dedos compridos, magros, tortos, está o Sivert ali deitado, a barba grisalha e revolta para todos os lados, parecendo um monte de feno, e com os cabelos grisalhos, amassados, o Sivert está deitado sobre o travesseiro, e seus olhos azuis se fixam cinzentos no vazio diante de si, e sobre o criado-mudo estão seu cachimbo e a caixa de tabaco, e talvez o Sivert queira dar uma fumadinha em seu cachimbo, pensa a Oline, ela poderia lhe perguntar isso, a Oline pensa e pega o cachimbo do Sivert e o estende para ele e a Oline diz que, ainda que ele não esteja bem agora, talvez queira dar uma fumadinha em seu cachimbo, ela pode enchê-lo para ele, se ele quiser, sim, também sabe acender, apesar de ser mulher, pois sabe fazer coisas assim, e, para dizer a verdade, ela mesma bem que gostaria de ter fumado cachimbo, se aquilo não parecesse tão abominável, a Oline diz e estende o cachimbo para o Sivert, que apenas fica ali deitado, como ficou deitado todo esse tempo, sem mover um único dedo, ele fica deitado, imóvel, sem nem sequer responder com um não, fica ali deitado, o Sivert, pensa a Oline, não, ele ficar tão emburrado assim por ela não vir correndo, na mesma hora, não, isso é algo que ela não teria imaginado, pensa a Oline, mas ele sempre foi assim, enfim, teimoso e incomum desde criança o Sivert foi teimoso e incomum, e, quando decidia uma coisa, não havia quem conseguisse fazê-lo mudar de ideia, exatamente como o Lars, tanto o Lars quanto o Sivert eram teimosos e incomuns, nunca mudavam de ideia depois

que haviam decidido algo, pensa a Oline e recoloca o cachimbo do Sivert no criado-mudo, e cachimbo também, os dois fumavam, o Lars e o Sivert, os dois adoravam seus cachimbos, para qualquer lugar que fossem, sempre carregavam consigo o cachimbo. E uma longa barba os dois tinham também, e cabelos compridos. No início, os dois tinham cabelos e barba pretos, depois ficaram ambos grisalhos. E o Lars tinha olhos castanhos, enquanto os do Sivert eram azuis. Mas os dois foram sujeitos de baixa estatura e fortes. E o Lars ficava tão orgulhoso de sua barba, quando eu via que lentamente acariciava sua barba, fazia isso muitas vezes, eu podia ver como o Lars ficava orgulhoso de sua barba, podia ver bem o seu orgulho no modo como passava a mão na barba, e quando punha o cachimbo na boca, sobre a barba, aí eu podia ver de vez em quando como o Lars estava satisfeito consigo mesmo, não com tanta frequência, mas acontecia de o Lars estar satisfeito consigo mesmo. E então os cabelos compridos, que ele punha para trás da orelha. E então aquela mulher terrível lhe cortou os cabelos. Tanto os cabelos quanto a barba. E o Lars querendo esconder seu rosto, depois que lhe cortaram os cabelos e a barba, não, as coisas não podiam terminar assim para ele. Ainda fui visitá-lo, sim, quando ele estava deitado à beira da morte, lá em cima, no sótão do abrigo dos pobres. E eu chego à porta, e o Lars me vê chegando e se vira na cama, vira o rosto para a parede, e eu lhe pergunto como vai, peço que se vire, mas o Lars não quer se virar, o Lars fica deitado com o rosto voltado para a parede e leva as mãos ao rosto, tenta cobrir o rosto e tenta também cobrir a cabeça onde antes houvera cabelos compridos e grisalhos e agora havia apenas alguns tufos grisalhos e duros. E o que fizeram com o Lars?

Precisa falar com a sua irmã, digo eu.

Lars, você de barba e cabelo raspados, não, eu não achava que você fosse querer fazer isso, digo

e ouço uma voz fraca dizer que ele não queria que lhe tirassem barba e cabelo, de modo algum, mas o fizeram assim mesmo, diz a voz fraca, e eu vejo que essa que fala está com o corpo encolhido na cama ao lado da cama do Lars e vejo que o rosto dela quase não existe mais e pergunto por que não permitiram que o Lars mantivesse sua barba e seus cabelos longos, e ela diz que eles haviam alegado razões de asseio, cabelos compridos e barba exigiam tantos cuidados, por isso rasparam, e ela disse também algo sobre homens não deverem ter cabelos e barba compridos, que sua aparência fica melhor sem, foi o que ela disse, diz a mulher na cama ao lado, mas o Lars não queria

que lhe cortassem cabelo e barba, diz ela, não, não mesmo, e eu vejo o Lars ali deitado, o rosto voltado para a parede, e com as mãos ele tenta esconder o rosto e a cabeça, e ouço-a dizer que, sempre que entra alguém, ele se vira, não quer que ninguém mais veja seu rosto, diz ela e diz que até mesmo Kielland, o escritor, esteve ali, queria nada menos que fotografar o Lars, trazia um desses equipamentos que a pessoa usa para fazer retratos, sim, imagine, diz ela, Kielland em pessoa esteve aqui para fotografar o Lars, mas o Lars simplesmente se virou para a parede, e não disse uma única palavra, embora Kielland, o escritor, em pessoa, falasse com ele, o Lars não respondeu, diz ela, e depois disso, diz ela, o Lars não deixava ninguém, além dos que estão aqui deitados, ver seu rosto, e mesmo eles provavelmente não teriam visto seu rosto se ele tivesse conseguido evitar, diz ela, e eu vejo o Lars ali deitado, o modo como tenta cobrir o rosto e a cabeça.

Não, como podem ter raspado seus belos cabelos e sua barba, digo eu.

Não, não, como podem fazer uma coisa dessas, digo eu.

Eles fazem o que querem, diz a mulher na cama ao lado da do Lars.

Exatamente o que eles querem, diz ela.

Eles o seguraram, dois sujeitos fortes, e o terceiro o raspou, diz ela.

Mas fizeram porque aquela senhora mandou, diz ela,

e eu vejo o Lars ali deitado, virado para a parede, tentando cobrir o rosto e a cabeça com as mãos.

E ele não respondeu nem mesmo quando Kielland falou com ele, diz ela.

Várias vezes Kielland falou com ele, mas ele não respondeu, diz ela.

Não, isso não se faz, Lars, digo eu.

Mas tenho um pouco de tabaco aqui para você, digo eu.

Pensei que você talvez precisasse de um pouco de tabaco aqui em cima, digo eu.

Sim, vou colocar para você em cima do seu criado-mudo, eu digo

e coloco a caixa de tabaco sobre o criado-mudo do Lars, e o Lars olha bem rápido para mim e vejo a pesada luz preta em seus olhos, e nesse momento é como se tudo se transformasse, basta um relance de seus olhos e tudo se transforma, assim também é o Lars, penso eu, varia tanto o Lars, penso e digo que volto em breve, e cabelos e barba vão crescer de novo, que ele não se deixe afetar tanto, digo, e a mulher na cama ao lado diz que eles vêm a cada duas semanas cortar cabelos, diz ela, e eu saio do abrigo dos pobres e fico pensando o que acontece com essa gente? por todos esses anos, a barba e os

cabelos compridos haviam sido a única coisa da qual o Lars se orgulhara, e agora eles simplesmente lhe raspam tudo, cabelos e barba, não, como essa gente ficou, penso eu, não, como puderam chegar a tal ponto, não, a ponto de fazer uma coisa dessas, mas isso na certa é culpa daquela senhora maligna, que pelo visto não quer que os homens tenham barba e cabelos compridos, não, ela deve preferir cabeças e rostos lisos, assim é que ela os quer, e de que adiantou o Lars não querer que lhe raspassem os cabelos e a barba, ela na certa disse pura e simplesmente que essa é a vontade de Deus, que homens não devem ter barba, que devem ser raspados, e, se são alimentados por ela, devem fazer aquilo que ela quer, senão que tratem de cuidar de si sozinhos, mas justamente por não serem mesmo capazes de cuidar de si sozinhos é que vieram parar no abrigo dos pobres dessa senhora, penso eu e saio do abrigo dos pobres, e agora o Sivert deve dizer logo alguma coisa, pensa a Oline, ela não pode continuar simplesmente assim sentada, afinal o Sivert lhe pediu que viesse, queria falar com ela, dissera ele, e agora ali está ela sentada ao lado de sua cama e ele sem responder nada ao que ela lhe diz, igualzinho ao Lars, pensa a Oline, ele também não respondia, pensa a Oline, assim são seus irmãos, simplesmente não respondem, mas o Sivert ao menos ainda tem sua barba e seus cabelos, pensa ela, e agora precisa, enfim, responder.

Mas você pediu que eu viesse visitá-lo, diz a Oline.

Queria me pedir alguma coisa em especial, diz ela.

Ou não?, pergunta ela,

e a Oline olha para o Sivert, e ele continua deitado ali, quieto, os olhos fixos no nada, os dedos pressionados contra a face.

Está bem, então não, diz a Oline.

Precisa de ajuda?, pergunta a Oline.

Precisa de alguma coisa?

A Signe não é boa com você?, pergunta ela,

e a Oline ouve passos na escada e pensa que deve ser a Signe chegando.

Aí vem a Signe, diz ela.

Sua mulher, Sivert, diz ela.

Está ouvindo que tem alguém chegando?, diz ela,

e a Oline ouve uma porta se abrir e ouve passos no quarto e vê que a cortina foi puxada para o lado e então a Oline vê a Signe entrar ali e a Signe fica parada, olhando em direção ao Sivert.

Como você bem pode ver, ele está morto, diz a Signe,

e a Oline olha para o irmão, e ele está deitado tão quieto que bem pode mesmo estar morto, pensa ela.

Conseguiu falar com ele?, pergunta a Signe.

Não, ele não respondeu nada, diz a Oline.

Claro, pois você chegou tarde demais, diz a Signe.

E você aí sentada, com um peixe no colo, não, como pode uma coisa dessas.

Mas agora ele está morto, diz a Signe,

e a Oline ouve em sua voz que a Signe está prestes a começar a chorar, e então vê lágrimas lhe escorrerem pelo rosto, e então a Signe vai até ali e fecha os olhos do Sivert e então solta-lhe a mão que pressionava a face, e a pele está bem branca no local onde estiveram os dedos, e a Signe se vira para a Oline.

Agora você pode ir, diz ela.

Você se importou tão pouco com seu irmão que nem sequer chegou a tempo de falar com ele, nem mesmo com ele à beira da morte, diz ela.

Então agora também não precisa mais ficar aqui sentada, diz a Signe,

e a Oline pega sua bengala e faz força para se levantar e a Oline ouve a Signe dizer que a ajuda a descer a escada e a Oline pensa como seria ótimo se pudesse descer apenas com o próprio esforço, pensa a Oline, mas não dá, não consegue descer a escada sozinha, não, pensa a Oline e sente a dor voltar e a Oline ouve a Signe dizer que a cadeira onde ela esteve sentada está molhada, e a Oline se vira e vê uma poça sobre o assento e não, oh não, pensa ela, aconteceu de novo e ela nem percebeu, não, como pode ter chegado a tal ponto, de ter que terminar assim, não, agora o bom Deus precisa ter misericórdia dela, agora que levou o Sivert para junto de si, agora também ela tem que poder partir logo, a Oline pensa e ouve a Signe dizer que ela está tão mal que não consegue sequer segurar a urina, nem mesmo junto ao leito de morte do irmão, nem mesmo ali, mas vai limpar seu xixi, enfim, diz a Signe, e pega a Oline com força, puxando-a pelo braço, e a Oline mal consegue acompanhar, de tão depressa que a Signe a puxa atrás de si escada abaixo, ela mal consegue ficar em pé, do modo como a Signe a puxa pelo braço.

Não, você não se importava muito com seu irmão, diz a Signe.

Você podia ter realmente reservado um tempo para trocar umas palavras antes de ele morrer, afinal ele me pediu que fosse buscá-la.

A última coisa que o Sivert fez antes de morrer foi me mandar buscá-la.

Mas você veio?

Sim, veio, mas tarde demais.

Você não vale nada, diz a Signe,

e a Oline e a Signe começam a descer a escada, e os pés lhe doem tão terrivelmente, pensa a Oline, doem como nunca antes, ela sente, e se pudesse estar logo lá embaixo da escada e pudesse sair, pensa a Oline, e a Signe quase a arrasta escada abaixo, e elas chegam embaixo, e a Signe solta seu braço e diz que agora ela leve logo para casa esse peixe, que foi mais importante que o irmão para ela, diz a Signe, e a Oline pega sua bengala e, curvada, uma mão na bengala, a outra segurando a linha com o peixe, a Oline vai até a porta e sai e ouve a Signe dizer que ela se importar tão pouco com o irmão é algo que realmente extrapola qualquer limite do aceitável, diz a Signe, e a Oline começa a subir a ladeira, agora precisa subir mais uma vez essa íngreme ladeira, pois agora esteve pela segunda vez hoje ali embaixo junto ao mar e foi buscar peixe e agora tem que ir para casa e limpar o peixe e agora não quer deixar que percebam que sente dores, agora só precisa andar, passo a passo, e então, quando chegar à casa do pescador Bård, ela vai parar, fazer uma pausa e então sentir como a dor nos pés diminui, e então vai respirar, então vai sentir como a respiração fica mais tranquila, e depois vai para sua própria casa, depois vai para sua pequena casa branca, aquela casa que ficou tão bonita depois que a pintaram de branco, uma casa branca com porta vermelha, pensa a Oline e vai penosamente se movendo ladeira acima e agora precisa conseguir chegar em casa com esse peixe e então descansar um pouco, pois o tanto que andou hoje com esses pés doendo, duas vezes teve que descer até o mar, duas vezes, só porque um gato lhe roubou o peixe, e ela o achou do lado de fora da porta, comido pela metade, mas o pescador Bjørn é mesmo um bom homem, ele a ajuda, lhe dá peixe, não fosse o pescador Bjørn, tanto ela quanto os filhos há muito já teriam morrido de fome, o pescador Bjørn merece grande agradecimento no Reino dos Céus, que Deus nosso Senhor saiba recompensar o pescador Bjørn por tudo de bom que ele fez a ela e aos seus, e agora ela precisa ir para casa e então ainda precisa descer até o Sivert, pois a Signe lhe pediu, afinal, que fosse até o Sivert, o Sivert pediu que descesse, na certa quer falar com ela, a Signe disse que ele havia pedido a ela, Signe, que lhe perguntasse se queria ir falar com ele, pensa a Oline e se curva para subir, inclinada sobre a bengala a Oline vai subindo, e os pés lhe doem tanto, essa dor nunca vai embora, basta ela andar

um pequeno trecho e já começa a doer e não para mais, só fica pior, e hoje, que ela teve até que subir duas vezes essa ladeira e ainda vai ter que descer mais uma vez, sim, vai ter, pois o Sivert não pediu que ela fosse falar com ele? sim, pediu, ou o Sivert não pediu que ela desse uma passada em sua casa? sim, ele pediu, pensa a Oline e agora tem que penosamente subir mais um trecho, vai ter que penar mais um pouco subindo, pensa a Oline, e aí, quando chegar à casa onde mora o pescador Bjørn, vai parar e ficar ali e descansar e sentir como as dores nos pés diminuem, como sua respiração fica mais tranquila, como a vida volta a ser suportável, pensa a Oline, e agora precisa se forçar a seguir, mais um pouco, mais um pouco, pensa a Oline, mais um pouco agora e então poder descansar, pensa a Oline e vai subindo a ladeira, numa das mãos a bengala, na outra o peixe, e a Oline, curvada, vai se arrastando para cima, passo a passo vai subindo e agora precisa chegar, chegar em sua pequena e bonita casa, pensa a Oline, agora precisa chegar logo em sua casa, que ficou tão bonita depois que a pintaram de branco, com a porta vermelha, sua pequena e bonita casa, pensa a Oline, e logo vai poder parar, descansar um pouco, é só mais um trecho pequeno, pensa a Oline e, curvada, vai se arrastando para cima e a Oline olha para cima e vê sua bonita casa branca, tão bonita é sua casa, pequena, mas bonita, meu Deus, que bonita ficou sua casa depois que a pintaram de branco, minha nossa, pensa a Oline parada na ladeira, diante da casa do pescador Svein, ali está a Oline, a bengala numa das mãos, o peixe na outra, fica ali olhando para sua casa e, embora tenha acabado de parar, a dor nos seus pés já se vai, pensa ela e a Oline sente como seus pés vão doendo cada vez menos, como sua respiração agora vai ficando mais tranquila, como tudo nela vai melhorando, é o que a Oline sente e ela pensa que agora precisa tratar de chegar em casa, sentar-se com seu tricô, com seu crochê, pensa a Oline, e aí talvez possa hoje até acender o fogão, pois, do jeito que esfriou o tempo, isso pode ser necessário, e lenha ela tem, afinal, nem venham lhe dizer que não, lenha ela tem, mas parece que primeiro vai precisar ir até a casinha, não? sim, precisa mesmo passar primeiro na casinha, porque está se sentindo meio apertada ali embaixo, sim, está, e se conseguir chegar à casinha antes que saia algo sozinho ali, que não saia nada de trás, porque na frente já se acostumou, ali tem que aceitar, pensa a Oline, e agora não pode ficar muito mais tempo parada, agora precisa andar o último trecho até sua casa, sim, é o que tem que fazer, precisa se superar e pôr o corpo em movimento, pensa a Oline, precisa

fazer novo esforço e ir, pensa a Oline e a Oline reúne todas as suas forças e coloca a bengala um pouco adiante e, curvada e com toda a sua força, a Oline se põe em movimento e desliza para diante, o olhar voltado para o chão, passo a passo a Oline desliza para diante e agora não pode sair nada atrás, agora ela precisa alcançar a casinha, sentar-se, antes que saia alguma coisa, só vai ter que levar o peixe consigo à casinha, pendurar o peixe ali dentro no trinco da porta da casinha, fará isso, pois não vai mesmo conseguir levar o peixe primeiro para dentro de casa, afinal ele pode desaparecer de novo, ir embora de novo, a Oline pensa e se impulsiona adiante e está se apressando tanto quanto pode, pensa a Oline, mas é tão devagar, ela se aproxima tão devagar de sua casa, ainda que reunindo todas as suas forças ela tente se mover para cima, ainda que há pouco tenha descansado, as dores cedendo por um instante, ela conseguindo respirar um pouco. A Oline vai se impulsionando para cima e vê que se aproxima de sua casa, de sua casa branca bonita e boa, pensa a Oline e agora ela vai ter que entrar imediatamente na casinha, pois agora não há de sair nada sozinho de trás, ela só tem que alcançar a casinha a tempo, pensa a Oline e vai se impulsionando para cima, passo a passo, e a Oline olha para a porta vermelha de sua casa, mas agora não vai entrar na casa, agora vai primeiro à casinha, já que está tão apertada ali embaixo, precisa ir mesmo imediatamente à casinha, pensa a Oline e contorna sua casa e a Oline vê a casinha e, realmente, ali embaixo está muito apertada, atrás, a Oline pensa e fita a casinha e a Oline vai, tanto quanto consegue, curvada sobre a bengala, em direção à casinha vai a Oline, se conseguir alcançá-la a tempo, pensa a Oline, enquanto vai, o peixe balançando na linha, curvada sobre a bengala vai a Oline e se aproxima da casinha, agora só precisa conseguir entrar na casinha e sentar-se, a Oline pensa e ergue o trinco da porta e a Oline entra trôpega na casinha e empurra a porta novamente, fechando-a, oh não, oh não, agora está saindo alguma coisa de trás, e não, oh não, está mesmo saindo alguma coisa atrás agora, oh não, foi só ela passar pela porta e saiu alguma coisa, pensa a Oline e senta-se logo na borda da privada e, sim, está saindo alguma coisa ali atrás, pensa a Oline e, não, oh não, isso de ela não conseguir mais segurar, a coisa está ficando cada vez pior, a cada dia, não, imaginar que havia de terminar assim, e agora o bom Deus precisa ser logo misericordioso com ela e deixá-la partir, pensa a Oline, sim, agora ela quer logo estar livre, agora o bom Deus precisa chamá-la logo para junto de si, a Oline pensa e pendura o peixe no trinco da porta e a

Oline vê o peixe ali pendurado no trinco da porta, um grande, um belo peixe ela conseguiu, vai prepará-lo hoje para comer no jantar, o pescador Svein pegou esse para ela, pensa a Oline, sim, o pescador Svein tem sido sempre bom para ela, e ao lado do peixe está a pintura que o Lars fez, um homem a cavalo, mais algumas montanhas, tudo pintado em amarelo e marrom, e um dia o Lars veio correndo atrás dela e lhe deu essa pintura, e ela nem sequer lhe disse obrigado, pensa a Oline, e também não acha a pintura particularmente bonita, na verdade é apenas um amontoado de rabiscos, acha ela, mas aceitou e então ela está pendurada ali na casinha, pendurada por todos esses anos, pensa a Oline e com o tempo ela até foi achando a pintura bonita e entende o que o Lars quis dizer com a pintura, sim, entende, mas expressar em palavras!, expressar em palavras o que ele quis dizer? não, não dá, é impossível para ela, pois senão não teria sentido o Lars pintar aquilo, ora, poderia alguém pensar, pensa a Oline, mas a pintura é bonita, sim, ainda que na verdade não passe de uns rabiscos, a pintura é bonita, porque foi o Lars quem a fez, a pintura é bonita, é o que ela acha, sim, tivesse qualquer outro que não o Lars pintado aquilo, ela não a acharia bonita, pensa a Oline, mas agora acha a pintura tão bonita que quase lhe vêm as lágrimas quando a observa, mas isso ela não quer, caco velho como está agora, sentada na borda da privada com a calcinha toda cagada, sim, exatamente isso, está sentada ali na borda da privada com a calcinha toda cagada, pensa a Oline e balança a cabeça e vejo o Lars descer trotando rumo à margem, e os seus cabelos sobem e descem, sobem e descem, e eu vou atrás dele até a margem, pensa a Oline, e vejo como o Lars se senta numa pedra da margem e agora ele está lá sentado e olha de cima o mar, e o vento levanta seus cabelos, enche seus cabelos, e sua barba está virada para o lado, cabelos pretos e barba preta ao vento, e eu vou até o Lars e então ele olha para mim e então se levanta e sai trotando ao longo da margem e o Lars não quer mesmo falar comigo e sai trotando ao longo da margem e então ele se vira e eu vejo seus grandes olhos castanhos voltados para mim e, de repente, seus olhos me parecem tão grandes quanto o céu, seus grandes olhos castanhos estão tão grandes quanto o céu, e então o Lars se vira e grita para mim que devo deixá-lo em paz, que não devo segui-lo, grita o Lars, e eu vejo o Lars vindo do navio em seu belo terno de veludo roxo e quase não foi possível reconhecer o Lars, seus cabelos estavam pretos e compridos e lisos, assim estavam seus cabelos, iam até os ombros, os cabelos pretos do Lars caíam sobre o paletó de veludo roxo e

debaixo do braço ele trazia uma pasta de couro preta e o Lars sorriu para mim quando me viu no cais e disse que trazia na pasta seus materiais de pintura, que agora eu ia ver que belos quadros ele havia aprendido a pintar lá embaixo, na Alemanha, disse o Lars, agora ele ia passar o verão em casa e pintar os mais belos quadros, disse ele, mas no outono devia voltar para a Alemanha e aprender ainda mais sobre pintar quadros, afinal estava se formando pintor de paisagens, lá embaixo na Alemanha, disse o Lars, e dentro de algumas semanas eu ia ver que belos quadros o Lars sabia pintar, disse ele, nesse verão ele ia pintar na Noruega os mais belos quadros, disse o Lars, que eu certamente ia gostar dos quadros que ele ia pintar, disse o Lars e então foi ao encontro da mãe e do pai e de todos os seus outros irmãos e então abraçou forte cada um deles, até mesmo o pai o Lars abraçou naquela manhã no cais de Stavanger, quando chegava da Alemanha para passar as férias de verão em casa, e então fomos para casa, e o Lars estava tão bonito de se ver em seu terno de veludo roxo e com uma pasta de couro preta com seus materiais de pintura debaixo do braço, com os cabelos pretos e lisos caindo pelos ombros. E é certo que as pessoas o olhavam, é certo que haviam ouvido o que se comentava sobre o Lars, que era tão talentoso na pintura, que a nata da sociedade o havia mandado à Alemanha para que se tornasse um pintor ainda melhor. E o Lars caminhou tão orgulhoso pelas ruas de Stavanger. E então o pai disse que até no jornal estavam falando dele, eles tinham o recorte em casa, e eram só elogios a ele no jornal, disse o pai, e o Lars apenas balançou a cabeça concordando, enquanto andava por uma das ruas de Stavanger, e ia cercado pelo pai, pela mãe e por todos os irmãos, e eu vejo o Lars ficar com os olhos cheios de fúria quando o pai lhe pergunta se não quer ir à cidade resolver para ele umas coisas.

Você não quer, diz o pai.

O Lars responde que não com a cabeça.

Não, então eu mesmo vou ter que fazer isso, diz o pai.

Sendo que você bem poderia fazer isso agora para mim, diz o pai.

Mas se não quer, não quer, diz ele,

e eu vejo o Lars ali parado e encarando o pai com os olhos cheios de fúria.

Afinal, não posso obrigá-lo, diz o pai.

Mas você bem que podia me ajudar um pouco, diz ele.

Essa é a minha opinião sincera.

Um pouco você podia me ajudar, diz ele,

e eu vejo o Lars ali parado e olhando para o chão e penso que o Lars nunca foi assim, antes gostava tanto de andar pelas ruas de Stavanger, mas agora, agora ele simplesmente não quer mais, agora preferiria absolutamente não sair mais e, se sai, fica apenas trotando sem destino, pois é bem verdade que mandaram o Lars para o manicômio de Gaustad para que se curasse, mas desde que voltou para casa ele não quer fazer mais absolutamente nada, penso eu.

Não dá para esperar grande ajuda de você, diz o pai.

É um homem adulto, podia fazer alguma coisinha, diz ele,

e eu vejo o Lars sair correndo, e ele vai embora correndo e o Lars nunca mais dá voltas pelas ruas de Stavanger, nunca mais o Lars quer ir ao centro da cidade, prefere não encontrar com ninguém, nem ver ninguém, nem mesmo comigo o Lars gostaria de se encontrar, penso eu e vejo o Lars descer correndo em direção ao mar e vejo-o inclinado contra a parede de uma casa e olhando inclinado para o céu, e seus olhos estão tão grandes e suaves, desse modo como ele olha inclinado para o céu, e em torno de seu rosto há uma nuvem de fumaça, ele está sentado, encostado à parede, e dá tragadas em seu cachimbo, e uma nuvem de fumaça paira em torno de sua cabeça, e o Lars olha inclinado para o céu e fica ali sentado, com um risinho para si mesmo, e então ouço-o dizer vou apagá-la de meu quadro, diz ele, e ela não pode continuar aqui sentada na borda da privada na casinha, precisa pelo menos se sentar direito, pensa a Oline, e ela não pode ficar simplesmente sentada assim, sem ao menos levantar as saias, ainda que tenha saído um pouco na calcinha, não pode ficar sentada assim, pensa a Oline, agora ela tem que se ajeitar e se sentar direito na privada, sim, não pode ficar simplesmente sentada nesse lugar, olhando para os rabiscos que o Lars um dia pintou, e olhando para o peixe ali pendurado, e que não deveria estar ali pendurado, e sim lá na bancada, limpo e lavado, mergulhado em água fresca e limpa, mas agora o peixe está pendurado à porta, e esses olhos grandes do peixe! como olham fixamente esses olhos de peixe, fixos e pretos, sem luz em si esses olhos de peixe a encaram e olham bem no fundo dela, é essa a sensação, pensa a Oline, esses olhos de peixe olham direto no interior de sua alma, bem fundo no interior dela, e mesmo fazendo isso não mudam de expressão, ficam apenas encarando, como se vissem algo mas não quisessem revelar o quê, assim ficam eles encarando, apenas olham e olham, esses olhos de peixe, eles olham, olham e olham, e o que estarão vendo? bem fundo na alma dela? o

que estarão vendo esses olhos bem fundo na alma dela? estarão vendo algo? podem mesmo esses olhos de peixe ver algo no interior da alma dela? e será o Lars que, sem se deixar reconhecer, está olhando através desses olhos de peixe na direção dela? será o Lars que, de um lugar muito remoto, através desses olhos pretos e fixos de peixe, olha na direção dela? no interior dela? que olha em seu mais profundo interior? se é que há nela um mais profundo interior? tem ela um mais profundo interior? ou tem apenas um exterior? existe nela um mais profundo interior? e são pés que ela está ouvindo ali nos olhos de peixe? há alguém andando ali fora? Sim, a Oline está sentada, olhando nos olhos de peixe, e ouve alguém andando ali fora, ouve passos, não será uma voz dizendo alguma coisa? não estará perguntando se está tudo em ordem?, e não precisará a Oline responder que está tudo em ordem?, ela precisa dizer isso, sim, pensa a Oline, tudo está em ordem, ela precisa dizer, e essa voz? será um homem? será o Lars? a voz do Lars? será o Lars ali fora da casinha, falando com ela? o pescador Bård? o Sivert? ali está a voz novamente, você está bem, pergunta ela, e é uma voz conhecida, mas de quem será essa voz? será da Alida? sim, deve ser a Alida, e a Oline ouve a Alida perguntar mais uma vez se ela está bem e a Oline pensa que agora precisa responder, não pode só ficar assim sentada na casinha sem responder, sendo que a Alida está ali fora e perguntando como vai, então ela precisa responder, sim, a Oline pensa e olha nos olhos de peixe, os olhos pretos, fixos, e os olhos de peixe olham bem fundo no interior dela, e ela se sente de repente como se fosse ela esses olhos de peixe, não é ela essa dentro da qual esses olhos de peixe olham, e sim os olhos de peixe, é o que sente a Oline, e ela olha no fundo dos pretos e fixos olhos de peixe, e ela está calma, e os olhos de peixe estão calmos, e no interior dos olhos fixos de peixe há algo diferente, algo que ela nunca poderia comer, ainda que muito quisesse, e a Oline sente que sua respiração se acalma, e a Oline precisa responder, uma vez que a Alida está falando com ela, e sua respiração fica tão calma, sente a Oline, e ela se sente de repente tão infinitamente mole e tão infinitamente calma e então vê que os olhos de peixe se abrem e ela vê a luz que vem dos olhos de peixe e da pintura do Lars, e nunca esteve tão calma, e ela afunda contra a parede, a cabeça apoiada na parede, a Oline fica ali sentada e sente que agora tem algo pequeno saindo lá embaixo e então não resta nada além daqueles olhos de peixe e depois aquela luz calma

Copyright © 1995/96 Jon Fosse e Det Norske Samlaget
Copyright da tradução © 2015 Tordesilhas

Publicado originalmente em norueguês sob o título *Melancholia* I-II.
Publicado no Brasil mediante acordo com Rowohlt Verlag, GmbH.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1° de janeiro de 2009.

EDIÇÃO UTILIZADA PARA ESTA TRADUÇÃO Jon Fosse, *Melancholia I-II*, Oslo, Det Norske Samlaget, 1999, e *Melancholie*, Berlim, Rowohlt Taschenbuch Verlag, 2001
REVISÃO Bárbara Parente
PROJETO GRÁFICO Kiko Farkas e Thiago Lacaz/Máquina Estúdio
CAPA Andrea Vilela de Almeida
IMAGEM DE CAPA *De Borgøya*, de Lars Hertervig; imagem sobreposta: Malyugin/Shutterstock.com
PRODUÇÃO DE EBOOK S2 Books

e-ISBN 978-85-8419-032-4

1ª edição, 2015

2015
Tordesilhas é um selo da Alaúde Editorial Ltda.
Avenida Paulista, 1337, conjunto 11
01311-200 – São Paulo – SP
www.tordesilhaslivros.com.br
/Tordesilhas

1 *Malkasten*, vocábulo alemão que designa um estojo de materiais de pintura, dá nome a essa legendária associação de artistas plásticos fundada em 1848 em Düsseldorf. No local, até hoje em atividade, encontram-se também uma adega de vinhos, bar e restaurante. (N. do T.)

2 Lã grosseira típica principalmente de trajes de camponeses dos países escandinavos, da Islândia e da Groenlândia. O inglês possui dicionarizado o termo wadmal. (N. do T.)